Collective Practices, Instruments for Collective Action and the Right to the City in Salvador, Bahia

Ana Fernandes, Alexandre Apsan Frediani, Ignacia Ossul Vermehren, Milimer Morgado Mendoza, and Federica Risi
Editors/Editores
This report, as well as previous overseas fieldwork reports, are available for download at the following link: https://www.ucl.ac.uk/bartlett/development/programmes/postgraduate/msc-social-development-practice/london-based-fieldwork.

If a hard copy is required, please contact the Development Planning Unit (DPU) at the address at the bottom of the page. Institutions, organisations and booksellers should supply a Purchase Order when ordering a copy of this report. Where multiple copies are ordered, and the cost of postage and package is significant, the DPU may make a charge to cover costs.

Copyright of this report lies with the authors and there are no restrictions on it being published elsewhere in any version or form.

Graphics and layout: Luz Navarro and Paola Fuentes
Cover images, from left to right: Jingtianyi Ma, 2017; Sumit Bhagasara, 2017; Andrea Burt, 2017; Haja Bilisus Conth, 2017; Hanpei Zhou, 2017; Mikey Blount, 2017; Vivian Andrea Arango Navarrete, 2017

ISBN: 9780995527973
Collective Practices, Instruments for Collective Action and the Right to the City in Salvador, Bahia

Práticas Coletivas, Instrumentos para a Ação e o Direito à Cidade em Salvador, Bahia

Collaborative work between MSc Social Development Practice, The Bartlett Development Planning Unit and Lugar Comum, Faculty of Architecture of the Universidade Federal da Bahia

Trabalho colaborativo entre o Lugar Comum, Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e o MSc Social Development Practice, o Bartlett Development Planning Unit

Ana Fernandes, Alexandre Apsan Frediani, Ignacia Ossul Vermehren, Milimer Morgado Mendoza, and Federica Risi Editors/Editores

April/Abril 2018
Alexandre Apsan Frediani is a senior lecturer in community-led development in the global south and co-director of the masters programme in Social Development Practice at the Bartlett Development Planning Unit of University College London (UCL). His research interests include the application of Amartya Sen’s Capability Approach in development practice, participatory planning and design and squatter settlement upgrading. His work has appeared in journals such as Environment & Urbanization, Development in Practice and Journal of Human Development and Capabilities.

Ignacia Ossul Vermehren is a Teaching Fellow in the masters programme in Social Development Practice at the Bartlett Development Planning of University College of London (UCL). She is also a PhD candidate in the same department, pursuing a study titled “The Politics of Home-Making: The case of informal settlements in Viña del Mar, Chile.” She has experience working alongside grassroots organisations advocating for permanent housing in Chile and Latin America. Her research interests include informal and social housing, participatory visual methods, and gender planning and development.

Milimer Morgado Mendoza provides administrative and research support to the MSc in Social Development Practice. She has a multidisciplinary background in engineering and urban studies. Her main research interests include exploring how engineering knowledge can be utilised in public decision-making for urban development and how humanitarian responses operate in urban settings. Her most recent report published by ALNAP/ODI, identifies the key messages from the Ebola outbreak 2014-16 to take forward into future public health crises in urban environments.

Federica Risi is the graduate teaching assistant of the MSc Social Development Practice, providing administrative and teaching support as well as supporting student work in the field. She is a research associate at the Pastoral Environmental Network in the Horn of Africa (PENHA), were she is conducting an investigation on South-South Cooperation between Peru and the Horn region. She has experience in participatory action research in Peru and her research interests focus on climate change related migration and the social function of cities.
Collective Practices, Instruments for Collective Action and the Right to the City in Salvador, Bahia

Práticas Coletivas, Instrumentos para a Ação e o Direito à Cidade em Salvador, Bahia

About the Editors / Sobre os editores

Content/Conteúdo

Acknowledgements / Agradecimentos

1. Introduction/Introdução

2. Gamboa de Baixo

2.1. Multidimensional Cadastre as an Instrument for Collective Action to advance the Right to the City in Gamboa de Baixo

2.1.1 Introduction

2.1.2 Methodology

2.1.3 Analytical Framework

2.1.4 Key Findings

2.1.5 Conclusion

2.1.6 Works cited

2.2. A Gamboa de Baixo sob a ótica da multirreferencialidade

2.2.1 Introdução

2.2.2 O território da Gamboa de Baixo

2.2.3 Referencial teórico: continuidade da luta - epistemologias do sul e a etnopesquisa multirreferencial

2.2.4 A construção do cadastro multirreferencial

2.2.5 Considerações finais

2.2.6 Referências

3. Ocupação Guerreira Maria do Movimento Sem Teto da Bahia

3.1 MSTB Occupation Guerreira Maria: Struggling for the Right to the City

3.1.1 Introduction

3.1.2 Methodology

3.1.3 Analytical Framework

3.1.4 Key Findings

3.1.5 Conclusions

3.1.6 Works cited

3.2. A luta da Ocupação Guerreira

3.2.1 Introdução

3.2.2 Contexto urbano e social

3.2.3 Metodologia

3.2.4 Considerações finais

3.2.5 Referências

4. Subúrbio Ferroviário

4.1 Videos in the suburbs: Challenging stereotypes in Subúrbio Ferroviário to promote inclusive citizenship

4.1.1 Introduction

4.1.2 Methodology

4.1.3 Analytical Framework

4.1.4 Key Findings

4.1.5 Conclusions

4.1.6 Works cited

4.2 Reflexions sobre o Patrimônio: a atuação do Acervo da Laje no Subúrbio Ferroviário de Salvador

4.2.1 Introdução

4.2.2 Discussindo “patrimônio”: Estado X Sociedade

4.2.3 Metodologia

4.2.4 Resultados parciais: a exibição

4.2.5 Algumas considerações finais

4.2.6 Referências

5. AMACH

5.1 Popular Auditing towards Right to the City: The Case of AMACH

5.1.1 Introduction

5.1.2 Methodology

5.1.3 Analytical framework

5.1.4 Key Findings

5.1.5 Conclusions

5.1.6 Works cited

5.2 Perícia popular no Centro

5.2.1 Introdução

5.2.2 Reflexões sobre o interconhecimento na experiência da Perícia

5.2.3 Considerações Finais

5.2.4 Referências
6. Nordeste de Amaralina

6.1. How can instruments for collective action support marginalised groups to advance their claims for the right to the city in Nordeste de Amaralina, Salvador, Brazil

6.2. Nordeste de Amaralina: da cartografia participativa ao direito à cidade

7. Occupação Luisa Mahin

7.1. Occupation Luisa Mahin: Alternative Housing in the Commercial Centre of Salvador

8. Saramandaia

8.1. Saramandaia Existe e Resiste

Appendices
List of Figures/Lista de Figuras

2.2. Analytical Framework.
2.3. Public spaces in Gamboa bear the use value of collective spaces.
2.4. Residents regard Gamboa as a calm, safe and peaceful place, challenging stigma from the outside.
2.5. The instrument for collective action helps the community to build their capabilities.
2.6. Poligonal da Gamboa de Baixo.
2.7. Linha do Tempo Histórica e Afetiva - A voz da Gamboa de Baixo.
2.8. Teia de Relações Internas - Oficina 2.
2.9. Teia de Relações Externas.
3.1. Location of the Ocupação Guerreira Maria (left) and physical map of the occupation site developed during the research process (right).
3.2. Site of Occupation Guerreira Maria.
3.3. Diverse activities conducted during the field trip.
3.4. Numbering the barracks.
3.5. Analytical Framework.
3.6. Workshop about values and aspirations.
3.7. Localização da Ocupação Guerreira Maria em Salvador.
3.8. Esboços das diretrizes de loteamento da Ocupação.
3.10. Atividade da Oficina dos Sonhos, Aspirações e Valores.
3.11. Atividade para entendimento da organização interna na Ocupação Força e Luta
3.12. Atividade na Oficina Direito à Cidade. Atividade para a construção do Cadastro Físico
4.1. Satellite map of Subúrbio Ferroviário.
4.2. Video screening with local residents of Subúrbio Ferroviário.
4.3. Inclusive citizenship analytical framework.
4.4. Exposição artística no interior da Casa 1.
4.5. Divulgação da Oficina de Educação Patrimonial.
4.7. Crianças filmando para os vídeos.
4.8. Trem do Subúrbio.
4.9. Apresentação dos vídeos para as crianças da comunidade.
5.1. Timeline of the case study.
5.2. Research group organising both the social cartography and public hearing.
5.3. Analytical framework.
5.4. Dona Tereza beneficiária do TAC
5.5. Terreno abandonado próximo aos bombeiros no CHS.
5.6. Evangelista, cabeleireiro, em seu ponto comercial.
5.7. Audiência Cidadã.
6.1. Nordeste de Amaralina.
6.2. Four communities in Nordeste de Amaralina.
6.3. Analytical framework for research in Nordeste de Amaralina.
6.4. People in Santa Cruz mapping.
6.5. People’s mapping stickers in Santa Cruz.
6.6. View from the city park to the Santa Cruz community.
6.7. View from the city park to the “garden of the city” (a higher-class neighbourhood).
6.8. Localização do bairro e divisão segundo o “Caminho das Águas em Salvador”.
6.9. Caminhada na localidade de Santa Cruz, Nordeste Amaralina.
8.13. Respostas cartografadas das questões 2, 3 e 4.
7.1. Cartography with the urban utilisation of the Comércio district.
7.2. Timeline of Methodologies.
7.3. Analytical Framework.
7.4. Digital version of the output from participatory mapping workshop.
7.5. Photos of cleaning practices taken by 2 residents in the participatory photography workshop (left); photo of scaffolding provided by the state taken by UCL student (right).
7.7. Mapa de localização do bairro do Comércio e do Centro Antigo de Salvador.
7.9. Espaço interno de um dos apartamentos da Ocupação Luísa Mahin.
7.11. Selma, moradora. Registro da Oficina de Fotografia, uma das atividades realizadas com os moradores.
List of Figures/Lista de Figuras

7.12. Fotografia registrada na atividade de caminhada com os moradores pela área do Centro Antigo de Salvador.
8.1. Strategic location of Saramandaia in a macro and micro level.
8.2. Picture of social mapping.
8.3. Analytical Framework.
8.4. Vista Horta Saramandaia.
8.5. Horta Saramandaia.
8.7. Mapa localização Saramandaia e entorno.
8.9. Grupo guiado por Alex Sandro (Leco) em frente à Fundação Cidade Mãe.
8.10. Mapa Saramandaia.
8.11. Grafiti Thito Lama.

List of Tables/Lista de Tabelas

2.1. Description of the methods used.
2.2. Sistematização de dados do Cadastro.
3.1. Stakeholders, policies and instruments related to MSTB.
3.2. Timeline of the Research.
4.1. Research timeline.
4.2. Date, activities and information collected during the field visits.
4.3. Video objectives and approaches.
4.5. Identificação dos entrevistados segundo estratégia de abordagem: sexo, idade e profissão.
5.1. Timeline of the popular audit since 2016.
6.1. Designed research process.
7.1. Description of Methodologies.
8.1. Political contexts vs. the reality of Saramandaia regarding Linha Viva project.
8.2. Timeline of the research methods and activities performed.

List of acronyms/Lista de acrónimos

AMACH - Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico (Association of Inhabitants and Friends of the Historic Centre)
AMNA - Associação de Moradores do Nordeste de Amaralina (Association of Inhabitants and Friends of Nordeste de Amaralina)
CGG - Centre for Good Governance
CONDER - Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (local government)
CRC - Community Report Card
CURIAR - Oficina Modelo de Arquitectura y Urbanismo
DETAN - Departamento Estadual de Trânsito (State Department of Transportation)
EIA - Environmental Impact Assessment
IGBE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPAC - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Artistic and Cultural Institute of Bahia)
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Heritage and National Arts Institute)
IPPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano (Urban Land and Property Tax)
MLB - Movimento de Luta nos Bairros (Movement of Struggle of our Neighbourhoods, Villages and Slums)
MSTB - Movimento Sem Teto da Bahia (Homeless Movement of Bahia)
PDDU - Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (Urban Development Master Plan)
PNMU - (National Urban Mobility Policy)
PPA - (Provisional Presidential Act)
PROVIA - Programa de Obras Viarias (Road works program)
RIT - Rede Integrada de Transporte (Integrated Transport Network)
TAC - Termo de Ajustamento de Conduta (Terms for the Regulation of Conduct)
TTC - Engenharia de Tráfego e de Transportes LTDA
UCL - University College of London (Universidade College de Londres)
UFBA - Universidade Federal de Bahia (Federal University of Bahia)
VLT - Veículo Leve sobre Trilhos
ZEIS - Zona Especiais de Interesse Social (Zone of Special Social Interest)
We would like to deeply thank all those who live and work in Salvador who have collaborated with this project and enabled students and professors to enter their struggles, opinions and everyday lives. The research presented here was conducted in a collaborative process between the Research Group Lugar Comum of the Postgraduate Program of the Faculty of Architecture of the Universidade Federal de Bahia (UFBA), the Bartlett Development Planning Unit at University College London and the collectives and movements that engaged with our work. We want to thank those who welcomed us and allowed us to understand the complex ways of practicing and fighting for the rights of the city and in the city: Acervo da Laje; the Associação Amigos de Gegê e Moradores da Gamboa de Baixo; the Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico (AMACH); the Fórum de Entidades do Nordeste de Amaralina (FOSERENA), through the project Cine Maloca, of the Associação Nova República, the Paróquia Santo André and the Associação de Moradores do Nordeste de Amaralina; the Movimento de Luta por Bairros, Vilas e Favelas and the Ocupação Luisa Mahin (MLB); the Movimento Sem Teto da Bahia and the Ocupação Guerreira Maria (MSTB); and the Rede de Associações de Saramandaia (RAS), through the Projeto Cultural Arte Consciente and the Balanço das Latas Brasil.

Gostaríamos de reverenciar profundamente a todas e todos que vivem e trabalham em Salvador e que colaboraram com este projeto e possibilitaram a estudantes e professores adentrarem suas lutas, opiniões e vidas cotidianas. As pesquisas aqui apresentadas foram conduzidas num processo de colaboração entre o Grupo de Pesquisa Lugar Comum do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Bahia (UFBA), o Bartlett Development Planning Unit, da University College London e os coletivos e movimentos que se associaram ao trabalho. Queremos assim agradecer àqueles que nos receberam e nos permitiram compreender as complexas formas de praticar e lutar por direitos da cidade e na cidade: o Acervo da Laje; a Associação Amigos de Gegê e Moradores da Gamboa de Baixo; a Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico (AMACH); o Fórum de Entidades do Nordeste de Amaralina (FOSERENA), através do projeto Cine Maloca, da Associação Nova República, da Paróquia Santo André e da Associação de Moradores do Nordeste de Amaralina; o Movimento de Luta por Bairros, Vilas e Favelas e a Ocupação Luisa Mahin (MLB); o Movimento Sem Teto da Bahia e a Ocupação Guerreira Maria (MSTB); e a Rede de Associações de Saramandaia (RAS), através do Projeto Cultural Arte Consciente e do Balanço das Latas Brasil.
Since 2016 the Faculty of Architecture of the Federal University of Bahia (FAUFBA) and The Bartlett Development Planning Unit (DPU) have been in a partnership aimed at conducting action learning initiatives focused on understanding and supporting collective struggles towards the Right to the City in Salvador and in London. This collaboration is coordinated by the FAUFBA research group 'Lugar Comum' in Salvador and the staff of the DPU masters programme in Social Development Practice in London. Our activities together have been so far mostly implemented through international exchanges, embedded in the DPU ‘Practice Module’ of the MSc in Social Development Practice and FAUFBA graduate and open course called Politics, Democracy and Right to the City, which module 2 is also focused in practice and interchange with diverse inhabitants’ organisations. This report elaborates the find-ings from the 2017 international exchange programme. Taking place in Salvador, where field work activities were conducted from April 30 until May 12, the 2017 exchange included preparations from January until April as well as analysis and follow up activities from May until June.

The 2017 exchange programme builds on the 2016 exchange, in which students and staff from the DPU and FAUFBA worked in Salvador together with representatives from four local citizens collectives, movements and actions, to document and support practices of resist-ance, advancement as well as achievements of the right to the city (Frediani, Monson and Ossul Vermehren, 2016; Fernandes, Figueiredo, Espinoza, 2016). Our partners varied in nature, and included neighbourhood associa-tions, such as the associations from Gamboa de Baixo (Associação Amigos de Gegê dos Moradores da Gam-boa de Baixo) and the historical city centre (Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico, AMACH); a housing social movement (Movimento dos Sem Teto da Bahia, MSTB); and the arts and cultural organisation in the neighbourhood of Plataforma (Acervo da Laje). Their involvement in this process drew on their existing relation-ships with researchers from Lugar Comum, perceiving the international exchange as a way to support these on-going relationships and scale-up their various activities.

Lessons from 2016

The reflections from the 2016 work highlighted the complexity and variety of the issues posed to poor populations in metropolitan contexts. This means that a positive and broad legal framework is crucial but not sufficient to address the problems of an unequal and spatially seg-reigated city. That is, rights protected in legal documents do not necessarily translate into substantive (realities) improvements for city residents. The work brought to the forefront issues related to the stigmatisation, invisibil-ity and misrecognition of vulnerable groups within urban policy and planning processes. Also, it reflected on the challenges related to the modes of building participatory processes, addressing both, the state in its multidimensions and scales and the social movements or collective organisations. As a result, this first activity of our shared action learning initiative raised a series of discussions on the potential of this joint work between university and organized civil society to support and expand collective struggles for the right to the city in Salvador.

Working groups started to identify, reflect on and develop particular ‘instruments for collective action’ that could emerge from this collaboration between university-urban collectives in ways that deepen and advance claims to collective rights to the city. By ‘instruments for collective action’ we refer simultaneously to building tools and stimulating practices which (a) point to the construction and systematization of shared knowledge aiming at the deepening democratically the re-lations State-civil society in terms of social responsibility and power sharing; (b) support these collectives to iden-tify, mobilise and activate claims advancing their right to the city; and (c) create alternatives of a democratic urban policy that could face the complexity of the city, building autonomy, being sensitive to oppressed inhabitants and enlarging the concept of the right to the city.

From our systematization of the 2016 experience, we have seen that the action learning initiative can be used as a way to support community groups, listening to their demands and documenting in multiple forms their on-going practices. In some cases, the field work activities were also ways of stimulating a reflection about specific strategies to advance local claims. Anchored in this co-laboration between UFBA-Lugar Comum/Bartlett-DPU, between the 2016 and 2017 joint activities and during the regular UFBA’s academic year, the Lugar Comum team deeloped courses as Curricular Action in Community and So-ciety, in order to continue supporting the work of inhabit-ants’ organisations. Finally, this experience was seen as having an important function in cultivating the relations among urban collectives as well as energising these re-lationships of solidarity and collaboration among them and with Lugar Comum.
2017 Field Work Experience

At the time of the 2017 field work experience, Brazil was going through a series of political events that directly impacted on struggles and dismantled some of the advances towards social justice in Brazilian cities. The institutional coup against President Dilma Rousseff of 2016 had been consolidated, and, since then, the national government has been pushing forward a series of constitutional amendments and austerity measures, constituting considerable financial cuts to welfare programmes and undermining civil rights. The housing programme ‘Minha Casa, Minha Vida’ has been particularly under threat, with proposals for substantial reduction of both housing subsidies for lower income groups and self-management of the social movements involved in the programme. The government also intends to amend the existing legislation regarding land regularisation which repositions land as a financial asset, rather than a right. Apart from dismantling an entire legal body that represents the result of a long-term public debate and consolidated collective understanding and agreement of multiple stake-holders, the amendment marks a step backwards in terms of securing access to land for the poor and implementing the principle of social function of property.

Given this national context, we decided to focus our action learning initiative on understanding how localised struggles can be supported through university and civil society collaboration that advance on the right to the city, in the context of an increasingly hostile politics and policy environment. Preceding the field work, in a process shared with the inhabitants’ organisations involved in Salvador, building with them what kind of support for their struggles they were aiming at, we turned our focus to the development, use and analysis of instruments for collective action, some of them already identified in 2016, some others to be constructed in the process. The overall guiding learning question for the 2017 assignment was:

Which are and how can instruments for collective action support vulnerable groups to advance their claims for the right to the city in Salvador, Brazil?

To address this question each group, composed by students from UFBA and DPU, had to:

- Discuss, understand and contribute to the main issues placed by the organisations involved in the field work;
- Identify instruments for collective action, existing or to develop, documenting practices, goals, strategies and relations between stake-holders involved;
- Analyse the context and socio-economic-political condition that the instrument for collective action works within and intends to address;
- Identify the conditions perceived as most important in determining how far the instrument for collective action is able to advance the right to the city.

As a starting point, we approached instruments for collective action as methodologies of collaboration between university and civil society, in ways that can foster shared learning as well as outputs that can advance claims for the right to the city of vulnerable groups. For us, this involves interrogating the power asymmetries embedded in these collaborations, reflecting on them and working through ways that can foster more empowering relationships. It emphasizes the importance of methodologies to generate learning to all stakeholders involved, sharing and building capacities, learning about concrete experiences and theorising together. Collective authorship is also being addressed in the process. It responds to the need of effective communication mediums, in ways that facilitate inclusive forms of knowledge co-production and accessible dissemination. Finally, instruments for collective action are about documenting and generating purposeful information feeding into claims and strengthening collective action towards the right to the city. These principles have become not only components of our object of analysis, but also inform the ethics of our action learning practice.

In the 2017 edition of our field work, based on international exchange, we continued working with the four organisations from 2016 (Acervo da Laje, AMACH, Gamboa de Baixo e MSTB), and expanded our engagement with three new partners, which included neighbourhood groups from Saramandaia and Nordeste de Amaralina, and residents of the occupation Luisa Mahin, led by the housing social movement Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB). As with the others, these groups had already been collaborating with Lugar Comum and expressed interest to join the activities based on the direction that the collaborative work was taking. This report outlines the methodology and findings of the work with each of these seven partners. The seven sections that follow contain, each, a succinct description of the work of the organisation with whom we collaborated, the reports produced by the students from FAUFB in Portuguese, as well as the reports produced by the students from DPU in English.

Lessons from 2017 and ways forward

Overall, we feel that the 2017 edition of our collaboration has reiterated the troubled developments of the political landscape in Brazil, and how the changes in legal frameworks threaten the security of vulnerable groups in cities. But also, the work has highlighted the strength, persistence, generosity, creativity and resilience of communities in drawing on their histories and collectives to challenge these trends. In this context, we have also seen how community groups are finding ways to claim spaces to advocate for and advance their rights, sometimes using formal institutional openings (such as the public hearing conducted by AMACH), but also through more autonomous actions and self-managed mechanisms (such as the occupations of land by MSTB and vacant building by MLB), even if the state is always a key actor in the horizon of negotiation. During our work, we have identified a diverse set of as well as new possibilities.
of instruments for collective action across the different sites of engagement. Community partners have argued that the focus on instruments for collective action has been a useful way to mobilise members and encourage their participation in their collective activities (such as in the case of Gamboa de Baixo). They contend that this has also been a means to reinvigorate collaboration across organisations in the same neighbourhood (such as in the case of Saramandaia and Nordeste de Amaralina) and among occupations of the same movement (such as in the case of MSTB).

In our systematisation of the experience from 2017, we have discussed how the different proposals, use and appropriation of instruments for collective action by the organisations’ partners have shaped the work during field work activities. In some cases, groups have been able to generate concrete outputs during the interchange process (such as the proposal for the popular audit for Saramandaia, using the experience of AMACH and the communication campaign strategy for the Luisa Mahin occupation), feeding in to the work of partners more immediately. In other cases, students’ work focused on data gathering, amplifying the dimensions considered fundamental to approach the needs of a community, which was then shared with groups (such as in the case of Gamboa de Baixo, MSTB, Nordeste de Amaralina, Acervo da Laje and of AMACH). Nevertheless, all partners have acknowledged the importance and usefulness of the various instruments or processes, as well as the need to think about ways to continue supporting their implementation in ways that can help access to material, procedural, discursive and political gains, expanding the conditions and legitimacy for their urban existence.

This report1 is a key learning output from our on-going collaboration, which will frame and inform our next activities. For 2018, we have planned two international exchange activities: our third engagement in Salvador in May, and in September we will be conducting a field work in London. Our first international exchange in London will be an important moment to bring the lessons and discussions taking place in Salvador to interrogate grassroots practices to advance right to the city in London. Through this process of comparative learning, we hope to generate lessons towards new formats of collaboration between universities and urban collectives from different geographies, disrupting traditional forms of ‘studio learning’ or ‘heteronomous learning’ and encouraging the development of more critical pedagogical practices of shared action learning.

Aprendizados de 2016
As reflexões sobre o trabalho de 2016 mostraram a complexidade e variedade de questões que se colocam para populações pobres em áreas metropolitanas. Isso significa que um marco legal amplo e progressista é crucial, mas não suficiente para lidar com o problema de uma cidade desigual e espacialmente segregada. Ou seja, direitos garantidos por documentos legais não necessariamente se traduzem em melhorias substantivas para os habitantes de uma cidade. O trabalho trouxe à tona questões relacionadas à estigmatização, invisibilidade e falta de reconhecimento de grupos vulneráveis em políticas urbanas e processos de planejamento. Ele também envolveu uma reflexão sobre as formas de construção de processos participativos tanto em relação ao Estado, em suas múltiplas dimensões, quanto em relação aos movimentos sociais e organizações coletivas. Como resultado, a primeira atividade da nossa aprendizagem ativa compartilhada gerou uma série de discussões sobre o potencial desse trabalho conjunto entre universidade e sociedade civil organizada.
para apoiar e expandir lutas coletivas pelo direito à cidade em Salvador. Grupos de trabalho começaram a identificar, problematizar e desenvolver instrumentos particulares para ação coletiva que poderiam emergir dessa colaboração entre universidade e coletivos urbanos, tendo em vista possibilidades de aprofundar e impulsionar demandas de direitos coletivos à cidade. Por “instrumentos para ação coletiva” nos referimos simultaneamente à concepção de ferramentas e de estímulo a práticas que busquem apoiar (a) a construção e sistematização de conhecimento compartilhado, visando o aprofundamento de relações democráticas entre Estado e sociedade civil em termos de responsabilidade social e compartilhamento de poder; (b) a ação desses coletivos na identificação, mobilização e ativação de demandas vinculadas a avanços em seu direito à cidade; (c) a criação de alternativas para uma política urbana democrática, que possa fazer frente à complexidade da cidade, estimulando a autonomia dos processos de sua construção e a sensibilidade às demandas das populações vulneráveis, bem como alargando e fortalecendo o conceito de direito à cidade.

Na nossa sistematização da experiência de 2016, vimos que a aprendizagem ativa pode ser usada como forma de apoiar grupos comunitários, ouvindo suas demandas e registrando de diversas formas suas práticas cotidianas. Em alguns casos, o trabalho de campo foi também uma forma de estimular a reflexão sobre estratégias específicas para amplificar demandas locais. Baseando-se nessa colaboração UFBa-Lugar Comum/Bartlett-DPU, durante o ano acadêmico, a equipe do Lugar Comum desenvolveu cursos no âmbito do programa Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade da UFBA, como forma de continuar apoiando as ações das organizações cidadãs. Por fim, essa experiência foi vista como tendo uma importante função no cultivo de relações entre coletivos urbanos assim como no estreitamento da solidariedade e da colaboração entre eles e o Lugar Comum.

A experiência de campo de 2017

No período do trabalho de campo de 2017, o Brasil estava passando por uma série de eventos políticos que impactaram diretamente as lutas e desmantelaram alguns avanços que tinham sido conquistados em direção a uma maior justiça social nas cidades brasileiras. O golpe institucional contra a presidenta Dilma Rousseff em 2016 foi consolidado e, desde então, o governo federal tem feito uma série de emendas constitucionais e medidas de austeridade imposta, decretando o fim da regulamentação fundiária colocando a terra como um bem financeiro e não mais um direito. Além de desmantelar todo o corpo jurídico que resultou de um debate público longo e de um entendimento comum consolidado entre diversos setores sociais, essa mudança é um retrocesso em termos de garantia de acesso à terra aos mais pobres e na implementação do princípio da função social da propriedade.

Dado o contexto nacional, decidimos focar nossa atividade de aprendizagem ativa em compreender como lutas locais podem ser apoiadas pela colaboração da universidade e da sociedade civil que impulsionem o direito à cidade, em um contexto político crescentemente hostil. Durante o trabalho de campo em Salvador, em um processo conjunto com as organizações de moradores envolvidas, construindo com eles o tipo de suporte necessário a suas lutas, concentramos nosso foco no desenvolvimento, uso e análise de instrumentos para ação coletiva, tal como acima referido, alguns deles já identificados em 2016, alguns ainda a serem construídos no processo. Portanto, a questão geral do processo de aprendizagem de 2017 foi:

Quais são e de que forma instrumentos para ação coletiva podem apoiar grupos vulneráveis a ampliar suas demandas de direito à cidade em Salvador, Brasil?

Para responder a essa questão, cada grupo, composto por estudantes da UFBa e da DPU, teve como responsabilidades:

- Discutir, compreender e contribuir para as principais questões colocadas pelas organizações de moradores envolvidas no trabalho de campo;
- Identificar instrumentos para ação coletiva, existentes ou a serem desenvolvidos, registrando práticas, objetivos, estratégias e relações que emergem dos grupos de interesse envolvidos;
- Analisar o contexto e as condições socioeconômicas e políticas nos quais o instrumento para ação coletiva se insere e a respeito disso;
- Identificar as condições mais importantes na determinação de até onde o instrumento para ação coletiva conseguiria impulsionar o direito à cidade.

Como ponto de partida, abordamos os instrumentos para ação coletiva como metodologias de colaboração entre universidade e sociedade civil, de forma que se possam criar aprendizados compartilhados, além de resultados que venham a ampliar demandas de grupos vulneráveis por direito à cidade. Para nós, isso envolve questionar as assimetrias de poder inerentes a essa colaboração, refletir sobre elas e encontrar formas de criar relações mais partilhadas. Emfatizamos a importância de metodologias que gerem conhecimento para todos os grupos de interesse envolvidos, compartilhando e construindo novas capacidades, aprendendo a partir de experiências concretas e teorizando em conjunto. A autoria coletiva também foi uma questão colocada no processo. Ela responde à necessidade de criar meios de comunicação efetivos, que possam facilitar formas de produção de conhecimento e uma mais fácil disseminação. Finalmente, instrumentos para ação coletiva devem registrar
e gerar informação significativa a partir das demandas colocadas, fortalecendo a ação coletiva direcionada ao direito à cidade. Esses princípios se tornaram não apenas componentes do nosso objeto de análise, mas também elementos da ética da nossa prática de aprendizagem ativa.

Na edição de 2017 do nosso trabalho de campo, baseada no intercâmbio internacional, continuamos trabalhando com as quatro organizações de 2016 (Acervo da Laje, AMACH, Gamboa de Baixo e MSTB) e expandimos nosso engajamento com três novos coletivos, que incluíram grupos organizados do bairro de Saramandaia e do Nordeste de Amaralina e residentes da ocupação Luisa Mahin, liderados pelo movimento de moradia Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB). Assim como os outros grupos, eles também já estavam colaborando com o Lugar Comum e demonstraram interesse em participar das atividades, baseados na direção que o trabalho colaborativo estava tomando.

O presente relatório apresenta a metodologia e os resultados do trabalho com cada uma destas sete organizações e movimentos de moradores. Os capítulos que seguem contêm uma descrição sucinta do trabalho da organização com quem colaboramos e os relatórios produzidos pelos estudantes da FAUFBA (em português) e da DPU (em inglês).

**Aprendizados de 2017 e caminhos a seguir**

No geral, sentimos que a edição de 2017 da nossa colaboração reiterou a percepção de um cenário de desenvolvimento conturbado no Brasil e de como as mudanças nos marcos legais ameaçam a segurança de grupos vulneráveis nas cidades. Além disso, o trabalho destacou a força, persistência, generosidade, criatividade e resiliência das comunidades em aproveitar suas histórias e coletivos para desafiá-las tendências. Neste contexto, também vimos como grupos comunitários estão encontrando caminhos para demandar espaços para defender seus direitos, algumas vezes usando aberturas institucionais formais (como a audiência pública conduzida pela AMACH); mas também através de ações mais autônomas e mecanismos autodirigidos (como a ocupação de terra feita pelo MSTB e de um prédio vazio pelo MLB), mesmo que o Estado seja sempre um ator chave no horizonte das negociações. Durante nosso trabalho, nos diferentes lugares engajados, identificamos uma diversa gama de instrumentos para ação coletiva existentes e potenciais. Os moradores das comunidades que participaram da experiência argumentaram que o foco nos instrumentos para ação coletiva tem sido uma forma útil de mobilizar os membros e encorajá-los a participar em ações coletivas (como no caso de Gamboa de Baixo). Eles defendem que isso também tem sido uma forma de reforçar a colaboração entre organizações no mesmo bairro (como no caso de Saramandaia e do Nordeste de Amaralina) e entre ocupações do mesmo movimento (como no caso do MSTB).

Na nossa sistematização da experiência de 2017, discutimos como diferentes propostas, usos e apropriações de instrumentos para ação coletiva pelas organizações de moradores deram forma a nossas atividades de campo. Em alguns casos, os grupos foram capazes de gerar resultados concretos durante o processo de intercâmbio (como a proposta de uma audiência popular para Saramandaia, utilizando-se da experiência da AMACH e a estratégia de uma campanha de comunicação para a ocupação Luisa Mahin), contribuindo para o trabalho de forma mais imediata. Em outros casos, o trabalho dos estudantes se concentrou na coleta de dados, amplificando dimensões consideradas cruciais para abordar as necessidades de uma comunidade. Esses dados foram então compartilhados com os grupos (como no caso da Gamboa de Baixo, do MSTB, do Nordeste de Amaralina, do Acervo da Laje e da AMACH). Ainda assim, todos os envolvidos reconheceram a importância e a utilidade dos vários instrumentos ou processos, assim como a necessidade de pensar em formas de continuar apoiando sua implementação, de maneira a facilitar o acesso a ganhos políticos materiais, procedimentais e discursivos, ampliando condições e legitimidades para sua existência urbana.

Esse relatório resulta de uma aprendizagem-chave de uma colaboração em curso e irá guiar e basear nossas próximas atividades. Para 2018, temos planejadas duas atividades de intercâmbio internacional: nosso terceiro trabalho de campo em Salvador, em maio, e um primeiro trabalho de campo em Londres, em setembro. Nosso primeiro intercâmbio internacional em Londres será um momento importante para considerar os aprendizados e discussões que aconteceram em Salvador e questionar as práticas de base para amplificar o direito à cidade em Londres. Neste processo de aprendizado comparativo, esperamos gerar reflexões sobre novos formatos de colaboração entre universidades e coletivos urbanos de diferentes geografias, rompendo com formas tradicionais de aprendizado heterônomo, restrito a salas e ateliers e encorajando o desenvolvimento de práticas pedagógicas de aprendizagem ativa compartilhada críticas e criativas.

1. Please note that the present report does not contain the compilation of Appendices referred to in the text. All appendices and additional resources have separately been compiled in the online publication Collective Practices, Instruments for Collective Action and the Right to the City in Salvador, Bahia: Appendices Compilation, A. Fernandes, A. Frediani., I. Ossul Vermehren, M. Morgado Mendoza, and F. Risi (eds), April 2018.

2. Gamboa de Baixo
The Traditional Urban Fishing Community of Gamboa de Baixo. 
A Comunidade Tradicional Pesqueira Urbana da Gamboa de Baixo

[English]

The second edition of the exchange between the Lugar Comum Research Group, the Faculty of Architecture of UFBA, the Bartlett Development Planning Unit and the urban social movements in the city of Salvador-BA, offered as a curricular component of Politics, Democracy and the Right to the City, by the Graduate Program in Architecture and Urbanism of UFBA, reiterates its partnership with the population of the Community of Gamboa de Baixo, in an attempt to build an instrument of collective action in the struggle for the Right to the City.

The experiences accumulated in the first edition of the exchange in 2016 emphasized the need for the collective action instrument to be built to meet the demands for recognition of Gamboa de Baixo as a traditional fishing community in urban territory and, consequently, its land regularization.

The concept of “multireferential research” (MACEDO, 2004) was approached as a productive path to address the reflections and challenges in the construction of an instrument that included the diverse references of history and culture reproduced through everyday practices in the territory of Gamboa. The research approach started with the idea of “inter-knowledge” (SANTOS, 2007; 2010) as a condition to know and recognize multiple experiences around the plurality of theoretical and social conditions for the construction of knowledge. Thus, the construction, application and analysis of the collective action instrument would be carried out jointly with the residents of Gamboa de Baixo.

The articles below report, analyse and reflect on the experience developed in the community, in this second version of the exchange.

The texts include accounts of Gamboa de Baixo, contextualizing the reader on the historical and political dimensions of the territory, and its configuration in the current municipal urban policy. They outline the theoretical references that support the construction and understanding of the multireferential register, as well as the conditions of its application and the results achieved in this process. Finally, the articles propose a propositional reflection in the struggle for the Right to the City in Gamboa de Baixo, emphasizing its identity as a traditional urban fishing community of Salvador and the consequent need to adopt policies of effective recognition and promotion of this community, especially in the land regularization actions.

[Português]

A segunda edição do intercâmbio realizado entre o Grupo de Pesquisa Lugar Comum, a Faculdade de Arquitetura da UFBA, a Bartlett Development Planning Unit e os movimentos sociais urbanos na cidade de Salvador-BA, oferecido como componente curricular Política, Democracia e Direito à Cidade, pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, reitera sua parceria com a população da Comunidade da Gamboa de Baixo, na tentativa de construção de um instrumento de ação coletiva na luta pelo Direito à Cidade.

As experiências acumuladas na primeira edição do intercâmbio, em 2016, acenavam para a necessidade de que o instrumento de ação coletiva a ser construído atendesse às demandas de reconhecimento da Gamboa de Baixo enquanto comunidade tradicional pesqueira em território urbano e, consequentemente, sua regularização fundiária.

As reflexões e os desafios diante da construção de um instrumento que compreendesse a diversidade de referências históricas, culturais e afetivas reproduzidas nas
práticas e ofícios do território da Gamboa, caracteri- zando um perfil socio-econômico, encontrariam nas id- eias da "pesquisa multirreferencial" (MACEDO, 2004) um caminho possível. Assim, partindo da ideia do "inter- conhecimento" (SANTOS, 2007; 2010) como condição para conhecer e reconhecer experiências múltiplas em torno da pluralidade de condições teóricas e sociais para a construção do conhecimento, a construção, aplicação e análise do instrumento de ação coletiva seria realizado conjuntamente com os moradores e morado- ras da Gamboa de Baixo.

O artigo intitulado “A Gamboa de Baixo sob a ótica da multirreferencialidade”, construído de forma coletiva por 09 estudantes brasileiros e 04 moradores da Gam- boa, resulta no relato, análise e reflexão da experiência desenvolvida na comunidade, nesta segunda versão do intercâmbio.

O texto inicia-se com um relato sobre a Gamboa de Baixo, contextualizando o leitor sobre as dimensões históricas e políticas do território, e sua configuração na atual política urbana municipal. Na sequência, são apresentadas as referências teóricas que embasaram a construção e en- tendimento do cadastro multirreferencial, bem como as condições de sua aplicação e os resultados alcançados nesse processo. Por fim, o artigo enseja uma reflexão propositiva na luta pelo Direito à Cidade na Gamboa de Baixo, enfatizando a sua identidade enquanto comunidade tradicional pesqueira urbana de Salvador e a con- sequente necessidade de adoção de políticas de efetivo reconhecimento e promoção dessa comunidade, sobr- etudo, nas ações de regularização fundiária do território.

Referências/Works cited


2.1 Multidimensional Cadastre as an Instrument for Collective Action to advance the Right to the City in Gamboa de Baixo

Jingtianyi Ma, María Pacheco, Mateo Rodríguez, Renmiao Xie, Victoria Ossandón

2.1.1 Introduction

Territory plays a significant role in the production and re-production of the city as well as in people’s lives. In this context, the right to the city has been constituted as a fundamental claim among communities that highlights their right to have access to the city and to challenge capitalism through radical social struggles (Lefebvre, 1995). The concept of the right to the city can be understood in light of what it has been pointed out as its two main components: on one hand, the right to shape the city and, on the other, to inhabit and equally enjoy all its benefits and services (Fernandes, 2007). It can be said that entails the right to participate in shaping the city, but also to enjoy it in a just manner under a collective understanding (Belda-Miquel, Blanes and Frediani, 2016; Fernandes, 2007; Harvey, 2003). In this sense, the right to the city is “the exercise of a collective power to reshape the processes of urbanisation” (Harvey, 2003, p.23).

In this context, practices for collective action are the expression of the collective power that vulnerable communities have to achieve their rights. In this regard, this research aims to understand how instruments for collective action can help marginalised groups to advance their claims in relation to the right to the city. In particular, it will be presented the case of Gamboa de Baixo, a neighbourhood located in the city of Salvador de Bahia in Brazil, and the related process initiated together with its community by using a multidimensional cadastre as their instrument for collective action. The relevance of this instrument is related to previous experiences which encountered how a social cadastre can become a participatory process of community’s empowerment vis-a-vis public authorities, as well as a strong tool to construct their identity and exercise their citizenship (UN-HABITAT, 2010).

This chapter will be divided into four parts. Firstly, the case study of Gamboa de Baixo will be presented, explaining its social and political context. Then, the methodology of this research will be illustrated. Afterwards, the analytical framework utilised to analyse this process will be explained and finally, the key findings will be explored to show how this instrument either promotes or hinders the community’s fight for the right to the city.

Case Study: The Community of Gamboa de Baixo

Gamboa de Baixo is a neighbourhood located near the coastline and close to Pelourinho historic city centre. It has around 360 families and most of them recognise themselves as a black, low-income, fishing community that has settled in the area since colonial times (Boaventura et al., 2017). In close relation with its location, its main economic activity relies on traditional fishing. This community has been threatened by urban regeneration programmes and segregated partly because of the construction of the Avenue Contorno in the year 1952 (Zanoli, 2015; Perry, 2004). Figure 2.1 shows an aerial photograph of the avenue that acts as a physical division between the Gamboa settlement and the upper sector, with the latter characterised by high-rise buildings.

According to Perry (2004; 2009), Gamboa has been left out from urban governance decisions. As the author explains, urban programmes have not considered the community’s point of view nor needs. As consequence, they have been facing possible evictions because of regeneration programmes and private investment in the area since the 1990s. Nevertheless, its nature as a traditional community and their relationship with the São Paulo Fort have been their main arguments to recognise their value, both in cultural and patrimonial terms.

The Associação Amigos de Gegê dos Moradores da Gamboa de Baixo is an organisation mainly led by black women (Perry, 2004). Its creation in 1992 was in response to frequent threats of forced eviction and their necessity to improve basic services such as water, sanitation or waste collection. According to the president of the Association, their main claims relate to: pursuing collective land tenure to prevent forced evictions; recognition of their traditional identity; improvement of the neighbourhood’s infrastructure.

In relation to policies, Gamboa is directly affected by general principles that guide urban development processes. Since 2001, the social function of the land and buildings stated by the City Statute (Fernandes, 2007) has become a weapon for communities to resist against forced evictions. However, it has been stated that the new Provisional
Nevertheless, it has been pointed out that this designation only acts as a title, because it does not translate into specific mechanisms of preservation and conservation (Araujo, 2017). In addition, it is important to highlight the role of the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) — Heritage and National Arts Institute in English, as they had a stake in project proposals for the Fort of São Paulo (Zanoli, 2015). However, according to the community leader, the proposals presented during the last two years have not involved the participation of the community, despite the fact that this historical site constitutes both a residence for some families as well as an important collective space.

2.1.2 Methodology

During this research, the community expressed the necessity to start a formal process of regularisation of their land. In this regard, being overlooked by the Municipality, the process requires a map of Gamboa that shows its limits, as well as a Memorial document that characterises the members of the community according to their socio-economic profile and traditional activities (Community Leader, Presentation Day, 30 May 2017; Ministério das Cidades Brasil, 2013). Therefore, it was agreed that a multidimensional cadastre might represent the best instrument to explore different dimensions of the community such as the economic, political, cultural, historical and territorial ones.

The construction of the multidimensional cadastre involved a participatory design with the community, including both quantitative and qualitative research methodologies. The quantitative methods included a survey and mapping of Gamboa, whilst the qualitative methods included workshops and semi-structured interviews (See Appendix 2.4). The illustration of the research timeline during the process is presented in Appendix 2.1. Under the principles of a participatory action research, the process included the participation of the community during the design, implementation and analysis of the results (See Table 2.1). It is important to highlight that after the analysis stage, several products were discussed and returned to the community as a result of the implementation of the different methods that the cadastre involved, such as timeline, networks maps and survey results (See Appendix 2.2).

This process faced different challenges that should be acknowledged. Firstly, there were language barriers that limited the possibility of researchers to understand and participate throughout the entire research process. Additionally, the decision to develop the research activities during working days limited the participation of part of the community. After acknowledging this limitation, it was agreed that the community leaders had to socialise and transmit to the rest of the community the importance of this research through informal dialogue.
Table 2.1. Description of the methods used. Source: Chapter authors

<table>
<thead>
<tr>
<th>Method</th>
<th>Description</th>
<th>Aim</th>
<th>Participants</th>
</tr>
</thead>
</table>
| Literature Review        | • Reviewing the literature including articles and past report of the Gamboa de Baixo, the instruments for collective action and the concepts of Right to the City  
                           • Developing the background document and the initial analytical framework | To have a better understanding of the community, grasp the core concepts and the theoretical notions of the research, and develop the analytical framework | UCL and UFBA                     |
| Transect Walks           | • 1 transect walk around the community including the houses and forts with the representatives of the Gamboa de Baixo community  
                           • 1 boat trip                                                                 | To have visual observations of the building environment, residents’ activities and living contents | Community walk:  
                           • Number: 2;  
                           • Gender: 1 female, 1 male  
                           Boat trip:  
                           • leader of community;  
                           • female |
| Survey                   | • Developing the survey and designing the questions with the representatives of the Gamboa de Baixo  
                           • With the help of leaders of in Gamboa de Baixo, implementing the survey of the social-economic and territory dimensions to the households according to the routes which were discussed in the design step | Identify the profile of residents of occupation including social-economic dimensions and living history  
                           • Understand the internal structure legitimate the land tenure  
                           • Identify living condition of residents and promote their access to different services they lack | Design:  
                           • Number: 4;  
                           • Gender: 3 female, 1 male  
                           Implementation:  
                           • Number: 637 people, 208 household;  
                           • Gender: 297 female, 322 male |
| Social Catastere          | 2 workshops were conducted:  
                           • Historical and affection workshop: Participants expressed and discussed what they thought when they saw the photography we provided, draw a collective timeline of the oldest memory and the most three important moments of Gamboa in their mind and gave responses for the following questions:  
                          - What do you like and do not like most about Gamboa?  
                          - Would you like to bring a friend to Gamboa and why?  
                          - What are your dreams of Gamboa?  
                          - Could you define Gamboa in one word or phrase?  
                           • Every practices and local knowledge workshop  
                           Participants expressed and discussed what they thought when they saw the photography we provided related to their everyday life including their jobs, fishing, etc. | To identify the historical and affective dimensions, the social networks and the relationship with the sea of the residents of Gamboa de Baixo  
                           • To identify their claims for the Right to the city from their claim of territory, their everyday practice, what they value most and the importance of land tenure for them  
                           • To understand their future desire and wishes for the community | Workshop 1:  
                           • Number: 20;  
                           • Gender: 8 female, 12 male;  
                           • Age: from 25 to 60  
                           Workshop 2:  
                           • Number: 11;  
                           • Gender: 6 female, 5 male;  
                           • Age: from 25 to 60 |
| Participatory Workshops   | Interviewing the leader of the association whose name is Ana | To know the association’s claims and networks with other movements | Leader of community;  
                           • Female |
2.1.3 Analytical Framework

From the concept of the right to the city, we identified two key aspects that helped us understand how the multidimensional cadastre can be an instrument for collective action can be used to support Gamboa de Baixo’s claims: use value of the land and everyday collective practices, and access to collective rights. Figure 2.2 shows graphically our analytical framework.

Use value and every-day collective practices (Belda-Miquel, Blanes and Frediani, 2016; Fernandes, 2007). First, it will be analysed how the instrument allows to portrait the use value attached to territory and how it can meaningfully connect the community’s everyday collective practices to this value. In other words, the objective is to analyse to what extent a multidimensional cadastre can effectively link the territory where this neighbourhood is located with the identity of its residents as a traditional fishing community, thereby challenging the primacy of the exchange value given by a market-led process of urbanisation.

Effective access to collective land tenure to challenge neoliberal market-led urban development. The notion of inclusive citizenship (Kabeer, 2005) brings a new dimension to achieve the right to the city through the collective exercise and the active participation both in political and decision-making processes (Harvey, 2003). Therefore, it will be analysed how this instrument allows for the challenging of a market-led urban process through action (Dagnino, 2005). This considers two aspects:

- a. Whether the instrument for collective action can produce local knowledge and mobilisation that defies and challenges official discourses to grant access to rights.
- b. The capacity of the instrument for collective action to link the community’s claims to bring about change considering the wider context of policies with regards to land regularisation, urban planning, and heritage.

2.1.4 Key Findings

There are three key findings arising from the research process. Firstly, we will discuss the discrepancy of heritage policies amongst the different government levels and how Gamboa de Baixo stands as an example reflecting this contradiction. Secondly, we will present how the local knowledge constructed during the research process can influence and challenge the relation Gamboa has with the city of Salvador and its authorities. It should be noted that these first two key findings are underpinned by the discussions on inclusive citizenship, use value and everyday practices. Thirdly, we will present the value of a multidimensional cadastre as an instrument for collective action for achieving the right to the city. This final finding reflects on the practical level achieved by the instrument in terms of its ability to strengthen the claims of the community, to promote collaboration and capacity building, as well as on its effectiveness in considering the current socio-political context.

Figure 2.2. Analytical Framework. Source: Chapter authors based on Belda-Miquel, Blanes and Frediani (2016); Fernandes (2007); Dagnino (2005); Kabeer (2005); Harvey (2003)
A Tension between ‘Physical’ Heritage and ‘Social’ Heritage.

As previously mentioned, at a local level Gamboa is recognised as a ZEIS, which gives residents protection against evictions (Boaventura et al., 2017). However, this local plan contradicts the national heritage policies focused on the protection of the Fort. According to the dwellers, the national heritage programmes have not considered the community’s necessities and the families who live there would be evicted if this plan were executed (Community Leader, Round Table UFBA, 4 May 2017). In this sense, the Heritage Policies aim to protect the physical dimension of the territories, yet they are separated from the social dimension that the ZEIS is trying to safeguard. This case intrinsically reflects how the territorial dimension cannot be separated from the social value dimension that traditional communities have.

a. Local knowledge through everyday practices.

The identity of Gamboa goes beyond the territorial value previously discussed. Out of 208 interviewees, more than half has been living in Gamboa since they were born, while almost 90% have been living there for more than ten years (See Appendix 2.4: Survey Results). These results suggest not simply that residents have lived there during long-term periods, but also that the community is partially driven by an intergenerational population. This translates into a constant learning process, where social practices between generations are frequently shared. Everyday practices such as fishing, cultural values or religious rituals seem to strengthen their identity (See Appendix 2.5):

“...The character of the traditional fishing community is their present, it is their mean to live. Most of the knowledge present in the community comes from within and is traditional. For instance, he (fisherman) has taught people who also have taught other people. This is a knowledge from Gamboa, intimately connected with the territory” (Fisherman, Workshop 2, 10 May 2017).

This traditional interaction among members of the community has reinforced their territorial attachment. They relate this local knowledge to the territory, de facto building an affective relationship with it. In fact, 90% of the interviewees wanted to remain in Gamboa (See Appendix 2.4: Survey Results). Members of the community frequently expressed their reasons as follows: “Living in Gamboa is like sleeping and waking up in mother’s arms” (Resident, Participatory Survey Design, 3 May 2017).

b. Fort and beach: Use value of collective spaces

In Gamboa, territorial attachment has also created affection towards the use of shared spaces. Although they are limited, their use value stands as a key point when linking community identity to the territory (See Figure 2.3). In particular, the results of the survey (Appendix 2.4) show that the Fort and the beach are the two main places for collective activities such as celebrations, meetings, and leisure activities. Additionally, it is relevant to highlight dwellers’ deep relation with the sea that goes beyond fishing. For example, members of the community described religious rituals done in the sea: “There is a procession in the community before going into the sea. The leaders of the Association are Mães de Santo (good mothers) and they perform important rituals” (Resident, Workshop 2, 10 May 2017).
c. **Self-recognition**

The community has also reinforced their own identity through the recognition of their socio-economic profile and race. The survey demonstrates both aspects. First, 60% of the residents recognise themselves as black people, and, second, 69% of the households earn less than the minimum wage per month (See Appendix 2.4: Survey Results). Additionally, one leader expressed: “We are a black, fishing and poor community. That is what we are, and you should respect us” (Community Leader, Transect Walk, 1 May 2017). It is understood that the recognition of their own common identity helps them to gain more visibility and communicate their relationship with their territory.

**Local Knowledge to Challenge Stigmatisation**

Another important finding is that, as an instrument for collective action, the cadastre contributes to raising awareness about knowledge construction from below as a way of challenging external stigmatised and mainstream discourses.

a. **Knowledge Construction from below**

The multidimensional cadastre can be considered as a learning process in itself, as residents were encouraged to think about who they are, what is their identity as a community as well as how they could use their collective identity to claim their rights. In this sense, the survey becomes an instrument that allows residents to recognise themselves as members of their neighbourhood.

One of the aims of the multidimensional cadastre was to create valid information about the residents to challenge the perspective of the authorities: “This is relevant for us because we can compare the numbers that the Municipality has” (Community Leader, Participatory Survey Design, 3 May 2017). In this regard, the decision to develop a process conducted by the community rather than by public representatives, was considered as an opportunity to have a more active participation from the rest of the community. Hence, this process can be understood as an instrument that gives power to their discourses, being these documents a tool that can amplify their voice in order to challenge mainstream data.

b. **Challenging Stigmatisation**

The residents highlighted that there were differences between what people in Salvador perceive about Gamboa and their reality. In fact, when some of the residents needed to find a job, they preferred saying they lived in another neighbourhood as Gamboa is a stigmatised place (Community Leader, Participatory Survey Design, 3 May 2017). Furthermore, they perceive it as related to their situation as a black and low-income community, based on prejudice and marginalization not only from elites but also from authorities.

“The Municipality does not want to maintain the black culture. We are fighting for a city that can recognise differences among people. We are tired of white elites excluding our population” (Community Leader, Round Table UFBA, 4 May 2017).

The stigmatisation of the neighbourhood might also be influenced by the conditions in which they live. Gamboa lacks of different services and infrastructure such as continuous water supply, recreational spaces and waste collection (Appendix 2.5). For example, waste collection by residents is done by 75% of the interviewees (See Appendix 2.4: Survey Results). Nevertheless, the residents’ desire is to change this stigma and express their reality through collective action: “Here is very calm. This is a good place to live, on the contrary on what the TV shows” (Resident, Survey, 2017). Indeed, 46% of the interviewees stated that their houses are in excellent or good conditions (See Appendix 2.4: Survey Results). These living experiences contradict the stereotypes they feel are present in Salvador: “In Gamboa, everybody works hard. People are well educated and everybody takes care of each other” (Resident, Survey, 2017).

In terms of safety, residents mentioned they feel safe in this community, and in contrast, they feel unsafe during police violent interventions (Resident, Workshop 1, 8 May 2017). Thus, the Multidimensional Cadastre reflects their reality and might become a tool to challenge stigmatisation and therefore strengthen their claims (Figure 2.4).

**Figure 2.4.** Residents regard Gamboa as a calm, safe and peaceful place, challenging stigma from the outside. Source: Chapter authors
Multidimensional cadastre in context: facilitators and inhibiting factors to achieve the right to the city

The multidimensional cadastre might be understood as a facilitator in strengthening community's claims and capacity building. However, there are some conditions that should be acknowledged i.e. the context in which it is placed.

a. Reinforcing their Claims
As it was mentioned before, the community believes that the multidimensional cadastre outcomes could be used as a tool to claim their rights: “We will use the cadastre as a weapon” (Community Leader, Presentation of Results, 11 May 2017). This is related to the fact that the information collected will allow them to present a map to state their location, while the Memorial will articulate their identity and related claims.

b. Capacity Building through Collaboration
The multidimensional cadastre has the potential to contribute to the community's empowerment as it helps them build knowledge useful to achieve their right to the city. At the individual level, it is important to mention that, as an instrument for collective action, it allows residents to be part of the design, implementation and analysis of the results (Figure 2.5).

Access to the right to the city needs collective actions to achieve collective rights. In this regard, the multidimensional cadastre allowed community members to recognise their collective claims and raise awareness. From the leaders’ view, the whole community can become mobilised through collective action: “If we are organised, we will be prepared for what we want!” (Community Leader, Workshop 1, 8 May 2017).

Finally, regarding the Association, this instrument allowed leaders to exercise their leadership in relation to the mobilisation of community. Therefore, the cadastre contributes to building their capacity to negotiate with authorities as well as to construct a partnership with UFBA.

Although the multidimensional cadastre facilitates collective actions, the community will continue facing obstacles in order to achieve the right to the city.

It is important to think about how the community will be able to transfer data collected from the multidimensional cadastre to the Memorial document. While it is since the beginning of the research that the community considered the Memorial as a tool to gain their rights, it is not clear how it will be actually written. In this sense, it is possible to say that there is a gap between the expectations of the cadastre as an instrument for collective action and its consequences. It will be necessary to follow up the next steps after its implementation. Moreover, it is relevant to think about how the leaders will socialise the information gathered in the multidimensional cadastre, this, in order to be transparent and to actively involve the rest of the community during the process.

Additionally, it is relevant to appreciate how they are going to use the outcomes of this process as a way of challenging authorities’ perspective and neoliberal policies. It can be said that there is an adverse political and economic context in which communities, such as Gamboa, have to reinforce their fight against influences that do not privilege their rights as citizens. Indeed, Salvador has had a process of urbanisation driven by neoliberal market forces that are a threat to this community. As it was previously mentioned, the new Provisional Presidential Act could hinder the opportunity of vulnerable communities to achieve their right to the city.

Figure 2.5. The instrument for collective action helps the community to build their capabilities.
Sources: Chapter authors
2.1.5 Conclusion

The main aim of this research has been to collaborate with the community in the neighbourhood of Gamboa de Baixo in their fight for the right to the city. This has been done through the participatory design, implementation and analysis of a multidimensional cadastre as an instrument for collective action. In this context, several levels at which the instrument for collective action plays out have been analysed. As shown, the multidimensional cadastre was able to construct knowledge through collaboration that can serve to strengthen the claims of the community as well as to secure the articulation between their identity and the territory they inhabit.

On another level, an important finding resides in the cadastre as an instrument for collective action that can contribute to achieve the right to the city under certain conditions. At the community level, it is important to keep promoting the participation and awareness of dwellers, as well as to boost the leadership capacity of the association as a representative organisation. This sort of capacity building can serve to truly promote mobilisation for social change.

Additionally, it is necessary to promote the capacity to use the knowledge produced through the multidimensional cadastre for action i.e. in the form of the documents that are necessary to achieve land regularisation and collective tenure. Another challenge is that of developing a better articulation between national and local policies that aim to protect both traditional communities and heritage patrimony. Otherwise, the territorial dimension of heritage will continue to constitute a threat to the Gamboa community.

Finally, at the city or even national level, it is strongly suggested to enhance the use of instruments for collective action—such as the cadastre— that promote collaboration between different social movements of Salvador having similar struggles, e.g. through collaborations with other neighbourhood organisations. This can raise common claims oriented towards challenging the adverse political and economic context which threatens to reanimate previous processes of eviction and marginalisation of black, low-income communities, based on commercial and private interests in the city centre of Salvador.

2.1.6 Works cited


2.2 A Gamboa de Baixo sob a ótica da multirreferencialidade

Adriano de Jesus Sapucaia, Ana Cristina da Silva Caminha, Bethânia de Almeida Boaventura, Daniela Vicente Alves da Silva, Fernando Henrique de Souza Santos, Flávia Cristina Bassan Saldanha, Gleide Santos dos Passos, Juliana de Athayde Fraga, Luana Figueirêdo de Carvalho Oliveira, Luciano Santana Pinheiro, Maria José Freitas Araújo, Raysa Santos do Rosário, Thais Amado Sanches Sales

2.2.1 Introdução

A cidade de Salvador é marcada pelo enfrentamento de suas profundas e estruturantes desigualdades. Esse enfrentamento foi (e é) historicamente construído pelos Movimentos de Luta Populares e Comunidades, através de ações coletivas de reivindicação de direitos e da cidade.

Ao entendermos as ações coletivas como aquelas compreendidas dentro da interação social que leva a uma ação política, percebemos que, no bojo dos Movimentos Populares e comunidades, este agir é notadamente transformador e, geralmente, de contraposição à ordem hegemônica.

Dentre os Movimentos de Luta Populares e Comunidades da cidade de Salvador, destaca-se o histórico de luta e resistência da comunidade da Gamboa de Baixo. Nesse sentido, a construção do trabalho apresentado nesta oportunidade decorre de uma relação dessa comunidade com a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), iniciada em 2016, com uma proposta de trabalho continuado em parceria com a Bartlett School, da Universidade de Londres (UCL). Os estudantes do curso de mestrado em Prática do Desenvolvimento Social, oriundos de diversos países e com bagagens muito diversas, trabalharam em conjunto com os estudantes e professores brasileiros, movimentos sociais e comunidades de Salvador no desenvolvimento de estratégias para a construção do direito à cidade. No primeiro ano de trabalho, foi possível realizar uma análise de conjuntura e um histórico da comunidade, adotados pelos atuais estudantes como ponto de partida:

Chegou-se à compreensão de que o patrimônio mais fortemente reconhecido pela comunidade da Gamboa de Baixo se refere ao seu próprio modo de viver, suas tradições e manifestações culturais, sendo, portanto, de grande importância para a comunidade, seu reconhecimento legal enquanto comunidade tradicional pesqueira também frente aos órgãos de preservação. (CAMINHA et al, 2017, p. 25)

Dando continuidade ao trabalho desenvolvido no ano anterior, quando o foco foi a identificação da Gamboa como patrimônio cultural, os objetivos do trabalho em 2017 foram estabelecidos pela própria comunidade, que busca garantir a sua permanência no território tradicional pesqueiro, situadono Centro Antigo da cidade de Salvador. Desse modo, a oportunidade do intercâmbio com a universidade fortaleceria a capacidade de desenvolver instrumentos que colaborassem com a luta pelo direito à cidade. Estabeleceu-se, portanto, o desafio da construção de um instrumento para ação coletiva, ou, em outras palavras, de um instrumento com capacidade de potencializar ações coletivas da Gamboa de Baixo na conquista e exercício do direito à cidade. Assim, a elaboração do Cadastro Multirreferencial da comunidade da Gamboa de Baixo, trazendo em sua estrutura a coleta de dados de várias vertentes, quais sejam, o socioeconômico, territorial, cultural, histórico, afetivo, de saberes, práticas e ofícios surgiria como um possível instrumento para a ação coletiva, objeto do trabalho empreendido ao longo de todo o intercâmbio.

2.2.2 O território da Gamboa de Baixo

Gamboa: s.f. [...] 3. Estacaria para pesca (Dicionário Aurélio)

A Gamboa de Baixo, como o seu próprio nome já diz, é uma comunidade tradicional, pesqueira e secular, situada à beira da Baía de Todos os Santos e às margens da Avenida Contorno, marcada por seu histórico de luta na cidade de Salvador. Por ter uma grande maioria da população negra e marginalizada, podemos afirmar que a luta e resistência da Gamboa é intrínseca a sua existência. No entanto, sua constituição e organização enquanto movimento estruturado iniciou-se na década de 1960, como reflexo da construção da Av. Contorno que separou a comunidade do resto da cidade e de suas comunidades vizinhas, deixando-a literalmente à margem, embora geograficamente no centro, de Salvador. O movimento organizado existe e persiste até os dias atuais e acompanhou a desapropriação e o afastamento gradativo de muitas comunidades do seu território de origem.
Além da marginalização e isolamento, a construção da Av. Contorno impôs à Gamboa de Baixo diversas dificuldades estruturais, tais como o acesso e o fluxo entre a comunidade e outros bairros da cidade, somados ao abandono por parte do Estado que se reflete na precariedade do acesso aos serviços e à infraestrutura urbana. Além dessa conjuntura de isolamento e abandono público, a comunidade é alvo de intensa disputa territorial devido a sua localização à beira-mar, na Baía de Todos os Santos. Assim, é realidade da comunidade, também, a resistência às ações da especulação imobiliária do seu território. Ambas as formas de ameaças se construem correlativamente, de forma que “o abandono do poder público (no campo da segurança, saúde, saneamento, habitação ou educação) faz parte da permanente estratégia de desocupação da comunidade” (Como Salvador Se Faz, 2003, apud PERRY, CAMINHA, 2008, p.131), abrindo-se espaços para o capital especulativo.

A história da comunidade do Gamboa de Baixo é marcada por constantes violências e ofensivas aos seus moradores, às suas tradições e ao seu território. Porém, sua história é igualmente marcada pelo enfrentamento e pela luta. A Gamboa hoje é referência de militância pelo direito à cidade e pode ser considerada vitoriosa pela sua resistência, permanência e por diversas conquistas. Como fruto da luta, a comunidade alcançou o reconhecimento do seu território enquanto Zona Especial de Interesse Social – ZEIS, em 2008 e em 2016, enquanto ZEIS de Comunidades Tradicionais, ou ZEIS 5, pelo Plano Diretor de Salvador. As ZEIS 5 são as áreas da cidade demarcadas por constituírem “assentamentos ocupados por comunidades quilombolas e comunidades tradicionais, especialmente aquelas vinculadas à pesca e mariscagem” (SALVADOR, 2016).

A história da comunidade da Gamboa de Baixo é marcada por constantes violências e ofensivas aos seus moradores, às suas tradições e ao seu território. Porém, sua história é igualmente marcada pelo enfrentamento e pela luta. A Gamboa hoje é referência de militância pelo direito à cidade e pode ser considerada vitoriosa pela sua resistência, permanência e por diversas conquistas. Como fruto da luta, a comunidade alcançou o reconhecimento do seu território enquanto Zona Especial de Interesse Social – ZEIS, em 2008 e em 2016, enquanto ZEIS de Comunidades Tradicionais, ou ZEIS 5, pelo Plano Diretor de Salvador. As ZEIS 5 são as áreas da cidade demarcadas por constituírem “assentamentos ocupados por comunidades quilombolas e comunidades tradicionais, especialmente aquelas vinculadas à pesca e mariscagem” (SALVADOR, 2016).

Apesar do reconhecimento Municipal da Gamboa de Baixo, enquanto comunidade tradicional, tal direito ainda não se estende aos demais entes federativos, de forma que a comunidade não goza dasseguranças e proteções que lhe cabem pelo seu caráter tradicional, como, por exemplo, a garantia de permanência em seu território. Ressalta-se ainda que “As ZEIS são destinadas à regularização fundiária – urbanística e jurídico-legal – e à produção, manutenção ou qualificação da Habitação de Interesse Social (HIS) e Habitação de Mercado Popular (HMP) [...].” (SALVADOR, 2016a) porém, embora reconhecida como ZEIS desde 2008, a comunidade ainda se encontra irregular. Acontece que a Regularização Fundiária é um instrumento tanto político, quanto jurídico e burocrático; assim, ocorre através de procedimentos específicos estabelecidos pela legislação urbanística municipal.

Em Salvador, a sessão VII do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano - PDDU - estabelece as diretrizes, requisitos e parâmetros do procedimento para a Regularização Fundiária em ZEIS. Estabelece o PDDU que o Plano de Regularização Fundiária de ZEIS poderá ser elaborado tanto pela Administração Pública Municipal e Estadual, quanto pela própria comunidade, acompanhada de assessoramento técnico e será constituído por: a) Plano de Massas da Urbanização; b) Plano de Regularização Jurídico-Legal; c) Plano de Ação Social e Reassentamento. Ressalta-se que, consoante o art. 80, I do PDDU, o Plano de Massas da Urbanização deverá conter, entre outros elementos, o “diagnóstico da área, incluindo delimitação da ZEIS ou conjunto de ZEIS, aspectos urbanístico-ambientais, socioeconômicos e fundiários” (SALVADOR, 2016a). Além disso, o inciso III do mesmo artigo estabelece como elementos do Plano de Ação Social e Reassentamento o “levantamento de dados e informações sobre lideranças locais e representantes de movimentos sociais, entidades populares e organizações não governamentais atuantes na área” (SALVADOR, 2016b) bem como o levantamento das políticas públicas existentes na região. Observa-se também que a Lei de Ordenamento Uso e Ocupação doSolo - LOUOS - de Salvador estabelece como documento necessário ao procedimento para a Regularização Urbana um “memorial descritivo contendo informações sobre o empreendimento, em especial com relação aos quantitativos das áreas, assim como a tipologia habitacional.” (SALVADOR, 2016b).

Ou seja, faz-se necessário para regularização o levantamento dos dados socioeconômicos, territoriais e de organização política da Gamboa de Baixo, da mesma forma que a delimitação da sua identidade cultural e tradicional é indispensável para a expansão do seu reconhecimento público enquanto comunidade tradicional pesqueira. Foi a partir de tal demanda que o desenvolvimento deste trabalho se forjou. Através da atividade em conjunto entre a Universidade e a Comunidade, foi possível construir um cadastro com os levantamentos de informações necessárias para a construção de documentos exigidos para regularização. Configura-se, portanto, como instrumento para ação coletiva que, como meio de abarcar as múltiplas dimensões da Gamboa de Baixo, enraíza-se na pluralidade de saberes.

2.2.3 Referencial teórico: continuidade da luta - epistemologias do sul e a etnopesquisa multirreferencial

Considerando as demandas mais urgentes da Gamboa, relacionadas com o processo de regularização fundiária e a necessidade da comunidade de se autonomizar (através da atualização dos seus dados censitários e da identificação das características específicas da comunidade), optou-se pela realização de um Cadastro Multirreferencial integrando: Cadastro socioeconômico, territorial, cultural, histórico, afetivo, de saberes, práticas e ofícios. Diferenciando-se substancialmente do instrumento utilizado pelos órgãos públicos, o cadastro desenvolvido pelos estudantes traz uma perspectiva transdisciplinar,
baseando-se conceitual e metodologicamente na discussão trazida pelo sociólogo Boaventura Sousa Santos no trabalho “Epistemologias do Sul” (2010), bem como no conceito de Etnopesquisa Implicada, defendida por Roberto Sidnei Macedo (2004).

Santos (2010) entende que as relações de dominação existentes na nossa sociedade também estão estabelecidas dentro da produção científica e de conhecimento, reforçando os processos de invisibilidade dos povos subalternizados. Dentro disso, o sociólogo propõe a Ecologia de Saberes, que busca romper com essa cultura hegemônica de um único saber, ao valorizar saberes produzidos pelas lutas das populações que se encontram oprimidas e promover o diálogo entre estes saberes.

Em convergência com o pensamento de negação da hegemônia de Souza Santos, Macedo (2004) compreende que os sujeitos vivenciam os processos históricos e socioculturais de formas distintas, marcadas por suas diferentes realidades; assim, defende que a etnopesquisa se faz a partir da compreensão das variadas visões do mundo, escalas de valores, sentimentos, desejos, projetos, etnometodos e hábitos específicos. Defende ainda o autor que a etnopesquisa deve ser construída a partir de uma reflexão propositiva e prática, sendo, portanto, implicada ética, política e culturalmente, de forma que a orientação antipositivista seja marcada pelo pesquisador que os sujeitos vivenciam os processos históricos e sofrimentos populares, e do enfrentamento de estruturas urbanas e sociais impostas. É o direito de todos criarmos nossas necessidades (HARVEY, 2009, p. 269).

Dessa forma, o trabalho alinha-se ao direito à cidade, enquanto direito construído nas ruas, no seio dos movimentos populares, e de enfrentamento de estruturas urbanas e sociais impostas. O direito de todos criarmos cidades de diferentes formas, capazes de satisfazer as nossas necessidades (HARVEY, 2009, p. 269).

Considerando os conceitos abordados anteriormente e buscando fortalecer a corrente decolonial e contra-hegémônica, especialmente nos países da América Latina, que têm se empenhado em ser os seus próprios referenciais de autonomia, tornando-se referência global, o conceito de Etnopesquisa Multirreferencial foi considerado fundamental para a proposta metodológica deste trabalho.

Dessa forma, propusemos uma nova abordagem cadastral, que não somente explicita e documenta especificidades territoriais, práticas sociais e saberes subalternizados pelos gestores da cidade de Salvador, como também estabelece uma construção coletiva e horizontalizada do saber, a qual legitima a produção de conhecimento da Gamboa de Baixo – comunidade majoritariamente negra, pesqueira e latino-americana.

O uso da Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial no desenvolvimento do cadastro resulta na construção de um instrumento para ação coletiva que dialogue efetivamente com o cotidiano e as implicações históricas, políticas e sociais da comunidade. O processo de desenvolvimento do cadastro trouxe elementos como a construção coletiva de termos e conceitos e uma metodologia de aplicações de tal instrumento proposta pela Gamboa. Esse processo intenciona evidenciar o protagonismo da Gamboa de Baixo na construção de sua história, cultura e relações, partindo das próprias referências da comunidade para o fortalecimento de sua autonomia.

Além disso, o uso da Ecologia dos Saberes e da Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial trouxe uma perspectiva mais subjetiva para a realização e compreensão dos registros feitos, e nós, enquanto pesquisadores, não nos isentamos enquanto sujeitos participantes de tal pesquisa. A co-construção do conhecimento aconteceu em todas as escalas, considerando-se a variedade de nacionalidades dos estudantes, a diversidade da própria comunidade da Gamboa e das diferentes experiências de vida de todos os envolvidos, unindo as universidades e a comunidade.

Ao expandirmos os métodos tradicionais de cadastro, com o intuito de produzir conhecimento através da construção de saberes compartilhados, rompemos parâmetros que engessam a realidade com verdades absolutas, de modelos universais que ignoram as referências locais. Ademais, trazemos para o instrumento utilizado uma perspectiva que vai além dos modelos tradicionais de cadastro, extremamente racionalistas que, ao objetivarem apenas dados quantitativos, expressariam de forma insuficiente a realidade sociocultural da Gamboa de Baixo.

A escolha do método alinha-se à reivindicação do direito à cidade que, como concebido por Henri Lefebvre, em 1968, no contexto da cidade, enquanto espaço hierarquizado pelas relações capitalistas e que sofre diferentes disputas relacionadas ao seu valor de mercado, “[...] só pode ser formulado como o direito à vida urbana, transformada, renovada” (LEFEBVRE, 1991, p.116-117). O direito à cidade, concebido por Lefebvre, é uma utopia a ser conquistada e construída pelas lutas das classes populares em contraposição à cidade produzida pela lógica do capitalismo.

Dessa forma, o trabalho alinha-se ao direito à cidade, enquanto direito construído nas ruas, no seio dos movimentos populares, e de enfrentamento de estruturas urbanas e sociais impostas. É o direito de todos criarmos cidades de diferentes formas, capazes de satisfazer as nossas necessidades (HARVEY, 2009, p. 269).

Ao considerarmos que a escolha metodológica por si só compreende a adoção de uma postura político-ide-
ológica (GUSTIN, DIAS, 2002), este trabalho alinha-se à luta da comunidade para alcançar o direito à cidade; a Gamboa de Baixoreivindica não somente o acesso aos serviços e bens públicos, mas também reclama por visibilidade e reconhecimento no território municipal, valorizando os seus saberes e as suas práticas. Logo, o processo de construção e aplicação do cadastro teve o objetivo de garantir o envolvimento ativo da comunidade para que tal instrumento pudesse influenciar efetivamente na formulação de políticas públicas que atendam às especificidades da Gamboa, reivindicando, assim, uma participação democrática nas decisões relacionadas às transformações urbanas.

2.2.4 A construção do cadastro multireferencial

A partir de uma construção multireferencial para a elaboração do cadastro, foram utilizadas cinco diferentes ferramentas metodológicas de forma correlata, possibilitando que as referências levantadas para o desenvolvimento do instrumento fossem enraizadas no cotidiano da comunidade:

- a. visitas para o reconhecimento do território por terra e por mar;
- b. análise territorial de mapas e imagens de satélites;
- c. elaboração compartilhada de questionário e aplicação das questões por residência;
- d. realização de oficinas com os moradores;
- e. aplicação de entrevistas com as lideranças.

O trabalho se desenvolveu entre os dias 30 de abril e 12 de maio do ano de 2017, durante os quais foram realizadas sete visitas a campo. Logo na primeira visita à comunidade, dedicada ao reconhecimento do local pelos estudantes, foi possível perceber tanto as divisões territoriais internas da Gamboa e a importância do Forte São Paulo da Gamboa para a história da comunidade, quanto a forte segregação socioespacial sofrida pela comunidade, evidenciada desde a principal entrada para acesso ao local, por baixo da Avenida Contorno.

Esta segregação pôde ser mais fortemente percebida, também, na última ida a campo, quando foi realizada uma visita guiada de barco para a visualização da área por um outro ponto de vista. Evidenciou-se a disparidade tipológica entre a Gamboa e o seu entorno, materializando, assim, a desigualdade presente entre a comunidade e seus vizinhos. A construção da Bahia Marina e dos píeres privados dos diversos empreendimentos do local também impactaram o cotidiano da comunidade uma vez que, segundo relato de moradores, tais construções dificultaram a prática da pesca no local, seja pelas novas construções dentro do mar, seja pelo maior tráfego de embarcações na região.

Para a criação do questionário, considerando o caráter dialógico da pesquisa, houve uma reunião entre a equipe da universidade e alguns moradores da Gamboa, ocasião em que foram destacados os dados que deveriam ser levantados e a relevância deles, permitindo uma construção conjunta do primeiro modelo de questionário a ser aplicado em todas as residências da comunidade.

Uma vez elaborados, os trabalhos se desenvolveram na aplicação dos questionários tendo como objetivo cobrir o maior número de residências da Gamboa de Baixo. A equipe de pesquisadores, formada pelos estudantes e por membros da comunidade, foi dividida em três grupos; cada um deles ficou responsável por cobrir uma das ruas da Gamboa. Realizaram-se 204 entrevistas, que constituem pouco mais de 80% do total das casas da comu-

**Figura 2.6.** Poligonal da Gamboa de Baixo. Fonte: Ortofoto, INFORMS, CONDER, 2010
nidade. Não foi possível realizar a entrevista em todos os domicílios, pois alguns deles estavam fechados no momento da visita. Assim, as 52 casas que não foram visitadas durante o trabalho terão seus dados coletados pelos moradores que integram as equipes de entrevista. Inicialmente, os questionários buscaram abarcar as dimensões socioeconômica e territorial do cadastro, colhendo informações como acesso a bens de consumo e serviços estatais, renda familiar, escolaridade e estrutura da casa. Entretanto, no decorrer do processo, incluíram-se outras perguntas com vistas a tratar da dimensão afetiva.

A aplicação desses questionários permitiu um diálogo mais próximo com todos os moradores da comunidade, além de incentivar sua mobilização e aproximar-os das questões territoriais e identitárias da Gamboa de Baixo. As entrevistas demonstraram como os moradores da Gamboa se reconhecem: 58% dos entrevistados se autodeclararam negros (121 pessoas), seguidos por 52 (25%) entrevistados que se declararam pardos; identificam-se fortemente enquanto comunidade tradicional pesqueira (44 entre as 51 pessoas questionadas disseram sentir-se parte de uma comunidade tradicional pesqueira, 2 não souberam responder e apenas 5 não se identificaram com a atividade); possuem antiga relação com a comunidade, visto que 56% nascem na Gamboa, 35% ali residem há mais de 10 anos e a grande maioria dos entrevistados deseja permanecer no território (89%). As respostas dos entrevistados também evidenciaram o abandono do poder público, que não oferta serviços básicos, como a coleta de lixo, que é realizada pelos próprios moradores.

### Tabela 2.2. Sistematização de dados do Cadastro. Fonte: Desenvolvido pela equipe, 2017.

<table>
<thead>
<tr>
<th>Perguntas</th>
<th>Respostas</th>
<th>Número de pessoas</th>
<th>Porcentagem (%)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Gênero</td>
<td>Feminino</td>
<td>310</td>
<td>51</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Masculino</td>
<td>299</td>
<td>49</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Perfil Etnoracial (autodeclaração)</strong></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Negro</td>
<td>121</td>
<td>59.3</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Pardo</td>
<td>52</td>
<td>25.4</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Moreno</td>
<td>20</td>
<td>9.9</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Branco</td>
<td>6</td>
<td>2.9</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Indígena</td>
<td>1</td>
<td>0.4</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Castanho</td>
<td>1</td>
<td>0.4</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Mestiço</td>
<td>1</td>
<td>0.4</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Renda</strong></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>0 a 5 SM</td>
<td>41</td>
<td>20</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>5 a 1 SM</td>
<td>100</td>
<td>49</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>1 a 3 SM</td>
<td>50</td>
<td>24</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>&gt;3SM</td>
<td>3</td>
<td>1</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Não informou</td>
<td>12</td>
<td>6</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Origem dos moradores</strong></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Nasceram na Gamboa</td>
<td>116</td>
<td>56</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Não nasceram na Gamboa</td>
<td>90</td>
<td>44</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Desejo de permanecer na Gamboa</strong></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Sim</td>
<td>185</td>
<td>89</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Não</td>
<td>23</td>
<td>11</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Participação na Associação Amigos de Gêge</strong></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Sim</td>
<td>32</td>
<td>66,6</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Não</td>
<td>16</td>
<td>33,3</td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Atividades cotidianas dos moradores</strong></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Mar*</td>
<td>48,5</td>
<td>13,4</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Esporte</td>
<td>6,2</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Lazer</td>
<td>10,3</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Cultura</td>
<td>6,2</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Descanso</td>
<td>8,2</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Família e Amigos</td>
<td>7,2</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Trabalho</td>
<td>13,4</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Se sente parte de uma comunidade tradicional pesqueira</strong></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Sim</td>
<td>42</td>
<td>86</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Não</td>
<td>5</td>
<td>10</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Não soube responder</td>
<td>2</td>
<td>4</td>
</tr>
</tbody>
</table>

*Atividades que se relacionam diretamente com o mar como pesca, natação, banho de praia etc
Em Azul: 208 Casas / Entrevistados . Em Vermelho: 43 Casas / Entrevistados
Todos os dados obtidos com esse instrumento foram sistematizados de forma objetiva, constituindo-se como o segundo produto obtido com a pesquisa; o banco de dados gerado pelos questionários será entregue impresso e em mídia digital à Associação de Moradores Amigos de Gegê da Gamboa de Baixo.

Concomitantemente às aplicações de questionários e com a finalidade de melhor explorar o caráter histórico, afetivo, os saberes, as práticas e os ofícios, esferas de difícil abordagem por questionário, foram realizadas duas oficinas junto à comunidade. A primeira oficina teve como objetivo compreender a construção histórica da Gamboa de Baixo a partir da relação afetiva de seus moradores com o território. Os trabalhos consistiram na apresentação de fotos tiradas pelos pesquisadores durante as visitas à comunidade, relacionando-as a perguntas subjetivas. O objetivo da atividade estava em despertar nos participantes suas memórias e afetos de forma espontânea, permitindo compreender a Gamboa de Baixo a partir dos olhos dos seus moradores. Com base nas respostas, foi-se construindo a Linha do Tempo Histórica e Afetiva, chamada “A voz da Gamboa de Baixo”. Os momentos destacados como mais importantes pelos participantes apresenta-se na linha com um comprimento de onda maior, a exemplo do surto de cólera ocorrido na comunidade em 1992, a chegada da Dona Rosa na Gamboa, em 1967, bem como a decoração de Natal que ela fazia em seu quintal (1982). A partir do momento da fundação da associação, a maior parte das memórias apresentadas faz referência às lutas da comunidade: a grande manifestação ocorrida na Av. Contorno frente às ameaças de remoção da comunidade, o que resultou em sua inserção no programa Viver Melhor, promovido pela URBIS - Habitação e Urbanização do Estado da Bahia; a criação da associação de pescadores em 2003; e a incorporação da Gamboa de Baixo como ZEIS V no PDDU, em 2016. Como fruto dessa oficina, foi construído o terceiro grande produto da pesquisa, uma linha do tempo histórica e afetiva – A Voz da Gamboa de Baixo (Figura 2.7).

Já a segunda oficina teve como objetivo a compreensão de como são construídas as relações entre as práticas cotidianas, os ofícios e tradições da comunidade, evidenciando as ligações existentes entre as pessoas e seus hábitos. A metodologia consistiu em apresentar imagens aos participantes, entre as quais cada um escolhia a que mais o representasse (enquanto pessoa, com suas atividades cotidianas) e explicava sua opção. Numa etapa posterior, os participantes relacionaram sua imagem com a de outros participantes, criando então uma teia de relações. A importância do mar para a comunidade foi claramente demonstrada nessa atividade em que todos os participantes demonstraram alguma relação pessoal com o mar. Destaca-se ainda o reconhecimento da pesca como identidade da comunidade e a importância da manutenção desses saberes através do ensinamento de suas técnicas e práticas para outras gerações. Esta oficina gerou, então, o quarto produto do trabalho, uma Teia de Relações Internas, embasada nos saberes, práticas e ofícios dos moradores da Gamboa (Figura 2.8).

**Figura 2.7.** Linha do Tempo Histórica e Afetiva – A voz da Gamboa de Baixo. Fonte: Arquivo do Intercâmbio/ Gamboa de Baixo.
Por fim, a última ferramenta utilizada foi a realização de entrevistas com as lideranças que nos acompanharam na aplicação dos questionários, tendo como premissa elencar as demandas políticas da comunidade bem como melhor entender a relação desta com as comunidades vizinhas, com o Estado e os parceiros de luta. Algumas das demandas apresentadas se referem à infraestrutura da comunidade, com importantes pontos como a coleta de lixo e um atracadouro para os pescadores, mas há demandas de caráter político, como o desejo pela regularização fundiária, a visibilidade da comunidade e as questões referentes à violência policial. Enquanto parceiros de luta, foram citados outros movimentos sociais com grande atuação, como o MSTB (Movimento Sem-Teto da Bahia), a comunidade do Centro Histórico, os artífices da Ladeira da Conceição e ainda instituições que também auxiliam nesse processo como a FAUFB, CEAS – Centro de Estudo e Ação Social, CPP – Comissão Pastoral da Pesca, entre outros. A partir das entrevistas realizadas, elaborou-se o quinto produto da pesquisa, uma Teia de Relações Externas da Gamboa.

Todos os produtos extraídos ao longo do trabalho resultaram no cadastro multirreferencial da Gamboa de Baixo, que se constitui como ferramenta de diálogo da comunidade com o Estado na reivindicação por seus direitos, dentre eles a regularização fundiária. O cadastro multirreferencial possui um caráter único pois, além de possuir dados dos elementos mais burocráticos para embasar as reivindicações, como o censo realizado através da aplicação dos questionários com dados imprescindíveis, tais como número de moradores e acesso a serviços, ele também é composto por informações importantes de cunho social e cultural, permitindo que tal instrumento represente efetivamente a comunidade em todas as suas faces. Todo o processo de construção, aplicação assim como os resultados obtidos pelo cadastro multirreferencial reafirmam a comunidade da Gamboa de Baixo enquanto comunidade negra, tradicional e pesqueira e com sua identidade intimamente ligada ao território, no Centro Antigo de Salvador, às margens da Baía de Todos os Santos.
2.2.5 Considerações finais

Resistir por mais de meio século a pressões sociais que subjugam a comunidade, a pressões econômicas alimentadas pela máquina da especulação imobiliária e à repressão do poder público, mostra que a comunidade da Gamboa de Baixo compreende não apenas o seu direito à permanência no território, mas especialmente sua identidade, intrinsecamente ligada àquela área.

Para compreender o amplo repertório que compõe a identidade da comunidade da Gamboa, as atividades desenvolvidas nesta última experiência voltaram-se não apenas para o levantamento de dados quantitativos e censitários, que também são importantes não só para conhecer a comunidade, mas também necessários à produção de um possível processo legal de regularização fundiária. O maior esforço empreendido foi, certamente, a busca por informações mais específicas e qualitativas dessa comunidade, pelo entendimento dos aspectos afetivos entre os moradores e a comunidade, seus ofícios e saberes interligados diretamente àquele território, da relação da Gamboa de Baixo com o mar e, especialmente, pela constatação de que, a despeito de todos os problemas de infraestrutura, ausência de importantes equipamentos e serviços urbanos, preconceito e repressão, quase a totalidade dos moradores entrevistados afirma querer permanecer na Gamboa, e não apenas porque lá é o local onde vivem, mas porque “é um paraíso”, “viver na Gamboa é como dormir e acordar nos braços da mãe”, conforme relato dos próprios moradores.

A experiência prática da teoria da Ecologia dos Saberes e da Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial, em que há a valorização de todos os saberes, sem hierarquias, criou espaço para que as pessoas pudessem compartilhar seus conhecimentos e sentir-se valorizadas. Tal metodologia foi imperativa ao longo da confecção do cadastro, tendo em vista que deu maior notoriedade a elementos
subjetivos que não teriam evidência caso o processo fosse conduzido por uma abordagem positivista, permitindo a produção de um estudo construído a partir das variadas bagagens pessoais de todos atores desse processo. Além disso, a presença da universidade (do outro) fomentou dentro da comunidade uma avaliação (autorretrato) de si mesma e o reconhecimento da sua autoexistência e valorização, percebidas naquelas pessoas, muitas das quais estrangeiras, o reflexo da alteridade.

A produção multirreferencial também se forjou na relação entre a UFBA e a Bartlett. Venceram-se obstáculos inerentes aos choques culturais e aos objetivos acadêmicos específicos entre as universidades, tais como as diferenças metodológicas de abordagem da comunidade, aplicação dos instrumentos, mecanismos e formas de construção dos processos acadêmicos e políticos. As diferenças, divergências e convergências entre a UFBA, a Bartlett e a Gamboa de Baixo fortaleceram o processo e possibilitaram a formulação do cadastro de forma rica e plural.

O produto deste trabalho vai de encontro ao estigma que existe hoje sobre a comunidade, permitindo exteriorizar o reconhecimento que a Gamboa de Baixo já tem de si enquanto comunidade tradicional pesqueira, com hábitos cotidianos passados de geração em geração, fortes laços familiares, um lugar seguro para se viver, como constantemente foi reafirmado por seus moradores ao longo do desenvolvimento do cadastro: “Nós somos uma comunidade negra, pesqueira e pobre. Isso é o que nós somos e devemos ser respeitados.” (Líder comunitário, 2017).

Assim, ainda que não tenha sido possível o levantamento de dados na totalidade da comunidade, diante do universo estudado, podemos afirmar que o maior ganho alcançado pela pesquisa foi evidenciar a íntima relação da comunidade com o território. Seja através das atividades de lazer, seja pelos ofícios de seus moradores, pelas crenças, religiões e tradições, o cotidiano da Gamboa de Baixo ocorre marcado pelo mar.

O caráter tradicional da comunidade de pesca-
dores está presente, é seu meio de sobrevivência. A maior parte do conhecimento que está hoje na comunidade veio de dentro, é tradicional. O conhe-

Salienta-se que o cadastro e as informações coletadas são como peças de um processo maior, que será a luta pela permanência da comunidade e sua consequente regularização fundiária. Mesmo que este estudo em si não seja a ação jurídica do processo de regularização, ele é um importante instrumento para a construção dos documentos necessários para tal. Dessa forma, coloca-se como perspectiva a continuidade da luta pela permanência, porém, para além dela, a luta pelo acesso ao mar, pela possibilidade de continuar desenvolvendo a pesca, sem as interferências ambientais causadas pelos grandes empreendimentos da região.

2.2.6 Referências


GUSTIN, Miracy Barbosa de Souza; DIAS, Maria Tereza Fonseca. (Re)pensando a Pesquisa Jurídica. Belo Horizonte: Del Rey, 2002.


Lei n. 9.148 de 08 de setembro de 2016. Dispõe sobre o Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo do Município de Salvador e dá outras providências. 2016b.


NOTES TO CHAPTER 2.1


3. A oficina contou com 16 participantes. Foram apresentadas 12 fotos, todas relacionadas ao cotidiano da comunidade, a exemplo de fotos de pescadores, do mar, de roupas no varal, das escadarias de acesso à Gamboa, do Forte da Gamboa, entre outras. Em seguida lançaram-se algumas perguntas, das quais destacamos: O que você sente quando vê essas fotos? Qual a memória mais antiga que você tem na comunidade? Você pode citar momentos importantes da Gamboa para você?

4. Dona Rosa é a moradora mais idosa da Gamboa de Baixo, com 103 anos.
3. Ocupação Guerreira Maria do Movimento Sem Teto da Bahia

Occupation Guerreira Maria: experiences and experiments
Ocupação Guerreira Maria: vivências e experimentações

Aline Maria Costa Barroso
Lecturer/Professora
Faculty of Architecture/ Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal da Bahia
Lugar Comum Research Group/ Grupo de Pesquisa Lugar Comum

Leandro de Sousa Cruz
Lecturer/Professor
Faculty of Architecture/ Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal da Bahia
Lugar Comum Research Group/ Grupo de Pesquisa Lugar Comum

[English]

The experience of exchange between students and researchers of educational institutions of different contexts, structures, methodologies and languages, by itself, already provides unlimited learning opportunities. The group of activities developed over two weeks, between April and May 2017, was attended by five FAUFBA students (from different areas and training stages), five other students from the Master in Social Development Practice of the DPU-Bartlett and large numbers of members of the Maria Warrior Occupation.

The articles that follow in this chapter comes as a reflection on the experience and the methodological experimentation. Outputs have even been discussed with the community before being presented in this publication.

We believe that the work developed with Ocupação Guerreira Maria was challenging in at least three different dimensions. A first challenge came from the very condition of the community’s recent occupation, which still sought recognition and, consequently, an understanding of their collective needs and desires.

The other dimension arises from the need to reconcile the objective of the institutions involved in the exchange with the urgent demands of the Movement, with a view to the elaboration of an immediate support mechanism in the legal dispute for the permanence of the occupation because, at the time of this work, a reintegration process was in progress.

Finally, one of the group’s major challenges was the understanding and development of the discipline’s own objective: the collaborative construction of an instrument for collective action. Initially, it was necessary to build a consensus on what would be an instrument, since, due to the diversity of formations and contexts, there were different conceptions for this concept. After this initial discussion, we proceeded to the construction of an understanding of what would be an instrument FOR collective action.

We believe that all the challenges have contributed to the enrichment of this construction process and also to the integration of the group of students, among themselves and with the community. The diverse participatory activities developed were positively evaluated by the inhabitants of Ocupação Guerreira Maria, who emphasized the improvement of their knowledge and recognition as a community.

Finally, it is important to clarify that, although the final objective of the course has not been fully achieved, since the group did not consolidate an instrument, it is understood that there have been advances in the construction of the social cadastre as an alternative instrument to the territorial physical cadastre usually used. In addition, this first contact with Ocupação Guerreira Maria, made possible its visibility within the Faculty of Architecture of the Federal University of Bahia, which led to its integration as one of the areas of work of the students of the third edition of the Residence in Architecture, Urbanism and Engineering (RAU+E).

[Português]

A experiência de intercâmbio entre alunos e pesquisa- dores de instituições educacionais de contextos, estruturação, metodologias e idiomas diferentes, por si, já proporciona oportunidades de aprendizagem ilimitadas. O conjunto de atividades desenvolvido ao longo de duas semanas, entre abril e maio de 2017, contou com a participação de cinco estudantes da FAUFBA (de diferentes áreas e estágios de formação), outros cinco estudantes do Master em Social Development Practice da DPU-Bartlett e grande número de membros da Ocupação Guerreira Maria.
Elaborado pelos estudantes brasileiros, o artigo que segue, intitulado “A luta da Ocupação Guerreira Maria pelo Direito à Cidade”, vem como uma reflexão sobre a vivência e a experimentação metodológica. Tal produto, inclusive, foi discutido com a comunidade antes de ser apresentado nesta publicação.

Acreditamos que o trabalho desenvolvido com a Ocupação Guerreira Maria foi desafiador em, ao menos, três diferentes dimensões. Um primeiro desafio veio da própria condição de ocupação recente da comunidade, que ainda buscava seu reconhecimento e, consequentemente, o entendimento de suas necessidades e desejos coletivos.

A outra dimensão surge da necessidade de conciliar o objetivo das instituições envolvidas no intercâmbio com as demandas urgentes do Movimento, com vistas à elaboração de um mecanismo de auxílio imediato na disputa legal pela permanência da ocupação pois, à época do trabalho, um processo de reintegração de posse estava em andamento.

Por último, um dos grandes desafios do grupo foi o entendimento e desenvolvimento do próprio objetivo da disciplina: a construção colaborativa de um instrumento para ação coletiva. Inicialmente, foi necessária a construção de um consenso sobre o que seria um instrumento, uma vez que, devido à diversidade de formações e contextos, existiam diferentes concepções para tal conceito. Após essa discussão inicial, passou-se à construção do entendimento sobre o que seria um instrumento PARA ação coletiva.

Acreditamos que todos os desafios contribuíram para o enriquecimento desse processo de construção e também para a integração do grupo de alunos, entre si e com a comunidade. As diversas atividades participativas desenvolvidas foram avaliadas positivamente pelos moradores da Guerreira Maria, que salientaram a melhoria do seu conhecimento e reconhecimento enquanto comunidade.

Para finalizar, é importante esclarecer que, ainda que o objetivo final da disciplina não tenha sido plenamente alcançado, pois o grupo não consolidou um instrumento, entende-se que houve avanços na construção do cadastro social como um instrumento alternativo ao cadastro físico territorial usualmente utilizado. Além disso, esse primeiro contato com a Guerreira Maria, possibilitou sua visibilidade dentro da própria FAUFBA, o que acarretou sua integração como uma das demandas de trabalho para a terceira turma da Residência em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia (RAU+E).
3.1 MSTB Occupation Guerreira Maria: Struggling for the Right to the City

3.1.1 Introduction

Brazil has become one of the steadiest economies in South America. According to the International Monetary Fund in 2018 its Gross Domestic Per capita will be one of the biggest in the region growing by 1.5% (IMF, 2017). Despite its growing economy, Brazil also features one of the highest levels of economic and social inequalities worldwide (Somer and Baud, 2013) and millions of Brazilians are faced with housing problems (Zibechi, 2010). Within this context, Salvador located in Bahia, is the third largest city in Brazil and the one with the highest levels of poverty and inequalities in the country (Somer and Baud, 2013). Nearly half of the population of Salvador lives in 242 informal settlements scattered around the city (Belda-Miquel et al, 2016). This research focuses on a relatively new informal settlement called Ocupação Guerreira Maria, located in the periphery of the city, organised by the social movement MSTB—Movimento Sem Teto da Bahia (Homeless Movement of Bahia in English).

In 2016, a group of students of University College London (UCL) and the Federal University of Bahia (UFBA) began the first of a four-year engagement with MSTB. One of the outcomes of the iterative investigation was the agreement to explore a cadastre with social and participatory aspects as a way of consolidating and strengthening MSTB communities (Frediani, Monson and Ossul, 2017). As a continuation, this year MSTB set to co-create a social cadastre together with UCL and UFBA. The aim of this research project is to analyse how the social cadastre developed in collaboration with the occupation can in fact support their claims to the right to the city.

Case study: MSTB and Occupation Guerreira Maria

In 2003, citizens of Bahia struggling for housing gathered to form the largest social movement for housing in the city, the so-known Movimento Sem Teto da Bahia MSTB—Homeless Movement of Bahia in English. The movement, which is ruled by four principles, “Autonomy, Fighting Spirit, Horizontality and Solidarity”, goes under the slogan “Organise, Occupy, Resist” (Belda-Miquel et al 2016). Since its inception, MSTB leaders have affirmed that the right to the city is one of their core claims, the latter being understood as a profound social transformation needed in order to overcome capitalism and the commodification of society (ibid). Similarly, the concept of ‘living with dignity’ is also emphasised by MSTB, entailing that all citizens should be recognised as part of the city structure, and, as such, should have reasonable access to various types of resources such as labour, health, education, and housing, as well as to resources such as participation and access to information (Borja, 2003).

Therefore, the social movement aims to address the deficit of housing that many inhabitants were and continue suffering and draw attention to the large number of vacant and unused sites that prevail in the municipality. According to MSTB if all the vacant buildings in Salvador were utilised it could solve the housing crisis in the city (Frediani, Monson and Ossul, 2017). In order to expose these issues while underscoring their claims, MSTB members occupy vacant buildings and unutilised land around the city. During the interviews conducted as part of the investigation, one of the advisors of the movement, Wagner Moreira, affirmed that MSTB has occupied 34 sights in Bahia and 17 in Salvador to date.

As previously stated, this research has its focus on Ocupação Guerreira Maria, located in the peripheral north of Salvador and close to the border of Lauro De Freitas. Before it was occupied on November 26th 2016, a MSTB architect divided the land into plots to be invaded (see Figure 3.1). This research found that 78 barracks were present in the settlement, 73 of which were occupied by MSTB, with a total of 84 people living in the settlement.

Residents’ profiles in Ocupação Guerreira Maria are similar to those seen in other MSTB occupations, which are described by Belda-Miquel et al (2016, pp. 329-330) as follow:
“Rural migrants arriving in Salvador, new families who want to move from the over occupied houses of their parents but have no access to formal housing; families who have lost or had to sell their houses in other neighbourhoods or occupations; homeless people who were previously living on the streets; and, to a lesser extent, migrants from other cities or countries”.

Similar findings in this research show that nearly 41% of the occupants in the settlement work in the informal sector with very low earnings, while 30% of the occupants are unemployed.

Through our investigation, it was found that in order to make a decision about which land to occupy, MSTB had researched the site of the occupation before actually occupying it and had identified three main characteristics: 1) historically the land was used to mine water although, for at least the past 5 years, it remained unoccupied; 2) the landowner owns other property in the area; 3) 2,800 Minha Casa Minha Vida social housing units were planned to be built directly in front of the site (See Figure 3.2 for photos of the settlements).

The process of occupation encountered several obstacles. On the first day, the landowner had incited fear through firing gunshots in an attempt to remove the people occupying it but unsuccessfully. After clearing the land, a large number of human remains were discovered and it was presumed that the land had previously been a site for illegal activities (See Appendix 3.1: Timeline of occupation).

Most of the occupiers of Ocupação Guerreira Maria come from Bosque das Bromélias, the Minha Casa Minha Vida project located near the occupation, which constitutes the largest social housing project in Salvador comprising of 2,400 units. Minha Casa Minha Vida is the largest social housing programme in Latin America, it was launched in 2009 with the objective of reducing housing problems, stimulating the construction industry as well as providing job opportunities. Nevertheless, Minha Casa Minha Vida has had several critiques in terms of location of the housing projects and accesses to services in the city. As it was seen in the particular case, beneficiaries living in Bosque das Bromélias have faced multiple difficulties due to the lack of accessibility and transport, the excessively small size of apartments, the high cost of rent and bills, the lack of commercial opportunities as well as the lack of basic social infrastructure (Somer and Baud, 2013). In other words, Bosque das Bromélias residents’ right to live with dignity has been denied.

According to interviewee Wagner Moreira, the Ocupação Guerreira Maria is the most organised occupation undertaken by MSTB, developed as a new strategy in reaction to the failures of the Minha Casa Minha Vida Bosque das Bromélias project. In fact, rather than claiming for social housing as they had done in the past, occupants promoted ownership of the land as their goal, as this would allow them to collectively develop their own self-sustaining community. Table 3.1 lays out the policies at the national and local levels directly impacting MSTB’s strategies and plans for occupations.

Figure 3.1. Location of the Ocupação Guerreira Maria (left) and physical map of the occupation site developed during the research process (right).
Figure 3.2. Site of Occupation Guerreira Maria. Source: Chapter authors

Table 3.1. Stakeholders, policies and instruments related to MSTB. Source: Chapter authors

<table>
<thead>
<tr>
<th>Stakeholder/Policy and Planning Instruments</th>
<th>Relevance to MSTB</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>National Level</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
| The City Statute (2001)                    | The City Statute regulates urban development issues. The key concepts used by MSTB are:  
  • The social function of property, that the use of property should cover the ‘needs of citizens in terms of quality of life, social justice, and economic activity’ (Belda-Miquel, Peris and Frediani, 2016, p328).  
  • Democratic management ‘through participation of the public and associations representing the various sectors of the community, which formulate, execute, monitor urban development plans, programmes, and projects’ (Belda-Miquel, Peris and Frediani, 2016, p. 328). |
| Minha Casa Minha Vida “Bosque das Bromélias” Social housing programme | National social housing project that began in 2009 where many of the occupants of Ocupação Guerreira Maria previously lived. |
| New Provisional Presidential Act (PPA) no. 759/2016 | Introduced in 2016 this would allow large-scale privatization of land owned by the Federal Government. It would give property rights indiscriminately, without meeting any criteria regarding social and collective interest, which is in direct contradiction with the City Statute as it would allow repositioning land as a financial asset rather than a social right (Moretti and Frediani, 2017). |
| Local Level                               |                   |
| Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) Urban Development Master Plan in English | Describes how the city will develop and can be used as an instrument for participation. It should be based on professional and local forms of knowledge formed through participatory processes (Somer and Baud, 2013, p.11). |
3.1.2 Methodology

This research was conducted from January to May 2017 by a group of ten students from UCL and UFBA together with professors from both universities. The methodology focused on two processes to build the social cadastre: 1) the process of constructing the physical map and 2) the process of collecting and analysing the socio-economic profile, values as well as aspirations of the occupants. During two weeks, our group went on five visits to the field in order to work with the community. As shown in Table 3.2, during this period of time, we carried out numerous activities such as mapping, interviews and workshops.

The aim of the collaboration was to develop a social cadastre. Although, the municipality of Salvador does have a cadastre used to allocate housing and benefits to its citizens this system remains unsatisfactory, resulting in many people who are in need of housing falling through the gaps. Thus, the co-created social cadastre aims to be used by the occupation to legitimise their claims to the land, strengthen their argument and help them attain legal recognition. Furthermore, in view of the public hearing with the landowner to which occupiers were called to attend on May 19th 2017, days after this research culminated, MSTB planned to use the social cadastre to support their case in this instance and throughout the subsequent legal processes.

The physical map of the occupation was created purposely for the public hearing given that the landowner, being against the occupation, had started a legal process. Throughout the investigative journey, occupants co-learnt with university students through participatory activities, and were able to create the physical map of the settlement following three stages: 1) physical mapping (geo-tracking), 2) identifying and photographing barracks and 3) understanding the right to the city (Figure 3.3). Subsequent to this, another process was initiated which consisted of developing social profiles with the aim of appreciating the history, life stories, dreams and aspirations of community members. In total, five different social activities were undertaken.

In order to understand the scope of the research, various limitations that were faced during the development of the social cadastre should be highlighted. In primis, the language barrier caused inaccuracies in translations. Limited time meant that the social identity information collected was only partial. There were varying levels of participation within the community, and, the idea of co-design a social cadastre initially came from MSTB leaders and university professors without previous consultation with the Ocupação Guerreira Maria’s community. Being this a direct contradiction with MSTB’s principles of horizontality, it was nonetheless overcome through direct consultation with community members before embarking on the process of de facto creating the social cadastre.

---

Table 3.2. Timeline of the Research. Source: Chapter authors

<table>
<thead>
<tr>
<th>Stage</th>
<th>Activities</th>
<th>Jan</th>
<th>Feb</th>
<th>March</th>
<th>Apr</th>
<th>May</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>W1</td>
<td>W2</td>
<td>W3</td>
<td>W4</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Literature Review</td>
<td>Collecting data about Salvador by subject groups</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Analytical framework</td>
<td>Group discussion</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Fieldwork- social cadastre as collective action, methodology and data collecting</td>
<td>Timeline activity + semi structured interviews</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Past experiences and future claims activity</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Internal organization activity</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Field mapping activity</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Geo tracking</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Community definition to the right to the city activity</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Feedback from the community</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Analysing collected data</td>
<td>Structuring collected information</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Presentation</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Report</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
3.1.3 Analytical Framework

Lefebvre’s (1995) conceptualisation of the right to the city has been employed as the central lens of analysis. As a framework for urban governance, the right to the city calls for a radical practice of participation of all inhabitants in decision-making activities as well as of collective self-governing for the production of space (McCann, 2005). According to Harvey (2008), the right to the city is the possibility of fully participating in urban life. While claims for self-sufficiency and self-governance of MSTB are in line with Lefebvre’s formulation, the element of participation is particularly relevant to the case of Brazil as it is also contemplated as an element of urban planning in the City Statute.

To further consolidate our analytical framework, we have drawn on the theory of social justice through recognition and redistribution proposed by Nancy Fraser (2013). This is in line with MSTB’s goals of overcoming capitalism and patriarchy and more critically, as the author had previously stated in an interview, also sees social movements as “the sensors, the canaries in the cave […] where we learn about what injustice is and it is only by knowing what injustice is that we know what justice requires” (Chhachhi, 2011, p.308).

According to Fraser (2013), justice only obtains when there is parity in participation among different social groups, with all participants seen as equal peers in social life. Indeed, misrecognition occurs when the dominant cultural discourse fails to acknowledge differing identities and narratives. Likewise, maldistribution occurs when class structures discriminate among people in terms of resource allocation or when the economy is structured towards certain interests rather than others (Fraser, 2000). An example of misrecognition of MSTB’s community can be found in the allocation of social housing blocks that did not fulfill neither of the individual and basic necessities of dwellers, eventually leading them to abandon the housing blocks and occupy land to build their own houses (Figure 3.4).

Our framework of analysis, considers both recognition and redistribution as fundamental for people’s ability to participate and change the city to live with dignity. Similarly, the right to the city requires full recognition and just redistribution in order to create the city that the community wants, under their own terms. Based on this, the social cadastre precisely intends to create such an opportunity through recognising the community’s diverse identities, their strong sense of unity as well as their understanding of the right to live with dignity and to participate. Nevertheless, it also aims to understand redistribution in terms of land and resource allocation and needs. Below is a diagram of the analytical framework that summarises the points raised (Figure 3.5).
3.1.4 Key Findings

Salvador’s socio-political climate has created multiple social injustices, impacting MSTB’s claims for recognition of their right to the city along with the just redistribution of land and resources. Various factors were taken into account, among which, the contradictions arising between policies at different institutional levels e.g. between the City Statute and the New Provisional Presidential Act (PPA no. 759/16, 2016), as well as the rise in neoliberal ideology and privatisation laws increasingly preventing the social function of property. The Minha Casa Minha Vida programme has shifted from a provision of housing to focus on economic growth through the construction sector. As a result, the land where the occupation is located has changed from rural to urban in just five years. As argued by Somers and Baud (2013), it follows a lack of coordination between the legislation and the practice of social policy in the city and, as a result, projects such as Bosque das Bromélias that are meant to provide social housing, have ended up not meeting the needs of the urban poor, located far from livelihoods opportunities and reproducing rigid typologies that do not respond to the diversity of household compositions of their residents (Amore et al, 2015).

Occupation Guerreira Maria and Recognition

The Minha Casa Minha Vida social housing programme has failed to recognise the beneficiaries’ values and aspirations as human beings together with their right to live with dignity. The misrecognition of occupants of Ocupação Guerreira Maria has hindered their claims for the right to the city. The testimonies of some occupants expressed the following: “[There is] no way I am going back to social housing after all this” (Female occupant, May 2017); “We had no hope in Minha Casa Minha Vida, but the day we occupied this land the hope came again” (Female occupant, May 2017). Similar perspectives came from the MSTB leadership declaring: “The right to the city does not come when the government gives you social housing” (Wagner, Interview, May 2017).

On the contrary, challenging barriers to full recognition require not only the removal of categories possibly creating group differentiation, but also an increase in the visibility of marginal groups to challenge their lower status and associated negative stereotypes (Power, 2012). The social cadastre supports the occupation’s claims through the recognition of their identity, both personal and as community, as well as the relationship they have built with the universities, which help legitimise their demands within their legal battle for the land. Furthermore, the social cadastre reflects their needs regarding values and aspirations, physical space for housing and their understanding of living with dignity. In this context, occupants have expressed how their key requirements for living with dignity are satisfied by means of occupation: “We have to occupy to maintain our dignity” (Female occupant, May 2017).
As demonstrated by the following quotes gathered from occupants, the process of constructing the social cadastre has contributed to the occupants’ self-recognition as human beings without the stereotypical categorisation of ‘poor’ or ‘criminal’: “Being part of the movement [MSTB] has helped in my personal development, I am 57 and have never been involved in anything like this before” (Female occupant, May 2017); “People say that poor people aren’t smart, we can show the authorities that our kids are” (Female occupant, May 2017); “We are making the occupation ours now” (Female occupant, May 2017). Occupants in Guerreira Maria recognise and identify themselves as a community from which none is marginalised or misrecognised; something which is manifested through their values by giving priority to easily accessible plots for the large number of disabled people that are part of the community.

Occupation Guerreira Maria and Redistribution

Dwellers of Ocupação Guerreira Maria have been unable to access the right to the city as a result of the maldistribution of resources by government authorities through Minha Casa Minha Vida. In fact, the use of official cadastres to allocate the social housing units has failed many residents.

The co-created social cadastre was devised to help the occupation via redistribution in three ways. First, the process of producing the social cadastre’s has already aided the internal redistribution of the land, showing how the land was distributed among occupants, and by doing so, it has also increased the understanding of the occupant’s right to the city: “[The right] to come and go – to be free to go – the right to occupy spaces, every Brazilian has this right” (Female occupant, May 2017). In this sense, both community’s claims and broader MSTB’s claims in their struggles for redistribution of land and social transformations are strengthened. Second, the social cadastre evidences that occupants’ claims do not solely concern redistribution of land but also affordable standards of living with regards to rent, water and electricity bills (See Figure 3.6). Third, the physical map is going to be used as evidence in the public hearing to show the lay of the land, the division of the plot and MSTB’s plans for the future.

Context and factors that will facilitate the use of the Social Cadastre

There are a number of factors that will facilitate the use of the social cadastre. In order to continue with the process, among various factors, the motivation of the community plays a critical role. The research found that the occupation is willing to continue using the social cadastre: “We will continue to organise once you leave, we are roofless so we have to stay” (Occupation leader, Interview, May 2017). In addition to this, we consider that their recognition as a collective strengthens their claims and makes their struggle more sustainable.

Context and factors that will hinder the use of the Social Cadastre

Among hindering factors, the landowner has legal claims and power that could undermine the use of the social cadastre. There is a risk of violent and forced eviction from the land, as the landowner has already threatened them in the past with guns. Furthermore, there have been experiences in other occupations of occupants being killed by the police, as Wagner Moreira affirmed: “Everyday someone dies over the struggle for land in Brazil”.

Figure 3.6. Workshop about values and aspirations. Source: Chapter authors
Tension between Recognition and Redistribution and the use of the Social Cadastre

The movement and the occupation share a common vision of the need for more adequate housing for the urban poor in the city, however the process of developing the social cadastre exposed tensions between the immediate practical needs of occupants and a more long-term strategic vision of MSTB. On the one hand, the main strategy of MSTB leadership is to use the social cadastre to demonstrate that informal dwellers are organised and resourceful, thus claiming for more recognition of informal dwellers needs and capacities at a city scale. On the other hand, occupants would like to use the social cadastre as a way of redistributing the land and resources, focusing on their immediate need for housing. As much as this tension is inevitable in a context of housing precariousness, we think that a process of co-production of the cadastre can open space not only to think about practical needs, such as the redistribution of land and resources but also raise awareness of more strategic needs. A co-learning process could create more awareness and interest of informal dwellers, helping them to acquire a housing solution, as well as engaging with MSTB longer-term strategic vision.

Limitations of the Social Cadastre

For further development of the cadastre, it is important to keep the process as open and participatory as possible. For example, some technical skills are needed in the production of the physical map of the land. It is recommended that more training takes place for informal dwellers to engage in this process. Specially so that the map does not rely on MSTB leaders or students but can be co-produced with residents.

Possible Issues to explore next year

For next year’s engagement, it would be insightful to explore how useful has the social cadastre been to the community and to MSTB. Firstly, if it has triggered more learning opportunities around how to make and implement the cadastre within the occupation. And whether occupants have identified other social aspects that could be included in the cadastre. Secondly, if occupants have been able to use it with authorities and in a legal process. Thirdly, if MSTB have identified the need during the year to do social cadastre in other occupations. This could indicate whether the social cadastre model could be transferred and applied to other MSTB occupations in the future. Moreover, there are many social movements collaborating with one another in Salvador, and using this as a bridge to share knowledge and experience within the communities could increase the effectiveness of the social cadastre.

3.1.5 Conclusions

For the occupants of Ocupação Guerreira Maria, the process of urbanisation and the neo-liberal ideology upheld by the government have undermined their recognition and distribution of resources, becoming a barrier to advance the right to the city, particularly in accessing adequate housing which meet their needs. Instruments such as the social cadastre become useful to occupants as a means to strengthen their claims: the right to live with dignity through recognition of collective and personal identities; legitimisation of their claims; and the redistribution of the land and resources within the occupation and to the authorities.

By mapping and identifying their needs as a community, the social cadastre has allowed residents to get involved and take control over their situation. In this first instance, it has showed dweller’s ability to organise and plan internally, and hopefully in the future it can be used as an instrument to advocate for housing, in terms of redistribution of land as well as recognition of dwellers capacities.

This research has provided evidence of the struggles that marginalised groups living in poverty face in achieving adequate standards of living. Social movements, such as MSTB are making a difference in the city of Salvador, by claiming recognition and advancing the right to the city.

3.1.6 Works cited


3.2 A luta da Ocupação Guerreira Maria pelo Direito à Cidade

Débora Marques da Silva Araújo, Elise Cristina Vidotti da Rocha, Jamila Reis Gomes, Leonardo Stanziola, Thiscianne Moraes Pessoa, Membros da Ocupação Guerreira Maria

3.2.1 Introdução

O problema fundamental, na cidade capitalista, está no fato de que a moradia e o solo urbano são tratados como mercadorias e, portanto, constituem bens comercializáveis. Por essa razão, o acesso à moradia e ao solo urbano passam a ser mediados pelas regras que definem o acesso e o uso da propriedade privada. E, como qualquer mercadoria no capitalismo, a moradia e o solo urbano têm valor de uso e valor de troca (LEFEBVRE, 2001).

Muitas habitações situam-se nas periferias distantes, desprovidas dos serviços básicos à vida urbana como saneamento, transporte, saúde, educação. Seus moradores são excluídos, portanto, do direito à cidade, no seu sentido mais amplo, no qual se inclui também a sua produção.

Para Lefebvre (2001), a concepção do direito à cidade não se restringe apenas à prerrogativa de visitar os centros de cidades históricas, ou de o trabalhador passar o dia na cidade da qual foi expulso: trata-se de um direito à vida urbana transformada e renovada. O direito à cidade aponta para o fim das segregações, a reconquista da cidade pelas classes e grupos minoritários dela excluídos (LEFEBVRE, 2001). O presente artigo visa trazer reflexões da experiência obtida em campo, na Ocupação Força e Luta Guerreira Maria, do Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB), localizada nas proximidades da BA-526, em Salvador. A atividade desenvolvida consistiu em uma pesquisa-ação, realizada através de uma estreita ligação entre pesquisadores e participantes, que trabalham juntos, de modo participativo, em busca da resolução para um problema coletivo (THIOLLENT, 1985 apud GIL, 2002).

No caso em estudo, nós, pesquisadores e estudantes da FAUFBa e da DPU-Bartlett, junto aos moradores da Ocupação Guerreira Maria, tivemos como principal objetivo construir um possível instrumento para ação coletiva que contribuísse com a luta pelo direito à cidade das 78 famílias existentes em tal ocupação.

O instrumento para ação coletiva pretende construir mecanismos que proponham estratégias para efetivação da igualdade de direitos, com objetivo do pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, conforme previsto pelo Estatuto da Cidade (Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001), que regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências (BRASIL, 2008).

O ato de ocupar e resistir de forma coletiva e articulada, em uma propriedade que subverte e questiona a ordem legal, é um molde potente de forma a recriar a realidade imposta. Os movimentos de lutas territoriais, tanto urbanos quanto rurais, expõem as mazelas sociais que resultam de um processo estrutural histórico, de um planejamento urbano e regional pautado em projetos de interesses hegemônicos, no qual o direito à terra, ao solo urbano, e, consequentemente, o direito à cidade, são negados para essa população.

Tomando como base tal aporte teórico e a vivência com os moradores da Ocupação Guerreira Maria, o presente artigo visa a apresentar o cadastro social como um instrumento para ação coletiva. Ele está dividido em três tópicos. No primeiro, busca-se compreender a relação do MSTB com o contexto urbano e social e a inserção da Ocupação Guerreira Maria nessa realidade urbana vigente. Em seguida, apresenta-se a metodologia adotada para a construção desse instrumento para ação coletiva. Por fim, no terceiro tópico, apresenta-se um panorama geral das atividades realizadas, buscando responder a algumas questões levantadas e estabelecer uma análise crítica sobre a efetividade de tal instrumento.

3.2.2 Contexto urbano e social

Em meados de 2003, surgiu uma série de ocupações no bairro de Mussurunga. A mobilização e articulação entre elas estimulou a formação de uma assembleia, que deu início ao Movimento dos Sem Teto de Salvador (MSTS) que só ganhou mais notoriedade e visibilidade pública durante uma caminhada, realizada em agosto desse mesmo ano, entre a Estrada Velha do Aeroporto e a Praça Tomé de Souza, no Centro Histórico da cidade (CLOUX, 2008).
A partir daí, o MSTS começou a organizar ocupações em prédios públicos ou particulares e em terrenos desocupados em toda a cidade. Em 2004, o Movimento mudaria seu nome para Movimento dos Sem Teto da Bahia (MSTB), fundado no I Congresso do MSTS (Regimento Interno do MSTB apud CLOUX, 2008).

Ainda segundo Cloux (2008), é importante observar que o MSTB entende que o direito à moradia é apenas um dos pilares que compõem o direito à cidade. O direito de acesso à saúde, educação, lazer, segurança, creche, meio ambiente e emprego também fazem parte da luta do movimento, defendendo a construção das chamadas Comunidades do Bem Viver, que pregam “valores como o ecumenismo, o cooperativismo, o associativismo e a vivência coletiva” (CARDOSO, 2007 apud CLOUX, 2008).

De acordo com o regimento interno do MSTS, existem seis esferas deliberativas dentro do Movimento: Brigadas, Coordenação Local, Assembleia Local, Coordenação Estadual e Congresso Estadual. Porém, no dia a dia, figuram três instâncias: o Núcleo, a Ocupação e a Comunidade (CLOUX, 2008). O Núcleo tem por função a mobilização, o cadastramento e a organização das famílias para possíveis ocupações além da participação em passeatas e ações (CLOUX, 2008). A Ocupação se apresenta como uma ferramenta de luta e resistência pelo direito à moradia, sendo consequência da consolidação do Núcleo. Ele se organiza como a instância de enfrentamento mais direto com o direito à propriedade, consistindo na ocupação de terrenos ou edifícios vazios. A Comunidade, por sua vez, surge no momento em que este direito é alcançado pela Ocupação, e tem como objetivo principal ampliar a própria noção do Movimento com relação ao direito à moradia, ao lutar por uma adequada infraestrutura e pela geração de emprego e renda.

Ocupação Força e Luta Guerreira Maria

A Ocupação Guerreira Maria, localizada na Rua Joaquim Ferreira, nas proximidades da BA 526 – Estrada do Cia - Aeroporto - no acesso Norte da cidade, teve seu início em 26 de novembro de 2016 (Figura 3.7). Ocupa um terreno que se encontrava vazio há cerca de cinco anos, próximo ao Conjunto Habitacional Bosque das Bromélias.

Inicialmente, a ocupação contou com 60 famílias, sendo dividida em duas etapas. A primeira foi formada pelas famílias participantes do Núcleo Força e Luta, compostas, em sua maioria, por antigos moradores do Conjunto Bosque das Bromélias que viviam de aluguel ou de favores na casa de familiares e amigos. Outros integrantes vieram de bairros do Miolo e do Subúrbio da Cidade. A segunda etapa foi marcada pela chegada de doze novas famílias, em março de 2017.

Figura 3.7. Localização da Ocupação Guerreira Maria em Salvador.
Segundo relato dos moradores, no primeiro dia de ocupação houve conflito entre policiais (sem identificação), ocupantes e o suposto proprietário. O ápice do conflito se deu às 21 horas daquele mesmo dia, quando policiais realizaram disparos com o objetivo de amedrontar os ocupantes. Os advogados que trabalhavam na assessoria jurídica do MSTB fizeram as mediações entre as famílias envolvidas e o dono do terreno, perante o episódio de violência gratuita a que o grupo foi exposto. A resistência e o apoio do MSTB e seus assessores, no entanto, reforçaram a permanência dessas famílias na localidade.

A Ocupação Guerreira Maria tem um grau de organização condicionado pela sua formação prévia, vinculada ao Núcleo Força e Luta, e participação ativa na liderança, experimentada com outras ocupações do MSTB. Dentro da assessoria técnica, houve a participação de um arquiteto, que sugeriu a demarcação do terreno em lotes mínimos para a formalização de loteamentos (Figura 3.8), tendo como base a Lei N. 6.766/79 Art. 4, inciso II, cujo teor dispõe que “os lotes terão área mínima de 125 m² e frente mínima de cinco metros, salvo quando o loteamento se destinar à urbanização específica ou edificação de conjuntos habitacionais de interesse social, previamente aprovado pelos órgãos públicos competentes” (Lei N. 6.766/79 alterada pela Lei N. 9.785/99).

Antes da ocupação, realizaram-se reuniões para a sua organização, momentos em que foram debatidas as estratégias a serem adotadas e explicada a forma de delimitação de cada lote individual. Para o controle das famílias, a liderança da ocupação Guerreira Maria elaborou um cadastro prévio. Na distribuição dos lotes entre os moradores, os idosos e Pessoas com Necessidades Especiais (PNE) ficaram próximos à entrada principal do terreno.

A proposta metodológica da criação de um cadastro social foi utilizada como um caminho para construção de um instrumento que reconheça a condição de vida e anseios dos habitantes da ocupação, através de um diálogo sobre seus respectivos históricos de vida individual e coletiva enquanto movimento social. Para tal, houve um contato prévio com a comunidade antes da montagem de nossa equipe, no qual foi possível apresentar a ideia de uma ação colaborativa entre a Universidade e o Movimento Social, uma aproximação territorial e pessoal, criando um laço de confiança no trabalho que seria desempenhado.

A proposta do cadastro social foi elaborada de forma que não o reduzisse somente a uma racionalidade técnica. Isso porque envolve dimensões afetivas, saberes, modos de vida, histórico dos moradores e da ocupação, ao pensar em espaços propensos ao bem-viver, alternativas sociotécnico-políticas no modo de produzir o espaço urbano de forma a fugir da lógica hegemônica.
O cadastro sugerido apresenta-se como uma proposta mais completa, diferindo daqueles realizados pelos órgãos públicos e até mesmo pelas lideranças e parceiros do MSTB, que apresentam basicamente dados relacionados à configuração socioeconômica da população.

Durante as atividades participativas propostas, foi possível identificar algumas das principais reivindicações e anseios dos moradores, tais como o direito à moradia, ao lazer, aos serviços básicos de educação, saúde, transportes, infraestrutura etc. Para isso, adotou-se uma metodologia que se adequasse ao curto tempo de atuação que nós, pesquisadores, tivemos na Ocupação.

### 3.2.3 Metodologia

O presente artigo foi realizado com o levantamento de material bibliográfico e documental, entrevistas semiestruturadas, atividades participativas, além de pesquisas de campo, com registro fotográfico e georreferenciamento territorial por meio do aplicativo Geo Tracker, de modo a coletar informações sobre a referida área de estudo.

A partir da primeira visita à ocupação, buscou-se compreender, através de uma roda de conversa, um pouco da história dos moradores e sua relação com o MSTB, além de apresentar nossa equipe de trabalho e o período de atuação com a comunidade (15 dias). Era necessário saber das expectativas dos moradores em relação ao trabalho a ser desenvolvido conjuntamente com a comunidade e como este se desenvolveria. A partir dessa reunião, optou-se pela construção de um instrumento de auxílio à ocupação, que pudesse ser utilizado nas mesas de negociações, perante o Governo do Estado e o Município de Salvador, definido como o “Cadastro Social”.

Dessa forma, fez-se necessária a formulação de uma metodologia participativa para o levantamento de dados e a realização de uma prévia leitura comunitária da ocupação. Tal leitura funcionaria como o primeiro passo para a formulação e criação do Cadastro Social e, para isso, tornou-se imprescindível a realização de algumas atividades:

- Rodas de conversa e entrevistas com roteiros semiestruturados com as famílias envolvidas, para conhecer o histórico da ocupação (processo de ocupação do território, como os moradores conheciam o MSTB e a liderança da Guerreira Maria, e onde moravam antes de chegar à Ocupação);
- Visita em campo, para mapeamento interno da ocupação e renumeração dos barracos;
- Levantamento das principais atividades e dos serviços utilizados no entorno;
- Análise documental da Ocupação Guerreira Maria;
- Realização de oficinas participativas com os moradores da ocupação.

Dentre as dinâmicas desenvolvidas nas oficinas participativas, que deram início à construção coletiva do diagnóstico, foram realizadas cinco atividades: a Linha do Tempo; a Oficina dos Sonhos, Aspirações e Valores; a Organização Interna da Ocupação; Oficina do Direito à Cidade; e o Cadastro Físico.

A atividade da Linha do Tempo objetivou compreender o processo de formação e construção da Ocupação Guerreira Maria e seus principais marcos. Por meio dessa atividade, os moradores criaram um painel com os eventos mais marcantes desde o início da ocupação, evidenciando os potenciais da organização coletiva (Figura 3.9).

Na Oficina dos Sonhos, Aspirações e Valores (Figura 3.10) foi possível reforçar as aspirações, sonhos e desejos, tanto individuais como coletivos, das famílias da ocupação. Foi possível observar que existem desejos individuais, mas que não se sobrepõem ao desejo coletivo pela conquista da moradia aliada à implementação do direito à cidade. É de entendimento geral que a luta coletiva tem como meta a permanência de todas as famílias no território ocupado. No entanto, dentro da própria discussão em grupo e também em conversas isoladas, alguns moradores manifestaram o interesse em ser realocados para apartamentos em Conjuntos Habitacionais próximos, enquanto outros demonstraram a preferência pela posse do lote no território da Ocupação. A experiência de ocupar um terreno com um suposto proprietário lançava certa insegurança sobre os rumos futuros dos moradores, entretanto, recentemente, na esfera jurídica, houve uma alteração de processo que assinala uma chance maior de legalização da ocupação.

Na atividade para entendimento da organização interna da Ocupação (Figura 3.11), percebeu-se a força da liderança na tomada de decisões, ao mesmo tempo que ficou evidente sua centralidade hierárquica. Nos relatos da oficina, observou-se que as decisões mais importantes são tomadas pela liderança da Ocupação em conjunto com as lideranças do MSTB e comunicadas aos demais ocupantes.

Outra observação vem do fato de que o aparente imprevisto dos barracos – construídos com madeirute, lona e sobras de outros materiais – contrasta com o desejo rigoroso da delimitação de “parcelas” dentro da Ocupação como um todo. Ainda que muitos moradores se mostrassem dispostos, de imediato, a começar a construção de suas casas em alvenaria, a liderança controla os investimentos despendidos pois leva em conta os avanços e rejuva na negociação com os supostos proprietários, na esfera jurídica. Por isso, acreditava-se que, mais importante para aqueles primeiros meses, era reforçar a organização interna e a constituição das “parcelas” e da reserva de espaços de uso coletivo dentro da Ocupação.

---

Análise documental da Ocupação Guerreira Maria;

A oficina Direito à Cidade (Figura 3.12) pretendeu apreender o significado e importância da luta pelo direito à cidade para os moradores. Sabe-se que o direito à cidade extrapola o direito à moradia. Mas, no início dessa oficina, alguns ocupantes afirmavam: “Não temos direito à cidade”; “A gente tá abandonado”; “Direito à cidade é ter direito à moradia”. No decorrer das atividades, as formas de apropriação e utilização da cidade foram sendo demonstradas pelos próprios moradores, reafirmando a importância da luta por esse direito e seus diferentes pontos.

Por último, a realização do Cadastro Físico da Ocupação (Figura 3.13) – o que incluiu o levantamento do perímetro de cada lote – permitiu entender como os moradores estão organizados espacialmente. A partir disso, foi possível perceber que as diretrizes de loteamento inicial nortearam a divisão feita na ocupação, mas não foram executadas em sua totalidade.

Isto não altera nossa percepção sobre o nível de organização da Ocupação, pois basta lembrarmos que o desenho inicial do loteamento não previa a ocupação realizada na segunda etapa, quando foram incluídas mais 12 famílias.

Outro produto interessante dessa última atividade foi o levantamento preliminar dos saberes e ofícios dos moradores, não somente de suas ocupações/profissões formais. Essa informação pode contribuir para o reconhecimento e/ou ampliação do papel de cada morador no processo de consolidação da Ocupação.

Através dessa atividade também percebemos que as relações de vizinhança entre os ocupantes, até aquele momento, ainda não estavam totalmente fortalecidas, pois na ocasião do levantamento do perímetro dos lotes, também se questionou se os vizinhos se conheciam, e muitos não sabiam, de fato, quem era a pessoa que morava ao seu lado. Concorrem para isso as constantes alterações no desenho e na composição das famílias que ocupam o terreno, considerando que esses primeiros meses, apesar de toda a preparação anterior, na instância do Núcleo, são momentos de muitas alterações.

As atividades desenvolvidas nas oficinas participativas foram fundamentais para a nossa compreensão sobre a realidade da ocupação, além da aproximação entre os moradores e o fortalecimento do grupo da ocupação Guerreira Maria. De acordo com os moradores presentes nas oficinas, a atuação da Universidade foi considerada uma grande conquista e motivação para a comunidade, pois ajudou a fortalecer o espírito de coletividade que havia se “perdido” entre eles desde a construção dos barracos no começo da ocupação.
O fortalecimento da ocupação, a importância do apoio do MSTB e a responsabilidade das famílias nas atividades coletivas foram fatores ressaltados em todas as oficinas. Com isso, a organização da ocupação e as normas estabelecidas para o seu funcionamento constituem pontos que chamaram nossa atenção. Apesar da recente formação da Ocupação, sua liderança e muitas pessoas envolvidas possuem uma rica trajetória na luta pelo direito à moradia e à cidade.

As atividades serviram para uma maior reflexão dos moradores no processo de conquista, não apenas da moradia interna na ocupação, mas também dos seus direitos quanto à apropriação e utilização da cidade como um todo.


3.2.4 Considerações finais

A construção de um instrumento para ação coletiva é uma tarefa complexa que traz consigo uma série de questões: que instrumento contribuiria para a luta dos moradores da Ocupação Guerreira Maria pelo direito à cidade? Como deveria ser feita a implementação efetiva do respectivo instrumento junto à ocupação? E quais impactos este instrumento poderia ter sobre as políticas públicas?

O papel da Universidade junto à ocupação foi de auxiliar o processo de construção do instrumento já iniciado pelas famílias envolvidas, em que a integração do conhecimento empírico e acadêmico trouxe uma troca de saberes entre os ocupantes e a universidade. Diante disso, o cadastro social seria um instrumento para ação coletiva com intuito de corroborar a organização interna da ocupação, firmando a comunidade no território e auxiliando na busca pelo direito à cidade. Esse auxílio se torna possível, pois o instrumento tornará visível a “identidade” da comunidade, apresentando-se como um “raio x” da ocupação, de suas características e suas necessidades.

Com isso, esse cadastro social, até o presente momento, viabilizou uma compreensão da percepção dos próprios ocupantes sobre o direito à cidade e quais os seus reais objetivos junto à Ocupação e ao Movimento. O cadastro pode ser também um instrumento para auxiliar o MSTB na construção da Comunidade do Bem Viver, pois esta apresenta os potenciais presentes na ocupação quanto aos saberes e aos ofícios, além de evidenciar as multiplicidades presentes no interior da ocupação, as diferentes culturas e religiões.

Ao finalizar este trabalho, considera-se que a experiência foi bastante enriquecedora. E, por acreditar que a pesquisa científica bem como a luta pelos direitos dos próprios ocupantes sobre o direito à cidade são de extrema importância, é fundamental que haja a continuidade de tal pesquisa, com a ampliação dos potenciais presentes na ocupação quanto aos saberes e aos ofícios, além de evidenciar as multiplicidades presentes no interior da ocupação, as diferentes culturas e religiões.

NOTES TO CHAPTER 3.2

1. O número apresentado corresponde ao levantamento feito no início das atividades realizadas pela FAUFBA e DPU-Bartlett, o que já não corresponde à realidade atual, devido às dinâmicas internas da própria Ocupação: desistência de algumas famílias, inclusão de novos membros etc.
2. Um dos maiores conjuntos habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) da cidade de Salvador, com capacidade para atender a 2.600 famílias, inaugurado em novembro de 2011.
3. O Miolo de Salvador é a região compreendida entre a BR-324 e a Avenida Luís Vianna Filho. É chamado de miolo por estar situado no centro geográfico do Município.
4. O Subúrbio Ferroviário localiza-se entre a BR-324 e a Baia de Todos os Santos e Península de Itapagipe. É conhecido por Subúrbio Ferroviário por conta da linha de trem urbano que corta a região.
6. Software simples para georreferenciar o percurso de trilhas, possibilitando o levantamento das coordenadas de cada ponto e o seu nível em relação ao nível do mar. É importante destacar que o aplicativo viabiliza a exportação dos dados para o software Google Earth. Tal fato propiciou seu uso na atividade de mapeamento da Ocupação. Apesar de ser um aplicativo de fácil acesso, podendo ser instalado em qualquer aparelho de celular Android, necessita de um conhecimento prévio em Georreferenciamento para transferência dos dados para o Google Earth.
7. Nomenclatura adotada pelos próprios ocupantes para se referir às suas habitações.

3.2.5 Referências


If, in the first edition of the joint work between UCL and UFBA, the interest was to understand the role and importance of Acervo da Laje (AdL) as a form of resistance to the processes of invisibilization of the Subúrbio Ferroviário (SF), this time, the work looks at the ways and means by which one could (or would try) to stimulate the strengthening of the common bonds of the residents of the neighborhood. In this sense, the AdL could become a point of mediation and irradiation that would expand from São João do Cabrito to SF.

Already in the first edition of the exchange, and more specifically, during the preparatory period of the second edition, it was clear by observing the place, that intense and incisive transformations were changing the neighborhood. The “requalification” of its border and the consequent increase of local property value; the “requalification” of Rua dos Ferroviários; the proposal of the City Hall for a Fish Market; the loss of springs; more recently, the progressive and aggressive occupation of the Morro de Plataforma through a housing complex; and even the proposal for the new suburban train are some of the examples of this change.

From this scenario, some questions have arisen: Why do the population seemingly reflect little concern about these changes? What does the local population really know about the history of the neighborhood? To what extent can knowledge of their “history” and “memory” help in strengthening the community and their identification with the Subúrbio Ferroviário?

Clues that may help answer some of these questions are related to the lack of organization and / or demobilization of the community itself. According to José Eduardo (Interview, 2017b), there is no representative Association of Residents and the (bad) experiences of these groups had provoked disinterest, distrust and disenchantment of the population with their "representatives”. In a way, this is also evident among the various associations / institutions in the area; that is, it can be observed in general that there is a limited relation between them. In addition, José Eduardo drew attention to the fact that the older residents are dying, taking with them part of the memory of the Subúrbio Ferroviário.

Thus, reflections on the search for an instrument for collective action have turned to ways of preserving such memory.

Among the various possibilities, it was decided to produce a series of videos. These would have at least three functions: they would make records of perspectives of the older residents, indicated by Jose Eduardo and Vilma; would help publicize AdL’s activities through social networks; and would serve as a first experience of rapprochement between residents and institutions / associations.

This proposal made possible some reflections about heritage. Not the heritage declared institutionally, in a top-down manner and sometimes estimated without taking into account the opinion of the residents, that is, without popular participation.

The future work of the exchange may be aimed at identifying and building a "common heritage", horizontal, participatory...The challenges are not few, but the start has already been given.
vez, o olhar se voltou para as formas e modos com os quais se poderia (ou tentaria) estimular o fortalecimento dos laços comuns dos moradores do bairro. Nesse sentido, o AdL poderia se converter em um ponto de mediação e irradiação que se expandiria de São João do Cabrito ao SF.

Já na primeira edição do intercâmbio e, mais especificamente, durante o período preparatório da segunda edição, ficava claro, a partir do observado no local, que intensas e incisivas transformações estavam mudando o bairro. A “requalificação” da orla e o consequente aumento do gabarito do local; a “requalificação” da Rua dos Ferroviários; a proposta da Prefeitura para um Mercado do Peixe; a perda das nascentes; mais recentemente a progressiva e agressiva ocupação do Morro de Plataforma através de um conjunto habitacional; e ainda a proposta para o novo trem do subúrbio são alguns dos exemplos dessa mudança.

A partir desse cenário, surgiram alguns questionamentos: Por que a população aparentemente reflete pouca preocupação em relação a essas mudanças? O que ela conhece de fato sobre a história do bairro? Até que ponto o conhecimento da sua “história” e “memória” pode ajudar no fortalecimento da comunidade e da identidade com o subúrbio?

Pistas que podem ajudar a responder a algumas dessas questões estão relacionadas com a falta de organização e/ou desmobilização da própria comunidade. Segundo José Eduardo (Entrevista, 2017b), não existe uma Associação de Moradores representativa e as (mãs) experiências desses grupos haviam provocado o desinteresse, a desconfiança e o desencanto da população com seus “representantes”. De certa forma, isso também se torna evidente entre as diversas associações/instituições da área; quer dizer, pode-se observar, de maneira geral, que existe uma limitada relação entre elas. Além disso, José Eduardo chamou a atenção para o fato de os moradores mais antigos estarem morrendo, levando com eles parte da memória do subúrbio.

Assim, as reflexões sobre a busca de um instrumento para ação coletiva se voltaram para as formas de como preservar tal memória.

Dentre as diversas possibilidades, optou-se pela elaboração de uma série de vídeos. Estes teriam, no mínimo, três funções: possibilitariam registros com alguns dos moradores mais antigos, indicados por José Eduardo e Vilma; ajudariam na divulgação das atividades do AdL através de redes sociais; e serviriam como uma primeira experiência de aproximação entre moradores e instituições/associações.

Tal proposta possibilitou algumas reflexões em torno do patrimônio. Não aquele patrimônio declarado institucionalmente, vertical e, por vezes, estimado sem levar em consideração a opinião dos moradores, ou seja, sem participação popular.

Os trabalhos futuros do intercâmbio podem estar voltados para a identificação e construção de um “patrimônio comum”, horizontal, participativo... Os desafios não são poucos, mas o start já foi dado.
4.1 Videos in the suburbs: Challenging stereotypes in Subúrbio Ferroviário to promote inclusive citizenship

4.1.1 Introduction

Subúrbio Ferroviário: In the periphery of Salvador

Located in the north-western end of Salvador, Subúrbio Ferroviário is a peripheral region that covers an area of 2,684 hectares along the train line from Plataforma to São Tomé de Paripé (Figure 4.1). Originally, traditional fishing communities inhabited it, but significant demographic changes over the past thirty years caused squatters and low-income working class to arrive in large numbers to seek a settlement alternative to the city centre, where living costs have become less affordable. The influx of impoverished residents—mostly from African descent—has caused mainstream society to stigmatise the area (Smith, 2016). A disproportionate amount of literature and discourses on Subúrbio Ferroviário is dominated by negative connotations. In fact, the word ‘periphery’, which is used to describe the 22 neighbourhoods in the area, implies low-class status and is associated with high levels of violence and crime. Frequent negative media portrayal has exacerbated an aura of fear and avoidance, causing adverse impacts on development processes (Johnson, 2012).

In this context, our research aims to understand how instruments for collective action, such as videos in our case, can support marginalised groups in Subúrbio Ferroviário to advance their claims for the right to the city in Salvador, Brazil. This chapter elaborates the findings of our research and argues that the strategic use of videos has the potential to strengthen the group’s digital presence, expand their reachability and increase public engagement to seek justice, recognition, solidarity and self-determination in the struggle to achieve inclusive citizenship.

Acervo da Laje

Acervo da Laje is an arts and cultural organisation located in the Plataforma area of Subúrbio Ferroviário. José Eduardo Ferreira and his wife, Vílma Soares, established it in 2011. Acervo da Laje claims to promote the beauty, value and complexity of the peripheral area by working against the invisibility of local arts, history and memory; challenging the stereotypes of violence and destitution; providing a safe space from violence for youth; and preserving the heritage and memory in Subúrbio Ferroviário (Ferreira, 2017). Acervo da Laje performs its activities in two houses. The first house serves as a showroom to display various art pieces both from inside and outside Subúrbio Ferroviário, while the second is used to host activities, workshops and visits. Past and current projects include workshops, exhibitions and festivals.

Social and Policy Context

Due to the location of Subúrbio Ferroviário, connectivity with the city centre is crucial for its inhabitants, but it is also a current source of contention. There are four primary means of transportation to reach the area: car, bus, boat and train. However, infrequency, insecurity and lack of maintenance have adversely affected its accessibility. In 2011, the state ratified a refurbishment project for the train line to replace the current outdated technology.
Collective Practices, Instruments for Collective Action and the Right to the City in Salvador, Bahia

with a high-speed rail called *Veiculo Leve sobre Trilhos* (VLT), to connect *Calçada*, located in the central part of Salvador, to *Paripê*, located in the northern part of Subúrbio Ferroviário. The new train falls in line with one of the objectives of Salvador’s *Urban Development Master Plan* (PDDU) to improve connectivity and greater mobility within the city (PDDU, 2008). Nevertheless, Subúrbio Ferroviário is named after the original railway and local residents consider it as an inseparable part from the area and thus as an important heritage to preserve.

Another objective of PDDU is to make the city an attractive place to live. In fact, it seeks to restructure not only mobility, but also housing, so as to promote economic, social and urban sustainability. Particularly within Subúrbio Ferroviário, the Coastal Regeneration Project strives to provide leisure and fishing spaces (PDDU, 2008). *Acervo da Laje* leaders have expressed concerns that this might devaluate the historical beauty of the area by focusing only on the aesthetics without considering the meanings, stories and symbols shaped by the people who live there (Ferreira, 2017).

Although Salvador has experienced moderate economic growth between 2011 and 2015, it is still considered as one of the poorest states in Brazil, with poverty rates as high as 50% in some areas (Sewidan, 2015). The peripheral areas, in particular, have gained negative reputation as violent and poor. The PDDU attempts to tackle some of these challenges by encouraging modernisation, yet this has often resulted in a selective modernisation benefitting only specific social groups, thus further widening inequality (Howard et al. 2016).

### 4.1.2 Methodology

The research was conducted in a five-month period from January to May 2017. Table 4.1 outlines the research timeline conformed by six main steps. We began by performing a desk research to review existing literature in order to understand the Brazilian economic and socio-political context. Subsequently, we collected relevant secondary data to develop our analytical framework. The primary data collection started at the end of April in collaboration with our co-researchers from the Faculty of Architecture of the Federal University of Bahia (UFBA).

We carried out five field visits in total (See Table 4.2), performing two transect walks, twenty semi-structured interviews and two focus group discussions with community leaders, collaborators and local residents to gather footages for video production. Following the production, we took part in an interview with *Suburbana FM*, a local community radio in Plataforma, to communicate our research activities and promote our video-screening event as shown in Figure 4.2. We then held the screening activity in order to gain feedback from the community and open up conversations. 41 students aged 11-14 from *Andre Reboucas Municipal School* and 13 community members attended the event, including local residents, teachers and social workers. The feedback and reflection from the screening event were incorporated into our videos.

Time constraints limited our research scope to include only two particular areas close to Acervo da Laje within Subúrbio Ferroviário: São João do Cabrito and Plataforma.

### Table 4.1. Research timeline. Source: Chapter authors

<table>
<thead>
<tr>
<th>Activity</th>
<th>January</th>
<th>February</th>
<th>March</th>
<th>April</th>
<th>May</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>1 Literature research</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
</tr>
<tr>
<td>2 Secondary data collection</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
</tr>
<tr>
<td>3 Field visits and primary data collection</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
</tr>
<tr>
<td>4 Video-making</td>
<td></td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>5 Analysis</td>
<td></td>
<td></td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>6 Video screening and discussion with community</td>
<td>✔️</td>
<td>✔️</td>
<td></td>
<td>✔️</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
Table 4.2. Date, activities and information collected during the field visits. Source: Chapter authors

<table>
<thead>
<tr>
<th>Date</th>
<th>Activities</th>
<th>Type of information collected</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>1</td>
<td>May 3rd Visits to houses 1 and 2. Transect walks throughout Subúrbio Ferroviário.</td>
<td>Understanding about Subúrbio Ferroviário and its people.</td>
</tr>
<tr>
<td>2</td>
<td>May 4th Interviews in house 2 to community leaders and collaborators of Acervo da Laje.</td>
<td>Their view about Acervo da Laje's work, its connection to heritage and the right to the city.</td>
</tr>
<tr>
<td>3</td>
<td>May 6th Interviews of people in the streets, homes and restaurants of Subúrbio Ferroviário.</td>
<td>Their knowledge about Acervo da Laje, Vilma and Eduardo, heritage and the right to the city.</td>
</tr>
<tr>
<td>5</td>
<td>May 11th Video screening to child and adults. Debriefing with community leaders.</td>
<td>The community's view of heritage. Their opinion about the IFCA.</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Figure 4.2. Video screening with local residents of Subúrbio Ferroviário. Source: Chapter authors
4.1.3 Analytical Framework

The starting point of our analysis is the concept of right to the city originally proposed by Henry Lefebvre (1995), and more recently picked up by social movements to challenge neoliberal urbanism. According to Harvey (2003), the right to the city is a common, rather than individual right, to be achieved collectively in order to reshape the urbanisation process. In other words, a city is not merely constructed through the will of the rich and powerful, but by all residents involved in urban decision-making to redefine and change the city on their own terms (Harvey 2003; Lefebvre 1995). In the case of Acervo da Laje, the right to the city is about having the right to determine what is important to them, including local heritage and culture. The importance of heritage to the right to the city is that it establishes a collective identity through recognition and community memory to allow the local community to shape Subúrbio Ferroviário according to their own terms.

Findings were analyzed using the framework of inclusive citizenship delineated by Naila Kabeer. According to Kabeer (2005), although various groups experience exclusion in different ways, there are common values associated with citizenship and people’s relations. As those who have experienced exclusion convey these values, they also provoke thinking about what an inclusive society looks like.

Kabeer (2005) proposed four values of inclusive citizenship (Figure 4.3), namely:

- Justice as in notion of fairness when treating people in the same way or differently;
- Recognition as full persons and full citizens while respecting differences;
- Self-determination to have a certain degree of control over life experiences; and
- Solidarity to identify with others and to work together in claiming justice and recognition.

Our framework considers the degree of inclusive citizenship as being affected by claims of social groups to their right to the city. According to Harvey (2003), cities are shaped by political and economic elites, while in order for excluded groups to fully exercise their citizenship rights, it is necessary for them to claim their right to the city by participating in the process of change and by becoming the protagonists of these changes.

Instruments for collective action

As the leaders of Acervo da Laje expressed the need to strengthen their digital presence in order to target youth more effectively, we produced a series of five videos to support their claim to the right to the city. The themes of these videos are in line with the group’s commitment to increase community awareness about issues related to their work, education, heritage and memory and right to the city. These videos are designed as tools for communication, co-learning and collaboration using the approaches outlined in Table 4.3. While Acervo da Laje has previously created a YouTube channel and published 23 videos, our videos include the views of, and are targeted to, local community members of Subúrbio Ferroviário to inspire reflection and action. These videos will be disseminated through digital media platforms and screening events.
In order to ensure that the produced videos could support Acervo da Laje in advancing their claim to the right to the city, four conditions should be met. First, the supporting facilities and infrastructure, such as technological equipment and Internet access has to be in place to enable future video production and screening events. Second, because Acervo da Laje has limited resources, it must determine priority issues and establish partnerships with relevant parties having the capacity to support the video production and dissemination. Third, to ensure that the videos are used as an instrument for collective action, screenings must be followed by a discussion to allow reflection, sharing and critical thinking. Finally, as video shelf life tends to be relatively short in this increasingly digital age, Acervo da Laje must make a tangible commitment to produce new material on a regular basis. The videos are not meant as the only means to trigger collective action, but rather as an entry point to initiate constructive dialogue.

4.1.4 Key Findings

According to our interviewees, residents feel that they can be discriminated for living in the ‘periphery’. For example, they see this could affect their opportunities to access jobs. During an interview, one leader of Acervo da Laje mentioned: “Sometimes if you look for a job in the city and you tell them you are from the periphery, you do not get it because it [Subúrbio Ferroviário] is perceived to be far away” (Souza, community leader, May 2017).

Many residents oppose to the construction of the VLT, even if supposed to improve access and connectivity, because they “do not want the area to be just like any other areas of the city… [where] everything is the same” (Interviewee, May 2017). In fact, not only will the VLT make Subúrbio Ferroviário lose its unique identity, but it will also increase transportation cost six-fold. In an interview, a resident mentioned: “The train is not expensive, but I still cannot afford it” (Interviewee, May 2017). Crucially, the work carried by Acervo da Laje to preserve the original train as a heritage is connected to the fact that it is part of the daily life of Subúrbio inhabitants. Therefore, looking for ways in which inhabitants can remain in the area Acervo da Laje works on cultivating positive discourses and memories of Subúrbio Ferroviário so as to challenge mainstream narratives and stereotypes about the area and its residents. Through art, it provides a mechanism of democratisation by creating access to culture for the local residents. Additionally, it preserves the culture of the periphery, seeking to avoid a segregated city where the centre is dominated by discourses of the powerful minority.

The videos can serve as an extension of the work of Acervo da Laje in creating a fairer narrative and can initiate an alternative discourse to change perceptions about Subúrbio Ferroviário. These are also a tool for the community to offer a positive narrative affirming their equality to those who live in the city centre. Hence, the videos have the potential to enable residents in exercising their rights as citizens and to co-create the discourses in their city. In relation to citizenship, this translates into an opportunity to take part as social and political actors in the production of beauty and meaning, regardless of economic status (Ferreira, 2017).

Recognition

The videos can support the work of Acervo da Laje in raising awareness about the importance of local heritage and memory so as to gain positive recognition about their area. They create positive narratives and appreciate the unique values of its residents as claimed by a local resident claimed during an interview: “I feel that Plataforma is well seen by the people because it has a unique history. Acervo can help tell the story of our neighbourhood” (Interviewee, May 2017).
Furthermore, the cultural exchange process during the video screening can enable local residents to enrich their perception about their neighbourhood. A school teacher said: “It is important to know that people from other countries are here, valuing what we have, (...) the beauty of our culture” (Interviewee, May 2017). She concluded: “The kids are leaving today with a deeper appreciation of the neighbourhood because they see you are giving importance to what they have” (ibid). In other words, the presence of outsiders can help local residents value the beauty in their community.

However, while the videos might raise a sense of pride in the local culture, pride itself does not necessarily translate into the willingness to live there. One resident during an interview noted: “I do not like living here, but I do it out of necessity. I worked with the community many years, so what you are seeing here today is a result of hard work” (Interviewee, May 2017). Nevertheless, the videos are a step closer to the creation of new memories about “re-making the city in a different image” (Brown and Kristiansen 2009). Through this video, Acervo da Laje can use the concepts of heritage and memory to create new social relations that promote inclusive participation in defining the urban.

Self determination

One of the fundamental rights for urban inhabitants sustains that citizens should play a central role in any decision that contributes to the production of any urban space (Lefebvre, 1995). Hence, the designation and preservation of heritage sites should involve consultations between the state and the people. Nevertheless, generally the designation of heritage sites tends to conform to state ideologies (den Boer, 2010). In Salvador, this is evident as the state government determines what classifies as heritage through the Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC)—Artistic and Cultural Institute of Bahia in English—with little to no involvement of citizens. Such a top-down process is problematic as it prevents citizens from exercising their right to participation and from playing a central role in any decision that contributes to the production of urban space (Lefebvre, 1995).

The videos can be a tool to help the community explore how heritage and memory construct identity. In a way, this tool provides community with an avenue to participate by defining the heritage and identity of Subúrbio Ferroviário from below. The “heritage from below” concept challenges the dominant discourse of heritage being defined by the elite, allowing the local community to envision and define what heritage means to them (Robertson, 2008). For example, during the video screening some children pointed to the train, old factory building and waterfall as things that are unique to Subúrbio Ferroviário and should be considered as part of its heritage. In a way, the video screening, provided a space for the community to reflect on and use heritage to re-imagine the city. By doing so, the community validated the claim that they are also part of the city and deserve to influence decision-making.

Moreover, the videos helped Acervo da Laje mobilise the community to preserve local art and heritage. When there is a collective memory identifying what is important to the community, instruments such as videos may have the potential to inspire people to make use of available institutional avenues. For example, Article 216 of the Federal Constitution of Brazil mentions that the Brazilian cultural heritage consists of the assets of material and immaterial nature, which taken individually or as a whole, bear reference to the identity, action and memory of the various groups that form the Brazilian society (Constitution of the Federative Republic of Brazil, 2010). In this sense, the produced videos can enable Acervo da Laje to collectively identify the local heritage and memory of the community as well as to make use of legal mechanisms to reinforce such claim.

Solidarity

Heritage and memory allow self-reflection of the past, present and future, which is central to knowledge production, to the understanding of history and modernity, as well as to place-making and decision-making processes (Sham, 2015). While academics and policy makers acknowledge the importance of heritage and memory, these are not necessarily a priority for those who have more pressing concerns related to the fulfilment of basic needs. When people are too preoccupied with their day-to-day lives, they might fail to notice the importance of other valuable things in their community until it is too late. During an interview, a school-teacher remarked: “They are taking away the train because we let it happen” (Interviewee, May 2017); meaning that had they identified its importance earlier, they could have fought harder to keep it.

The work of Acervo da Laje on heritage and memory can contribute to shaping collective consensus for building a sense of pride in their identity and community. Even with limited resources, to a certain extent, has managed to broaden the perspectives of community members, especially those living in close proximity to their area of influence. While conducting interviews, we noticed that those who have taken part in the activities in Acervo da Laje have a much better understanding of the importance of heritage and memory as compared to those who have not. Although not all the people we interviewed have taken part in the work of Acervo da Laje, all of them mentioned they believed in its importance. A local resident who lives next to one of the Acervo da Laje’s houses commented: “Everything children find around, they bring it to Acervo as a thank you for the work they do... Because it is a living memory and culture. Without culture, there is nothing left” (Interviewee, May 2017). The video making and screen-
ing process can therefore serve as a way to bring people together, initiate dialogue, and foster solidarity to affirm their right to the city as a collective.

4.1.5 Conclusions

The right to the city is not only about the right to use the city, but also about the right to shape it (Lefebvre, 1995). While the link between heritage and right to the city might not be explicit, the latter can provide a powerful approach to create a sense of collective identity. Such identity is essential, particularly for powerless groups, to come together and amass a greater force in their attempt to ensure inclusiveness and claim their right to the city. For Acervo da Laje, heritage is tied to recognition, whilst the idea of memory is tied to community. Their work therefore underpins the will for residents of Subúrbio Ferroviário to be able to participate in the new urban city. This entails having interactions and mutual understanding on how to shape and use the city. While Acervo da Laje has its own limitations, it is important to acknowledge that the founders have opened up their lives and houses, allocating extensive time and resources to their cause.

The videos have the potential to be a powerful tool for communication, co-learning and collaboration. They are a means to support Acervo da Laje in engaging the community of Subúrbio Ferroviário to reflect on and understand the importance of heritage and memory for advancing their right to the city. However, the videos hold limitations. First, they can only tell the narrative of the small collection of people who were interviewed. Due to security reasons, most of the people we interviewed were people known to the leaders of Acervo da Laje, with the exception of some whom we ran into in the streets. Their narratives are therefore not indicative of the whole Subúrbio Ferroviário. Hence, it is necessary to be critical of whether the concepts advocated by Acervo da Laje fully represent the community or whether they are an imposition of elite knowledge.

Second, it is important to acknowledge that while the videos may help enhance the recognition of Subúrbio Ferroviário, they do not necessarily lead to the transformation of policies. Harvey (2003) argues that those with financial resources in neoliberal cities have greater influence in shaping urbanisation. In Brazil, this has occurred through policies such as privatisation, withdrawal of the state and deregulation. Against such structural issues, it is worth noting that the videos are by no means a mechanism to address unequal power relations that exist in the city. Rather, the videos serve to create awareness about heritage and memory and promote local pride. More than advocating from the outside, the videos are meant to trigger reflection and mobilisation from within, by highlighting the positive aspects of the community and facilitating the process of constructing collective identity.

Future research should explore how Acervo da Laje has been using the videos; how the videos contribute to changing perceptions as well as bringing greater understanding about structural inequalities in Subúrbio Ferroviário; and whether the heritage and memory approach is effective in creating a collective identity to claim the community’s right to the city.

4.1.6 Works cited


Souze, L. (2017). Semi-structured interview with A. Burt on 6 May. Salvador. [Recording in possession of authors]
4.2 Reflexões sobre o Patrimônio: a atuação do Acervo da Laje no Subúrbio Ferroviário de Salvador

4.2.1 Introdução

Na primeira experiência realizada em 2016 (REIS et. al., 2017), foi possível perceber o Acervo da Laje (AdL) como um espaço atuante no meio artístico e cultural da cidade, que busca resgatar e valorizar a beleza genuína existente no Subúrbio Ferroviário de Salvador (SFS). Sendo um instrumento de luta e espaço de resistência, o AdL carrega, por trás de pinturas, brinquedos, livros e poesias (Figura 4.4), uma importância no fortalecimento da autoestima da população local, que sofre frente à invisibilidade, discriminação socioeconômica e estigmatização midiática, associando pobreza à violência e, mais recentemente, com um governo interessado na produção turística, especulativa, porém inadequada às demandas da cidade.

O AdL propõe um contraponto a essa realidade, um resgate às identidades do SFS e da população local, exaltando todas as riquezas que constituem o seu patrimônio. Por meio do trabalho realizado, os idealizadores do AdL incitam, no imaginário coletivo, o fortalecimento da identidade daquele local, criando alternativas de resistências aos estigmas sociais do SFS. Nesse processo de transformação social, eles entendem que a beleza e o patrimônio são instrumentos capazes de promover a autoafirmação e empoderamento da população do SFS enquanto cidadãos.

Projetos como a implantação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), em substituição ao trem, provocam uma discussão sobre a significância do patrimônio, da memória do SFS e sobre a necessidade de preservá-los. Diante do exposto, e refletindo sobre os impactos que o Acervo da Laje promove no espaço do SFS, enquanto articulador do fortalecimento do sentimento de comunidade, propõe-se um instrumento para ação coletiva - uma série de vídeos - que contribua para ampliação da reflexão sobre o Patrimônio material e imaterial no SFS.

4.2.2 Discutindo “patrimônio”: Estado X Sociedade

De acordo com Choay (2001), o conceito de Patrimônio surgiu ligado a objetos de grande valor histórico e estético, cujo sistema de valoração era dirigido pelas elites. Estas imprimiram seus juízos, interferindo no imaginário e em signos de um determinado grupo. Num segundo momento, o Patrimônio perdeu seu caráter físico e passou a apresentar um caráter simbólico, mais representativo. Esse avanço nas discussões se desdobrou no entendimento de que a necessidade de validar apenas objetos materiais é falsa. De acordo com Castriota (2011), o valor de uso do Patrimônio se alinha ao valor econômico, tornando-o uma espécie de capital que circula numa lógica industrial, como explica o pesquisador, ao refletir as palavras de Choay:
Já em 1992, Françoise Choay apontava que, ao lado da expansão tipológica, cronológica e geográfica dos bens patrimoniais, o seu público teria tido um “crecimento exponencial”, passando o patrimônio de “objeto de culto” a “indústria” (CASTRIOTA, 2011, p. 59).

Nessa perspectiva, é preciso compreender como o conceito de Patrimônio é construído e quem o constrói. Ainda segundo Castriota (2011), compreende-se que os signos da identidade de um grupo devem ser construídos dentro de uma dinâmica coletiva e que, portanto, deve ser mais democrático, alinhando Estado e Sociedade na sua concepção, ou seja, tal trabalho deve ser fruto de uma construção social.

Inseridos numa dinâmica de caráter econômico, a indústria cultural, os objetos validados enquanto Patrimônio e todos os seus valores relacionados são entendidos numa dimensão de valor de mercado, ou seja, cada objeto é enquadrado num sistema de valorização, caracterizando-se enquanto capital simbólico, reconhecido pela sociedade civil e instituições que tangenciam essa temática. Nesse sentido, os idealizadores do Acervo, estimulados pelo professor e sociólogo Gey Espinheira, abrem-se para perceber e compreender as elaborações estéticas presentes no SFS e se colocam enquanto força questionadora do sistema de valorização, na tentativa de dar visibilidade àquele território subjugado e esquecido; e buscamos inseri-lo na dinâmica comum à cidade de Salvador, possibilitando o acesso de sua população ao direito à cidade.

Lefebvre (1991) afirma que o direito à cidade pode também ser acessado através da arte, possibilitando, sobretudo ao proletariado, a inscrição no espaço urbano capitalista; a arte, entendida enquanto capital social, possui, portanto, um valor associado ao capital econômico. Em busca de legitimar a população residente do SFS, o Acervo utiliza arte e cultura como instrumentos de visibilização dos indivíduos pertencentes àquele território, através do resgate da sua memória ancestral e artística, validando, assim, o direito à cidade tolhido daquele população. Nas palavras de Santos:

O aspecto social do Acervo da Laje é uma reconstrução do mosaico simbólico da periferia de Salvador, ou seja, estamos restituindo aquilo que a própria cidade retirou dessa área e nunca lhe devolveu: a dignidade, a cultura, o acesso às obras de arte e à beleza, seja ela no território, nas pessoas e nas obras de arte (FERREIRA-SANTOS, 2014, p. 14).

O Acervo se firma no SFS enquanto um dos organismos fomentadores de transformações socioespaciais, no sentido de desenvolver um trabalho que se desdobra em: a) inserção dos habitantes daquele espaço na prática urbana de Salvador; b) mudanças nas visibilidades interna e externa acerca desse território dentro do contexto da cidade; e c) narrativas que são construídas sobre tal espaço. Essas mudanças, que acontecem de dentro para fora, fundamentam-se em dimensões como autorreconhecimento e sentimento de pertencimento ao território em questão, como retrata Margarida Oliveira dos Santos, conhecida como “Babau”, moradora do bairro:

É memória viva e é cultura, né? Isso fortifica o povo, a cultura, toda uma história. É a autoestima do indivíduo, ele se firma na sua cultura, se isso se tira ele não é mais nada, é um ser sem vida, mas, se a cultura permanece, vai para o resto da vida (ENTREVISTA, 2017a).

Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 4) afirmam que “o conhecimento crítico e a apropariação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispen-sáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento do sentimento de identidade e cidadania”. Tendo em vista todas as questões até aqui abordadas, entende-se que a educação seja uma das principais aliadas nesse movimento e que um dos possíveis instrumentos de acesso ao direito à cidade seja através da educação patrimonial, caracterizada por esses autores como:

Um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Esse processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4).

Com isso, entende-se que o Acervo desenvolve atividades que se alinhem com o conceito de educação patrimonial, mas numa perspectiva bem distinta, na medida em que incentiva novas visões acerca do SFS, sobretudo advindas dos próprios moradores de lá. Em parceria com o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), o Acervo ofereceu, em 2016, uma Oficina de Educação Patrimonial para estudantes e professores de escolas do bairro de Plataforma (Figura 4.5). Além disso, realiza frequentemente exposições, rodas de conversa e entrevistas direcionadas não somente aos moradores do SFS como também à comunidade externa, abordando essa questão.
A partir destas reflexões sobre memória, patrimônio e o trabalho desenvolvido pelo Acervo, percebe-se que a construção do conceito de Patrimônio, indicado pelos órgãos que trabalham com essa questão, ainda está aquém do seu real sentido, não abrangendo todas as vertentes que perpassam por ela. A revisão de tal conceito deve reconhecer as suas relações, já existentes, como o direito à cidade e as estruturas de valores.

### 4.2.3 Metodologia

O trabalho desenvolvido ocorreu no período de 1º a 12 de maio de 2017, com atividades na Universidade, visitas a campo e produção de um instrumento para ação coletiva (Tabela 4.4). Pela natureza da ferramenta sugerida pelo AdL, um vídeo, a produção do material consistiu na gravação de entrevistas e anotações que surgiam no momento das conversas. Nesse sentido, foram adotadas estratégias que diversificassem o perfil dos entrevistados, incluindo variadas falas dos moradores da área vizinha ao Acervo, em São João do Cabrito.

Pode-se distinguir a metodologia a partir de duas práticas. A primeira delas é a entrevista previamente agendada com representantes de organizações institucionais, como, por exemplo, os do Centro Cultural Plataforma, os de escolas públicas da área e moradores convidados por José Eduardo e Vilma. Da segunda, fazem parte as entrevistas realizadas a partir de uma caminhada pelo bairro, sem escolha prévia de quem seriam os entrevistados.


<table>
<thead>
<tr>
<th>ATIVIDADE</th>
<th>DESCRIÇÃO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>01/mai</td>
<td>Encontro da equipe</td>
</tr>
<tr>
<td>02/mai</td>
<td>Discussão geral a respeito do Acervo da Laje e SFS</td>
</tr>
<tr>
<td>03/mai</td>
<td>Visita de campo</td>
</tr>
<tr>
<td>04/mai</td>
<td>Entrevistas e visita ao Acervo da Laje (Casa 1 e Casa 2)</td>
</tr>
<tr>
<td>05/mai</td>
<td>Visita de campo</td>
</tr>
<tr>
<td>06/mai</td>
<td>Gravação de entrevistas com equipe do Acervo e alguns moradores</td>
</tr>
<tr>
<td>07/mai</td>
<td>Visita de campo</td>
</tr>
<tr>
<td>08/mai</td>
<td>Gravação de imagens da paisagem na enseada do Cabrito</td>
</tr>
<tr>
<td>09/mai</td>
<td>Produção dos vídeos</td>
</tr>
<tr>
<td>10/mai</td>
<td>Encontro da equipe</td>
</tr>
<tr>
<td>11/mai</td>
<td>Produção dos vídeos</td>
</tr>
<tr>
<td>12/mai</td>
<td>Apresentação</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Apresentação final do trabalho</td>
</tr>
</tbody>
</table>
A primeira visita a campo foi de reconhecimento do espaço do Acervo e sua vizinhança. José Eduardo, Vilma e Leandro receberam os estudantes na Casa 2, onde aconteceu uma roda de conversa sobre a trajetória do AdL, suas experiências recentes com a população local e suas relações com o direito à cidade (Figura 4.6). A fim de contribuir para a produção do instrumento para ação coletiva, a conversa foi guiada por temas relevantes para os estudantes e para os idealizadores do AdL. Sendo assim, foi elaborado um roteiro com perguntas relacionadas a patrimônio, memória, direito à cidade e visibilidade do SFS como espaço de beleza e produção cultural em Salvador. Para efeito da produção do vídeo, todas as conversas foram registradas com recursos audiovisuais e com anotações tomadas pelos estudantes. Embora houvesse um roteiro, o tom mantido foi o de uma conversa informal.

Após as entrevistas, realizou-se uma caminhada de reconhecimento na área entre a Casa 2 e a Casa 1. Durante o percurso, Vilma e Leandro pontuaram questões importantes sobre a falta de infraestrutura no bairro, a violência e as mudanças pelas quais o bairro e seu entorno passaram ao longo do tempo, a partir da ação antrópica como a expansão das áreas de habitação autoconstruída e redução das áreas verdes, além de projetos urbanísticos do governo do estado. Compartilharam também algumas lembranças ao longo da caminhada, indicando espaços do bairro que tinham outra configuração, como antigas fontes de água que foram aterradas, a relação das casas de palafitas com o mar e o trem como elemento fundamental na construção da memória do Subúrbio.

Na segunda visita ao Acervo, o grupo foi dividido em duas equipes mistas, formadas por estudantes brasileiros e estudantes da Bartlett. A primeira equipe entrevistou moradores e representantes de instituições do bairro, convidados e selecionados antecipadamente por José Eduardo e Vilma; a segunda, realizou outra caminhada pelo bairro, entrevistando moradores e transeuntes aleatoriamente encontrados ao longo do percurso, além de alguns vizinhos e conhecidos de Vilma. No total, foram entrevistadas 12 pessoas, incluindo crianças, homens e mulheres de diversas faixas etárias (Tabela 4.5). A divisão entre duas equipes foi pensada a fim de coletar o maior número de perspectivas sobre os temas a serem trabalhados nos vídeos, incluindo discursos de pessoas que não estavam diretamente ligadas aos debates sobre memória e patrimônio.

As entrevistas feitas pela primeira equipe aconteceram com uso de roteiros semiestruturados e foram gravadas com recursos audiovisuais. A conversa contou com a presença de Márcio Bacelar, coordenador do Centro Cultural Plataforma; Fabrício Cumming, artista e promotor de atividades culturais; Janete Maria Silva, professora aposentada e moradora de Plataforma; e Jorge de Jesus, fotógrafo jornalístico e também morador do local. Paralelamente às entrevistas na Casa 2, a segunda equipe correu o bairro entrevistando moradores que estavam pelas ruas. Nessas conversas, os moradores colocaram em evidência questões como: as limitações do atual conceito de patrimônio, sobretudo quando analisado sob uma perspectiva local, em que os moradores do SFS expressam suas perceções sobre o tema; e a relação do Acervo no resgate da produção da cultura e memória locais. Algumas crianças fizeram parte da caminhada e também da produção de conteúdo audiovisual, cujo propósito era a participação de forma mais livre, sem o compromisso do domínio técnico, para que assim retratassem o seu ponto de vista (Figura 4.7). A presença do discurso e da percepção do espaço a partir do olhar dos moradores foi fundamental para garantir a construção de um instrumento de ação coletiva, evocando a diversidade daquele espaço.

### Tabela 4.5

<table>
<thead>
<tr>
<th>Estratégia de Abordagem</th>
<th>Nome</th>
<th>Sexo</th>
<th>Faixa Etária</th>
<th>Profissão/Exercício</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Indicação do Acervo</td>
<td>José Eduardo</td>
<td>M</td>
<td>30 a 40 anos</td>
<td>Curador do Acervo da Laje</td>
</tr>
<tr>
<td>Indicação do Acervo</td>
<td>Vilma</td>
<td>F</td>
<td>30 a 40 anos</td>
<td>Educadora no Acervo da Laje</td>
</tr>
<tr>
<td>Indicação do Acervo</td>
<td>Leandro Souza</td>
<td>M</td>
<td>20 a 30 anos</td>
<td>Produtor Cultural</td>
</tr>
<tr>
<td>Indicação do Acervo</td>
<td>Jorge</td>
<td>M</td>
<td>70 a 80 anos</td>
<td>Fotógrafo jornalístico aposentado (morador de Plataforma)</td>
</tr>
<tr>
<td>Indicação do Acervo</td>
<td>Janete</td>
<td>F</td>
<td>69 anos</td>
<td>Professora do primário aposentada (moradora de Plataforma)</td>
</tr>
<tr>
<td>Indicação do Acervo</td>
<td>Zaca Oliveira</td>
<td>MM</td>
<td>40 a 50 anos</td>
<td>Artista parceiro do Acervo da Laje</td>
</tr>
<tr>
<td>Indicação do Acervo</td>
<td>Márcio Bacelar</td>
<td></td>
<td>20 a 30 anos</td>
<td>Coordenador do CCP? Parceiro do Acervo da Laje</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th>Caminhada nas ruas</th>
<th>Classificação</th>
<th>Quantidade</th>
<th>Faixa Etária</th>
<th>Profissão/Exercício</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Caminhada nas ruas</td>
<td>Crianças</td>
<td>3</td>
<td>8 a 12 anos</td>
<td>Estudantes</td>
</tr>
<tr>
<td>Caminhada nas ruas</td>
<td>Mulheres</td>
<td>6</td>
<td>20 a 50 anos</td>
<td>Comerciantes, ex-marisqueiras, padagogas e educadoras</td>
</tr>
<tr>
<td>Caminhada nas ruas</td>
<td>Homens</td>
<td>5</td>
<td>30 a 60 anos</td>
<td>Comerciantes, educadores e aposentados</td>
</tr>
</tbody>
</table>

### Figura 4.7
O instrumento para ação coletiva

O instrumento para ação coletiva escolhido pela equipe foi a produção de uma série de vídeos com o objetivo de contribuir para a possibilidade de ruptura da imagem estigmatizada e popularmente disseminada a respeito do SFS. A proposta partiu inicialmente de uma ideia de José Eduardo, ao sugerir o registro das memórias de antigos moradores que vivenciaram as principais transformações do lugar. Segundo Heidtmann, Toledo e Bogo:

O vídeo é um instrumento vivo, rico e interessante para relacionarmos a memória, o patrimônio e a cultura. [...] É um produto mediático que tem como principal característica a representação da realidade de forma mais ampla, exposta por meio de mensagens com contexto imagético que propõem uma fácil aceitação pelo telespectador (HEIDTMANN; TOLEDO; BOGO, 2017, p.8).

A ideia central foi, a partir da coleta de relatos de moradores sobre suas experiências e as singularidades de viver no SFS, produzir um material de incentivo à disseminação do "mosaico simbólico" que constitui o seu patrimônio. A divulgação dos vídeos nas mídias sociais pode funcionar como uma ferramenta de sensibilização e reconhecimento do valor de tais referências, sendo capaz de atingir um público diverso quanto à idade, ao gênero e ao local de origem.

O conteúdo dos vídeos buscou relacionar memória e patrimônio sob a perspectiva da comunidade e demonstrar como isso poderia interferir enquanto instrumento de construção do direito à cidade [instrumento de construção do Direito à cidade]. Através da articulação com o Acervo, a equipe produziu quatro vídeos como uma primeira experiência a ser expandida para outras áreas. O conteúdo dessas gravações mesclam imagens da paisagem, do cotidiano e trechos de entrevistas com moradores.

O primeiro vídeo aborda patrimônio, memória e esquecimento, evidenciando a existência de uma riqueza histórica presente no SFS que, mesmo sendo tão importante para esse lugar quanto para a cidade de Salvador, continua sendo invisibilizada, assim como suas elaborações estéticas. Como forma de afastar a imagem negativa construída sobre a periferia, representando um contraponto aos estigmas conferidos a ela, apresenta-se um resgate dos seus elementos simbólicos, como o trem (Figura 4.8), o Parque de São Bartolomeu, as produções artísticas e a antiga fábrica São Braz. Por outro lado, questiona-se a concepção imposta de patrimônio, que não necessariamente corresponde à complexidade de suas múltiplas possibilidades de significado.

O segundo vídeo relaciona o trabalho do Acervo — resgatar e preservar a memória artística e cultural do SFS e possibilitar o contato dos moradores com outras obras de artistas já consolidados nos circuitos tradicionais de arte — com a construção de referências e significados, que são elementos fundamentais para a formação do indivíduo. José Eduardo (ENTREVISTA, 2017b) afirma que a importância do Acervo é também garantir a materialidade da beleza suburbana, representada nas obras dos seus artistas invisíveis, para que a própria comunidade reconheça seu valor e se aproprie desse poder simbólico em outras dimensões.

O terceiro vídeo busca mostrar a perspectiva dos moradores do SFS acerca dos aspectos que compõem o direito à cidade, sendo apontados, sobretudo, aspectos como a ausência ou má qualidade da infraestrutura urbana e dos serviços públicos prestados à população. Em entrevista, José Eduardo (ENTREVISTA, 2017b) destaca que o reconhecimento pelo indivíduo sobre sua origem – de forma que este compreenda seu passado, presente e projeções de futuro – consiste na principal forma de despertar a consciência sobre seus direitos enquanto cidadão. É a partir daí que este indivíduo terá condições de olhar para o contexto vivido e apontar criticamente os problemas que identifica, o que nesse caso inclui, não unicamente, mas também, aspectos do direito à cidade.

O quarto vídeo da série discute a relação entre o Acervo e o direito à cidade a partir das perspectivas de Márcio Bacelar e Fabrício Cumming, que conhecem o Acervo desde sua origem e são parceiros em algumas das atividades. Os entrevistados compartilham a visão de como as ações desenvolvidas pelo Acervo - oficinas, workshops e palestras - atraem tanto moradores locais, quanto pessoas de outras áreas da cidade para conhecerem o SFS.

Embora tenham o objetivo de fazer com que essa outra imagem do SFS chegue a um público mais amplo, o foco principal dos vídeos é a comunicação com a população local. Retratar diferenças e semelhanças nas visões de cada entrevistado faz parte da tentativa de promover a identificação dos moradores com os discursos apresentados. Pensando em como as mídias sociais têm sido uma importante ferramenta articuladora de mobilização social, a ideia é que este meio seja utilizado para divulgar os vídeos. Esta seria uma forma de aproximar a população local dos debates acerca de tal temática e, ao mesmo tempo, um modo de contribuir para o reconhecimento do patrimônio do SFS.

4.2.4 Resultados parciais: a exibição

Na etapa de divulgação do instrumento de ação coletiva, parte da equipe participou de um programa realizado no dia 10 de maio na rádio comunitária local. No programa, foram discutidos o direito à cidade, a memória, o sentimento e o olhar sobre o local, além da importância do Acervo na construção de uma identidade suburbana a partir da arte e das produções culturais da área. Por fim, discutiu-se a importância da vinculação entre comunidade e Universidade. Num segundo momento, houve a exibição dos vídeos produzidos pelos estudantes para a população local, seguida pelo debate acerca de memória, acervo, intervenções urbanas realizadas pelo poder público no bairro, estigmas, estereótipos e, principalmente, como a cidade de Salvador desconhece o SFS e suas diversas potencialidades.

Os vídeos foram exibidos no Bar e Restaurante Zé de Valença (Figura 4.9), no dia 11 de maio – por sugestão de Vilma, que convidou para a projeção alunos do ensino fundamental e professores da Escola Municipal Machado de Assis e Escola Municipal André Rebouças. Compareceram aproximadamente setenta pessoas, dentre as quais alunos, professoras, moradores e a equipe UFBa/Bartlet. Os alunos presentes, de faixa etária entre oito e dezesseis anos, mostraram-se receptivos e interagiram com o grupo. Embora tenham sido produzidos quatro vídeos, foram apresentados, por limitação de tempo, ap-
enras três. Após a exibição, estabeleceu-se um diálogo sobre os temas apresentados nos vídeos, seu olhar sobre o bairro e exemplos de patrimônios culturais materiais e imateriais.

Os jovens e crianças presentes demonstraram ciência sobre a existência de estigmas e estereótipos vinculados e disseminados sobre o lugar onde habitam, como violência, criminalidade e pobreza. Por outro lado, são capazes de, ainda assim, reconhecer as riquezas do SFS, inclusive ao convidar a equipe para conhecer o Parque São Bartolomeu, as praias, entre outros atrativos. Muitos destes alunos costumam frequentar o Acervo, ou ao menos já ouviram falar dele, e é possível perceber que tal espaço tem desempenhado um papel importante através do trabalho de educação patrimonial com jovens, crianças e escolas dessa área.

4.2.5 Algumas considerações finais

A construção do conceito vertical de patrimônio, aliada à estigmatização mediática, não reconhece as produções artísticas e culturais das periferias. A experiência com o Acervo levantou reflexões sobre as limitações da concepção sobre patrimônio pelos organismos que refletem essa temática, a partir do exemplo do SFS.

As problemáticas acerca do reconhecimento e abandono do patrimônio são latentes em Salvador, onde os interesses de mercado, orientados pelo valor do solo e pela especulação imobiliária, desmobilizam as ações necessárias nos processos de tombamento e preservação das edificações mais significativas daquele espaço, quadro este que se agrava nas periferias. Uma segunda questão é a negligência dos órgãos competentes em preservar o patrimônio em outros âmbitos, a exemplo da paisagem do subúrbio e das práticas tradicionais como pesca e mariscagem.

Com a construção do instrumento de ação coletiva, pretende-se tensionar e expandir o conceito de patrimônio e memória a partir da compreensão das diferentes referências simbólicas presentes na periferia. Por meio do uso de um recurso mediático acessível e de fácil difusão, os vídeos buscam transmitir perspectivas autorreferenciais, no sentido de que os moradores se vejam inseridos naquelas discussões presentes na cidade.

Espera-se que o conteúdo do material produzido seja lido como motivador para o autoreconhecimento e contribua para que elaborações como esta se multipliquem, de forma a fortalecer a luta por reconhecimento e visibilidade do SFS nas diversas esferas.

Para acessar os vídeos, use o QR code a baixo a partir de seu telefone celular:

Vídeo 1: Direito à cidade (esquerda superior); Vídeo 2: Direito à cidade + Acervo da Laje (direita superior); Vídeo 3: Educação (esquerda inferior); Vídeo 4: Acervo da Laje (direita inferior)

4.2.6 Referências


ENTREVISTA realizada pelos autores com Margarida Oliveira dos Santos em 06 maio 2017a.

ENTREVISTA realizada pelos autores a José Eduardo Ferreira dos Santos, no Acervo da Laje em 04 maio 2017b.

NOTES TO CHAPTER 4.2

1. Em 1996 tem início o projeto de Novos Alagados na Enseada do Cabrito com a construção de uma pista de borda e a remoção das casas de palafitas.

2. SANTOS, J. (2017) utiliza o termo para expressar o caráter plural da cultura e do patrimônio do SFS.
PERÍCIA POPULAR
NO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR:
AUDIÊNCIA CIDADÃ PARA
AVALIAÇÃO DO TAC DA 7ª ETAPA

09 DE MAIO DE 2017
DAS 14:30H ÀS 18:30H
NO CENTRO DE CULTURA DA
CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR
PRAÇA THÔMÉ DE SOUZA, S/N. CENTRO
In this second edition of the exchange - involving the Faculty of Architecture of UFBA, The Bartlett Development Planning Unit and some social and collective urban movements of Salvador, through module II of the discipline Political, Democracy and Right to the City, offered by the Graduate Program in Architecture and Urbanism of UFBA – continued the joint work with the Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico de Salvador – AMACH. The work focused on the construction of a ‘Popular Audit’, conceived as an instrument of collective action aimed at the recognition and evaluation of situations of collective life in contexts of social vulnerability and violation of rights provoked by the direct action of the State. Popular Audit is also approached as a collective experimentation aimed at broadening democratic possibilities, by strengthening the protagonism and autonomy of the inhabitants of the Historical Center of Salvador.

The following articles, prepared by the students involved in the work with AMACH, synthesize the results of this second edition of the exchange. The following articles put in discussion the practice of inter-knowledge (SANTOS, 2017) by/among different agents involved in the collective construction experience of the Popular Audit experience, reflecting critically on its challenges.

The important reflections on the challenges of/to inter-knowledge, highlighted by the students, raise a necessary debate on the role of the university in the process of planning and in the construction of alternative representations of the space. This question refers to the very problematization of the generally neglected projects of university extension¹, given the greater valorization of research by the indicators of “productivity” of the neoliberal university system. In contrast to this sense, university ‘extension’, without losing articulation with teaching and research, which are inherent to it, can activate places of experimental and shared construction of knowledge, involving university agents and groups of inhabitants.

Certainly, we cannot ignore the conflicts and asymmetries of power in the relations between popular knowledge and specialized knowledge that are placed in this type of shared construction of knowledge. However, in spite of the challenges of / for inter-knowledge, we recognize the importance of extension experiences that have been dedicated, among other things, to the elaboration of collective instruments and practices that seek to strengthen and respond to the demands of inhabitants in situations of violation of social rights, in the contexts of struggles and urban conflicts.

In a recurring context, and in a context of hegemony and exacerbation of corporate and neoliberal urbanism, public urban government action is closed to the deliberation of citizens, either by an explicitly authoritarian leadership or by the simulacra of institutional participation. Faced with such closure, the creation of experimental and collective places of inter-knowledge, of which the university participates, can play a relevant role in the construction of alternative representations of space, (re) opening other possibilities of public and collective action in the city for the planning that is radical / subversive / transgressive.

¹ University extension refers to the various activities and projects carried out by universities outside their traditional academic setting, including community engagement, research, and teaching initiatives.
sociação de Moradores e Amigos do Centro Histórico de Salvador - AMACH - deu continuidade ao processo de construção da Perícia Popular, concebida como um instrumento de ação coletiva voltado para o reconhecimento e avaliação de situações de vida coletiva em contextos de vulnerabilização social e violação de direitos provocados pela ação direta do Estado. Trata-se também de uma experimentação coletiva voltada para o alargamento de possibilidades democráticas, através de um sentido de fortalecimento do protagonismo e da autonomia dos moradores do Centro Histórico de Salvador.

O artigo a seguir, elaborado pelos estudantes envolvidos no trabalho com a AMACH, sintetiza os resultados dessa segunda edição do intercâmbio. Este grupo colocou em discussão a dimensão da prática do interconhecimento (SANTOS, 2017) pelos / entre diferentes agentes envolvidos na experiência de construção coletiva da Perícia Popular, refletindo criticamente sobre os seus desafios.

As importantes reflexões sobre os desafios do / para o interconhecimento, trazidas à baila pelos estudantes, suscitam um debate necessário sobre o papel da universidade no processo de planejamento e na construção de representações alternativas do espaço. Tal questão remete à problematização mesma da extensão², em geral negligenciada, frente à maior valorização da pesquisa pelos indicadores de “produtividade” da universidade neoliberal. Em contraponto a este sentido, o fazer extensionista, sem perder a articulação com o ensino e a pesquisa, que lhe são inerentes, pode ativar lugares de construção experimental e compartilhada do conhecimento, envolvendo agentes universitários e grupos de habitantes.

Certamente, não podemos ignorar os conflitos e assimetrias de poder nas relações entre conhecimento comum e conhecimento especializado, que se colocam neste tipo de construção partilhada do saber. Porém, apesar dos desafios do / para o interconhecimento, reconhecemos a importância de experiências extensionistas que têm se dedicado, dentre outras coisas, à elaboração de instrumentos e práticas coletivas que buscam fortalecer e responder às demandas de habitantes em situação de violação de direitos sociais, no contexto de lutas e conflitos urbanos. De modo recorrente, e num contexto de hegemonia e agudização do urbanismo corporativo e neoliberal, a ação urbana pública governamental se fecha à deliberação dos cidadãos, seja por uma condução explicitamente autoritária ou pelos simulacros da participação institucional. Diante de tal fechamento, a criação de lugares experimentais e coletivos do interconhecimento, dos quais a universidade participa, pode exercer papel relevante na construção de representações alternativas do espaço, (re)abriendo outras possibilidades de ação pública e coletiva na cidade pelo viés do planejamento radical / subversivo / transgressivo.

Referências/Works cited


1. The regulation and institutional norms of Brazilian public universities made a critical, epistemological and conceptual review of the University’s role as an articulated set of social functions. In the mid-twentieth century, Social Commitment as an essential function of the University takes shape through the concept of ‘extension’, which would complete the inseparable trinomial of teaching-research-extension. Thus, it was questioned and exceeded, at least formally, the teaching-research binomial of the Humboldtian university, which subordinated the function Knowledge to the function Formation. Currently, teaching has been understood as the training praxis of epistemic subjects; research is related as intellectual and cultural production open to a diversity of epistemologies; extension is interpreted as an educational praxis in a multi-referenced and intercultural world. (UFBA, 2010)

2. A regulação e normas institucionais das universidades públicas brasileiras fizeram uma revisão crítica, epistemológica e conceitual do papel da Universidade, enquanto conjunto articulado de funções sociais. Em meados do século XX, o Compromisso Social como função essencial da Universidade toma forma através do conceito de extensão, que completaria o trinômio indissociável de ensino-pesquisa-extensão. Assim, foi questionado e ultrapassado, ao menos formalmente, o binômio ensino-pesquisa da universidade humboldtiana, que subordinava a função Conhecimento à função Formação. Atualmente, o ensino tem sido entendido como praxis de formação de sujeitos epistêmicos; a pesquisa se relaciona como produção intelectual e cultural aberta à epistemo-diversidade; já a extensão é interpretada como praxis educacional num mundo multirreferenciado e intercultural. (UFBA, 2010)
5.1 Popular Auditing towards Right to the City: The Case of AMACH

5.1.1 Introduction

AMACH or Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico—Association of Inhabitants and Friends of the Historic Centre in English, is a residents’ association that emerged in the city centre of Salvador, Brazil, in the early 2000s to fight for the right to stay put in Pelourinho and to access dignified housing. AMACH faces issues regarding the use of urban space, lack of spaces for participation and the threat of housing due to urban, touristic and commercial projects in the city centre (De Miranda Rebouças, 2012). This highlights the importance of AMACH’s claims in the broader social and political context of Salvador and dwellers’ right to the city (Lefebvre, 1995).

This chapter brings together and reflects on a collaborative action research between AMACH, the Federal University of Bahia (UFBA) and University College London (UCL), which started in 2016, making this the second year of collaboration. The research is centred on the production and implementation of instruments for collective action, which, in the case of AMACH consists of an on-going ‘popular audit’ done by the residents (and supported by the universities) to enhance the government’s transparency and accountability regarding promises of housing and other benefits. The aim of this chapter is to assess to what extent the popular audit can help strengthen the community’s claims to achieve the right to the city. In order to do this, this chapter is structured as follows. Section two provides a historical and policy background to AMACH; section three introduces the popular audit and the methodology used in the research; section four presents the theoretical framework; section five the key findings, complementing the work completed by last year’s group by incorporating the new data collected. Finally, the last section presents the conclusions of the research.

Case study and context

AMACH is a resident’s organisation in Pelourinho, the historical city centre of Salvador, declared UNESCO world heritage in 1985. Figure 5.1 illustrates the key events that have shaped the social and political struggles related to Pelourinho and AMACH, founded in 2002 by a group of black women who were struggling against eviction from the neighbourhood. This association represents now 108 families in the fight for adequate housing conditions and a dignified life in Pelourinho (Tarsi, 2009).

In 2005, AMACH negotiated with the local government (CONDER–Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia), the Public Ministry and other entities, the residents’ right to stay in the city centre. This resulted in the creation of the TAC (Terms for the Regulation of Conduct), an agreement that bound the government to improve the condition of temporary and permanent houses, social services, as well as to provide commercial points for the residents. This allowed the efforts put into restoration policies to expand to those of housing (De Miranda Rebouças, 2012; Tarsi, 2009). However, to this day CONDER has not yet fulfilled the TAC, which is the main reason that motivated residents to start a popular audit.

There are certain structural factors that could influence the community’s ability to take part in the political decision-making processes regarding their struggles. Firstly, there has been an increasing touristic gentrification, which has increased prices in the area, making it less affordable for residents. This has also made the preservation of the historic centre less viable (Ormindo De Azevedo, 2004; Rojas, 1999). Secondly, the political-economic instability triggered in Brazil by current President Temer’s corruption case and his austerity measures, might impact social spending in Brazil. Thirdly, a possible change in the City Statute might lead to a removal of the social function of housing (Pereira de Mello and Callegari, 2017).
Collective Practices, Instruments for Collective Action and the Right to the City in Salvador, Bahia

97%: 334 buildings were intervened in 16 blocks, more than 1800 families had been displaced and 150 small businesses closed.

For the year 2000 only 103 of them did not accept the compensation for their houses and remained in the historic centre.

1650-1800
- Precarious mobility conditions of the city centre
- Upper classes migrate to contiguous barrios
- Cultural, religious, art and architectural centre
- Centre of Portuguese colonial Government
- Wealth based on local resources and labour of slaves
- Urban rich people

1800
- City function collapse
- Building deteriorating
- Urban quality declined
- Policies for commercial investment outside the historical centre

1900
- Creation of IACHB
- Transform Pelourinho into a tourist centre
- City function collapse
- Building deteriorating
- Urban quality declined
- Policies for commercial investment outside the historical centre

1930
- 5th: Pelourinho dia e noite program; activate inflow of tourists through cultural activities
- 6th: Political urban marketing had damaged local development and the right to the city
- 7th: Monuments program focused on the intervention of 10 blocks which affected 1674 families

1960
- Planning to activate inflow of tourists through cultural activities
- Urban quality declined
- Policies for commercial investment outside the historical centre
- Building deteriorating
- City function collapse
- Transform Pelourinho into a tourist centre

1990
- Terms for the Regulation of Conduct (TAC) was signed
- Recognition of a vision of culture with a political vision that involves the right to the city and the struggle against the exclusion and inequity of the residents of Salvador
- New City Master Plan
- To recover the city’s value through the deportation of the oldest inhabitants and the reconstruction of the central square with business and economic activity

2000
- Residential Participatory process: design and decision making in participatory process
- Spaces for community
- Terms for the Regulation of Conduct (TAC) was signed
- For the year 2000 only 103 of them did not accept the compensation for their houses and remained in the historic centre

2004
- 2002: AMACH sued the government and CONDER through civil action and win
- Recognition of a vision of culture with a political vision that involves the right to the city and the struggle against the exclusion and inequity of the residents of Salvador

2016
- New City Master Plan
- Recognition of a vision of culture with a political vision that involves the right to the city and the struggle against the exclusion and inequity of the residents of Salvador

Figure 5.1. Timeline of the case study. Source: Chapter authors based on Tarsi (2009).
5.1.2 Methodology

This research was built on last year’s collaboration among UFBA, UCL and AMACH, at the end of which, the popular audit was suggested as a potential instrument for collective action (See Fernandes, Figueiredo, and Huapaya, 2017; Frediani, Monson, and Ossul, 2017). Popular auditing has been defined as a way to measure, understand and improve the social performance of an organisation, to enhance transparency and accountability in local bodies, as well as to ensure that the views and voices of citizens are captured (CGG, 2005; Auret and Barrientos, 2004).

As emphasised by the community, popular auditing is an ongoing process carried out by members of the community themselves with the aim of making visible and evaluating situations of collective life in contexts of social vulnerability (See Table 5.1 for timeline). In this case, popular auditing also aims to facilitate change in the judicial sphere through a legal document for resource allocation from the local government as well as to hold the government accountable for the fulfilment of the TAC (AMACH and UFBA, 2017). Its broader aim is to re-orientate policies and public actions towards a perspective of solidarity in the production of the city and towards the right of inhabitants to produce and create urban space (Caetano Santos et al., 2017).

Last year, the research focused on the evaluation of the living conditions of residents impacted by the noncompliance of the TAC, using social cartography as the main method. This year, the engagement was co-constructed and conducted by seven UFBA students, one UFBA teacher, five UCL students, two AMACH leaders, and about 29 community members (Figure 5.2). This year’s multidimensional questionnaire built on the previous social cartography. The interviews that were part of the questionnaire were aimed at collecting the information with a view to updating and complementing the social cartography, but also as a means for activating residents’ mobilisation for the public hearing (Appendix 5.1).

Figure 5.2. Research group organising both the social cartography and public hearing. Source: Haja Bilkisu Conteh.
Table 5.1. Timeline of the popular audit since 2016. Source: Chapter authors

<table>
<thead>
<tr>
<th>ACTIVITIES</th>
<th>Jan-Jun</th>
<th>Dec</th>
<th>Jan</th>
<th>Feb</th>
<th>Mar</th>
<th>Apr</th>
<th>May</th>
<th>Jun</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>1st RESEARCH TEAM UCL-UFBA-AMACH</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Methodological proposal for a community-led social audit</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>UFBA Course*</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Social Cartography (UFBA and AMACH)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>2ND RESEARCH TEAM UCL-UFBA-AMACH</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Lectures and field trip preparation in London</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Secondary Research in London</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Submission of analytical framework in London</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Group presentations in London</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Field Trip to Salvador, Bahia</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>1st meeting UCL-UFBA-AMACH</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>1st meeting UCL-UFBA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>2nd meeting AMACH - planning field visits</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Social cartography (UCL, UFBA and AMACH)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>4th field visits - household interviews</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>AMACH weekly meeting: UCL - UFBA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>PUBLIC HEARING [PH]</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Debrief session UCL - UFBA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Prepare plenary session; debrief meeting AMACH - PH</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Plenary session presentation in Salvador</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Secondary Research: bringing data together in London</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>UCL Research Presentation in London</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Final UCL Report</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

* Course Name: Perícia Popular no Centro Histórico de Salvador: Interconhecimento e Ação Pública de Fortalecimento do Direito à Cidade
5.1.3 Analytical framework

The following analytical framework (Figure 5.3) has been developed to analyse to what extent the popular audit helps strengthen the community’s claims in order for them to achieve their right to the city.

Figure 5.3. Analytical framework. Source: Chapter authors.

Space as a space for transformation

This report considers space as a spatial and socio-political instrument for transformation, and uses the concepts of claimed and invited spaces (Gaventa, 2006) to look at the ability of citizens to transform the way in which they participate in the construction of the city. ‘Claimed spaces’ are spaces created by citizens, while ‘invited spaces’ are spaces of participation provided by authorities. The difference lies in the power relations and the motivations to create or enter these spaces.

The participation of urban actors is important in the creation of transformative and emancipatory spaces. Their space for interaction must have an enabling environment where the unpredictable consequences of political struggles can be addressed.

Under this scope, spaces for transformative changes depend on both policies and legal frameworks; the existence of compelling, responsible, coordinated and articulated political actors; inclusive institutional designs that challenge status and oppressive power relations; where social diversity is recognised and equal access for the marginalised is guaranteed (Cornwall and Coelho, 2006).

Participation

Nancy Fraser (2000; 2005; 2012) refers to three dimensions in which social arrangements should take place in order to achieve social justice—representation, recognition and redistribution. They lead to an understanding of social justice as parity of participation.

- **Representation:** The first dimension involves power relations that frame membership and procedures of a certain system of entitlements. Exclusion or wrong framing can lead to misrepresentation by not allowing stakeholders equal power to participate in a democratic decision-making process and voice in the public sphere (Fraser, 2012).

- **Recognition:** The second—cultural—dimension involves understanding recognition as a status issue. Most social claims struggle with misrecognition in terms of social subordination to institutionalised hierarchies of cultural value that prevent some members of society from participating as peers in social interaction (Fraser, 1996). Thus, recognition involves establishing status equality by changing social institutions, overcoming reification and integrating struggles for recognition with those of redistribution, by putting the focus on institutions (Fraser et al., 2004).

- **Redistribution:** The third dimension is related to the economic structures that perpetuate the domination of certain social classes over others. The

---

The right to the city

Fernandes’s (2007, p.208) approach to the right to the city combines the right to housing with the right “to fully enjoy urban life with all its services and advantages”; and links it to the right of citizens to participate centrally in shaping and transforming the city. To do this, the existence of an enabling legal-political arena for reforming and regulating urban planning processes and policies is essential. The framework stresses the direct relationship between these reforms and the existence of proper accountability mechanisms for achieving the right to the city.

Residents living in Pelourinho have the right to decide how to construct their place. The popular audit, as an instrument for transforming the city, could help challenge the unbalanced power relations between citizens and state in such a way that it enables residents to participate in the political processes shaping it.
way to tackle this is with redistribution policies, as it happened in 2002, when AMACH struggled against the exclusion and inequity of the residents of Salvador, claiming the right to the city in a legal, redistributive way. However, redistribution is not sufficient if it is not practiced alongside with recognition and representation strategies.

Accountability

- **Ex-ante accountability**: It has strategic conditions such as goals or indicators, which can be checked against the actual procedures to find out whether aims and/or obligations have been fulfilled. It is positively defined due to the focus on answerability for all proceedings and transparency within the process (Jenkins and Goetz, 2001).

- **Ex-post accountability**: It allows public officials to be held accountable through a set of legal, monitoring and sanctioning mechanisms meant to be fulfilled as part of a formal agreement which can assess enforceability (Moncrieffe, 2001).

- **Hybrid accountability**: Jenkins and Goetz (2001) define a dimension of hybrid accountability that includes both horizontal and vertical. Horizontal accountability is about the monitoring of the arms of the state and is conducted by the state agencies. Vertical accountability describes the relationship between the state and the citizens.

- **Voice and information**: These are the two main mechanisms for claiming accountability. Voice, that is the extent to which citizens can participate in framing citizenship entitlements, is needed in order to create collective pressure for accountability through participatory processes (Ackerman, 2004). Information concerns the transparency of state’s activities and could be linked with state’s answerability. Both can help hold the state accountable to the citizens.

5.1.4 Key Findings

The following section analyses the data collected using the analytical framework developed this year in relation to the recent spaces of participation that AMACH has been using to hold the government to account.

Space

Claimed and invited spaces

The public hearing held in May 2017 was the first of its kind for AMACH. It was an event created by the residents, in which they changed the traditional logic of authorities inviting residents to a hearing, to the residents inviting authorities to a ‘public’ hearing. And by doing this claiming a new space of participation. The relationships between community and authorities, as well as among community members, are today potentially activated through claimed spaces, opened up in the process of the popular hearing. And could eventually, in the case of doing more, open channels of communications that can lead to a negotiation between the authorities and the residents, and reframe their relationship towards a more collaborative process.

The massive mobilisation of residents for the public hearing and the great interest shown by residents during the interviews seemed to have activated channels of communication within the community. The exchange of ideas raised in this claimed space made them aware that the situation in which they live is a shared experience of the neighbours of the historic centre.

Furthermore, community members expressed their wish for the regularisation of public hearings as ‘invited spaces’. They argued that regular meetings and the overall process of popular auditing can, on the one hand be an opportunity for citizens to exercise their right to transform policies and decision-making in their city and, on the other, effectively influence the delivery of community infrastructure that was promised by TAC (but not delivered). These invited spaces for participation could provide a platform to work together for residents to stay in the city centre, remaining visible in Pelourinho through their everyday practices of dwelling and working in the area.

Participatory citizenship

On the aspect of providing an enabling environment for addressing power imbalances, the public hearing was conducted in the presence of authorities and university representatives, but did not ultimately generate debate or challenge power relations. For instance, on a discursive level, the perspectives of both university professors and community leaders in the panel acknowledged the importance of the community members participating in the popular audit as equals and sharing inter-knowledge towards attaining the right to the city. However, on a more practical level, the format of the public hearing placed the community members on a different position from that of the panel, which did not allow room for dialogue between the audience and the panel. In this sense, the public hearing was expository, addressing practical issues predominantly related to the delivery of formal rights specified in the TAC.

As a consequence, community members started to leave the room halfway through the hearing, while others explicitly called the attention of the moderator asking to share some words with the panel. In stark contrast to this, the social cartography included social aspects from AMACH’s struggle that politicised the conversation.
Práticas Coletivas, Instrumentos para a Ação e o Direito à Cidade em Salvador, Bahia

Participation

Representation

At the micro level in the interviews, the popular audit can address the breadth of technical as well as social aspects related to the community’s struggle. Nevertheless, in AMACH meetings as well as in the public hearing, this instrument for collective action incurs the risk of misframing not so much the claims of the residents, but the interactions among the stakeholders as peers.

The popular audit has the potential to adequately represent in the political sphere the voices of the community as well as of AMACH, for instance, by mobilising a diverse range of community members for the public hearing. However, presence without participation leads to misrepresentation, where city dwellers are in effect excluded from achieving the right to transform the urban space and participate equally in the political sphere.

Recognition

One of the declared aims of the popular audit as an instrument for collective action was to establish status equality between residents and researchers by bringing them together in a collaborative process through the interviews and the public hearing itself. In this way, collective recognition of the residents’ struggles can be achieved. Further, the discourse of both UFBA professors and AMACH community leaders emphasised the importance of this collaboration not just for the equality of power between the two groups, but also for broader recognition by a variety of actors (i.e. CONDER, Public Ministry, etc.) that can favour a stronger position in negotiations for the community. Nevertheless, the social cartography, as well as some of the claims and speeches made in the public hearing can also be individual in scope and style. This, for example, could reflect a community’s engagement strategy focused first on the individual level and then on the collective and institutional one. From the standpoint of social justice, an insufficient focus on the institutional aspect of recognition might hinder AMACH’s efforts for redistribution as it could maintain social subordination to institutionalised hierarchies.

Redistribution

The social cartography findings and the claims articulated in the public hearing emphasise the importance of housing conditions, of receiving the commercial points and of the collective equipment specified in the TAC, which have not yet been allocated. The popular audit placed high importance on the fulfilment of these redistributive aspects, which could be understood to promote redistribution. The focus on individual households and individual residents rather than on collective inhabitants’ struggles, means that redistribution is being de facto emphasised as a technological, logistical issue to be addressed on an individual household basis. However, the discourses presented at the public hearing from the UFBA professors and AMACH residents stressed the importance of thinking and acting as a community, for there are shared issues and wishes across the neighbourhood. In this sense one can find some disconnection between the aims of the popular audit and the methodology utilised.

Accountability

Ex-ante and Ex-post

Overall, the popular audit sought to generate accountability of authorities to the residents regarding the TAC. This has strategic (ex-ante) and legal (ex-post) characteristics to account for both ex-ante and ex-post dimensions of accountability.

The social cartography and the public hearing have explored different dimensions of the agreement, specifically related to the signed goals, indicators, activities and outputs of the TAC, as well as the legal status and arrangement entailed by its fulfilment.

Vertical, Horizontal, Hybrid

As an instrument for collective action, the audit has leverage to get all the information needed to hold CONDER and the Public Ministry accountable to residents (through follow-up and potential sanctions) by creating a final legal document that forcing the government to be accountable. Although participation of various actors and the format of the debate were agreed upon beforehand, vertical interaction for the accountability of the local government to community members at the public hearing proved to be challenging.

Voice and information

Voice and information can be mechanisms used by the popular audit to make CONDER and the Public Ministry accountable for the TAC, as well as for broader social struggles. In this sense, voice emerges as the collective pressure that residents can put by expressing the failures of the TAC. And information is the data that can be collected through the audit which can help them push for more transparency in the implementation of the TAC, and hold state answerability.

5.1.5 Conclusions

Popular audit has the potential to create a space for political change and debate, where residents’ struggles are acknowledged and recognised so that they can negotiate their right to inhabit, transform and participate in the making of the city. For instance, the fact that the instrument was able to mobilise the people of Pelourinho to participate in a broader process shows the interest that popular auditing incited in them. Furthermore, the instrument has somewhat revived the sense of community in the neighbourhood, as community members took part in the collaboration and engaged in the cause.
Nevertheless, there are some discrepancies between the aims of the popular audit and the methodologies applied in the process. For the instrument to truly promote participatory citizenship and create transformative spaces, the methodologies must place at the centre the community’s capacity to negotiate on their own and as peers with the authorities.

Conclusively, and as it was previously mentioned, the popular audit was conceived most explicitly to promote the accountability of CONDER to the residents of Pelourinho for the fulfilment of the TAC. Although less explicitly emphasised in the practices related to it, the popular audit has also a great potential to promote horizontal accountability within the community. In this direction, it could help consolidate the community and strengthen their claims, improving their positionality in the fight for the right to the city. Ultimately, the potential of the popular audit to truly strengthen claims of the residents of Pelourinho to inhabit, to transform and to participate in their city, will depend on practices and methodologies chosen for the instrument, but also on their capacity to engage other residents, as well as on the balance of power relations in the city.

5.1.6 Works cited


5.2 Perícia popular no Centro Histórico de Salvador: reflexões sobre o interconhecimento na construção para ação coletiva

Beth Eliana Moreira da Silva, Camila Brandão Machado, Flávio Marzadro, Júlia Martinaitis Gonçalves, Maria Alice Pereira da Silva, Telma Cavalieri Victorio, Thais Garcia Macambira

5.2.1 Introdução

Às lutas dos membros da Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico (AMACH) pela permanência na 7ª Etapa do Centro Histórico de Salvador (CHS)¹, foi agregada uma nova iniciativa, a Perícia Popular. Esta proposição consiste em um instrumento para ação coletiva/pública com o objetivo de promover “o reconhecimento e avaliação de situações de vida coletiva em contextos de vulnerabilização social, provocados pela ação direta do Estado” (VASCCELLOS et al, 2017, p. 15). No caso da 7ª Etapa, este instrumento questiona o descumprimento, pelo Estado, do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC)², buscando revertê-lo quadro de violação de direitos dos moradores do CHS. Além disso, torna-se necessário destacar que a prática de interconhecimento orienta a construção da Perícia Popular³, ao articular uma produção de conhecimentos comuns entre moradores, professores e estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e outros agentes envolvidos.

As 108 famílias que resistiram ao processo de expulsão do CHS, em razão das políticas de renovação urbana promovidas pelo Estado da Bahia, iniciadas nos anos de 1990, conquistaram, na 7ª Etapa, o direito de permanência em imóveis que seriam recuperados através de financiamento por programa público de habitação social, bem como a provisão de equipamentos coletivos, a promoção de cursos de capacitação e atividades de geração de renda, entre outras definições e medidas previstas no TAC. No entanto, a AMACH encontra-se em permanente luta para a efetivação de tais direitos.

A manutenção dessas lutas se dá, entre outros motivos, devido ao não recebimento das moradias em imóveis recuperados por cerca de 25 famílias, pela não implantação dos pontos comerciais e equipamentos coletivos - creche e sede da AMACH -, pelos problemas relacionados à má qualidade construtiva das unidades habitacionais e por conta das recentes ações do Poder Público “contra” as famílias moradoras de casa de passagem (mudança da política de aluguel social e ações de reintegração de posse)⁴. Além disso, salienta-se a desativação do Comitê Gestor⁵ como mais um fator preponderante no processo de invisibilização das reivindicações dos moradores, pelos Poderes Públicos, nos últimos anos.

Por conseguinte, este trabalho pretende refletir sobre a experiência da Perícia Popular, abordando o desafio da prática do interconhecimento na produção comum de conhecimentos entre os diferentes agentes envolvidos, de modo a colaborar para a efetivação do direito à cidade. Para a consecução deste objetivo, realizamos revisão bibliográfica, entrevistas, visitas às casas e ponto comercial dos beneficiários do TAC e participamos da Audiência Cidadã⁶. Salienta-se que as entrevistas foram elaboradas a partir de pontos levantados conjuntamente, entre AMACH e estudantes, oportunizando processos de formação coletiva, com aprendizados mútuos.

5.2.2 Reflexões sobre o interconhecimento na experiência da Perícia Popular

Ao reconhecer a sequência de fatos desencadeados desde a formalização do TAC da 7ª Etapa há doze anos, observamos que, no que tange às relações entre Estado e comunidade, a postura do primeiro tem sido, sistematicamente, de repelir a segunda, tentando mantê-la num estado de invisibilidade; suas solicitações, reclamações e considerações são tidas, costumeiramente, como irrelevantes.

[...] quer dizer, fica me jogando o ponto comercial. É porque não queriam me dar, a realidade é essa. Então eles [CONDER] ficaram me mudando pra me enfraquecer, e aí meus cliente ia embora. [...] Às vezes esses chefes que vem aí não sabem os anos que eu to aqui nessa batalha. Ele vai olhar pra mim, não vai com a minha cara, eu sou negro, mete a caneta. [...] Eles [CONDER] não dão oportunidade não, principalmente quando é negro. É a realidade [...] [Evangelista]⁷.

Ainda que tenham assegurado seus direitos através do TAC, o que se verifica, a partir da fala de Evangelista, é a atual conjuntura de descumprimento desses direitos, além da reafirmação das questões raciais. Acreditamos, portanto, que a manutenção da garantia dos direitos assegurados se dá através da contínua luta social e isto
se traduz como a luta pelo “direito à cidade”. De acordo com o pensamento de Pró Cida, presidente da AMACH:

Conquistamos através dessa luta, um documento chamado TAC, aí o direito à cidade, o direito à moradia, a dignidade do cidadão foi reconhecida como seu valor, dentro do espaço aonde ele mora. [...] O direito à cidade, porque eu estou dentro da cidade, eu costumo dizer que pertencer à cidade é você saber exatamente dos seus direitos como cidadão, saber que se você não lutar, se você não tiver organizado, o governo não te enxerga. E nós da AMACH, a gente faz questão de 24 horas, de ser enxergado. De repente a gente tava morno, aí o Governo do Estado achou que a gente tava parado. Aí eles começaram a vir com truculência para nós esquecer que o TAC, dizer que ele não tinha mais validade, e tomar decisões sem consultar e de repente a gente encontra parceiros como a UFBA, como já anteriormente a gente tinha parceiros como a UFBA, como já anteriormente e parceiros como Jecilda Maria da Cruz Mello).8

Das palavras de Pró Cida também se depreende que as ações da AMACH assentam no que Santos (2007) chama de ação-com-clinamen, pois vem produzindo o desvio e promovendo complexas e criativas combinações entre diferentes grupos sociais. Nesse sentido, a recente articulação entre a associação, os moradores, os professores e estudantes veio maximizar o desvio e a Perícia Popular vem se configurando como possibilidade prática de operá-lo. Além disso, a experiência da Perícia também oportuniza o encontro com outros agentes estatais, como ocorrido na Audiência Cidadã. Dessa forma, com o intuito de reverter o descumprimento do TAC e de obter diferentes soluções, a Perícia se apoia na prática da troca de saberes com a intenção de iniciar uma avaliação, facilitando/dedendo o entendimento de como a ação direta do Estado criou condições e situações de vulnerabilidade social dessa comunidade. Nesse sentido, a existência de diferentes frentes de saberes, crenças e comportamentos (seu inevitável confrontamento, sua possível assimilação e sua inexorável troca) nos remete à ideia que Santos (2007) apresenta como a Ecologia dos Saberes.

Esta, segundo o próprio autor, consiste em construir a seguinte sistemática formada por três conjuntos principais de questões: o primeiro refere-se à identificação de saberes; o segundo abrange o conjunto das questões referentes aos procedimentos que permitem relacionar os diferentes saberes entre si; e o terceiro diz respeito à natureza e à avaliação das intervenções no mundo real possibilitadas pelos saberes.
As visitas aos beneficiários do TAC foi um momento oportuno de mobilização para a Audiência Cidadã, e, em muitos casos, também de troca de informações sobre as ações da Perícia Popular. Ao longo das visitas, constatamos a desmobilização de muitos moradores em relação à luta pelo direito à cidade, o que trouxe implicações no processo de construção da Perícia pois maiores seriam as contribuições e as trocas de conhecimentos se mais moradores estivessem mobilizados.

Todavia, houve uma presença expressiva dos moradores na Audiência Cidadã (Figura 5.7). Um grande êxito da ação. Outro fato relevante, proveniente desta ação, foi a abertura, pela CONDER, de oportunidade de conversa e de perspectiva de reativação do Comitê Gestor.

Nas palavras de uma moradora:

Eu achei que foi de bom tamanho o que aconteceu. Porque, pelo menos, nós já colocamos eles para pensar. Eles já começaram a pensar desde o momento em que eles puseram os pés lá. Isso pra mim foi muito bom. Muito bom! Eles estão vendo que o povo daqui tá procurando resgatar algum direito (Sandra Regina Silva dos Santos).

Figura 5.5. Terreno abandonado próximo aos bombeiros no CHS. Fonte: Fotografia de Beth Moreira, 2017.

Figura 5.6. Evangelista, cabeleireiro, em seu ponto comercial

Ainda assim, o formato de tal encontro nos provocou algumas reflexões. Mesmo entendendo que o objetivo da Audiência Cidadã era discutir com instituições da estrutura do Estado, e por isso a necessidade de se constituir enquanto um espaço formal, percebemos que a sua programação foi extensa e um tanto exaustiva. O primeiro momento da Audiência, reservado à apresentação dos problemas identificados pela Perícia, prolongou-se no tempo e implicou um reduzido e “desvalorizado” espaço para a fala dos moradores. Tendo em vista que a plateia era composta predominantemente pelos residentes que têm conhecimento da maioria dos problemas, se não de todos, entendemos que a apresentação poderia ter sido mais sucinta. Além disso, o tempo reservado para que os moradores pudessem fazer suas reivindicações ou expor suas opiniões não deveria ocorrer apenas no final, fato que acarretou a não escuta de seus questionamentos por parte do Estado. O adiantado das horas foi usado como justificativa pelo representante da CONDER, que se ausentou assim que os moradores começaram a se expressar. Tal acontecimento, que representa o descaso por parte do poder público, fomentou o esvaziamento da Audiência. Todavia, salienta-se que o feedback dos residentes foi positivo, com boas expectativas e esperança do cumprimento do TAC.

Ademais, acreditamos que as aprendizagens compartilhadas entre moradores e estudantes, propostas para a construção da Perícia, foram, de fato, mais apropriadas pelos estudantes, pois a própria prática do interconhecimento é complexa por si só. O conhecimento científico, afinal, não deixa de ser conhecimento hegemônico mesmo sabendo que existem diversos outros tipos de aprendizados e diferentes formas de apreensão. No que tange às entrevistas, a ação da escuta e do diálogo levou os moradores a levantarem questões quanto à precariedade habitacional, além de contradições e problemas com o Poder Público. Entretanto, apesar de ouvir os residentes durante as entrevistas, nós, estudantes, não obtivemos um feedback a respeito de tais conversas, ou seja, opiniões de como foi esse processo para eles, suas opiniões, o que podemos melhorar, diferentemente da avaliação que pudemos realizar sobre a Audiência. Compreendemos, portanto, que é difícil a efetivação do interconhecimento com seus diferentes saberes partilhados. Afinal, como nos alerta Santos (SANTOS, 2007, p.90), “[...] obviamente, em uma sociedade saturada, por assim dizer, pela hegemonia do conhecimento científico, não podemos esperar que os primeiros exercícios da ecologia dos saberes tenham essa igualdade, quer dizer, que todos os saberes tenham um pé de igual.”

Por outro lado, a participação da Universidade na construção da Perícia Popular apresenta suma importância tanto pelas ações desenvolvidas quanto por, simplesmente, sua presença como representante do conhecimento científico. Como afirma Santos (2007, p.87), “na ecologia dos saberes, a busca de credibilidade para os conhecimentos não-científicos não implica o descrédito do conhecimento científico. Implica simplesmente a sua utilização contra-hegemônica”.

A continuidade dos trabalhos em parceria se apresenta ainda mais desafiadora, justamente pelo fato de a Universidade representar o conhecimento hegemônico, já que, da mesma forma que seu saber/poder colabora para potencializar um conhecimento diverso, este também exerce pressão sobre os atores desse conhecimento diverso, podendo fazer surgir uma dependência representativa em detrimento de uma autonomia.

Considerando que se trata de processo coletivo de intervenção em determinada realidade, na qual se pretende resistir e resgatar direitos ameaçados de determinada população, a autonomia e a participação ativa de parcela representativa dessa população são imprescindíveis para a continuidade e não descaracterização do processo como coletivo.

Sempre que há intervenções no real que em princípio podem ser levadas a cabo por diferentes sistemas de conhecimento, as escolhas concretas das formas de conhecimento a privilegiar devem ser informadas pelo princípio da prudência, que no contexto da ecologia de saberes consiste em dar preferência às formas de conhecimento que garantam a maior participação possível dos grupos sociais envolvidos na concepção, execução, controle e fruição da intervenção (SANTOS, 2007, p.90).

A preocupação com maior mobilização da comunidade está expressa nas falas dos próprios moradores, fato que se constitui como oportunidade para fomentar alternativas a serem formuladas pela própria comunidade, ou seja, a autonomia.

Porque ainda tem pessoas que não receberam as casas. Então a gente já recebeu, muitas das vezes... as pessoas tava reunidas, aí as que foram recebendo foram deixando de lado. [...] Eu acho que participa quem tá querendo ganhar a casa, participa mais, que as pessoas que já ganharam a casa não se preocupam muito. Muitas pessoas só procuram a Associação quando têm algum problema, entendeu? Eu acredito que seja um problema pra Amach isso. Porque as pessoas/ se tiver/ vamos fazer uma reunião, tem que todo mundo estar, vão poucas pessoas. Mas se o governo disser: “Vai ter que tirar todo mundo”, aí vai ter muita gente, porque muita gente mora aqui, mas na hora de se mobilizar pra evitar, as pessoas não se preocupam muito não. (Dione Fernanda Barbosa da Silva Meio)
Isso, dez reais por mês. São poucos, são cento e tantas famílias, e mais ou menos quinze pessoas pagam, é difícil manter a Associação. (Ailton Dan-
11.

11. É uma comunidade que ela não é voltada pra... por todos. A gente não tem grande diálogo, a gen-
12. 

ta entendendo? (Lenilza de Souza Gomes)

12.

Ao mesmo tempo apresentam carências, insatisfações que podem ser o foco para a manutenção da mobili-

[...]

2.5.3 Considerações Finais

Na ecologia de saberes, a busca de credibilidade para os conhecimentos não científicos não implica o de-

2.5.4 Referências

AMACH, Associação dos Moradores e Amigos do Centro Histórico, MACHADO, Camila Brandão; GUSMÃO, Luísa Almei-

da; ARAUJO, Mayara Mychella. A luta pelo Direito à Cidade: a permanência dos moradores da 7ª Etapa de recuperação do CHS e as repercussões das ações do Poder Público pela efeti-

2.5.2 Referências


NOTES TO CHAPTER 5.2

3. A Perícia Popular foi proposta no primeiro ano do Intercâmbio, em 2016, e foi posteriormente desenvolvida na disciplina extensionista de Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) ARQB19 Perícia Popular no CHS, ofertada no âmbito da Faculdade de Arquitetura da UFBA.
5. Foi instituído pelo TAC como um espaço para análise e deliberação sobre requerimentos apresentados pelos moradores da 7ª Etapa.
6. Realizada no dia 09 de maio de 2017, no Centro Cultural da Câmara Municipal de Salvador.
The exchange took place in 2016, under the module II of the discipline Political, Democracy and Right to the City, in partnership with the students and professors of the Faculty of Architecture / UFBA and The Development Planning Unit / Bartlett School of Architecture. In 2017, the course was open to undergraduate and graduate students from UFBA, as well as from the Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) and the Federal University of the Recôncavo da Bahia (UFRB), as well as being offered to members social movements, associations, collectives and professionals.

In the first year, the objective of the discipline was to develop a collective territorial reading of popular occupations of the city of Salvador, in the areas of the Old Center and the Subúrbio Ferroviário. This year, in addition to these areas, there was an articulation of the social movements, associations and collectives that worked in the zone of expansion of Iguatemi. The intention was to create instruments that would enhance collective action in the conquest for the right to the city.

Thus, Nordeste de Amaralina appeared with potential for study, given the interest of some collectives who are active in building a Neighborhood Plan. From the contact between UFBA and the Forum of entities of the Nordeste of Amaralina (Fórum de Entidades do Nordeste de Amaralina - FOSERENA), the CineMaloca project, the Nova República Association and the Santo André Parish - articulated as the neighbourhood association Associação de Moradores do Nordeste de Amaralina (AMNA) of FOSERENA - accepted to participate in the activity proposed by the discipline.

The work developed by the students of UFBA, UCL and the collectives that are part of FOSERENA and are articulated to AMNA began what can be considered as a moment before the future elaboration of the Neighborhood Plan. Thus, the following articles, when narrating the experience lived by this group during 15 days of activities, presents the participatory cartography as a potential instrument for mobilization and collective action. According to the authors, UFBA and UCL students and representatives of the CineMaloca, the Nova República Association and the Santo André Parish, the linking of participative cartography with the Neighborhood Plan goes beyond the valorization of contexts and narratives, by recognising and legitimising the most sensitive demands of the resident population on the neighborhood.

In this way, the reflections resulting from such a challenge extrapolate the overcoming of the aspects related to group coexistence and reach the level of provoking broader and necessary debates about the need for planning (of the city, the neighborhood) to include the participation of the population associated with technical and scientific knowledge in its elaboration process.
O intercâmbio realizado em parceria com os estudantes e professores da Faculdade de Arquitetura / UFBA e The Development Planning Unit / Bartlett School of Architecture teve início em 2016, no âmbito do módulo II da disciplina Política, Democracia e Direito à Cidade. Em 2017, a disciplina foi aberta tanto aos estudantes de pós-graduação e de graduação da UFBA, como âqueles da Universidade Estadual de Feira de Santana (UESFS) e da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), além de ser oferecida aos integrantes de movimentos sociais, associações, coletivos e profissionais.

No primeiro ano, a disciplina teve o objetivo de desenvolver uma leitura territorial coletiva de ocupações populares da cidade do Salvador, nas áreas do Centro Antigo e do Subúrbio Ferroviário. Neste ano, além dessas áreas, contou-se com uma articulação dos movimentos sociais, associações, associações e coletivos que atuavam na zona de expansão do Iguatemi. A intenção foi criar instrumentos que potencializassem a ação coletiva na conquista pelo direito à cidade.

Assim sendo, o Nordeste de Amaralina apareceu com potencial para estudo, haja vista o interesse de alguns coletivos ali atuantes em construir um Plano de Bairro. A partir do contato entre a UFBA e o Fórum de Entidades do Nordeste de Amaralina (FOSERENA), o projeto CineMaloca, a Associação Nova República e a Paróquia Santo André – articulados à Associação de Moradores do Nordeste de Amaralina (AMNA) e que fazem parte do FOSERENA – aceitaram participar da atividade proposta pela disciplina.

O Nordeste de Amaralina caracteriza-se pela ocupação relativamente recente. Ainda na segunda metade do século XIX, era constituído por grandes fazendas (SANTOS et. al., 2010) que, em meados do século XX, tornaram-se majoritariamente casas de veraneio, ocupadas por empregadas domésticas, lavadeiras ou caseiros, que ali trabalhavam e se fixavam nas redondezas. Além deles, pescadores também foram se estabelecendo na área (SANTOS, 2009).

Atualmente se destaca, no contexto da cidade, pela sua amplitude em termos da extensão de área, população, diversidade de manifestações artísticas e culturais, além dos problemas históricos relacionados à falta ou precário acesso à infraestrutura e aos serviços públicos e urbanos (educação, esporte, lazer, saúde e saneamento básico) ofertados à população. Caracteriza-se ainda e, sobretudo, pelo estigma da violência que abarca duas esferas: a violação de direitos infantojuvenis e as questões sociais – pobreza, vulnerabilidade, desemprego, discriminação – e as práticas inadequadas de abordagem policial, a atuação do narcotráfico, os homicídios, genocídio da juventude negra e negligência familiar (ALMEIDA, 2017).

O trabalho desenvolvido pelos estudantes da UFBA, da Bartlett School e dos coletivos que fazem parte da FOSERENA e são articulados à AMNA deu início ao que se pode considerar como um momento anterior à futura elaboração do Plano de Bairro. Assim, o artigo a seguir, ao narrar a experiência vivenciada por esse grupo durante 15 dias de atividades, apresenta a cartografia participativa como potencial instrumento para mobilização e ação coletiva. Segundo os autores, estudantes da UFBA e representantes do CineMaloca, da Associação Nova República e da Paróquia Santo André, a vinculação da cartografia participativa com o Plano de Bairro ultrapassa a valorização de contextos e narrativas, reconhece e legitima as demandas mais sensíveis da população residente no bairro.

Assim, o Nordeste de Amaralina apareceu com potencial para estudo, haja vista o interesse de alguns coletivos ali atuantes em construir um Plano de Bairro. A partir do contato entre a UFBA e o Fórum de Entidades do Nordeste de Amaralina (FOSERENA), o projeto CineMaloca, a Associação Nova República e a Paróquia Santo André – articulados à Associação de Moradores do Nordeste de Amaralina (AMNA) e que fazem parte do FOSERENA – aceitaram participar da atividade proposta pela disciplina.

O Nordeste de Amaralina caracteriza-se pela ocupação relativamente recente. Ainda na segunda metade do século XIX, era constituído por grandes fazendas (SANTOS et. al., 2010) que, em meados do século XX, tornaram-se majoritariamente casas de veraneio, ocupadas por empregadas domésticas, lavadeiras ou caseiros, que ali trabalhavam e se fixavam nas redondezas. Além deles, pescadores também foram se estabelecendo na área (SANTOS, 2009).

Atualmente se destaca, no contexto da cidade, pela sua amplitude em termos da extensão de área, população, diversidade de manifestações artísticas e culturais, além dos problemas históricos relacionados à falta ou precário acesso à infraestrutura e aos serviços públicos e urbanos (educação, esporte, lazer, saúde e saneamento básico) ofertados à população. Caracteriza-se ainda e, sobretudo, pelo estigma da violência que abarca duas esferas: a violação de direitos infantojuvenis e as questões sociais – pobreza, vulnerabilidade, desemprego, discriminação – e as práticas inadequadas de abordagem policial, a atuação do narcotráfico, os homicídios, genocídio da juventude negra e negligência familiar (ALMEIDA, 2017).

O trabalho desenvolvido pelos estudantes da UFBA, da Bartlett School e dos coletivos que fazem parte da FOSERENA e são articulados à AMNA deu início ao que se pode considerar como um momento anterior à futura elaboração do Plano de Bairro. Assim, o artigo a seguir, ao narrar a experiência vivenciada por esse grupo durante 15 dias de atividades, apresenta a cartografia participativa como potencial instrumento para mobilização e ação coletiva. Segundo os autores, estudantes da UFBA e representantes do CineMaloca, da Associação Nova República e da Paróquia Santo André, a vinculação da cartografia participativa com o Plano de Bairro ultrapassa a valorização de contextos e narrativas, reconhece e legitima as demandas mais sensíveis da população residente no bairro.

Referências/Works cited


NOTES TO CHAPTER 6.1

1. It covers the localities of Vale das Pedrinhas, Chapada do Rio Vermelho, Santa Cruz and the Nordeste itself.

2. Abrange as localidades do Vale das Pedrinhas, Chapada do Rio Vermelho, Santa Cruz and the próprio Nordeste.
6.1 How can instruments for collective action support marginalised groups to advance their claims for the right to the city in Nordeste de Amaralina, Salvador, Brazil

6.1.1 Introduction

In this chapter, we present the results of a participatory action research project conducted in the first half of 2017 by students of the MSc Social Development Practice at University College London (UCL) and the Federal University of Bahia (UFBA) working with the communities of Nordeste de Amaralina in Salvador, Brazil, as part of the Lugar Comum research partnership. The study explored how the use of social mapping can advance the right to the city of the communities of Nordeste de Amaralina. We position our analysis with a Lefebvrevian understanding, recognising communities’ rights to co-produce cities (Harvey, 2003), and we define instrument for collective action as a dynamic process which enables communities to work together to further their claims while generating new learning and building the capacity of that community. This is the assumption through which we approached this work.

This chapter is organised as follows. Firstly, an introduction to the case study, socio-economic and political context is given, followed by the analytical framework, the methodology and the analysis and key findings. Finally, conclusions and recommendations are given. Detailed summaries of the individual elements of the research can be found in the appendices.

Social-Economic and Political Context

In recent years, Brazil has significantly reduced its levels of poverty and inequality. The percentage of the population living below $2US per day dropped from 23.2% to 5.9% between 2002 and 2012 (Oxfam, 2013), the Poverty index decreased from 35.7% to 16% between 2003 and 2012, and the Gini coefficient fell from 0.583 to 0.530 in the same period (ibid).

However, there are still significant challenges in combating social injustice, especially among marginalised groups who remain excluded as is evident in Nordeste de Amaralina. Historically, in Brazil, social movements have been strong in fighting for the opportunity of participating in the production of cities and in promoting urban reforms (Avritzer, 2010). One significant success has been the establishment of the City Statute in 2001, a federal law that states that cities over 20,000 inhabitants should create participative and democratic urban development plans. In addition to other tools and legal instruments, this Statute sought to guarantee citizens’ balanced participation in the city production (ibid).

However, since Dilma Rousseff’s impeachment in 2016, the government has cut social benefits and promoted a series of market-led reforms to the detriment of workers’ rights. In Nordeste de Amaralina, activists have explained that this national scenario has recently led to frustration as well as new mobilisations to protect the social rights recognised by previous national government mandates.

Case Study: Nordeste de Amaralina

Nordeste de Amaralina, is a vibrant and well-located neighbourhood and one of the oldest in Salvador. It lies in the southern part of the city, bordering the beach in the south and the City Park in the north; it is also surrounded by high-income districts creating a sharp visual contrast as displayed in Figure 6.1.
Four communities compose the Nordeste de Amaralina neighbourhood as shown in Figure 6.2, Chapada, Nordeste, Santa Cruz, and Vale das Pedrinhas, amounting to 78,128 people, out of which 86.1% are brown or black (IBGE, 2010). It has a young population with 38.4% of the inhabitants being under 24.

For a long time, the communities of Nordeste de Amaralina have been facing social issues surrounding unemployment, low income and social unrest, in part due to police violence and drug trafficking (Associação de Moradores do Nordeste de Amaralina, 2017). More than half of households live on one less-than-minimum wage and 12.7% of households do not have any income at all. Many community members work in the informal sector as hawkers or domestic workers (ibid). Violence blights the lives of residents in complex and multifaceted ways. Death by firearm is the most common cause of mortality for young black males (ibid). These persisting issues have stigmatised and affected its people's wellbeing.

Social programs have been implemented in Bahia, including Pacto Pela Vida – Pact for Life in English, introduced to promote social peace through the integration of Community Public Security Bases within areas considered critical for violent crimes (Governo do Estado Da Bahia, 2007). These bases have stated the purpose of connecting communities to police forces and bringing a sense of security to the neighbourhood. In Nordeste, one such Security Base is located where there once was a school. It provides social activities such as swimming and dance classes to community members, but many view these programmes as less valuable as compared to the previous use, believing the Bases to actually have increased violence.

The research was undertaken with the youth group Cine Maloca based in Nordeste. The group uses public video screening to raise awareness of violence against young black people. Earlier this year when the opportunity to work with Lugar Comum was presented, they invited other organisations in the area to join them in using it to mobilise communities around key issues, thus the neighbourhood association Associação do Nordeste de Amaralina, Associação Republica, and the church group Paróquia Santo Andrê also collaborated in the research.

6.1.2 Methodology

Based on the formulation of our analytical framework, we decided to tighten and tailor our research questions to the case study. They became:

i. What are the collective claims of the social movements of Nordeste de Amaralina to advance their right to the city?

ii. How can participatory social mapping be harnessed as an instrument for collective action which helps the social movements advance these claims, connect them with hope and the capacity to aspire?

iii. To what extent can the process of social mapping build collective capacity within the social movements to further their claims using this instrument?

Research Process and selection of social mapping as a tool

During the research, we actively reflected on our role as practitioner-researcher and the work in collaboration with community organisations and UFBA students. Initially there were expectations that we, as ‘foreign’ researchers could offer a validation of the quality of the communal infrastructure provision of the neighbourhood (i.e. Hospitals, parks, etc). In conversations with the organisation we renegotiated the expectations of the work. We moved from doing an initial physical assessment of the neighbourhood's infrastructure, to a participatory mapping in which community leaders were actively involved in the planning and implementation. The participatory mapping took well-being as the overall theme, thus widening the spectrum not only to hospital and police stations but to other aspects such as spaces and people that provided feelings of safety and wellbeing in the neighbourhood and beyond.

We use social mapping in four areas of the neighbourhood, which were chosen by the organisations that we were working. These were selected as they represented different parts of the neighbourhood and were visible points in which peo-

Figure 6.2. Four communities in Nordeste de Amaralina. Source: CONDER (1992); CIAGS/UFBA; SEMA (2009)
Table 6.1. Designed research process. Source: Chapter authors.

<table>
<thead>
<tr>
<th>STAGE</th>
<th>DATES</th>
<th>DESCRIPTION</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>PREPARATION</td>
<td>March-April 2017</td>
<td>Thematic research Brazilian context Instruments for collective action Case Study Analytical framework Case Study Background</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Literature Review of the Project. Initial brainstorming of an instrument for collective action, from our understanding of Cine Maloca’s background</td>
</tr>
<tr>
<td>DIAGNOSIS</td>
<td>April 30 2017</td>
<td>1st meeting with Cine Maloca leaders (2)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>May 3 2017</td>
<td>Semi structure interviews (7) Transect walk, Santa Cruz (4) Discussion of Participatory Mapping as an IFCA to 2017 promote participation and mobilisation</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>May 4 2017</td>
<td>Transect Walk Noreste Amaralina (1) Interviews showed: over-demand of the current Public Health Centres</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>May 3 2017</td>
<td>Transect walks (2) With 4 community leaders in Santa Cruz Communitarian assets such as Community Public Security Base in Nordeste</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>May 4 2017</td>
<td>With 1 community leader in Nordeste A. Visit of Community Public Security Base - provision of social activities</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>May 5 2017</td>
<td>Data review Review UFBA students and Cine Maloca data Literature Review for Analytical framework With more information on the organisations’ claim, gained through Interviews and transect walks, we worked on a new analytical framework</td>
</tr>
<tr>
<td>DESIGN IFCA</td>
<td>May 6 2017</td>
<td>Meeting with all community leaders Workshops with leaders to design IFCA. Agreed to map Health &amp; Recreational Facilities in all 4 communities. As Security &amp; Violence can be a delicate subject</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Meeting with all community leaders Agreed to design a questionnaire to gain the subjective data on the two indicators</td>
</tr>
<tr>
<td>IMPLEMENTATION OF IFCA</td>
<td>May 8-5 2017</td>
<td>Participatory Mapping (4) Santa Cruz (1) Chapada (1) Vale das Pedrinhas (1) Nordeste de Amaralina (1) Activities conducted in open public spaces over two days, invited community members to participate (diverse body group). Research team assisted them in the mapping exercise, while interviewing and taking notes.</td>
</tr>
<tr>
<td>ANALYSIS</td>
<td>May 10-5 2017</td>
<td>Analysis Workshop Meeting with all community leaders Meeting with all research groups Analysed main key findings with leaders. Reflected on the collective research teaming process. Identified ways in which IFCA can facilitate to address their claim toward reaching the Neighbourhood Plan</td>
</tr>
<tr>
<td>DELIVERABLES</td>
<td>May 12 2017</td>
<td>Final Presentation in Brazil Presentation + mapping activity video Received feedbacks from leaders. Were told leaders would use this experience to continue the fight to advance to the right the city</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>May 23 2017</td>
<td>Final Presentation in London Power point presentation</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>May 26 2017</td>
<td>Report Writing final report</td>
</tr>
</tbody>
</table>
people could easily engage with the map. There was a total of 163 participants in two days and used semi-structured interview to collect data as well as physical maps. Due to time constraints, we were unable to do in-depth explorations about people’s answers and it was also difficult to analyse all the correlated findings. Furthermore, some groups may have been excluded from the process as a result of location, timeframe of the workshop, the public nature of the exercise or of the difficulties related to engaging with a mapping exercise. Others simply because they did not want to be involved in such a process. Though we had a diverse and variegated response, mapping presents methodological issues that make it impossible to have a perfect proportionally representative sample. Nonetheless, we were also keen to understand the potential of mapping in helping build the capacity of the community to further their claims.

From the defined research questions and framework, we negotiated the research process with our research community resulting in the following programme of activity (Table 6.1). More details on the research stages can be found in Appendices 6.1 and 6.2. In addition, Appendices 6.3, 6.4, 6.5 and 6.6 described some crucial activities of the process such as meeting with the leaders, doing transect walks, conducting semi-structured interviews and design workshop.

### 6.1.3 Analytical Framework

Our underpinning broader research question consisted of understanding the following: How can instruments for collective action support marginalised groups to advance their claims for the right to the city in Salvador, Brazil? We understood and analysed this broad research question within a framework centred around literature on the Right to the City, Recognition, Aspiration, and Hope.

#### The Right to the City

Claiming the right to the city implies people’s right to influence the processes of urbanisation by accessing, but also shaping their city according to their own aspirations and desires. It is understood that marginalised groups are largely excluded from the production of cities due to exploitative social relations and that those with more power often have most of the control when making decisions about urbanisation. Marginalised groups can advance their right to the city by building alliances so as to gain power and struggle for a different kind of city which challenges crystallised and unequal social relations (Harvey, 2003).

It is for precisely these reasons that the social movements in Nordeste de Amaralina collectively decided that the creation of a ‘neighbourhood plan’ would be a positive way to unite communities of the neighbourhood behind collective claims and aspirations about the type of city they wanted to live in.

#### Recognition

If claiming the right to the city is about marginalisation, similarly, it is also about the lack of recognition or misrecognition. For a neighbourhood characterised as ‘violent and dangerous’, a ‘no-go’ area for many and as a place people say to be ashamed to be from, then, poverty, racial segregation, informal work and insecurity intersect to result in social injustice in compounding and complex ways. This exclusion, or what Nancy Fraser (2000) describes as misrecognition, is a manifestation of social injustice that prevents people from participating equally as peers in society.

Community leaders expressed the desire to use the creation of a Neighbourhood Plan as a way to revert this. Using participatory mapping as an instrument for collective action was thought as giving voice and recognition to residents, providing an opportunity for people to have their views heard and amplified. This was seen as the first step towards recognition in some ways. In this case, the City Statute, albeit under threat, is an important cultural and contextual backdrop.

#### The Capacity to Aspire and Hope

Appadurai’s (2004) notion of ‘the capacity to aspire’ as a process contributing to people’s recognition, also sees it as a necessary factor in generating the energy required to fight for change. According to Appadurai, the capacity to aspire is a cultural capacity linked to opening new capacities and exploring different alternatives and meanings (Ibid). Despite the limineighbourhood time available for the action-research, we understand through this lens that participatory mapping could effectively provide a tool for sparking such a collective process to support a neighbourhood plan. Nevertheless, this would ultimately contribute to expanding residents’ capacity to aspire and dream of a different city. This capacity is linked with ‘hope’, which Freire (1995) regards as an ontological need, and argues that hopelessness is but the consequence and cause of inaction or immobilisation. Thus, opening spaces to aspire and connect people with hope is crucial for the enhancement of mobilisation and change.

Figure 6.3 illustrates how we comprehensively analysed these concepts as part of the development of a neighbourhood plan; the latter being devised as an instrument for collective action, which uses social mapping and a variety of other methods to support that process.

#### 6.1.4 Key Findings

This section presents the key findings from our research analysis. These are also summarised under the headings of database for participatory mapping, charac-teristics of participants (Appendix 6.7) and results by ques-tions (Appendix 6.8).
Collective Claims of the Social Movements

Our research led us to identify that the social movements in question had collective claims which pointed to the importance of mobilising their communities collectively around issues that matter to them. They chose to do this across all four neighbourhoods and through the development of a neighbourhood plan. Community groups made clear that they wanted our research to be a pilot project of the plan starting with a social mapping exercise. It is also relevant to mention that they emphasised the need of asking questions regarding people’s desires and aspirations as a means to engage neighbours in collective dreams and hope. This is how they chose to conceptualise their claim for their right to the city.

Social Mapping as a Tool for Collective Action?

Mapping is an interactive approach which draws on local people’s subjective opinions (Chambers, 2006) and enables the collective creation of visual data that can then be presented in the form of physical and digital maps. According to Brodie and Cowling (2010), mapping can empower people, in that it regards participants as capable research collaborators, who, when mapping will rethink and redefine the indicators that are significant to them. Additionally, mapping can help raise awareness about the surrounding reality and is no longer viewed as a simple data collection tool. On the contrary, it can be a fruitful social encounter between participants and research facilitators (Brodie and Cowling, 2010). And this is how community leaders viewed it. Mapping aspirations and desires helped community leaders to realize that collective hopes and aspirations can advance their claims to the right to the city and this tool could aid the continuation of a process of collective association towards collective dreams and struggles.

One of the leaders of Cine Maloca, suggested that participatory social mapping could constitute a useful starting point for the development of a neighbourhood plan. In our four mapping workshops, people shared qualitative observations and experiences about what they had mapped to enrich data. We enabled the different (layered) features of a particular area to be displayed simultaneously, so as to find correlations between different indicators more accurately and efficiently.

Following the request of leaders, our mapping exercise focused on health and wellbeing – as leaders saw this as a good way to start a pilot project. Results show a
gap between public supply of health facilities and social programmes focused on wellbeing as well as on community’s needs and aspirations. These gaps in the provision of and satisfaction with health facilities were also singled out during the interviews and transect walks.

Only 11.7% of Nordeste de Amaralina’s residents initially said they used the public health centres in the neighbourhood when they feel unwell; and 34% stated that these needs to be improved or changed. In addition, during our visit to one public health centre in Santa Cruz, the doctor in charge described how the centre was operating at full-capacity due to the overwhelming number of patients with over 600 visits daily, underscoring the insufficiency of health services in the neighbourhood.

The Pacto Pela Vida state programme has replaced cultural and educational centres and social activities are been delivered through ‘Community Public Service Bases’. However, only 0.6% (one person) mentioned the use of such facilities, which raises questions about the accessibility of the ‘bases’. It seems that the association of programmes with the military is problematic, especially in a neighbourhood characterised by high indicators of violence, including police violence. Rather than state sponsored recreational programs, 37% of the participants mentioned the beach and the city park as places where they felt good, including both as part of the Nordeste de Amaralina neighbourhood. They also value staying at home (15%) and within their community.

The participatory mapping allowed participants to connect with their desires and aspirations. 34% of the participants want to improve health facilities, 21% want a more secure neighbourhood and 10% want to bring new recreational spaces. These results illustrate a collective desire to bring change to their communities.

In conclusion, the research found existing gaps, which could be used as an entry point to continue reflecting collectively on how the community members want to change and produce their own space and relations.

Building the collective capacity of social movements to further their claims

As stated by community leaders, community organisations had not been actively working in coordination before this intervention. Cine Maloca and Associação República had started to hold regular meetings, which resulted in initial discussions to create awareness and act on the neighbourhood struggles. However, the leaders stated that this research project has given them new energy to create a new space for the four social organisations to meet, discuss, share aspirations and hopes and work collectively towards a specific goal.

Community leaders thought that this action-research project was a good opportunity to build alliances among organisations from the four neighbourhoods. During the action-research, we could see how the leaders of social organisations were already building strategic alliances with each other to address their goal of mobilising people and build a neighbourhood plan that could tackle some of their concerns.

We have seen how, through the process, leaders have continued to strengthen their relations and associations. Involved as equal partners, recognised, with agency and voice, through each step of the research. As one of the leaders said during the evaluation final meeting:

“The mapping of the neighbourhood was a collectively defined product, where everyone was part of the methodology. It was a very interesting process. People value three elements: collective decisions were built based on consensus, people participation was a key element, and we saw commitment of people and students” (Fabiana, leader Cine Maloca, 2017).

Participatory mapping—and this research more generally—has been useful as an entry point to revitalise their own mobilisation and association, though this must be seen as part of a wider struggle. We believe then, that at least three aspects are needed for these social organisations to continue building alliances that can help them advance their claims for the right to the city.

First, they should continue working together through the newly established forum or through other channels. Second, after critically assessing whether the neighbourhood plan is the best instrument within the new political context, they should identify a strategic tool which supports their participation in the transformation of the city, of its opportunities and relations. They are aware of the existence of the City Statute but recognise that so far, this law has not been a guarantee of recognition nor of participation in shaping and producing the city within larger political shifts. Therefore, they need to discuss and think strategically on how to use this law in their favour. Finally, they need to continue building alliances with other organisations and social movements which are already struggling for the right to the city at the metropolitan level. This could help them gain force and power. We have noted how the alliance with Lugar Comum and UFBA holds the potential to be a driving force for shifting reality, a relationship which was highlighted by one of the leaders as helping promote public policies which benefit the communities (Cassio, Cine Maloca leader, 2017).

Figure 6.6 and Figure 6.7 show the contrasts between Nordeste’s community, Santa Cruz and another wealthy neighbourhood separated by the city park.
6.1.5 Conclusion

An essential part of any action-research is the critical assessment of both methodology and analytical approach to it, being in this case a fundamental factor for the continuation of the relationship between Lugar Comum and the community. In drawing our concluding remarks, one of the first reflections is related to this point, as the size and scale of Nordeste mean that this research can only seek to animate and energise the long-term struggles of communities in a relatively limited way. This was well understood by the communities we worked with, which contemplated it more as a long-term relationship to promote collectivism and recognition in their struggle.

Connected to this, is the fact that the community chose to focus on health and wellbeing, particularly looking at the provision of social infrastructure. Arguably, this could be viewed as anodyne, or overly focused on state provision vis-à-vis other paramount concerns such as struggles with violence and security identified by participants, thus potentially opening up the possibility of addition regressive state action. However, both the community and ourselves viewed this as a pilot to build capacity for future—potentially more contested—stages of participation.

At the time of the visit, the political context reflected the shadow of some kind of reduced mobility for social movements in Nordeste, most recently united under the banner “Favelas against the Coup”, which subsequently quietened down. The community placed a great value on the opportunity to think collectively and strategically about their aspirations for the future. This was done deliberatively and based on the very diverse fabric of social movements, ultimately designed to create the conditions for renewed vigour and determination. Nevertheless, in light of the changing political environment, the tenacity and strategic approach as well as the partnership with Lugar Comum, offer the communities of Nordeste de Amaralina greater hope for change. We wish them great success in their struggle.

6.1.6 Works cited


6.2 Nordeste de Amaralina: da cartografia participativa ao direito à cidade

6.2.1 Introdução

Este artigo narra a experiência de criação colaborativa, entre estudantes e representantes comunitários, de um instrumento para ação coletiva que auxilie os moradores do bairro Nordeste de Amaralina na luta pelo Direito à Cidade. O texto encontra-se estruturado cronologicamente, e apresenta a elaboração desse instrumento – a Cartografia Participativa – a partir das etapas do trabalho em campo, evidenciando a indissoção entre teoria e prática.

A abordagem focada no processo de trabalho, portanto, processo metodológico de desenvolvimento do instrumento, sua aplicação e análise, corresponde às perspectivas da disciplina e dos coletivos do bairro, registrando a construção de uma ferramenta de coleta, análise e comparação de dados.

O Nordeste de Amaralina em Salvador

A cidade é uma construção social num determinado espaço de tempo. Produz e reproduz as relações humanas e é o lugar do fazer social, onde acontecem encontros, comemorações, consumo, trabalho, ócios e lutas. Seu entendimento como fenômeno social permite percebê-la não só como resultado, mas como geradora de desigualdades. Não se limita a um reflexo do modo de produção atual, como é dele produto (CARLOS, 2013).

A lógica capitalista ressignifica o território nas cidades: seu valor deixa de ser sobre o uso do espaço e passa a ser também de troca, modificando sua forma de apropriação pela sociedade (LEFEBVRE, 2001). É nesse contexto que o Nordeste de Amaralina se encontra em Salvador: um bairro com uma população de mais de 78 mil habitantes, majoritariamente negra e de baixa renda, circundado por bairros de classe média e alta – Rio Vermelho, Pituba, Itaigara, Amaralina, Cidade Jardim e HORTO FLORESTAL– (IBGE, 2010). Não por acaso, o bairro é alvo de constante especulação imobiliária, estigmatização e tentativas políticas de desmobilização social.

A localização privilegiada da área facilita o acesso à cidade e suas comodidades. A praia de Amaralina e o Parque Joventino Silva (Parque da Cidade) constituem importantes espaços de lazer nas proximidades do bairro. Além disso, é circundado pelas avenidas Juracê Magalhães Jr., Antônio Carlos Magalhães e Manoel Dias da Silva, estando também nas adjacências do centro comercial e rodoviário Iguatemi. Entretanto, o bairro representa uma ilha de exclusão urbanística em relação à infraestrutura, equipamentos e serviços públicos.

Por ser populoso e extenso, o Nordeste de Amaralina apresenta grande complexidade, com diferentes níveis de infraestrutura e fragilidade social, tanto entre as localidades internas – Santa Cruz, Vale das Pedrinhas, Chapada do Rio Vermelho e aquela que originalmente deu nome ao bairro, o Nordeste de Amaralina –, quanto em relação a Salvador (Figura 6.8). A segregação e a desigualdade estão implícitas nos limites com os bairros vizinhos e na fronteira com o Parque, evidenciadas pelos altos muros. Entender a origem e formação do bairro é fundamental para compreender tal processo de exclusão.

Segundo Santana (2012), urbanista e ex-morador do Nordeste de Amaralina, a formação do bairro está ligada à co-

Figure 6.8. Localização do bairro e divisão segundo o “Caminho das Águas em Salvador”. Fonte: SANTOS
munidade de pescadores do Rio Vermelho, uma das mais antigas de Salvador, constituída no início do século XIX. A valorização do Rio Vermelho, no começo do século XX, fez com que pescadores e suas famílias fossem deslocados para áreas vizinhas, como o alto da colina do Nordeste de Amaralina. Aquelas terras pertenciam a grandes proprietários e, aos poucos, foram revendidas em lotes menores e mais baratos ou ocupadas ilegalmente, o que representou o início da urbanização do bairro (SANTANA, 2012).

A partir de 1960, com a implementação de serviços públicos básicos, ocorreu uma intensa ocupação na área, acompanHANDO o crescimento populacional de Salvador. Desde então, os moradores do bairro enfrentam constante pressão do mercado imobiliário, na compra de “barracos” e áreas livres para construção de prédios (SANTANA, 2012).

Fruto em grande parte da autoconstrução, o Nordeste de Amaralina tem dinâmicas próprias devido à sua trajetória autônoma de ocupação e constituição enquanto bairro. Estando sob diversos aspectos à margem do planejamento urbano e social, sua existência e continuidade devem-se à iniciativa e resistência de seus moradores.

### 6.2.2 Articulações iniciais

A participação do Nordeste de Amaralina na atividade aconteceu em razão do contato entre UFBA e Fórum de Entidades do Nordeste de Amaralina (FOSERENA), organização que agrega diversas entidades locais. Deste grupo, aceitaram participar da proposta o projeto CineMaloca, representado por Cássio Santana, Fabiana Palma e Frederico Santana; a Associação Nova República, representada por Vera Teixeira, Roque Oliveira e Agnaldo Silva; e a Paróquia Santo André, representada por Maria Helena Belos – coletores articulados à Associação de Moradores do Nordeste de Amaralina (AMNA).

As lideranças comunitárias preocuparam-se em não se colocar como únicos representantes do bairro ou impor decisões que considerassem antidemocráticas. Foram apresentadas como demandas: realizar um diagnóstico da situação do Nordeste que pudesse embasar um futuro Plano de Bairro; interpretar e espacializar dados oficiais que haviam sido coletados anteriormente pelos representantes comunitários; e elaborar relatos dos estudantes com impressões subjetivas sobre o bairro, em contraposição aos dados analisados.

Devido à articulação que um Plano de Bairro exige, foi pensado um instrumento para ação coletiva capaz de gerar uma mobilização inicial entre os moradores, que representasse uma etapa no processo para elaboração posterior do Plano.

### 6.2.3 Aproximação

O contato entre estudantes, representantes comunitários e a realidade abordada na atividade aconteceu, inicialmente, através de caminhadas guiadas nas localidades...
de Santa Cruz e Nordeste de Amaralina. Foram visitados locais considerados importantes para a compreensão das questões que seriam trabalhadas: postos de saúde, associações comunitárias, creches, escolas, cooperativas, instalações policiais, comércio local, espaços de uso público e de encontro da comunidade (Figura 6.9).

Nestas visitas, o Nordeste de Amaralina foi percebido como um espaço complexo, com um forte senso de pertencimento dos moradores, apesar de apresentar problemas resultantes do descaso do poder público com os serviços e com a promoção do acesso à moradia e à infraestrutura urbana adequadas.

Também foi possível notar grande vitalidade e riqueza no bairro, com intensa circulação de pessoas nas ruas, comércio significativo, diversidade de atividades, além de iniciativas locais para a promoção da cultura, organização social e alternativas de geração de renda.

O Nordeste de Amaralina é frequentemente associado pela mídia e pelo imaginário popular à violência e ao tráfico de drogas. Esta imagem contrasta com a percepção do grupo sobre o lugar, uma vez que essa realidade violenta é uma das facetas do cotidiano dos moradores e reflexo de um contexto nacional e global, que afeta diretamente sua qualidade de vida, mas que não deve ser entendida como a única narrativa possível sobre aquele espaço.

Através do contato entre estudantes e representantes das entidades, ficou claro que qualquer iniciativa de diagnóstico e planejamento para o bairro deveria incluir a participação dos moradores e associar o conhecimento técnico e acadêmico ao conhecimento da realidade local para atender aos anseios e demandas da comunidade. Assim, questionamos como nosso grupo, formado por pessoas oriundas de realidades diversas, poderia contribuir na elaboração de um instrumento capaz de fortalecer a autonomia dos moradores, na construção de sua trajetória e na busca por direitos e inserção plena na cidade.

6.2.4 Cartografia participativa

Uma população numerosa e diversa tem como elemento de integração o espaço onde habita e cuja realidade compartilha, seu bairro. Ali se expressam relações sociais e materiais e grande parte das questões que as envolvem. Para captar essa dimensão espacial, o mapa é uma ferramenta útil, que, associada ao processo participativo, permite reforçar o vínculo das pessoas com o território e expressar a percepção dos moradores.

Todos os mapas são uma abstração do mundo, elaborada sempre a partir de algum ponto de vista. [...] Foi através de um longo processo de observação do mundo, de elaboração de instrumen-

tos e experiências, com o consequente crescimento da capacidade de medir altitudes e coordenadas, que os mapas foram tornando-se mais “objetivos”. O imaginário cartográfico e as representações do território passaram assim a recortar o real para descrevê-lo, defini-lo e, simbolicamente, possuí-lo. As representações cartográficas passaram igualmente a subordinar-se aos imperativos territoriais dos sistemas políticos que as reclamavam e justificavam (LUSSAULT, 1995, p. 170).

Como representação do espaço, o mapa intenciona promover maior compreensão, domínio e capacidade de ação estratégica sobre ele. Assim, a construção de um mapa pelos moradores os legitima como detentores de conhecimento e domínio sobre o espaço local, reforça sua relação com o território e oferece uma ferramenta para a compreensão da realidade e ação estratégica sobre ela. Colchester (2002) destaca o potencial da cartografia como ferramenta útil para mobilização de comunidades, fomento de debates e possibilidade de expressar visões locais para o mundo, reafirmando os conhecimentos e práticas de determinado grupo.

No contexto deste trabalho, a cartografia participativa apresenta-se ainda como potencial instrumento de mobilização para a ação coletiva, de grande utilidade à construção de um futuro Plano de Bairro. Sua vinculação local possibilita a valorização de contextos e narrativas próprias, reconhecendo e legitimando as demandas mais sensíveis da população. Os mapas participativos têm o potencial de acirrar e legitimar as disputas territoriais (ACSELRAI; COLI, 2008) e sua construção permite familiarizar as pessoas com uma linguagem utilizada pelos meios oficiais, aumentando sua capacidade de diálogo, participação e crítica de propostas elaboradas para o bairro.

Construção da atividade

Identificadas as potencialidades da cartografia participativa, foram realizadas duas reuniões entre estudantes e representantes para decidir seu formato, entendendo este momento como imprescindível e de influência decisiva nos resultados a serem obtidos. Criou-se um espaço de diálogo, priorizando a tomada de decisões por consenso, para que, dentre as diferentes visões envolvidas, surgisse algo comum (Figura 6.10).

A atividade funcionou como experiência piloto a ser replicada e foram apresentadas duas possibilidades: abarcar todo o bairro, abordando um número menor de aspectos; ou focar numa única localidade e realizar uma cartografia aprofundada, abordando mais aspectos. Optou-se pela primeira proposta, que se propunha a identificar características comuns a todo o bairro. As quatro localidades do Nordeste de Amaralina, apesar de possuírem particularidades, são reconhecidas como
pertencentes ao mesmo bairro; fortalecer essa relação aumenta as possibilidades de articulação em defesa de interesses comuns.

Foram discutidas as variáveis que seriam abordadas e novamente surgiram duas possibilidades. A primeira opção seria focar na saúde, considerada um ponto crítico e colocada como prioridade desde o início do processo; a segunda, seria mapear as atividades culturais e comunitárias como contraponto à imagem negativa atribuída ao bairro. Ao final, chegou-se a uma síntese das duas: abordar a saúde em seu conceito ampliado, “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doenças ou enfermidades” (OMS, 1946).

Esta definição se relaciona à noção de democracia, pois não se pode ter saúde sem qualidade de vida, condição impossível mediante um modelo político autoritário e um modelo econômico excludente. Conforme defendido pelo sanitista Sérgio Arouca (1986) na VIII Conferência Nacional de Saúde (VIII CSN/1986):

[…] é um bem-estar social que pode significar que as pessoas tenham mais alguma coisa do que simplesmente não estar doentes: que tenham direito à casa, ao trabalho, ao salário condigno, à água, à vestimenta, à educação, às informações sobre como dominar o mundo e transformá-lo. Que tenham direito ao meio ambiente que não seja agressivo, e que, pelo contrário, permita uma vida digna e decente. Direito a um sistema político que respeite a livre opinião, a livre possibilidade de organização e autodeterminação de um povo, e que não esteja todo tempo submetido ao medo da violência, daquela violência resultante da miséria, e que resulta no roubo, no ataque. Que não esteja também submetido ao medo da violência de um governo contra o seu próprio povo, para que sejam mantidos interesses que não são do povo […] (AROUCA, 1986).

Este conceito ampliado explicita que a saúde dialoga com acesso à moradia, saneamento, lazer, transporte, alimentação e educação. Assim, entendeu-se o direito dos moradores do Nordeste de Amaralina à saúde como uma das nuances do direito à cidade e objetivou-se a construção de um mapa que pudesse expressar o seu acesso a tal direito, tanto em nível de serviço público quanto de qualidade de vida.

A atividade aconteceu em quatro espaços públicos do bairro, com grande fluxo de pessoas: Praça do Teodoro, na Santa Cruz; em frente à Igreja Cristo Redentor, na Chapada do Rio Vermelho; Praça Anna Sironi, no Vale das Pedrinhas; e final de linha do Nordeste de Amaralina. Em cada lugar, montou-se um banner com a imagem aérea do Nordeste; quem por ali passasse era convidado a opinar e marcar pontos que indicassem as respostas a seis perguntas (Figura 6.11):

1. Onde você mora?
2. Para onde você vai quando não se sente bem?
3. Para onde você vai quando tem algum problema de saúde?
4. Qual é o lugar do bairro que faz você se sentir bem?
5. Que lugar do bairro você mudaria para melhorar a saúde e qualidade de vida?
6. Qual é o lugar de que você mais gosta no bairro?

As perguntas buscaram estabelecer uma relação subjetiva com os entrevistados e fazer emergir respostas espontâneas e abrangentes. Algumas não corresponderam a espaços físicos, extrapolando o instrumento do mapa, e foram anotadas. O trabalho coletou respostas de 163 pessoas e permitiu identificar percepções importantes em relação ao tema abordado. Além disso, constatou-

Figure 6.10. Reunião com os líderes comunitários na Casa da Juventude, Nordeste Amaralina. Fotos: fotografias de Júlia Matos, 2017.
se o potencial mobilizador da atividade de mapeamento coletivo *in-loco*, que despertou a atenção das pessoas, das quais muitas mostraram grande interesse.

### 6.2.5 Encaminhamentos e possibilidades

Ao fim das atividades em campo, os mapas produzidos foram fotografados e digitalizados, permitindo visualizar as respostas isoladamente e realizar diferentes comparações. As respostas por escrito foram sistematizadas numa planilha e divididas por localidades e categorias, de modo a complementar as informações contidas no mapa. Na cartografia, a planilha pode ser compreendida como uma ferramenta de suporte ao mapa, e permitiu ampliar a sua abrangência. Observa-se abaixo (Figura 6.12) um dos mapas gerados após a digitalização dos dados:

Entre os lugares do bairro aonde os entrevistados vão para se sentir bem aparecem o Parque da Cidade, a praia de Amaralina, igrejas, terreiros, a própria casa ou a casa de amigos e familiares, uma barraca da esquina ou um banco na rua, que são pontos de encontro, festas no Fim de Linha do Nordeste, bares, campos de futebol e escolas, entre outras respostas. Percebe-se que muitos locais coincidem para as duas respostas, embora apareçam menos pontos na cor verde, pois muitas respostas para a questão seis referiam-se à vizinhança em si, às amizades, ao sentimento de pertencimento e respeito ao bairro, à sua localização na cidade e a eventos como o Carnaval tradicional do Nordeste.

---

*Figure 6.11. Realização da Cartografia Participativa na localidade da Chapada do Rio Vermelho, Nordeste Amaralina. Fonte: fotografias de Igor Queiroz, 2017.*

*Figure 6.12. Respostas cartografadas das questões 4 e 6. Fonte: Trabalho em campo, 2017. Elaboração: Igor Queiroz*
Comparando as respostas para as perguntas 2 e 3 (Figura 6.13), percebe-se que o entendimento das pessoas para o “não se sentir bem” e para “ter um problema de saúde” nem sempre coincidem. Para a pergunta 2, foram mencionados postos de saúde, mas também centros religiosos, casas de familiares, o Parque da Cidade, entre outros, enquanto para a pergunta 3 aparecem principalmente os serviços médicos, notadamente as Unidades de Pronto Atendimento (UPA) e serviços externos ao bairro. Por outro lado, ao incluímos as respostas para a pergunta 4, fica evidente que elas por vezes coincidem com as respostas para a 2, porém raramente para a 3, de onde podemos concluir que, apesar de as pessoas procurarem os postos quando “têm um problema de saúde” e até quando “não se sentem bem”, não há uma percepção de que esses lugares “as façamse sentir bem”.

Complementarmente, ao cruzar o mapeamento das perguntas 3 e 5 (Figura 6.14) e com o aporte das respostas registradas por escrito, constata-se que, ao lado da insegurança, acúmulo de lixo, falta de saneamento e acessibilidade, os próprios postos de saúde aparecem como necessidade de mudança. Essas comparações nos dão pistas sobre como a saúde pública vem sendo tratada no bairro e indicam a necessidade de uma revisão, tanto através da melhoria do serviço de atendimento, quanto da promoção de uma vida mais saudável.

Diante da dimensão do Nordeste de Amaralina em termos de área e população, as 163 pessoas escutadas representam uma pequena parcela. Entretanto, a amostra permitiu, sob um recorte específico de seis perguntas, a apreensão de percepções variadas e identificação das questões mais sérias e recorrentes, além de apresentar um potencial de mobilização para o processo participativo. Desse modo, a cartografia participativa pôde contribuir para a compreensão de aspectos da realidade local e, adicionalmente, mostrou-se uma ferramenta útil para o processo de elaboração de um Plano de Bairro. O exercício de agregar pontos de vista dissonantes amplia a abrangência das discussões na elaboração de um plano participativo e a cartografia aponta pistas sobre dificuldades e vantagens que podem ser encontradas.

Este processo pode ser compreendido como um exercício de reinterpretação de métodos e seus protocolos, através da criação e adaptação de ferramentas, com foco numa atividade plural e participativa, em que se faz necessário evitar respostas únicas e estáticas, evitando repetir, de acordo com RIBEIRO (2009, p.42), o uso de códigos hegemônicos de eficácia e calculabilidade para sustentar novos distanciamentos ou dificultando o encontro de projetos e utopias efetivamente transformadores.

**Figure 6.13.** Respostas cartografadas das questões 2, 3 e 4. Fonte: Trabalho em campo, 2017. Elaboração: Igor Queiroz

**Figure 6.14.** Respostas cartografadas das questões 3 e 5. Fonte: Trabalho em campo, 2017. Elaboração: Igor Queiroz
6.2.6 Referências


NOTES TO CHAPTER 6.2

1. Considerar o Nordeste de Amaralina um bairro, tanto em relação aos seus limites na cidade, quanto em sua divisão interna em quatro áreas distintas, foi fundamental no desenvolvimento do instrumento aqui apresentado. Segundo Topalov et al. (2014), “a palavra bairro parecia ceder ante as nomenclaturas abstratas de urbanistas e administradores públicos, vulgarizando-se tão somente nas referências vernaculares ou cotidianas ao local de residência, por mais imprecisas que fossem as suas fronteiras. Talvez venha dessa oscilante experiência da palavra, a sensação de que, no imaginário popular, a distinção imediata do bairro em que se mora ou do qual cada um se percebe como parte inseparável, não é acompanhada de uma noção exata de seus limites ou de sua história.”

2. O acesso dos moradores ao Parque se dá por um portão (aberto até as 22h de segunda a sexta e até as 19h nos fins de semana), assegurado através de luta e mobilização comunitária, após tentativas de completo bloqueio do acesso de moradores por gestões da Prefeitura Municipal.

3. “O Plano de Bairro é um instrumento que identifica, em conjunto com os moradores, as necessidades que garantam o bem-estar e a vida coletiva dos habitantes de um bairro, bem como apresenta propostas para o encaminhamento das soluções apontadas. Indica também como isso pode ser reivindicado junto à Prefeitura e ao Estado. A análise e levantamento de demandas referentes à habitação, espaços públicos, transportes, saneamento, meio ambiente e impactos gerados por projetos localizados nas proximidades do bairro são importantes nesse processo. [...] Atua também como um instrumento de enfrentamento dos conflitos atuais colocados tanto pelo poder público, quanto pela iniciativa privada” (LUGAR COMUM/ PPG-AU/FA-UFBA).

4. A sugestão de recolher tais análises partiu do coletivo CineMaloca e está associada à sua própria idealização do cinema de rua, que vem provocar a produção de subjetividade sobre o bairro e questionar naturalizações presentes no imaginário coletivo.
The relatively short period of existence of the Occupation Luisa Mahin (MLB) - 01 year - entailed specific and distinct challenges in this proposal for the elaboration of inputs that envisage the formulation of instruments for collective action and expansion of the right to the city. It is necessary to emphasize the urgencies placed in this context, such as the insecurities due to the imminent threat of eviction, through the process of ‘reintegration of possession’ moved by the State Government, owner of the building; criminal actions such as the illegal cutting of water supply and light in the building by the public power; mistrust, prejudice and stigmatization of the occupants by society; beyond the truculent and hostile action of the repressive apparatus of the police towards its residents; among others. How to contribute to the confrontation of such processes that directly affect the possibility of enjoyment of rights, citizenship and existence in the city?

The immersion in the daily life of the Occupation Luisa Mahin, allowed access to dimensions of routine coexistence that brought to light aspects invisibilized by the urgency of the struggle in the macropolitical instance. The Occupation proved to be not only an important strategy calling for a popular housing project in the central area of the city, together with public institutions, but also as a fundamental space for the re-elaboration of life. Despite the evident need for improvements in the building, it is impossible not to highlight the fact that houses of adequate size and proportional to the amount of residents, planned, executed, managed and organized collectively, inserted in a dynamic area of the city, equipped with infrastructure and public transportation, radicalize the experience of life in the city. Contrary to the logic of insecurity governed by the eminent threat of eviction, peace and tranquility are dimensions commonly highlighted by residents in describing their new home. The creation of the Carlos Mariguela Popular Training School allowed some of the residents to resume their studies, as in the case of literacy courses offered voluntarily by supporters of the struggle. The Mothers of the Occupation organized, in the initial periods of arrival, a community nursery to share child care - a project that, although interrupted, continues on the horizon of the residents as a desire for continuity. The perspective of forming a social cooperative and the possibility of using the ground floor of the occupation as a commercial space are projects that feed the residents’ imagination as key points to think about the financial autonomy. Such elements displace the usual way in which social housing is incorporated into the dispute over public policies. The project of the Occupation is constructed from a logic opposed to the precarious objectivity of the house as an isolated unit of the conditions necessary for the restitution of life. The Occupation, which we now refer to, approaches the house as a collective struggle and a condition for the reestablishment of dignity, citizenship and rights, both individually and collectively.

In this sense, the work sought to dialogue with the ongoing institutional struggle, demonstrating how fallacious and obtuse are the arguments used to delegitimize the existence of the Occupation Luisa Mahin, as well as attempted to contribute to the demystification of the imaginary (also obtuse and prejudiced) that is popularly produced on the dynamics and daily life of a housing occupation and its residents.

[Português]

A temporalidade relativamente curta de existência da Ocupação Luisa Mahin (MLB) - 01 ano - implicou desafios específicos - e de natureza distintas - nessa proposta de elaboração de insumos que vislumbram a formulação de instrumentos para ação coletiva e ampliação do direito à cidade. Torna-se necessário enfatizar as urgên-
cias postas nesse contexto, como as inseguranças devido à ameaça iminente de despejo, via processo de reintegração de posse movido pelo Governo do Estado, proprietário do edifício; ações criminosas como o corte ilegal do abastecimento de água e luz no prédio por parte do poder público; a desconfiança, o preconceito e a estigmatização dos ocupantes por parte da sociedade; além da ação truculenta e hostil do aparato repressivo da polícia para com seus moradores; dentre outras. Como contribuir para o enfrentamento de tais processos que afetam diretamente a possibilidade de fruição de direitos, de cidadania e de existência na cidade?

A imersão no cotidiano da Ocupação Luisa Mahin, permitiu acessar dimensões da convivência rotineira que trouxeram à tona aspectos invisibilizados pela urgência da luta na instância macropolítica. A Ocupação se revelou não apenas como importante estratégia para disputar um projeto de habitação popular na área central da cidade, junto às instituições públicas, mas também como espaço fundamental para reelaboração da vida. Apesar da evidente necessidade de melhoramentos no edifício, é impossível não destacar o fato de que moradias de tamanho adequado e proporcionais à quantidade de residentes, planejadas, executadas, geridas e organizadas coletivamente, inseridas em área dinâmica da cidade, dotadas de infraestrutura e transporte público, radicalizam a experiência da vida na cidade. Contrariando a lógica da insegurança pautada pela ameaça iminente da expulsão, a paz e a tranquilidade são dimensões comumente destacadas pelos moradores ao descreverem sua nova morada. A criação da Escola de Formação Popular Carlos Mariguélia permitiu que alguns dos moradores pudessem retomar os estudos, como no caso de cursos de alfabetização ofertados voluntariamente por apoiadores da luta. As mães da Ocupação organizaram, nos períodos iniciais de chegada, uma creche comunitária para partilhar do cuidado das crianças - projeto que, embora interrompido, continua no horizonte dos moradores como desejo de continuidade. A perspectiva de formação de uma cooperativa social e a possibilidade da utilização do térreo da ocupação como espaço de comercialização são projetos que alimentam o imaginário dos moradores como pontos-chave para pensar a autonomia financeira. Tais elementos deslocam a usual forma com que a habitação social é incorporada na disputa por políticas públicas. O projeto da Ocupação se constrói a partir de uma lógica oposta à objetividade precária da casa como unidade isolada das condições necessárias para a restituição da vida. A Ocupação, a que ora nos referimos, pauta-se na casa como uma luta coletiva e uma condição para o reestabelecimento da dignidade, da cidadania e de direitos, tanto na esfera individual quanto coletiva.

Nesse sentido, o trabalho buscou dialogar com a luta institucional em curso, ao demonstrar o quão falaciosos e obtusos são os argumentos utilizados para deslegitimar a existência da Ocupação Luisa Mahin, assim como tentou contribuir para a desmistificação do imaginário (também obtuso e preconceituoso) que populamente se constrói sobre a dinâmica e o cotidiano de uma ocupação de moradia e de seus moradores.
7.1 Occupation Luisa Mahin: Alternative Housing in the Commercial Centre of Salvador

Jia Li, Mikey Blount, Paz Mackenna, Siu-Chieh Tai, Xinyi Zhang

7.1.1 Introduction

This research was conducted by a group of 12 students from University College London and the Federal University of Bahia (UFBA), a representative from the social movement, Movimento de Luta nos Bairros (MLB)—Movement of Struggle of our Neighbourhoods, Vilas e Favelas—Vilas and Slums in English, and eighteen residents of Occupation Luisa Mahin. The aim of the research was to understand how a recent occupation—symbolically named Luisa Mahin in recognition of the black woman who led revolts against slavery in Bahia—works as an instrument for collective action in advancing occupants’ right to the city. Several methodologies, such as participatory mapping, participatory photography, transect walks, a timeline workshop and semi-structured interviews were used to understand 1) how the occupation acts as an instrument for collective action and 2) the factors that facilitate or hinder the way in which it advances occupants’ right to the city.

Occupation Luisa Mahin is centrally located in 16, Rua Conde D’I in Salvador’s historic Comércio neighbourhood in the lower city, which has traditionally been an area reserved for commercial activity. Recently, it has been subject to state facilitated real estate speculation, even by high-end hotel resorts such as the Hilton (Politicalivre.com.br, 2012). Figure 7.1 shows the usage of infrastructure in the Comércio district.

However, as a historic area, most of the buildings are protected by federal laws and hence cannot be demolished. According to Marques (2016), government and property owners have often left historic buildings to collapse on their own as a strategy to access the land and sell it to developers interested in rebuilding it as high-end, tourist-friendly hotspots. In fact, it is widely believed that the number of vacant buildings in Salvador accounts for 12.8% of the housing in the city (Maricato, 2009), and roughly corresponds to the number of people in the city that lack sufficient housing (Baltrusis and Mourad, 2014).

This issue has led social movements, such as MLB, to occupy one of these historic buildings, to make a strategic and political claim for the right to live in the centre. On the 25th September 2016, representatives of MLB in Salvador organised with a group of families

Figure 7.1. Cartography with the urban utilisation of the Comércio district. Source: Atelê_5 (2017) translated by chapter authors
from two underprivileged neighbourhoods in the peripher-
ies of the city, Uruguai and Boca do Rio, to move into a
public building that had previously been used by the
government of the state of Bahia as the Public Centre for Sol-
darity Economy, then left abandoned ever since 2014 (see
Appendix 7.1 for the full profile of residents of Luisa Mahin).

City Statute

The right to housing is constitutionally guaranteed in Brazil
since the Federal Constitution of 1988. This right was fur-
ther clarified in 2001 through the City Statute, a federal law, Sal-
-vador’s Urban Development Master Plan (PDDU), and the
Projeto Revitalizar–Revitalize Programme in English. These
policies help illustrate the current situation of urban plan-
ning and housing issues in Salvador that enable the oc-
-cupation to occur.

In order to unpack the wider context of the occupation,
our research calls attention to mainly three policies at the
national and local level: the City Statute, a federal law, Sal-
vador’s Urban Development Master Plan (PDDU), and the
Projeto Revitalizar–Revitalize Programme. These
policies help illustrate the current situation of urban plan-
ning and housing issues in Salvador that enable the oc-
-cupation to occur.

Revitalize Programme

The Revitalize Programme intends to grant tax cuts, such
as a reduction in the Urban Land and Property Tax (IPPTU)
among others, to residents and business owners who
may potentially purchase a real estate in the old centre of
Salvador, including Comércio. The aim of this program is
to stimulate housing and business in the abandoned his-
-toric area (Cordeiro, 2017). In a public outreach message,
the mayor of Salvador made public his concern with the
repopulation of the area. Revitalize aims to improve the
habitability of the city centre in order to enhance the living
conditions of current residents as well as to attract tour-
-ists and wealthy people to the area. Revitalize also rec-
ognises the 1400 vacant properties that do not fulfil their
social function and aims to attract new private owners to
fulfil the ‘use value’ of these buildings. However, this may
eventually lead to the distortion of the social function of
property expressed in the City Statute, by excluding the
low-income population in the area.

7.1.2 Methodology

The research process was formed of two main stages.
The first stage consisted of secondary data collection
that lasted from January to April. The second stage took
place in the first half of May and was subsequently di-
vided into five stages: diagnosis, design, implementa-
tion, analysis and strategy (Figure 7.2).

During the design stage, we agreed to use five methodo-
gologies that would allow us to understand how residents
of Luisa Mahin use the occupation as an instrument for
collective action to advance their right to the city. These
five methods are presented below in Table 7.1.

The outputs from the first three stages served as raw
data for a report written in Portuguese entitled Ocu-
-paço Luisa Mahin: Alternativa de moradia no centro de
Salvador, which proposes a series of arguments for the
Collective practices and the right to the city: Lessons from action research in Salvador, Brazil

occupation’s struggle against eviction. Additionally, research findings and outputs were displayed in the building as a way of enhancing the residents’ future strategy in claiming their right to the city.

### 7.1.3 Analytical framework

We conceived of our analytical framework (Figure 7.3) as a lens used to answer our specific research questions and will thus be used to present the findings. As previously mentioned, the complex interaction between real estate speculation, state-led revitalization policy, and the zonification of Salvador by the Master Plan has created many vacant buildings in Salvador, which contradict the City Statute. This has allowed the social movement MLB to start an occupation inside one of these buildings; thus, making a political statement by providing the building with the social function of housing in an area designated for commerce. However, for the residents of the occupation, it is not just a way of accessing housing in the city centre, rather it can be seen as an instrument for collective action that advances their right to the city.

**Figure 7.2.** Timeline of Methodologies. Source: Chapter authors

**Table 7.1.** Description of Methodologies. Source: Chapter authors

<table>
<thead>
<tr>
<th>Method</th>
<th>Objective</th>
<th>No. of Participants</th>
<th>Outputs</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Timeline building</td>
<td>Help residents recognise the time when they started getting involved in the occupation</td>
<td>8</td>
<td>See Appendix 7.2 for timeline</td>
</tr>
<tr>
<td>Semi-structured interview</td>
<td>Gain an understanding of occupants, lives in the occupation; their affection and their perspectives of the occupation and of the city. See Appendix 7.3</td>
<td>9</td>
<td>See Appendix 7.4 for quotes</td>
</tr>
<tr>
<td>Participatory Photography workshop</td>
<td>Allowing residents to express visually their daily practices inside the occupation. See Appendix 7.5</td>
<td>5</td>
<td>See Appendix 7.7 for photographs taken by residents</td>
</tr>
<tr>
<td>Transect walk (mapping)</td>
<td>Understand the relation between the occupation and the city, especially the external daily practices. See Appendix 7.8</td>
<td>7</td>
<td>See Appendix 7.9 for notes</td>
</tr>
<tr>
<td>Participatory Mapping workshop</td>
<td>Understand how the occupation Luisa Mahin influences the city and how its residents understand the neighbourhood. See Appendix 7.10</td>
<td>6</td>
<td>See Appendix 7.12 for notes</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Whilst a politically motivated occupation on its own does not necessarily make it an instrument for collective action, in the case of Luisa Mahin there are certain conditions that transform this occupation into an instrument de facto helping residents advance their right to the city. Four different principles, regarding residents’ internal practices and their relation to the city, have been recognised as factors that make Luisa Mahin an instrument for collective action: education, maintenance, affection and collectivism. The right to the city is claimed in two specific ways. For MLB, the occupation serves primarily as a way of increasing the use value of the building over its commercial exchange value, this in order to advance a nation-wide urban reform. For the residents, it is instead a way of being able to live a life with dignity. These two ways in which the occupation advances the right to the city coexist with each other and are complementary.

7.1.4 Key Findings

Collectively with the residents, we found three key findings relating to how the occupation acts as an instrument for collective action to advance the right to the city: 1) difference in the claims of MLB and the residents, 2) four principles: education, maintenance, affection and collectivism, that make the occupation an instrument for collective action thus advancing occupants’ right to the city through the fulfilment of social functions and enhancing their lives with dignity, and 3) factors that may hinder the occupation as an instrument for collective action in advancing common claims in the long-term.

Claims of MLB and the Residents

The socialist movement MLB started in 1999, with the aim of educating and mobilising the working class to build a different society of equality, dignity and rights for all: a socialist society based on occupying as an act of rebellion, of confronting the established order, and of challenging the ‘sacred’ private capitalist property and an approach to pressure the government (MLB, 2017). During the timeline workshop, the MLB representatives stated that an occupation is an act of resistance which aims to fight for dignified housing, converting the building into a place for family living and, in the wider context, to explore the space for occupation movements in Salvador.

However, the occupation is not only a political instrument of MLB but also a tool for the residents to further their common claims for advancing their right to the city, manifested through living with dignity as a social right. As stated in the Constitution (2010), social rights include: education, health, food, work, housing, leisure, security, social security, protection of maternity and childhood and social assistance for homeless people. Nonetheless, residents suggest that many of their social rights are not being met. For example, the Minha Casa Minha Vida social housing provides inadequate accommodation to meet the growing demand in the city, meaning that many people, including 64% of the residents of the occupation, spend extended periods of time on waiting lists before they are given a response. By occupying, residents are filling the gap between their needs and state’s inaction, while at the same time increasing the use value of the vacant building.

In addition to that, residents have moved to the occupation in order to pursue a dignified life, as opposed to their life in the former neighbourhood, where violence, drug trafficking, overcrowding and precariousness were prevalent. In one interview with two female residents, one of them explained: “After I had got pregnant, I suffered violence from my father, and I was expelled from home” (Interviewee, May 2017). Another resident explained that because they live in often overcrowded spaces, these factors have pushed residents away from their previous homes in pursuit of a better quality of life. One male resident expressed: “…you don’t have to like the Comercio, you just have to accept it, because this is where we have found housing” (Interviewee, May 2017). The opportunity to live in an occupation thus provides residents with an alternative space where they can restore their lives.
Principles That Facilitate the Occupation in Claiming the Right to the City

1) Popular education vs. Lack of education

Since March 2017, residents of Luisa Mahin have dedicated the second floor of the building to an educational space named Carlos Marighella. This space is designated to provide free education not only to residents but also to all those who are excluded from costly education in the city. The idea of an educational space came from one female resident who explained her vision: "...before I came to this occupation, I was telling everyone how I really want to start popular education classes... Black women in this city are commonly illiterate. Education would give us dignity" (Interviewee, May 2017). In addition to the popular education project, a university-preparation class was recently founded, aiming to prepare high school students who cannot afford expensive private tutoring for tertiary education. As shown in the map below (Figure 7.4) more than half of the students come from distant neighbourhoods and thus must commute over two hours to attend classes.

This not only indicates the desire of these students to attend free classes but also the extent to which affordable education is lacking in the city and how the occupation is creating an alternative educational space. Moreover, through learning and restoring the dignity of the people in this space, residents help fulfils the social function of the building.

2) Maintenance vs. Neglect

Residents of Luisa Mahin are constantly fighting against prejudice and negative stereotypes. One male resident mentioned in an interview: "many passers-by, throw garbage behind our fences, which presents a dirty image of our community to the public" (Interviewee, May 2017). In contrast to these stereotypes, residents actively clean and take care of the building and its surroundings.

In fact, there is substantial evidence suggesting that through the occupation, residents are actively contributing to the maintenance of the building. Public authorities abandoned the building in 2014 and left it only half-renovated, with issues such as an incomplete roof, dirt and water leakages. After seven months of the occupation, the building now surprises visitors with its clean appearance and creative management. According to UFBA and the Oficina Modelo de Arquitectura y Urbanismo (CU-RIAR), daily maintenance of the building over the past seven months has helped improve the physical condition of the building.

In contrast, there are plenty of abandoned buildings near Luisa Mahin that are in bad shape. Whereas the state passively installs metal scaffolding to ‘prevent’ these buildings from collapsing (Figure 7.5), residents of Luisa Mahin actively maintain the building through everyday practices such as cleaning, repairing facilities, and by living in the building.

During the walking tour in Comércio District, a female resident suggested: "Living in the building that was unoccupied brings care to the building. The people who are residing in the occupation are helping to take care and fix the building" (Interviewee, May 2017). Evidence of an organised maintenance schedule also emerged during the participatory photography process, as residents took pictures (Figure 7.5) to illustrate their systematic and rigorous cleaning practices. Such an informal approach to
maintenance shows both the intentional neglect of regular maintenance by the state and the insurgent agency of the residents to create alternative ways of caring for the building.

3) Relationships and Affection vs. Violence

Residents of Luisa Mahin display companionship and affection for each other. The occupation is a space for relationships of trust. As stated in the interviews, one male resident is responsible for the key to the gate, but all residents pass the key to each other so they can open and close the gate at any time. This demonstrates trust among residents, posing a stark contrast to the life of violence, distrust and neglect in their previous neighbourhood. During the interviews, residents described the occupation as a place that is peaceful and that brings well-being. Something residents recognise as having been denied to them in their lives before the occupation. A female resident cherishes such space of affection describing everyone inside the occupation as a friend. Residents value the affection as an essential aspect of living with dignity.

4) Collectivism and Solidarity vs. Individuality

Residents make communal living possible by collectively organising themselves through division of labour, collective activities and weekly meetings (Figure 7.6). In the interviews, residents described these collective activities as crucial for solving community problems and making collective decisions. One female resident affirmed: “I really enjoy meetings. When we need to solve a problem, everyone thinks together; if anyone disagrees there is a debate” (Interviewee, May 2017). Such a participatory process of decision making inside the occupation allows residents to live communally with dignity, creating an alternative way of organising their lives.

A sense of collectivism is present not only among the residents, but also in their relation with the neighbourhood and the city. During a walking tour, one female resident showed us a nearby plaza that acts as space where residents can donate and receive food and clothing to and from other organisations. There is a common understanding among residents that by collaborating with these organisations in the neighbourhood, residents can gain external support and confront prejudice.

Moreover, during the participatory mapping exercise, when participants were asked to suggest places thought are necessary but missing from the neighbourhood, they pointed out: 1) an evangelical church; 2) a playground for the children; 3) more public health facilities, all places that provide services to the collective. By emphasising the importance of these spaces in the neighbourhood, residents use the occupation to aspire for a collective life, which they believe to be essential for living with dignity.

Figure 7.6. Weekly Meeting on May 10th 2017. Source: UFBA student
While Luisa Mahin is currently acting as a space for the residents to create an alternative lifestyle, due to the intentions of the state and private sector it may only be a short-term solution to a much larger problem. To give an example of this, MLB representatives mentioned another occupation organised by the movement in the city of Belo Horizonte, which, after only four days, resulted in a violent clash with the police (Pimentel, 2017).

Another aspect that may prevent the occupation from advancing their right to the city is the diversity of claims present in the occupation. According to the interviews, although nearly all residents consider the occupation as a necessary space to live with dignity, residents have a wide range of long-term goals. Whereas many residents consider the occupation as their long-term home, others still wish to move to social housing or return to their former neighbourhood in the peripheries. One female resident mentioned in her interview: “I moved from Uruguay to this occupation to save money from rent and take care of my mother in the short term. In the long-term, I am still waiting for social housing” (Interviewee, May 2017). Others residents described their struggle to secure employment. This may suggest unstable membership in the occupation, which might weaken their collective claims. It would therefore be useful for residents to collectively discuss their short and long-term paths.

Moreover, it is important to note that not all residents use the collective space in the occupation equally. A female resident once complained during the mapping workshop: “I want everyone to come downstairs and participate in educational workshops, but some of them are busy working, and others prefer to stay in their rooms and sleep” (Interviewee, May 2017).

Such a complaint reflects the unequal participation and usage of the common area. In the mandatory weekly meeting with the MLB community leader on May 10th 2017, all residents as members of the movement were present. However, in the non-compulsory educational workshops between the 4th and 10th May 2017, only 3-5 participants were present. Such limited participation may potentially weaken solidarity, the process of co-learning and of forming collective claims. It is therefore crucial for residents to create a mechanism that allows all residents to express their personal opinions about their reasons for participating or absenting.

7.1.5 Conclusion

Although Brazil’s Constitution and the City Statute provide legitimacy for the lower income population to reclaim their housing rights through occupying vacant buildings in the city centre, in practice, powerful actors such as local authorities and the private sector intend to displace occupations through promoting commercial functions or revitalisation plans. The Occupation Luisa Mahin acts as a political instrument for MLB to confront the state and real estate market by creating an alternative way of providing social functions to vacant buildings, as well as organising people’s lives so that they can live with dignity. Residents also demand to live with dignity through their everyday practices following four principles: education, maintenance, affection and collectivism. This report not only unpacks these four principles as important factors that make the occupation a useful instrument for collective action to advance the right to the city, but also points out certain facilitators and hinderers faced in the long term.

7.1.6 Works cited


7.2 Ocupação Luísa Mahin: alternativa de moradia na área central de Salvador

Adriana Lima O’Dwyer, Agatha Sofia, Ana Clara Oliveira de Araújo, André Pereira dos Santos, Beatriz Batista Passos, Caroline Martins Liu, Edimeirison Ramos Santos, Flávio Gomes Santana, Gilmar Almeida da Silva Santos, Gregório Motta Gould, Ícaro Macêdo Guimarães de Oliveira, Jaqueline Sena dos Santos, Jean Silva Nunes, Josemar Silva Nunes, Karine Nascimento dos Santos, Márcia Amorim Ribeiro, Mariana Ribeiro Pardo, Marina Factum Nogueira, Marlene dos Santos, Micaela Sena Furtado, Sara dos Santos, Selma de Jesus Batista, Telma de Jesus Batista, Tiago Nascimento

7.2.1 Introduction

O presente estudo tem o objetivo de refletir sobre os processos e experiências urbanas contemporâneas, a partir de um conjunto de atividades desenvolvidas na Ocupação Luísa Mahin - ocupação urbana para moradia -, localizada no bairro do Comércio, na área do Centro Antigo de Salvador. Foram realizadas atividades que, tendo a ocupação como campo, propuseram-se a apreender algumas das dinâmicas presentes em tal espaço, de forma a contribuir para as lutas dos moradores pelo direito à moradia e à cidade.

A Ocupação Luísa Mahin, vinculada ao Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), assume, assim como outras ocupações informais do centro de Salvador, uma posição de resistência frente às atuais políticas urbanas. A inserção nesse território, deu-se a partir de uma abordagem metodológica composta por visitas, conversas, entrevistas, oficinas, preparação e exposição de resultados, com o intuito de melhor entender esse contexto, a importância da Ocupação para o local em que se insere e sua relevância para a cidade.

O edifício, apropriado pela Ocupação Luísa Mahin, é de propriedade do Governo do Estado da Bahia, tendo sido ocupado até 2014 pelo Centro de Economia Solidária (CESOL). Desde então, o imóvel encontrava-se abandonado pelo poder público, deixando de cumprir a função social da propriedade, assegurada pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Cidade.

Ao analisar, sob a ótica das políticas atuais para a cidade, observa-se que a Ocupação Luísa Mahin protagoniza ações importantes na direção de ressignificar e ampliar o sentido do direito à moradia para os moradores do Comércio frente ao poder público, constituindo-se como um instrumento de enfrentamento às atuações governamentais que visam constrangê-lo.

As dinâmicas urbanas do Centro Antigo de Salvador

Desde a fundação da cidade (séc. XVI) até os dias atuais, o Centro Antigo de Salvador abrigou diferentes dinâmicas urbanas. O bairro do Comércio localiza-se na região portuária, e suas atividades estiveram historicamente vinculadas às atividades de importação e exportação de mercadorias, armazenamento, controle fiscal, comércio e também moradia, com a expansão da cidade para “fora” dos muros do núcleo de ocupação original (ANDRADE, 2009, p.52).

No século XX, Salvador destaca-se, sobretudo a partir da década de 60, pelo relevante crescimento urbano e populacional, cujo impacto se percebe na reconfiguração urbana. As atividades econômicas e administrativas são descentralizadas e deslocadas para novas áreas, ocasionando o esvaziamento gradual do Centro Antigo de Salvador. Como forma de reverter esse processo, verifica-se, nas décadas seguintes, por...

Os atuais planos e programas para reabilitação das áreas centrais das cidades brasileiras, relacionados a políticas de desenvolvimento urbano, trazem, discursivamente, elementos que evocam uma suposta participação e inclusão de demandas e necessidades de diversas camadas sociais. "Para viabilizar a implementação da política de reabilitação de áreas urbanas centrais, em 2005 o Ministério das Cidades construiu, junto aos três níveis de governo, uma Agenda Estratégica para iniciar a implantação do PRAUC na direção apontada pela Constituição de 1988 e pelo Estatuto das Cidades." (MOURAD; REBOUÇAS, 2012, p. 3). No entanto, na prática, estabelecem-se lógicas segregadoras e especulativas, que ocasionam condições adversas de moradia para a população pobre, em locais inapropriados e sem infraestrutura adequada. No caso de Salvador, com o Plano de Reabilitação do Centro Antigo, implementado em 2007, verifica-se que "O processo de elaboração do plano foi desenvolvido através de uma participação extremamente controlada e dirigida, amparada em lógica de resultados, com uma estratégia de marketing que transforma cada ação do plano em um grande acontecimento, ainda que não traga nenhuma mudança significativa de concepção e prática (MOURAD; REBOUÇAS, 2012, p.6)".

Essa dinâmica, que força o deslocamento das camadas mais pobres do Centro Antigo para locais afastados, provocado por ações governamentais aliadas aos interesses econômicos dos grandes empresários e do mercado imobiliário, pode ser entendida como incongruente, no que tange ao acesso democrático à cidade, visto que os centros são dotados de infraestrutura urbana incomparável com outras regiões da cidade. "Planos sem obras e obras sem planos, essa é a marca de um ‘desenvolvimento’ urbano dominado pelos interesses privados rentistas, de um lado, e pela ignorância em relação ao assentamento da maior parte da população, de outro" (MARICATO, 2000, p.17). Dadas essas circunstâncias, as ocupações informais nos centros mostram-se como uma alternativa possível de luta por moradia para as camadas mais desfavorecidas, como é o caso da Ocupação Luísa Mahin.

O MLB e A Ocupação Luísa Mahin: alternativa de moradia no centro

O Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) é um movimento social que atua nacionalmente na luta pela reforma urbana e pela moradia digna, que surgiu em 1999, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, através da Ocupação Vila Curiomba. Atualmente, o MLB está presente em treze estados do Brasil, concentrando suas ações principalmente nas grandes cidades, a partir da compreensão de que estas apresentam cenários mais intensos de contradições socioeconômicas e alto déficit habitacional. Garantir o direito à moradia é, na perspectiva do movimento, um primeiro passo no caminho de uma sociedade mais igualitária e digna para todos.

O MLB começou a atuar em Salvador em 2016, através da reunião e articulação de grupos, formados por famílias com dificuldades de acesso à habitação, em alguns bairros da capital baiana. No dia 25 de setembro do mesmo ano, essas famílias, vindas em sua maioria dos bairros do Uruguai e Boca do Rio, ocuparam o antigo edifício do CESOL - Centro de Economia Solidária, pertencente ao Governo do Estado da Bahia, dando início à Ocupação Luísa Mahin. O prédio, que estava abandonado há mais de dois anos, está inserido no bairro do Comércio, na área tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), localizada na esquina entre as ruas Conde D’Eu e Álvares Cabral.

O edifício está próximo a espaços importantes na dinâmica do Centro, como a Praça Marechal Deodoro, o plano inclinado Gonçalves e o Elevador Lacerda, que garantem fácil acesso à cidade alta, entre outros. Além disso, existe também uma boa conexão com as redes de transporte público da cidade, contando, nas redondezas, com a tecnologia Mikey Blount, 2017.

Figure 7.8. Fotografia externa do edifício ocupado pelas famílias da Luísa Mahin. Fonte: fotografia de Mikey Blount, 2017.
A presença de muitos pontos de ônibus que dialogam com diversos bairros de Salvador. Após o abandono de tal edifício, parte do terraço permaneceu aberta e exposta à ação do tempo e da chuva, o que colaborou com o processo de degradação.

A Ocupação Luísa Mahin permitiu ao espaço possibilidades de novos usos e significados. Através de mutirões de limpeza e práticas de manutenção, organização e cuidado, os moradores vêm tornando o ambiente habitável e reverter as condições de abandono em que o lugar se encontrava.

A Ocupação tem se mostrado como uma forte ferramenta na luta pelo Direito à Cidade, sendo um espaço de resistência a possibilitar também o questionamento e enfrentamento das políticas de esvaziamento do Centro Antigo da cidade. Além de reivindicar habitação, Luísa Mahin, através de seus moradores, alcançou alternativas de organizar e garantir novos usos àquele lugar, proporcionando também espaços coletivos, como, por exemplo, a criação da Escola de Formação Popular, aberta e gratuita, que acontece no primeiro pavimento do edifício e já possibilitou diversas oficinas, aulas de alfabetização para adultos, formações, reuniões para articulação política e cursinho pré-vestibular para estudantes que não têm acesso a tal serviço. Entendendo a dimensão dessas ações, a Ocupação Luísa Mahin é uma importante ferramenta que fortalece o processo de ocupação democrática da cidade.

7.2.2 Metodologias e Atividades Desenvolvidas

No contexto do intercâmbio, foi acordado com moradores e lideranças da Ocupação que as atividades desenvolvidas deveriam ter como questão central a demanda por auxiliar na elaboração de argumentos que dessem subsídio ao processo de luta do movimento pela moradia digna, sobretudo frente à ação de reintegração de posse, movida pelo Governo do Estado da Bahia. Participaram da elaboração do trabalho dezoito moradores da Ocupação, sete estudantes da UFBA, cinco estudantes da UCL e uma professora orientadora da FAUFB, além de contar com a colaboração de outros professores das duas universidades.

A primeira atividade realizada foi uma visita à área do Comércio e à Ocupação Luísa Mahin, na qual ocorreram roda de conversa para contextualização sobre o bairro e os processos urbanos em curso na cidade de Salvador; reconhecimento da área do entorno do edifício para aproximação inicial com o lugar e obtenção de informações sobre sua dinâmica. Ficou decidido, entre universidade e movimento, que as atividades seriam realizadas majoritariamente dentro da Ocupação, durante o período de duas semanas. O principal direcionamento adotado, balizador de todo o processo, foi referente ao caráter participativo das interações propostas que deveriam possibilitar, em todas as etapas, a participação sem restrições de todos os envolvidos.

A sequência de atividades contou com a realização de oficinas, entrevistas, elaboração de um dossiê e uma exposição dos resultados gerados durante o período. Estas ações permitiram uma compreensão mais refinada das dinâmicas internas da Ocupação - abrangendo relações interpessoais, atividades cotidianas, funcionamento do edifício -, bem como sua relação com o bairro do Comércio e com a cidade.

A primeira visita à Ocupação Luísa Mahin, realizada no dia 3 de maio de 2017, foi conduzida pelos moradores e teve como intuito apresentar aos estudantes a estrutura física do edifício. A partir de então, os universitários foram sendo gradualmente inseridos na rotina diário do lugar e aprendendo sobre o contexto de luta, permanência e afirmação em meio à busca pela cidadania e direito à cidade. A visita aos apartamentos, à Escola de Formação Popular Carlos Marighella, à creche coletiva, e ao terraço contribuiu para a compreensão das demandas apresentadas pelos moradores sobre a necessidade de se adaptar a estrutura do edifício para viabilizar a moradia de forma plena, assim como a identificação de alternativas já improvisadas para viabilizar a permanência, como instalações informais de água e energia. A permanência no edifício e o acompanhamento da rotina dos moradores, nos dias que se seguiram, possibilitaram uma maior compreensão da dinâmica de moradia dentro da Ocupação.

A segunda visita teve como atividade uma oficina para construção de uma linha do tempo da história da Ocupação a partir do relato e depoimento dos moradores.

Figure 7.9. Espaço interno de um dos apartamentos da Ocupação Luísa Mahin. Foto: fotografia de Mikey Blount, 2017.
Os acontecimentos pré e pós apropriação do edifício foram narrados principalmente por Gregório Cipa, principal liderança do MLB em Salvador, com contribuição dos depoimentos dos demais moradores presentes. Gregório foi o responsável pela articulação do Movimento com as famílias dos bairros da Boca do Rio e Uruguai, que hoje compõem a Ocupação. Ao final do relato e da linha do tempo desenhada na lousa, os residentes fixaram seus nomes - e também os de companheiros que não estavam presentes-, localizando cronologicamente quando se deu a inserção de cada um no processo. O momento, além de permitir o resgate à memória, possibilitou que cada um compreendesse a importância da coletividade no processo para a conquista da condição de moradia em que se encontravam naquele momento.

Posteriormente, foi realizada a oficina de fotografia participativa, durante a qual houve um momento de exposição de conceitos, técnicas e modos de operar os equipamentos fotográficos. Câmeras foram cedidas para uso dos moradores, por um período de 2 dias, nos quais podiam realizar quaisquer registros que quisessem. A atividade resultou em diversas imagens do cotidiano da Ocupação e de momentos que revelavam aspectos como a coletividade e o afeto entre os moradores. A fotografia de autoria dos moradores é entendida, nesta proposta, como elemento documental, uma narrativa visual da Ocupação, que contribuiu não só na produção de um imaginário coletivo mas também como instrumento de reconhecimento e pertencimento àquele espaço.

Outra oficina foi a de mapeamento participativo das áreas de circulação dos moradores pelo bairro do Comércio e proximidades. A atividade possuía dois objetivos principais. O primeiro era identificar os locais mais frequentados ou de maior importância para os moradores para assim coletar insumos que contribuíssem na construção de argumentos a favor da luta pela moradia naquele local. A realização de caminhadas no entorno da Ocupação, guiadas por moradores, permitiu conhecer os trajetos cotidianos e os estabelecimentos que intercagham com a lógica da moradia no Comércio, levantando questões sobre as possibilidades e limitações dessa modalidade de habitação. As possibilidades dizem respeito ao benefício de morar em uma área central, onde há facilidade de conexão com diversos pontos da cidade, segurança, acesso a uma rede organizada de doações e o contato com demais ocupações; em contrapartida, as limitações evidenciam a invisibilização da população que ali habita. Os moradores levantaram a carência de espaços de lazer, postos de saúde, oportunidades de emprego, como aspectos que limitam a moradia naquele bairro.

O segundo objetivo era construir um melhor entendimento de cartografia pelos moradores, através do manuseio de um grande mapa impresso do bairro e fotos de locais apontados por eles como importantes durante as caminhadas. A identificação das fotografias desses locais no mapa possibilitou entender melhor a inserção dos moradores na dinâmica do bairro, além de estimular a compreensão da leitura de mapas, tão importante para a autonomia dos habitantes na interpretação de algumas informações durante o processo judicial e negociações com o poder público. Esse processo procurou possibilitar aos moradores uma participação mais embasada e consciente durante debates e apresentações de conteúdo nesse formato.

A finalização da atividade de mapeamento se deu com a apresentação de um mapa das localidades que estavam sob influência da Ocupação, entendendo sua importân-

**Figure 7.10.** Oficina realizada para a construção da linha do tempo da Ocupação Luísa Mahin. Fonte: fotografia de Mikey Blount, 2017.
cia na dinâmica da cidade em uma escala territorialmente mais ampla. Esse mapa foi construído a partir da coleta dos dados pelos estudantes do cursinho pré-vestibular da Escola de Formação Popular Carlos Marighella, que acontece no primeiro pavimento do edifício. O resultado conseguiu demonstrar a amplitude dos deslocamentos cotidianamente realizados por estudantes de diversos bairros de Salvador em direção à Ocupação Luísa Mahin. Esse processo possibilitou entender o alcance da ação daquele grupo de moradores ao decidir ocupar o edifício e, além de resgatar a sua função social, fazer dele uma ferramenta de combate à desassistência governamental.

Em comconitância com as oficinas, realizaram-se entrevistas com os moradores, objetivando coletar informações sobre cada uma das famílias, na tentativa de compreender como se elas relacionam com os diversos aspectos da moradia na Ocupação. As entrevistas forneceram informações mais aprofundadas sobre as relações afetivas, a resistência política e a luta por direitos fundamentais. Foram apresentados, por exemplo, acordos, divisão de tarefas, reuniões semanais que buscam, além de viabilizar o bom convívio na moradia, construir uma consciência cidadã coletiva, dialogando, portanto, com a própria disputa pelo direito à cidade.

“O direito à cidade é muito mais que a liberdade individual de ter acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Além disso, é um direito coletivo e não individual, já que essa transformação depende do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização. (HARVEY, 2013)”

Nesse momento os residentes puderam, individualmente, relatar suas histórias de vida, perpassando pelos fatos que culminaram no contato com a Ocupação. Foi unânime o esclarecimento dos moradores sobre a vontade de morar dignamente e, principalmente, sobre a importância que a Ocupação representa para eles e para os que a frequentam, como é o caso da Escola de Formação. Os moradores compreendem que um espaço não deve permanecer vazio e inutilizado por anos, uma vez que há toda uma população precariamente abrigada ou sem qualquer opção de moradia.

As entrevistas trouxeram relatos de como a Ocupação Luísa Mahin proporcionou uma melhora na qualidade de vida de cidadãos vindos de locais nos quais estavam suscetíveis à violência gerada pelo tráfico de drogas, ausência de moradia efetiva, agressão doméstica e abandono. Desse modo, para além da coleta de informações, este foi um momento de esclarecimento das percepções dos residentes sobre todo o processo de resistência em que estavam inseridos, deixando transparecer suas opiniões sobre a importância da luta da qual fazem parte.

Para compilação das informações coletadas durante as entrevistas, percepções levantadas pela convivência na Ocupação e materiais gerados pelas oficinas foi elaborado um documento, em formato de dossiê, apresentado para os moradores e entregue ao movimento. Nele revelam-se informações detalhadas sobre a lógica de funcionamento do edifício bem como argumentos que confrontam as acusações realizadas pelo poder público com o intuito de descredibilizar a Ocupação, além de compilar legislações, planos e projetos urbanos que asseguram discursivamente a urgência em evitar o esvaziamento das áreas centrais, ainda que as medidas adotadas pelos gestores públicos não convinjam para benefício da população mais necessitada. No dossiê também está exposta a descrição das atividades realizadas durante o período da disciplina. Isto posto, cabe ressaltar que tal documento se mostra como um símbolo material e rep-

Figure 7.11. Selma, moradora. Registro da Oficina de Fotografia, uma das atividades realizadas com os moradores. Fonte: fotografias de Beatriz Batista Passos (moradora da Luísa Mahin), 2017.

Figure 7.12. Fotografia registrada na atividade de caminhada com os moradores pela área do Centro Antigo de Salvador. Fonte: fotografia de Adriana O’Dwyer, 2017.
resentativo do processo. Espera-se que ele possa ser útil à ocupação nos enfrentamentos jurídicos e políticos nos quais está diretamente envolvida. Os produtos gerados pela experiência, no entanto, transcendem o documento e englobam as diversas interações realizadas no período.

Através dos processos e debates realizados, produziu-se uma noção comum de que a própria Ocupação Luísa Mahin pode ser entendida como um instrumento de ação coletiva, uma vez que reúne moradores e também colaboradores, em um processo conjunto de enfrentamento diário e construção de soluções alternativas para alcançar o direito à cidade. A produção do dossiê assim como todas as atividades e discussões realizadas são entendidas como um conjunto de ferramentas que dão suporte à luta da Ocupação. Luísa Mahin se mostra como um espaço organizado, que, para além da moradia, possibilita ser lugar de articulação política e visibilidade para a discussão sobre a democratização dos espaços urbanos e direito à cidade. Entende-se a sua resistência como um instrumento político de enfrentamento e denúncia da passividade governamental, fortalecendo a exigência por melhor condição de moradia no Comércio.

7.2.3 Considerações finais

Após duas semanas de contato com os moradores da Ocupação Luísa Mahin e sua rotina local, os integrantes da Universidade Federal da Bahia e da Bartlett School of Architecture – University College London – puderam apreender um pouco da problemática enfrentada por eles na luta pelo Direito à Cidade. A rica experiência proporcionou não só a troca de conhecimento entre ocupantes, estudantes brasileiros e estrangeiros como também contribuiu para um amadurecimento das questões relativas aos processos urbanos de segregação socioespacial e à representatividade de populações vulneráveis no contexto das grandes cidades brasileiras.

Como visto, a Ocupação se mostrou como forte instrumento de ação coletiva na luta pelo Direito à Cidade na medida em que vem resistindo às inúmeras investidas do poder público para retirar dali seus ocupantes. Ações como o estabelecimento da Escola de Formação Popular Carlos Marighella, o cursinho pré-vestibular e a creche, dentre outros, têm se mostrado importantes elementos dessa luta. Além disso, o dossiê gerado pelas oficinas, além de contribuir na inserção desses residentes num processo de autoconhecimento como morador e usuário de um bairro central – com suas particularidades como facilidade de acesso a bens e serviços públicos, visibilidade social, senso de pertencimento, dentre outros – veio a reforçá-la ainda mais na medida em que a torna de conhecimento público. Teoria e prática foram mescladas, resultando em um rico material gráfico produzido em conjunto pelos referidos participantes e que já se mostra de grande interesse pela coordenação do movimento MLB na Bahia para sua reprodução em larga escala.

Durante todo o processo de construção do dossiê, inúmeros questionamentos acerca de temas como cidadania, participação popular, autogestão, reconhecimento, direito à cidade, dentre outros, puderam ser debatidos entre Academia e residentes, num contato direto que muito engrandeceu a experiência em ambos os lados. O abandono e esvaziamento de áreas centrais tem se apresentado como um dos grandes entraves para a formação de cidades mais justas, tornando a questão da moradia de interesse social nessas áreas uma peça-chave dessa reparação. A disciplina Política, Democracia e Direito à Cidade em seu módulo II, movida pela Faculdade de Arquitetura da UFBA, o grupo de pesquisa Lugar Comum e a parceria com a Bartlett School da UCL de Londres permitiram o aprofundamento dessas questões, cada vez mais pertinentes à sociedade nos dias de hoje.

A experiência tornou possível não só a ampliação do contato entre universidade e sociedade como também permitiu a construção, o fortalecimento de metodologias para auxílio na conquista do Direito à Cidade pelas classes mais vulneráveis. O dossiê, produto gerado pelas disciplinas, além de contar com a efetiva participação dos moradores trazendo suas próprias reflexões, servirá também de apoio para o seu reconhecimento diante da sociedade e do poder público não só de sua condição enquanto cidadãos, mas portanto inseridos no acesso a direitos, bens e serviços, mas também como agentes na manutenção do patrimônio edificado e da dinâmica urbana local, promovendo uma melhor, mais justa e sólida recuperação de áreas centrais abandonadas.

Figure 7.13. Mapa de movimentos. Fonte: produzido pela equipe, 2017.
7.2.4 Referências


The second edition of the academic exchange, proposed by the Lugar Comum Research Group - Faculty of Architecture of the UFBa and The Bartlett Development Planning Unit - expanded the set of locations in relation to the first edition, involving, in its totality, seven communities of the City of Salvador. The extension of the field of experimentation allowed them to join the Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico de Salvador - AMACH, the Movimento dos Sem Teto de Bahia - MSTB, the Community of Gamboa de Baixo and the Acervo da Laje, which had already participated in the first edition, plus three localities: Saramandaia, Nordeste de Amaralina and Occupation Luiza Mahin.

The insertion of the Saramandaia Neighborhood in the context of this experience of university-society interaction was driven by the need to broaden the spectrum of actions that were already being developed by the Lugar Comum Research Group, together with the Network of Associations of Saramandaia. These actions aimed at exploring new ways of planning and designing projects aimed at broadening democracy, building spaces for common use and transforming the city from the neighborhood scale.

In this way, students were challenged by the residents of Saramandaia to produce an instrument for collective action that would give visibility to the artistic expressions, ways of living and self-constructing rights that articulate the neighborhood’s collective life. This instrument should also materialize arguments that would be in contraposition to the Environmental Impact Study, designed to support the Linha Viva motorway, proposed by the Municipality of Salvador.

The construction of the instrument for collective action was made through the interaction of the field work, carried out during 10 days, in the Saramandaia neighborhood. This work was marked by differentiated expectations, methodological, temporal and linguistic obstacles, gradually overcome by a collaborative effort that involved negotiations, conflicts, sharing, solidarity and, mainly, a strong interaction with the residents of Saramandaia.

These articles aim to problematize such work experience, which involved a group of 12 students from diverse nationalities (Indonesia, China, South Korea, Brazil, Colombia, Syria and France) and distinct formations (Architecture and Urbanism, Economics, Law, International Relations and Political Science, linked to the UFBA Post-Graduate Program in Architecture and Urbanism and The Bartlett Development Planning Unit).

Thus, based on information collected from official bodies and data constructed in conjunction with residents of Saramandaia, the authors feed into self-reflection and expose the potentialities and limits of this work experience. The perspectives pointed out, driven by a subjectivity rooted in the principle of hope, convince us of the emancipatory potential of the instruments for collective action.

Thus, the authors, when reporting on this experience conceived from the articulation between extension, teaching, research and internationalization activities, will certainly contribute to the strengthening of the Federal University of Bahia and The Bartlett Development Planning Unit, as locus of socially embedded knowledge production and committed to strengthening the struggle for the Right to the City.
do campo de experimentações permitiu que se somassem à Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico de Salvador - AMACH, Movimento de Sem Teto da Bahia - MSTB, Comunidade da Gamboa de Baixo e Acervo da Laje, que já haviam participado da primeira edição, mais três localidades: Saramandaia, Nordeste de Amaralina e a Ocupação Luiza Mahin.

A inserção do Bairro de Saramandaia no contexto dessa experiência de interação universidade-sociedade foi impulsionada pela necessidade de ampliar o espectro de ações que já vinham sendo desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Lugar Comum, junto com a Rede de Associações de Saramandaia. Essas ações tencionaram explorar novas formas de fazer planejamento e conceber projetos voltados para o alargamento da democracia, construção de espaços de uso comum e transformação da cidade a partir da escala do Bairro.

Desse modo, os estudantes foram desafiados pelos moradores de Saramandaia a produzir um instrumento para ação coletiva que fosse capaz de dar visibilidade às expressões artísticas, modos de viver e autoconstruir direitos que articulam a vida coletiva do Bairro. Esse instrumento deveria também materializar argumentos que servissem de contraposição ao Estudo de Impacto Ambiental, elaborado para respaldar o Projeto Linha Viva, proposto pelo Município de Salvador.

A construção do instrumento para ação coletiva foi feita a partir da interação do trabalho de campo, realizado durante 10 dias, no Bairro de Saramandaia. Esse trabalho foi marcado por expectativas diferenciadas, obstáculos metodológicos, temporais e linguísticos, superados paulatinamente através de um esforço colaborativo que envolveu negociações, conflitos, partilha, solidariedade e, principalmente, uma forte interação com os moradores de Saramandaia.

Este artigo, construído coletivamente por sete estudantes da Universidade Federal do Salvador, busca problematizar tal experiência de trabalho, que envolveu um grupo de 12 estudantes oriundos de nacionalidades diversas (Indonésia, China, Coreia do Sul, Brasil, Colômbia, Síria e França) e formação distintas (Arquitetura e Urbanismo, Economia, Direito, Relações Internacionais e Ciência Política, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA e à The Bartlett Development Planning Unit.

Desse modo, com base nas informações colhidas junto a órgãos oficiais e dados construídos em conjunto com os moradores de Saramandaia, os autores alimentam a autorreflexão e expõem as potencialidades e limites dessa experiência de trabalho. As perpectivas apontadas, movidas por uma subjetividade arraigada no princípio da esperança, convencem-nos do potencial emancipatório dos instrumentos para ação coletiva.

Assim, os autores, ao relatar essa experiência concebida a partir da articulação entre atividades de extensão, ensino, pesquisa e internacionalização, certamente contribuirão com o fortalecimento da Universidade Federal da Bahia e da The Bartlett Development Planning Unit, como foco de produção do conhecimento socialmente referenciando e comprometido com o fortalecimento da luta pelo Direito à Cidade.
8.1 Saramandaia Existe e Resiste

Mahdy Alraie, Isidora Happy Apsari, Vivian Gonzalez, Mengting Jin, Aileen Siyoon Lee

8.1.1 Introduction

In 2010, Salvador’s City Hall introduced the project Salvador Capital Mundial—Salvador World Capital in English, which aimed to improve the urban mobility of the city through two major projects: the Rede Integrada de Transporte (RIT) and the Programa de Obras Viarias (PROVIA). This second project, PROVIA, attempts to address the city’s traffic congestion by building a series of expressways for high-speed access between the city centre and the periphery. One of these expressways is the Linha Viva—Alive Line in English, which is planned to pass through the Saramandaia neighbourhood. The neighbourhood has been there since the seventies nonetheless it remains invisibilised and stigmatised. The Linha Viva project is a clear example of this, as around 3,000 residents would need to be evicted, and yet, residents have not been involved in the planning of the project.

By understanding the impact of the Linha Viva on the Saramandaia neighbourhood, this research aims to discuss the role of a popular audit, as an instrument for collective action, to enhance Saramandaia’s right to the city. During the fieldwork conducted in May 2017, the students and staff of the Federal University of Bahia (UFBA) and University College London (UCL) along with the community leaders of Saramandaia produced a document called “Saramandaia Existe e Resiste”, as a starting point for a popular audit. The aim is to make visible the neighbourhood as well as to disseminate the potential impacts that the Linha Viva project will have on the life of its residents.

This chapter presents the Linha Viva project and the potential impacts it will have on the neighbourhood, the relevant urban policies and how they are used in governing the city, then the analytical framework developed using a lens and finally an analysis of the instrument for collective action and its potential for advancing Saramandaia’s claim

Case Study and Context

Linha Viva

Linha Viva is a project mainly designed by the private sector and funded by the government (Fernandes, 2014; Lugar Commun and Rede de Associações de Saramandaia, 2013). It is an expressway that charges a toll and privileges the use of private vehicles (Lima, 2016). The construction of the Linha Viva in Saramandaia requires the removal of around 3,000 residents and some of the public facilities without offering the possibility of relocation (ibid). Due to the large-scale of the infrastructure works needed for the construction of the expressway, Saramandaia will be directly affected by evictions and demolition of important spaces for the community, thus fragmenting the existing social network.

The planning of the project was developed without effective participation of the community, even though it will affect the existence of Saramandaia’s residents. Moreover, the Environmental Impact Assessment (EIA) prepared by Engenharia de Tráfego e de Transportes Ltda (TTC), the engineering company in charge of the construction, does not recognise Saramandaia as an existing neighbourhood, and thus disregards the social, political, economic and cultural impacts that the development can have on the community.

Saramandaia

The Saramandaia neighbourhood was founded in the 1970s becoming an official district in 1974. It is located in a central and valued area of the city (Figure 8.1). The neighbourhood has become a good and attractive location as it is in close proximity to services and major points for mobility, such as the avenue Avenida Paralela, the subway station, the State Department of Transportation (DETRAN), a bus terminal and various shopping malls. Consequently, the market value of Saramandaia has grown, creating a fertile ground for speculation. This has impacted the lives of the residents, increasing the pressure to relocate to cheaper and less well-located areas of the city.

Saramandaia’s population counts 12,028 people living in 3,701 households (IBGE, 2010). Nevertheless, community leaders argue that currently there are 40,000 inhabitants distributed in 8,000 households. The 80% of dwellers earn less than two minimum wages and 57% receive less than one salary (IBGE, 2010). The neighbourhood is classified as a Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS)—Special Zone of Social Interest in English, which recognises the vulnerability of the neighbourhood as well as the need for the provision of social housing and social infrastructure. Regardless of its strategic location and being categorised as ZEIS, Saraman-
s illuminate broad social coalitions, advocating for reform, to disseminate the results of the study, building awareness; audit initiatives which entails designing a media campaign suggests the community report card to advance their claims for the right to the city.

In this way, the instrument for collective action can support the inhabitants of Saramandaia to advance with Lugar Commun/UFBA research group, working on the construction of a neighbourhood plan, to make the existence of Saramandaia visible and create strategies to fight against urban projects that benefit individualistic and private interests. During this process, the community came to know about the existence of the Linha Viva project, which threatens the existence of the community and also reveals how this urban and mobility project is not aligned with the principles of inclusive participation established in the City Statute, nor with the PDDU or the PNMU as shown in Table 8.1.

As seen in Table 8.1, these three policies establish several principles, such as 1) social function and use value of urban land and buildings, 2) access to information and transparency, and 3) democratic and participatory processes. These principles highlight and guarantee the importance of citizen participation in the urban planning process. However, as our findings section will discuss, in the case of Saramandaia and the Linha Viva project, these principles are not being respected. The fourth column in Table 8.1 shows some of the findings for each principle.

Instrument for Collective Action

In 2012, Saramandaia’s community started a collective process with Lugar Commun/UFBA research group, working on the construction of a neighbourhood plan, to make the existence of Saramandaia visible and create strategies to fight against urban projects that benefit individualistic and private interests. During this process, the community came to know about the existence of the Linha Viva project, which threatens the existence of the community and also reveals how this urban and mobility project is not aligned with the principles of inclusive participation established in the City Statute, nor with the PDDU or the PNMU as shown in Table 8.1.

Considering this context, UFBA and UCL students identified the popular audit as an effective instrument for collective action that can help Saramandaia in claiming their right to the city, in particular, to fight against the Linha Viva project. The creation and implementation of the instrument aims at assessing the social vulnerability of Saramandaia provoked by the direct action or inaction of the State. The instrument can also help the community demand accountability from authorities.

In this sense, as an integrated and continuing process, and at all stages, the popular audit attempts to produce evidence, knowledge, alliance and mobilisation of Saramandaia; this, in order to generate information and to augment the voice of the community. In this way, the instrument for collective action can support the inhabitants of Saramandaia to advance their claims for the right to the city. Berthin (2011) suggests the community report card (CRC) as a tool for social audit initiatives which entails designing a media campaign to disseminate the results of the study, building awareness, mobilising broad social coalitions, advocating for reform, negotiating with government authorities and engaging in constructive discussions or public hearings. The document ‘Saramandaia Existe e Resiste’ will practice equivalent functions to those of a CRC such as building awareness and social coalitions and advocating for reform.

During the two weeks in Salvador, four community leaders and UCL, UFBA students produced the Saramandaia Existe e Resiste document, which aims to challenge the results of the Environmental Impact Assessment of the Linha Viva by showing the social, political, cultural, and technical aspects that were invisibilised (Appendix 8.1). Considering that a popular audit is a continuing process requiring the implementation of different sub-instruments, it is important to highlight that the document does not consist of the popular audit itself, but it is rather a starting point to help create enabling grounds.

8.1.2 Methodology

The research was conducted during five months (Table 8.2). From January to April we researched general information about Salvador, including policies both at the city and national level as well as about the neighbourhood of Saramandaia. After that, and based on our analytical framework, we developed the methodologies. In Salvador, during the first two weeks of May, we focused on collecting data that exposed the social and cultural value of the neighbourhood. Through community interviews, we asked inhabitants to map valuable and important areas. Likewise, during the focus group discussion as well as for the mapping exercise, we asked about the impact that the Linha Viva project would have on their lives (Figure 8.2).

Community leaders too joined mapping and explained to us the impacts of the Linha Viva from their perspective. For the semi-structured interviews, in order to learn the reality of Saramandaia in a broader sense, we tried to meet leaders from different backgrounds. We conducted four interviews with leaders from art and cultural institutions related to grafitti, rap and the circus, and other four semi-structured interviews with leaders from institutions such as schools and health clinics. Moreover, through conducting interviews with community leaders from other neighbourhoods that will also be impacted by Linha Viva, we were able to learn about the threats of the project on a wider, macro level. Additionally, through a transect walk we undertook with one of the community leaders of Saramandaia, we were able to see the valued places in the neighbourhood and appreciate the importance of the area by understanding the community context.

While data were collected through several activities, we eventually systematised information and had a feedback session with the community leaders to develop the document ‘Saramandaia Existe e Resiste’, distributed in the neighbourhood during the second week of June. Nonetheless, this process
Figure 8.1. Strategic location of Saramandaia in a macro and micro level. Sources: Lima (2016); Carvalho (2016); Lugar Comun and UFBA (2012)

Table 8.1. Political contexts vs. the reality of Saramandaia regarding Linha Viva project. Source: Chapter authors based on the Statue of the City; PDDU; PNMU.

<table>
<thead>
<tr>
<th>Aspects</th>
<th>Statute of the City</th>
<th>Urban master plan (PDDU)</th>
<th>National Policy on Urban Mobility (PNMU)</th>
<th>The reality of Saramandaia</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Social function and Use value</td>
<td>Article 182</td>
<td>The urban development policy has to consider the social function of the city</td>
<td>• Article 11.II Protection of historical, artistic, cultural, urban, archaeological and landscape</td>
<td>Private interests (exchange value) of the land over the social function (use value)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>• Article 10.II Social function of the city as principle for governing the city</td>
<td>• Article 6.I Integration with the urban development policy and its sectoral policies for housing, basic</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>• Article 12.II Guideline for urban planning- ensuring proper conditions of mobility in</td>
<td>sanitation, land use planning and management</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>the city, with view to economic, social and territorial integration</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Transperecy and Information accessibility</td>
<td>Article 37, Article 40</td>
<td>To publish and have access to relevant documents and information produced during the Master plan preparation</td>
<td>• Article 4 Having the right to be informed, in accessible and easily understood language</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>• Article 8.V Simplicity in understanding and transparency</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Democracy and Participation process</td>
<td>Article 40</td>
<td>In the process of preparing to the master plan and supervising implementation, the</td>
<td>• Article 14.II Participating in planning, monitoring and evaluation of the local urban mobility policy</td>
<td>Houses and public spaces would be demolished without democratic process.</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>municipal Legislative and Executive Branches will ensure the promotion of public</td>
<td>• Article 2, Article 5.V Democratic management and social control of the planning and evaluation of the</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>hearings and debates with population and representative associations of the various</td>
<td>policy</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>segments of the community</td>
<td>• Article 7.I Reduce inequalities and promote social inclusion</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>• Article 10.V The right to information as principles of governing the city of Salvador</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Urban Policy</td>
<td>• Article 6.III Channel the participation of society in the fundamental decisions relating to urban and</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>metropolitan development</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>• Article 10.IV Equity and inclusion as a principle of governing the city of Salvador</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Urban Policy</td>
<td>Urban Policy</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
faced some limitations that need to be considered in order to develop the popular audit. Albeit efforts were made to involve a significant and diverse portion of the community during the production of the document, as shown in Table 8.2, participation was very limited. At the same time, it was difficult to have direct conversations about Linha Viva with the residents given their sensitivity to the project.

8.1.3 Analytical Framework

Key concepts

Residents’ rights to the social function of land, access to information, transparency, democracy and participation is at danger owing to the Linha Viva project. Invisibility and lack of accountability are major challenges in achieving the right to the city for the inhabitants of Saramandaia. We have selected two theoretical concepts associated to the right to the city that will help analyse the findings of the research. These are: the right to participation and the right to appropriation (Purcell, 2002).

The right to Participation: This concept refers to the central role inhabitants should play in the decision-making process of the city. Lefebvre (cited in Purcell, 2013) states that the inhabitants need to be aware they have the right to participate in shaping the city. In order to achieve this kind of awareness, an active and real participation, pervasive activation and mobilisation of inhabitants are fundamental.

From this point of view, the lack of participation and involvement of Saramandaia’s residents in urban projects would have a direct impact residents’ claim to the right to the city of Salvador.

The right to Appropriation: It ensures that urban spaces can be accessed, occupied and used by the inhabitants (Purcell, 2003). Moreover, it is important that the inhabitants get the full and complete right to use urban spaces for the purpose of their everyday life. To achieve the right to appropriation, use value must be placed as a primary consideration in the production of urban spaces. In other words, the right to appropriation is part of the inhabitants right to define and produce the urban space in order to maximise its use value (ibid).

The potential eviction of 3,000 residents (Lima, 2016) and demolition of valued spaces in the neighbourhood are affecting the right to appropriation of Saramandaia’s residents. Moreover, favouring the construction of an expressway over protecting the houses and valued places of urban dwellers shows that use value is preferred over exchange value.

In this context, a process of accountability could help claim Saramandaia’s inhabitants right to participation and to appropriation.

Accountability relevance

The lack of government accountability is clearly relevant to the struggle of Saramandaia’s communities for achieving their right to the city. A community leader described their invisibility and lack of participation in urban projects such as the Linha Viva as ‘institutional discrimination’ (Interviewee, May 2017). In fact, the uncertainty and instability in the planning process place them in a vulnerable position.

However, if we take into account the high risk— demolition of housing and public spaces and disruption of social networks—and massive threat that the project represents to the population, addressing the accountability of the respective authorities is fundamental. In this framework, accountability is defined by two elements: answerability and enforceability.

- **Answerability** is the obligation for officials to be transparent about their activities, plans and decisions. This implies the obligation to respond to questions holding them accountable. Officials may be asked to inform and explain to citizens about their decisions, as “…holding somebody accountable implies the opportunity to ask uncomfortable questions” (Schedler, 1999, p.14).

- **Enforceability** is the capacity to ensure that agencies and officials are fulfilling their duties, as well as to impose sanctions on power holders who have violated their public duties. The importance of enforceability is that accounting actors not only can question the behaviour and decisions of officials but also punish them, thus receiving negative sanctions (Schedler, 1999).

These two elements can be found in the existing legislations and policies in Brazil. For example, democracy and transparency as concepts, along with public hearing and consultations as participatory processes, as well as the right to information and publicity are mentioned in various articles in the City Statute, PDDU and PNMU (Table 8.1).

Claiming the right to the city by addressing accountability

Through the popular audit, Saramandaia’s communities have two mechanisms for claiming accountability. First, through the access to information related to the planning of the Linha Viva project, which could address the lack of answerability from authorities. Second, by using their voice to demand authorities to comply with the principles established by the legislations and policies, and also by participating and shaping the urban planning process (Ackerman, 2004; Moncrieffe, 2001).
Table 8.2. Timeline of the research methods and activities performed. Source: Chapter authors.

<table>
<thead>
<tr>
<th>Methods</th>
<th>Activities</th>
<th>Participants</th>
<th>JAN W3 – W4</th>
<th>FEB W1 – W4</th>
<th>MAR W1 – W4</th>
<th>APR W1 – W4</th>
<th>MAY W1</th>
<th>W2</th>
<th>W3</th>
<th>W4</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Literature Review</td>
<td>Lectures (information about Salvador, research approach)</td>
<td>5 UCL</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Reading (Thematic research)</td>
<td>5 UCL</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Developing methodology</td>
<td>5 UCL</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Research (information about Saramandaia)</td>
<td>5 UCL</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Preliminary discussion</td>
<td>Structure interviews, discuss IFCA</td>
<td>5 UCL, 6 UFBA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Group discussion</td>
<td>Walking the neighbourhood, taking pictures</td>
<td>5 UCL, 6 UFBA, 1 UFBA PROF, 1 Community Leader</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Community Walk</td>
<td>4 Community leaders related to culture/art movements</td>
<td>5 UCL, 6 UFBA, 1 UFBA PROF</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Semi-structured interview</td>
<td>Community leaders related to institutions</td>
<td>5 UCL, 6 UFBA, 1 UFBA PROF</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Community leaders from other neighbourhoods which are related to Linha Viva</td>
<td>5 UCL, 4 UFBA, 1 UFBA PROF, 4 Community leaders</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Community interview</td>
<td>33 Inhabitants interview with 5 questions (15 Female / 13 Male / 14 Junior / 19 Senior)</td>
<td>3 UCL, 2 UFBA, 1 UFBA PROF</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Focus group</td>
<td>Semi-structured focus group discussion with 17 persons (15 Female / 2 Male / 10 Junior / 7 Senior)</td>
<td>2 UCL, 4 UFBA, 1 Community leader</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Mapping</td>
<td>Mapping important and valuable places in the neighbourhood</td>
<td>5 UCL, 6 UFBA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Presentation</td>
<td>Present the draft of the document to community leaders and get feedbacks</td>
<td>5 UCL, 6 UFBA, 3 Community leaders</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Analysing collected data</td>
<td>Systematising collected data</td>
<td>5 UCL, 6 UFBA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Presentation In Salvador</td>
<td>5 UCL, 6 UFBA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>In London</td>
<td>5 UCL</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Report</td>
<td>5 UCL</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Revising the document</td>
<td>6 UFBA, 2 UFBA PROF</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
Based on Ackerman’s analysis of accountability (2004, p.448), in which participation is defined as “…one of the most effective ways to improve accountability and governance”, this framework links accountability and the right to the city through the access to information and the voice of citizens. By participating in the decision-making process, Saramandaia’s communities can shape their citizenship entitlements and create collective pressure to demand accountability to achieve their right to appropriate. Figure 8.3 describes graphically the framework described in this section.

8.1.4 Key Findings

The document ‘Saramandaia Existe e Resiste’ as an entry point for the Popular Audit

Taking into account all the legal contradictions and missing information presented in the EIA of the Linha Viva, the document ‘Saramandaia Existe e Resiste’ initiated the construction and consolidation of a popular audit. During this process, the research group started to identify and acknowledge the noncompliance of some of the principles established by the City Statute, PDDU and PNMU, which are crucial for demonstrating the project’s infeasibility. As an entry point for the popular audit the document allowed the following:

The creation of spaces of negotiation, collaboration and knowledge production

The elaboration of the document gave space to a mutual and respectful interchange between the community and UFBA in order to produce knowledge, also allowing mutual learning. Moreover, it contributed to the collective construction of a ‘new language’ that is neither academic nor a popular one, but rather a combination of voices which highlight the existence of Saramandaia. It thus emphasises the power of personal experiences and technical evidence as important tools for claiming collective rights and evidencing the contradictions between policies and Saramandaia’s reality.

To reveal and produce reliable information that has been ignored

Since 2012, Saramandaia’s residents and Lugar Comum have been working on the resistance to both public and private urban development projects that invisibilised the neighbourhood (Carvalho, 2016). However, the lack of information provided by the government (answerability) regarding the Linha Viva project have had an impact on the mobilisation of the community. As mentioned by one of the community leaders: “we were seen as terrorists, as we mobilised the community in order to fight against a ghost project” (Interviewee, May 2017). Considering this context, the document ‘Saramandaia Existe e Resiste’ makes the neighbourhood visible, challenging the information described in official documents as well as other contradictions (Appendix 8.1). It also demonstrates how this project would fragment social networks in Saramandaia.

The recognition and visibility of cultural and artistic expressions

Through the activities conducted with the community we were able to identify the cultural and artistic characteristics of Saramandaia. Through the document, we were able to make them visible and highlight the positive aspects of the neighbourhood, which also enabled the visualisation of the diverse expressions of resistance that shape public spaces and residents’ everyday life.

The three above mentioned elements highlight the importance of the process of collaboration between the
According to Appadurai (2001), having partnerships with consolidation of alliances among different stakeholders. Generally, the process of a popular audit requires the individual right. that the right to the city is a common rather than an es that may be allocated in the process, considering the collectiveness of the claims, as well as the resourc- more community leaders and dwellers will strengthen of their struggle for the right to the city. Lefebvre (cited in Purcell, 2013) states, cerns and aspirations of the residents by also enrich - the community could better address the various con - of the legal framework and the actual planning of Linha Viva.

Conditions needed to ensure that the instrument for collective action can support Saramandaia in advancing claims for the right to the city

Production of Knowledge
Although the document ‘Saramandaia Existe e Resiste’ reveals and gives a general understanding of the issues of Linha Viva, it is important to conduct a deeper investigation of the legal contradictions unearthed. Additionally, the community needs to have a profound understanding of the legal framework as well as to collect more evidence in order to oppose the information given by the EIA. This would enhance the development of a well-constructed argument backed by evidence to pressure power holders to fulfil their duties and advance the claims of the community to the right to the city.

Mobilisation and collectivism
More sorts of mobilisations are essential in the process of the popular audit to improve the cohesion of the community and to raise the awareness about Linha Viva. The language and audio-visual design of the document ‘Saramandaia Existe e Resiste’ has the potential to pave the way to communication with other citizens as well as to dissemination of relevant information. However, further activities are needed, in that the document is not enough by itself to guarantee wider community mobilisation.

Moreover, broader and more diverse participation of the community could better address the various concerns and aspirations of the residents by also enriching their claims. Lefebvre (cited in Purcell, 2013) states, mobilisation is needed to make people more conscious of their struggle for the right to the city. Engaging with more community leaders and dwellers will strengthen the collectiveness of the claims, as well as the resources that may be allocated in the process, considering that the right to the city is a common rather than an individual right.

Alliance
Generally, the process of a popular audit requires the consolidation of alliances among different stakeholders. According to Appadurai (2001), having partnerships with other actors increases the capability of the poor to claim participation, transparency and accountability. Therefore, creating such alliances is an important factor for the sustainability of the popular audit in Saramandaia.

These alliances require the involvement and participation of regional, national and multilateral actors in order to address the respective authorities by powerful channels and start a meaningful negotiation process that claims the right to the city using accountability mechanisms. The negotiation itself will be part of the right of citizens to have a central role in the decision-making of urban development processes. However, creating alliances in itself cannot guarantee the participation of communities as equal partners in the negotiation process nor the meaningful participation of the government, which is an essential part of the answerability and enforceability process.

8.1.5 Conclusion
This research project allowed the collection and analysis of data that will work as a basis for the continuing process of the popular audit in Saramandaia so as to support the right to the city of residents and recognise the value of their neighbourhood for the city.

With regards to the Linha Viva project, invisibility is a big threat that hampers not only the right to the city of vulnerable populations, but also their dignity. The PMNU, PDDU and the City Statute established the priority of massive transportation in mobility projects, in a way giving priority to the collective rights of citizens. However, the current state of affairs prioritises private interests rather than social use value in determining urban policy and urban mobility projects in Salvador.

We believe that this research and the production of the document ‘Saramandaia Existe e Resiste’ provide the foundation for the construction and consolidation of the popular audit, believed to strengthen the voice as well as the access to information of the community. This instrument for collective action can enhance the capacity of citizens to directly demand greater accountability from the government (Berthin, 2011). This process is crucial to ensure the right to the city of Saramandaia’s citizens, particularly their right to participate and to appropriate.

8.1.6 Works cited


8.2 Saramandaia existe e resiste: contribuições para a construção de uma perícia popular

Alex Sandro Pereira Lima, Ananda de Oliveira Rocha Ferraz, Analice Nogueira Santos Cunha, Bárbara Brena Rocha dos Santos, Derisvaldo Cardoso, Lucas de Oliveira Sampaio, Rafael Santos Câmara, Sergio Kopinski Ekerman, Vivian Andrea Arango Navarrete

8.2.1 Introdução

O bairro de Saramandaia é um território disputado, pois se localiza numa região central e valorizada de Salvador. Grandes empreendimentos e os maiores shopping centers do estado são vizinhos ao bairro, assim como o Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN), a estação rodoviária e a estação do metrô, pontos importantes de circulação e transporte da cidade. Em virtude dessa posição privilegiada, a história da comunidade é marcada pela pressão da especulação imobiliária e pela luta de seus moradores pelo Direito à Cidade.

Nesse contexto, o governo do Município de Salvador pretende construir uma via expressa e pedagiada cruzando o bairro, denominada de Linha Viva e, como consequência, estima-se a remoção de centenas de famílias de moradores. Esse processo de implantação da rodovia, empreendido pela gestão municipal, tem se caracterizado por uma série de ações e omissões do poder público que resulta na invisibilização do bairro, prejudica e fragiliza a comunidade de Saramandaia e viola os seus direitos, além de contrariar princípios e normas de política urbana.

Uma dessas medidas está materializada no Estudo de Impacto Ambiental (EIA) do Projeto Linha Viva, elaborado em 2012 pela Empresa TTC-Engenharia de Tráfego e Transporte Ltda. Este documento técnico enfatiza os riscos ambientais de ocupação daquele território pelos moradores de Saramandaia, mas oculta as manifestações culturais e as sociabilidades ali existentes, deixando de abordar a totalidade dos impactos do projeto sobre o bairro.

Diante de tais circunstâncias, os estudantes da disciplina módulo II da disciplina Política, Democracia e Direito à Cidade, do programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFB) procuraram estabelecer um contraponto a esse documento. A partir de uma vivência de ensino, pesquisa e extensão entre professores e estudantes de diferentes nacionalidades e formações, juntamente com lideran-
ças e moradores de comunidades e movimentos populares do município de Salvador, buscou-se contribuir para a luta popular pela afirmação e visibilização do bairro de Saramandaia.

O trabalho objetivou construir, juntamente com a comunidade, um instrumento para ação coletiva com o intuito de contrapor-se ao EIA e servir de suporte às reivindicações dos seus moradores. O desenvolvimento da atividade contou com reuniões entre os participantes para a troca de experiências e ideias, além de oficinas e entrevistas, que visaram expor demandas e indicar possíveis atuações junto à comunidade, dentro dos limites da disciplina. Além disso, foram consultados documentos produzidos pelo Grupo de Pesquisa Lugar Comum (PPGAL) desde 2011, no âmbito do Plano de Bairro, bem como teses, mapas, vídeos e questionários, além de documentos da Prefeitura Municipal de Salvador: o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) e o EIA.

A partir de tais referências e da leitura dos moradores sobre a questão, essa experiência buscou criar formas de visibilizar os impactos omitidos pelo EIA do Projeto Linha Viva no trecho Saramandaia, ao mapear as dimensões culturais e sociais da vida coletiva (expressões culturais, educacionais e organizativas) e os espaços que existem no bairro e que estão ameaçados, além de indicar as contradições legais existentes na proposição do projeto Linha Viva, objetivando a produção de uma perícia popular.

8.2.2 O estudo de impacto ambiental (EIA) da Linha Viva e algumas de suas contradições

A Linha Viva é uma via expressa que liga a Rótula do Abacaxi à CIA-Aeroporto, com extensão de 17,70 km de pista dupla, exclusiva para carros, com três faixas de trânsito por sentido, dez conexões com o sistema viário existente (viadutos, alças e rampas que possibilitam entradas e saídas e que funcionam também como praças de pedágio) e vinte ligações viárias simples (viadutos). O projeto da rodovia está previsto nas planilhas e mapas do PDDU vigente (Lei 9.069/2016) e consta da Lei Orçamentária Anual de 2017, todavia apresenta contradições, bem como desrespeita diversos princípios e diretrizes de mobilidade e desenvolvimento urbano.

Enquanto as diretrizes legais exigem prioridade do transporte coletivo nos projetos do sistema viário, a Linha Viva prioriza o transporte privado sobre rodas em detrimento do transporte público de diferentes modais, caracterizando-se como uma obra excludente.

Para a realização de empreendimentos de tal natureza, exige-se a elaboração de um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e um Relatório de Impactos ao Meio Ambiente (RIMA), realizados por especialistas de diversas áreas, contendo dados técnicos detalhados e linguagem adequada e acessível. Contudo, diferente do que se estabelece como norma, os moradores e lideranças de Saramandaia não obtiveram informações ou esclarecimentos a respeito do projeto, apesar dos seus esforços.

Somado a isso, a Prefeitura Municipal contratou a mesma empresa, TTC- Engenharia de Tráfego e Transporte Ltda., para elaborar o projeto básico de engenharia viária e também o EIA, configurando um aparente conflito de interesses. O conteúdo do EIA também é controverso, pois é possível suscitar questionamentos acerca da sua metodologia, fundamento técnico, profundidade e abrangência das informações. Como um dos recursos metodológicos para estudar a fauna eventualmente impactada pela obra da Linha Viva, o EIA utilizou entrevistas com moradores para saber as espécies de animais existentes na região e seus usos correspondentes. Contudo, ao analisar o meio socioeconômico e cultural,
o documento descreve a realização de entrevistas apen- as com "informantes qualificados e formadores de opinião" (TTC, 2012b, p. 92-111).

Adicione-se que o EIA usou dados defasados, baseados em censo demográfico realizado 10 anos antes, em 2000 (TTC, 2012b, p. 92-111). Diante de informações que já não correspondiam à realidade, a ausculta dos moradores de Saramandaia em relação a tal quesito se torna imprescindível para uma análise verossímil pelo EIA. Verifica-se ainda a omissão ou falta de clareza acerca das comunidades que serão afetadas e o número de famílias a serem realocadas. No estudo fitossociológico, por exemplo, o bairro de Saramandaia não foi apontado expressamente dentre as áreas amostradas como ocorreu com outros bairros inseridos na área de influência da Linha Viva. A parcela amostral que poderia corresponder à área do bairro foi indicada apenas como "CHESF" (TTC, 2012b, p. 79-90). No "Programa de reassentamento da população atingida", Saramandaia é igualmente excluída. Segundo LIMA (2016), essa omissão não parece um acaso.

A escolha da área para implantação da Via Expressa Linha Viva foi definida a partir da situação de vulnerabilidade das pessoas que habitam a área de servidão da CHESF, forjada a partir da construção de uma 'zona de não direitos' e da invisibilidade de direitos conquistados. (LIMA, 2016, p. 264)

Desse modo, a condição socioeconômica dos moradores de Saramandaia e a presença da faixa de servidão da CHESF em seu território são pontuadas nos discursos oficiais e não oficiais para servir de argumento em prol da viabilidade de implantação da rodovia.

Ao contrário do alegado pelo Município, o projeto Linha Viva acarretará um alto impacto socioambiental. O bem-estar da população de Saramandaia será diretamente afetado e a dinâmica do bairro, modificada. Os espaços de lazer e esporte existentes serão excluídos, as atividades econômicas e culturais desenvolvidas pelos moradores serão impactadas e a paisagem, irreversivelmente transformada, algo que se caracteriza como impacto ambiental, segundo a Resolução nº 001/86 do CONAMA de 1986.

8.2.3 Um instrumento para ação coletiva em contraposição ao estudo de impacto ambiental

Cabe lembrar que a luta contra processos de opressão e invisibilização de Saramandaia são históricos, e que a voz da comunidade é consciente e se faz presente em tais disputas apesar da existência de "um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber" (FOUCAULT, 1972). Poder este que não atua so-

Figure 8.8. Saramandaia. Vista Linha Chesf. Fonte: fotografia de Vivian Andrea Arango Navarrete, 2017.

Figure 8.9. Grupo guiado por Alex Sandro (Leco) em frente à Fundação Cidade Mãe. Fonte: fotografia de Analice Nogueira Santos Cunha, 2017.
mente em "instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade" (Idem), que atua para diminuir e até mesmo deslegitimar essa voz.

Conscientes de que a academia e o próprio lugar garantido aos intelectuais integram esse sistema de poder, torna-se necessário enfatizar que a investigação aqui apresentada não teve como intenção "dar voz" à comunidade, uma vez que Saramandaia fala por si e é consciente dos conflitos que a atravessam, mas, sobretudo, pretendeu lutar contra as formas de poder na ordem do saber, da consciência e do discurso, em que a teoria se torna ferramenta de combate e a crítica, um instrumento de resistência.

A escolha por trazer um contradiscurso, que associa o conhecimento técnico ao conhecimento e vivência da comunidade, foi a apostada. Optar pela arte e pela cultura como mecanismo foi uma resposta da nossa aproximação com a comunidade, principalmente por meio do contato com líderes, artistas e moradores do bairro. A produção artística e as atividades culturais foram entendidas como efetivas mobilizadoras da comunidade nos processos de resistência e como potência para a visibilização do bairro.

Dentre as atividades realizadas durante a aproximação com Saramandaia podem-se destacar: caminhadas guiadas pelo bairro na presença de Leco e Thito Lama, registros fotográficos e audiovisuais de lugares significativos para a comunidade; 32 entrevistas curtas com moradores do bairro, objetivando saber quais os lugares mais importantes de Saramandaia e por quê; oficina presencial com uma das turmas da Escola Marisa Baqueiro com a participação de Neguinho; e, ainda, realização de entrevistas semiestruturadas com artistas e lideranças comunitárias.

Durante o processo de aproximação, foi possível realizar o mapeamento dos lugares importantes para a comunidade e compreender a relevância das atividades culturais, especialmente para crianças e jovens, uma vez que foram recorrentes, entre os lugares e práticas significativas apontadas pelos moradores, espaços como o Grupo Cultural Arte Consciente, as escolas da comunidade, o campo de futebol e a Praça do Largo (ponto de encontro e de festividades do bairro).

Destaca-se também a relevância da contribuição dada pelas lideranças e pelos artistas do bairro que, através de entrevistas, revelaram a força e o poder de união e transformação das atividades culturais desenvolvidas na comunidade. Foram por meio das narrativas e das experiências dos moradores que nós, como estudantes estrangeiros àquela realidade, tivemos a oportunidade de escutar canções produzidas por eles, narrando histórias de resistência e luta cotidiana. Pode-se também notar, através do grafite e do rap, a importância do "hip hop", que se manifesta não só na música e nas latas de tinta, mas também através da dança, da criação e, sobretudo, na troca de conhecimento. Por meio das entrevistas, foi possível enxergar Saramandaia transmitida através de peças de teatro e filmes de curta e longa metragem, que atravessam as fronteiras físicas e se conectam à rede, e adentrar espaços construídos por mãos que se dedicam a oferecer alternativas e consolidação de relações, seja através de caminhas que percorrem o bairro com baterias e canções de paz, seja pelo tempo dedicado ao crescimento do outro.

As atividades artísticas e culturais ajudam a compartilhar conhecimento na comunidade, permitindo aos indivíduos ensinar uns aos outros, numa dinâmica de intercâmbio, construção e transmissão de valores. As relações sociais são fortalecidas uma vez que os lugares de lazer têm um papel essencial na integração da comunidade, fomentando os vínculos entre os diferentes grupos de Saramandaia. A arte e a cultura promovem a expressão da identidade, pensamentos e valores cotidianos dos moradores, dando-lhes uma voz que contribui para confrontar a imagem negativa do bairro que tem sido apresentada na mídia.

Dessa forma, a construção do argumento de contraposição ao EIA e de valorização e visibilização do que é produzido em Saramandaia se baseia principalmente na relevância das atividades artísticas e dos espaços culturais da comunidade. Apostar nesta produção e nas relações que ela é capaz de construir é acreditar e reiterar que #SaramandaiaExiste.

Desejava-se que o documento resultante da pesquisa realizada em Saramandaia, das considerações ao EIA e dos contra-argumentos ao Projeto Linha Viva contem-
Collective practices and the right to the city: Lessons from action research in Salvador, Brazil

plasse diferentes formas de leitura, permitindo sua circulação em espaços distintos, ao utilizar também linguagem clara e técnica a fim de se equiparar ao discurso oficial e poder ser utilizado como documento em defesa dos direitos da comunidade junto a autoridades. Da mesma forma, pretendia-se alcançar os moradores, jovens e crianças de Saramandaia, por meio de gráficos, ilustrações e de uma linguagem mais atrativa.

Dessa forma, optou-se pela montagem de uma revista, visto que o formato permite a circulação tanto impressa quanto digital e abarca, em seu conteúdo, peças gráficas e textuais. A publicação intitulada “Saramandaia existe e resiste: construindo argumentos contra a Linha Viva” foi pensada coletivamente pelo grupo de estudantes e comunidade de Saramandaia. A peça foi formatada em “camadas de informação”. Além do texto e de registros fotográficos realizados durante as semanas de trabalho, as páginas da publicação contêm a transcrição de parte dos depoimentos de líderes da comunidade, infográficos que exemplificam dados e críticas à Linha Viva, bem como QRcodes que possibilitam acessar conteúdo digital de caráter complementar para o aprofundamento no tema.

8.2.4 Reflexões sobre a perícia popular enquanto instrumento para ação coletiva

A Perícia Popular é um dos Instrumentos para Ação Coletiva, atualmente pesquisados pelo Grupo Lugar Comum, como forma de atuação conjunta entre diferentes atores sociais em torno de objetivos comuns, delineados pelos princípios do “Direito à Cidade”. De espectro mais amplo que as ações públicas, as ações coletivas buscam fortalecer respostas a demandas sociais, por meio de processos capazes de visibilizar comunidades e movimentos sociais marginalizados pelos “monopólios espaciais” característicos das grandes cidades de países em desenvolvimento (HARVEY, 2008).

Ao exercitar a prática de “fazer com” em detrimento do “fazer para” (TURNER, 1968, p. 128), os Instrumentos para Ação Coletiva buscam dar força e argumentos para que comunidades e movimentos possam batalhar por recursos públicos além de construir alternativas para implantação de políticas públicas.

No caso da Perícia Popular, proposta pelo coletivo de estudantes em conjunto com os moradores de Saramandaia, delinea-se tal ação como aquela capaz de se contrapor às iniciativas hermeticamente formatadas pelo poder público, cujo interesse se coloca em favor de empreendimentos de grande porte com alto impacto ambiental, ou que violam o direito à cidade. Ao sugerir realizar a Perícia Popular como argumento de contraposição à Linha Viva, o coletivo buscou também contribuir para a investigação em torno do conteúdo, formato e metodologia de formulação deste instrumento para ação coletiva, tomando como referência o trabalho realizado junto à Associação de Moradores e Amigos do Centro Histórico (AMACH) pelo Lugar Comum.

Neste caso, o coletivo compreendeu que era inerente ao objetivo da Perícia contrapor aos aspectos técnicos traídos pelo EIA levantamento de contra-argumentação técnica e teórica, junto a uma leitura conjunta de valores e saberes presentes no bairro e sumariamente ignorados. A Perícia Popular, construída neste caso, enquanto Instrumento para Ação Coletiva é um conceito em construção, sendo este mais um passo na sua composição.

8.2.5 Conclusões

Em Salvador, o projeto da Linha Viva e o seu EIA apresentam contradições e produzem invisibilidades, em especial no trecho Saramandaia. Esse tipo de política pública revela uma ação governamental que reproduz opressões, ao invisibilizar lutas e conquistas correlatas advindas dos movimentos populares e negar direitos institucionalizados, impedindo-se o controle social sobre tal atuação institucional.

Assim, tendo por perspectiva desenvolver processos de visibilidade e reconhecimento que não reproduzam hierarquias e achatamentos de realidade, absorve-se o conceito emergente de “ação coletiva”, que trabalha com os horizontes de denúncia, proposição, autonomia, interlocução, mecanismos de tradução e participação da sociedade para superar a atuação restrita de políticas públicas.

Figure 8.11. Grafite Thito Lama. Fonte: Capa revista Saramandaia existe e resiste: construindo argumentos contra a Linha Viva, 2017.
Esses horizontes se conformam em verdadeiros desafios e tensionamentos para repensar a pesquisa acadêmica e a produção da universidade em conjunto com a sociedade, destacadamente, com comunidades vulnerabilizadas pelo Estado e sociedade. No caso de Saramandaia, a construção do argumento de contraposição ao EIA e de visibilização foi fundamentada principalmente na sua vida artística e compartilhamento de conhecimentos (valores e saberes da coletividade). Desta forma, definiu-se pela formatação de uma "revisão", com linguagem gráfica e de reconhecimento coletivo e fácil manuseio.

É importante enfatizar que não há uma moldura fixa e pré-determinada sobre o que deve ser uma Perícia Popular e a rigidez paradigmática lhe é desaconselhável, de modo a potencializar o pensamento e conceituação em torno da necessidade de construir e acionar diferentes instrumentos para uma ação coletiva.

Ainda durante o processo, destacamos que nós, estudantes, apesar de pouco tempo, tivemos a oportunidade de nos relacionar com a comunidade, de forma a entender as dinâmicas urbanas ali vivenciadas, as trocas de conhecimento, as formas de atuação da coletividade a fim de ter seus direitos reconhecidos, bem como sua produção artística, utilizada como instrumento de luta pela visibilidade e pelo direito à cidade.

8.2.6 Referências


FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Giles. Os intelectuais e o poder: Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze: depoimento. L’Arc, nº 49, 1972.


LUGAR COMUM. Documento Entenda a Linha Viva, Salvador, FAUFBA, 2013.


Collective practices and the right to the city: Lessons from action research in Salvador, Brazil

NOTES TO CHAPTER 8.2

1. Nesta oportunidade, agradecemos aos moradores de Saramandaia, colaboradores desta produção acadêmica, pelo processo desenvolvido, bem como pela elaboração Revista "Saramandaia existe e resiste: construindo argumentos contra a Linha Viva", produto da atividade desenvolvida com a comunidade. Nossa gratidão a Abraão Joviniano (O homem do crachá), da Associação de Moradores de Saramandaia; Alex Sandro (Leco) do Grupo Cultural Arte Consciente; Derisvaldo Cardoso (Neguinho), do grupo Balanço das Latas Brasil - BLB; e Thito Lama, do Grupo Cultural Arte Consciente. Ainda agradecemos aos entrevistados André Santos (MC Look); João Pereira, da Associação de Pais e Mestres; Lucio Lima, do coletivo Artemandaia; Marli Carrara, da União Nacional de Moradia Popular; Rosângela Costa Soares, da Escola Municipal Marisa Baqueiro Costa; e a Eduardo Prazeres Mendes (Zóio). Gratos, sobretudo, pela abertura, gentileza, dedicação e aprendizados ofertados.

2. Importante desta experiência os alunos do Master in Social Development Practice - Bartlett Development Planning Unit na University College of London (UCL).

3. O Plano de Bairro foi elaborado pelo Grupo de Pesquisa Lugar Comum em conjunto com a rede de associações de Saramandaia e busca desenvolver uma crítica dos regimes de urbanização e explorar novas formas de fazer planejamento e conceber projetos na escala do bairro. (LUGAR COMUM, 2014).


5. Exigência contida no art. 2º da Resolução nº 001/86, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA).

6. O Estatuto da Cidade e a Política Nacional de Mobilidade Urbana (PLAMOB) garantem o direito à participação popular no planejamento, acompanhamento e avaliação da política de mobilidade urbana local.

7. Por exemplo, os bairros de Nova Brasília e Trobogy, cujos territórios são expressamente analisados nos estudos fitossociológicos do EIA.

8. Alex Sandro, conhecido como Leco pela comunidade de Saramandaia, é músico fundador do Grupo Cultural Arte Consciente, localizado no bairro.


10. Derisvaldo Cardoso, conhecido como Neguinho, é líder do grupo Balança das Latas Brasil - BLB.


13. QR Code: Quick Response Code ou código de resposta rápida. "É um código de barras em 2D que pode ser escaneado pela maioria dos aparelhos celulares que têm câmera fotográfica. Esse código, após a decodificação, passa a ser um trecho de texto, um link e/ou um link que irá redirecionar o acesso ao conteúdo publicado em algum site."
Appendix 2. Gamboa de Baixo

Appendix 2.1. Timeline of the Methods and Activities.

<table>
<thead>
<tr>
<th>Method</th>
<th>Activity</th>
<th>January</th>
<th>February</th>
<th>March</th>
<th>April</th>
<th>May</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Literature</td>
<td>Review</td>
<td>1-31</td>
<td>13-31</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Literature</td>
<td>on Social Aspects of Situation</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Literature</td>
<td>on Instruments for Collective Action</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>General Overview</td>
<td>of Gamboa</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Transit Walks</td>
<td>Walk with leaders of Gamboa</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>the Baixa neighborhood</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Association</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Real Trip</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Social Cadastre</td>
<td>Meeting and Design</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Survey</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Participatory Survey Design</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Survey Implementation</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Secondary Research</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Systematization and Analysis</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Participatory Workshops</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Historical and Affective Workshops</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Everyday Practices and Local Knowledge Workshop</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Interview</td>
<td>Leaders of Gamboa de Baixo</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Presentation</td>
<td>Presentation to the Community</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Final Presentation in Dakar</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Final Analysis</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Final Presentation in London</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Final Report</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

Appendix 2.2. Products Done with the Community.
Appendix 2.3a. Timeline of Gamboa.

Appendix 2.3b. Networks of Organisations and Movements.
Appendix 2.3c. Network of Everyday Practices.

Appendix 2.4. Survey Results.
Appendix 2.5: Pictures.

Everyday practice and their relationship with the sea.
Source: Authors and UFBA team.
Housing conditions in Gamboa. Source: Authors.

Research Processes. Source: Authors.
Culture in Gamboa. Source: Authors.
Appendix 3. Ocupação Guerreira Maria do Movimento Sem Teto da Bahia

Appendix 3.1. Timeline of the Methods and Activities.

Appendix 3.2: Important quotes of residents during research,
Appendix 5. Amach

Appendix 5.1. Metodologia de atividades em campo/ field activities methodology.

OBS: Lembrar que cada membro de um grupo deve ficar responsável por fazer os registros fotográficos e não se esquecer de pedir permissão aos moradores antes/ NOTE: Remember that each member of a group should be responsible for doing photos and don’t forget to ask permission from the residents before

OBS: Não se esquecer de mobilizar os moradores para Audiência Cidadã (9 de Maio)/ NOTE: Do not forget to mobilize the residents for Citizen Audience/ Public Hearing (May 9)

AGENDA: definir na AMACH, e com Glória. Conflito de agenda na segunda 08/05/2017

Proposição de reunião antes da Audiência pública/ AGENDA: set in AMACH, and with Glory. Agenda conflict on Monday 08/05/2017 Proposing a meeting before the public hearing.

QUESTÕES PARA A ENTREVISTA / QUESTIONS FOR THE INTERVIEW

• Informações Gerais – Questões estatísticas/ General Informations – Statistical Questions:
  1. Quanto tempo disponível para realização da entrevista por parte dos entrevistados? / How much time is available for interviewing by the inhabitants?
  2. Endereço da edificação/ Address:
  3. Nome do chefe da família/ Name of the “responsible of the living of the family”:
  4. Quantas pessoas fazem parte da família, atualmente/ How many people living in the house?
  5. How many are men, women and children?
     (   ) Crianças/Children (   ) Adolescentes/Teenagers (   ) Adultos/Adults
     (   ) Idosos/Old-aged (   ) Homem/ Men (   ) Mulher/Women
  6. Quantas pessoas na família trabalham? Onde? E em que? / How many are employed or unemployed? Where they work? What do they do for work (formal/informal)?

• Moradia - Unidade Recebida/ Housing – Unit received
  1. Passou por casa de Passagem? Quanto tempo morou lá? Qual o endereço?/ Did you live in passing houses? How long have you lived there? Which address?
  2. Antiga moradia antes da casa de Passagem? Onde? Por quanto tempo?/ What was the old home before the passing house? Where? And for how long?
  3. Quanto tempo à família está na unidade recebida?/ How long is the family in the unit received?
  4. Quantas pessoas a família tinha na época da entrega da unidade? Quantas moram hoje?/ How many people did the family have at the time of delivery of the house? How many live today?
  5. Quando recebeu a unidade existiam problemas na construção? Quais?/ When you received the house were there problems in the construction? Which are?
  6. Atualmente existem problemas na residência? Quais? / Are there any problems at residence now? Which are?
  7. O imóvel recebeu algum reparo ou a situação se agravou? Quem é responsável pelo reparo?/ Has the property received any repairs or has the situation worsened? Who is responsible for the repair?
  8. Como os moradores administram os serviços dos espaços comuns desses imóveis?/ How do the residents...
Appendix 5.2. RESEARCH METHODS.

The methods used for this research were as follows:

a. **Multidimensional questionnaire:** A range of quantitative questions that included; number of women and men, type of residence, number of years in the residence, as well as qualitative questions which addressed the technical and logistical aspects related to infrastructure and paying rent and bills, but also relational and social questions about local government, the community or residents’ relationship to Pelourinho and the city. The questionnaire served the purpose of characterising the households, as well as documenting the knowledge that residents have about the TAC and concerns related to the fulfilment of TAC (See Appendix 5.1). The residents answered the questionnaire in **26 household interviews**, which includes seven male and 22 female interviewees.

b. **Photographs** for documenting housing conditions and issues that residents mentioned during interviews, **audio recording** was instrumental in making sure no important details were lost in translation or forgotten by any of the researcher. Participants gave their consent for both photographs and audio recording.

c. The **public hearing** on 9th May brought together a panel of ten UFBA professors and students, one Secretary from the Ministry of Urban Development of the State of Bahia, a representative from CONDER, the president of AMACH and three AMACH members as well as 150 Pelourinho residents (98 females, 52 males), UFBA and UCL students and academics in the audience. The format consisted of a four-hour presentation by the panel. The aims of the public hearing were to evaluate and make visible the current living conditions of the community as well as their claims, open a dialogue between all stakeholders, particularly between community members and CONDER about the fulfilment of TAC and other concerns of the community, as well as secure a commitment from CONDER to the residents and to begin to re-activate the relationship between the community and CONDER and the Public Ministry.

d. A **debrief session** held with three residents after the public hearing and a **debrief session** between UCL and UFBA students as a focus group documenting the strengths and the challenges of the public hearing.

Appendix 5.3. BUILDING ON LAST YEAR’S WORK

Using the same categories defined in the 2016 report we updated and discuss the findings with this year’s data. The information is discussed using the following categories; inhabit, communication channels, commercial points, collective equipment and sense of community.
Appendix 5.3a. Inhabit.

In the seventh stage of Pelourinho there are two main types of residences: permanent and temporary houses. In the permanent houses, the most commonly mentioned issue is ownership documents. The contract that CONDER signed with the residents is a concession paper that allows them to live in the house, but does not assure ownership of the house. In this year’s interviews, some residents said that they worried about their future because of the risk of eviction. Further, they revealed that they signed the document without understanding it or receiving guidance by CONDER, which resulted in uncertainty. Because of this, succession of the houses to their children might possibly be endangered.

Another new finding from the interviews is that there are different types of contracts with CONDER. Figure 1 shows firstly a male resident’s contract, which stated that he had the right to live there for three years, contrasting with a female resident’s contract given for ten years. At the end of the stated period residents are allowed to renew their contracts. It is uncertain how this problem will affect residents’ right to permanency. Figure 1: Concession paper for 3 years and 10 years. Source: Lingyu Yang.

Another key finding is that some residents still live in temporary housing despite having been guaranteed a maximum one-year stay there which CONDER would pay for. Some of them have lived there for almost twelve years, and CONDER has stopped paying for their rent. For example, one of the interviewees has been living in a temporary house since 2009. She stated that CONDER does pay for her rent, but not in time. Also, she explained that CONDER offered her the alternative of receiving 500 R$/month to independently rent a house, which she found insufficient for living in Pelourinho. This would have compromised her business, which is based in Pelourinho.

The living conditions of the residences were also a common problem found in interviews for both residents living in permanent and temporary housing. Water infiltration, mould, damp in the roof as well as cracks in the walls (Figure 2) affect people’s livelihoods and health. Poor condition of residences also brought up by one participant at the public hearing, “They gave me a [passing house with a] kitchen without a floor” (Interviewee, May 2017). Overall they denounce their inhabitancy experience has been degrading, filled with abandonment by authorities and marginalized by the city residents.

Figure 2: Leaks in the roof in a passage house, wall crack in a permanent house, and prevalent matter of mold and humidity inside the residences. Source: Haja Bilkisu Conteh
In both last year’s engagement, this year’s interviews and the public hearing, it was found that communication between community and CONDER is limited. From the interviews it emerged that the relation between residents and CONDER is ambiguous. For example some call CONDER for some structural issues but not for smaller issues such as fixing the light, contrastingly, others say that they only attend to structural problems but not smaller issues.

A further issue voiced by residents in interviews is that the staff in CONDER keeps changing which makes more difficult to monitor the residents’ situation; population is growing and the cadastre needs to be updated to take these changes into account. In many residents’ opinion CONDER did not fulfil TAC, particularly with respect to holding regular meetings of the management committees. They share the opinion that they do not care about them.

Residents in the interviews deemed a second relevant communication channel, between AMACH and the residents, valuable, especially in the form of a written newsletter with updates of AMACHs progress. Also worth taking into account is that some of the residents admitted at times feeling confused about whether they should contact AMACH or CONDER to solve specific issues in their homes or building.

A central point in last year’s engagement as well as this year’s interviews and public hearing revolved around the importance of having a stronger sense of community. Many stressed the need for better communication and more interaction among residents. This has direct implications on the residents’ levels of involvement with AMACH activities on the one hand and, on the other hand, the lack of a sense of a collective struggle and the articulation of claims and struggles as individual issues.

A point for AMACH is that some residents living in the 7th stage of Pelourinho did not regard themselves as a part of the association. As a result, it is difficult for AMACH to mobilise people, especially people who have already received permanent houses. Simultaneously, people who do not participate regularly in AMACH cannot participate in the board elections, which some residents found demotivating in terms of attending the meetings regularly.

In the public hearing residents were encouraged by UFBA and AMACH to get together to fight for their rights as a community. A community leader expressed that they are being recognised as a consolidated and resistant social movement: “People need to be united, just because they got their house doesn’t mean that the problem is over, they came here despite having a lot of issues” (Interviewee, May 2017).
From the interviews and public hearing, the lack of public facilities, spaces of collective use other than housing such as nursery, community kitchen and commercial stalls promised initially in the TAC, is a problem for the community.

Although AMACH managed with great struggle to open the kitchen, the nursery and community centre has not been able established yet, as one of the residents claims; “I am waiting for it to be built since my first son was born; I had another newborn and still waiting for it” (Interviewee May, 2017). People in the interviews emphasised the need for common spaces for community activities. The leader also stressed during the public hearing that they waited five years for community kitchen to be finished (Figure 3). For many residents, the community kitchen does not function in an inclusive and interactive way and they wished the kitchen hosted more events that facilitated social interaction.

There are a number of issues about compensation claims for low-value commercial points that CONDER would offer to some of the residents. Some of the interviewees expressed that they did not get the commercial stalls, which has had a direct effect in their business. The community leader of AMACH expressed the following:

“…The same way it was with the house would also be with the commercial stalls. I do not know if it will happen because CONDER is calling the families that are in the commercial stalls paid by CONDER saying that there will be no more commercial stalls” (Interviewee, May 2017).

The community kitchen of AMACH was also intended to work as a commercial point for capacity building, employment and as a bakery. However, the bakery and the commercial points within the community kitchen are not functioning, which in the public hearing an AMACH member claimed to be due to lack of funding from CONDER and the Public Ministry.

Figure 3: The community kitchen and AMACH’s headquarters. Source: Haja Bilkisu Conteh
Appendix 6.1: Stages of the Research

<table>
<thead>
<tr>
<th>STAGES</th>
<th>METHODS</th>
<th>ACTIVITIES</th>
<th>JAN</th>
<th>FEB</th>
<th>MAR</th>
<th>APR</th>
<th>MAY</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>PREPARATION</td>
<td>Literature review</td>
<td>Thematic research</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Brazilian context</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Instruments for collective action</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Case Study Analytical framework</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Case Study Background</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>DIAGNOSIS</td>
<td>Semi-structured interviews (7)</td>
<td>First meeting with Cine Maloca leaders (2)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>During transect walk Santa Cruz (4)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>During transect walk Nordeste Amaralina (1)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Transect walks (2)</td>
<td>Walking with 4 community leaders in Santa Cruz</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Walking with 1 community leader in Nordeste Amaralina</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Data review</td>
<td>Reviewing UFBA students and Cine Maloca data</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Literature review</td>
<td>Reviewing literature regarding new analytical framework</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>DESIGN IFCA</td>
<td>Workshops (2)</td>
<td>Meeting in the Youth Centre, with all community leaders</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Meeting in the Youth Centre, with all community leaders</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>IMPLEMENTATION</td>
<td>Participatory Mapping (PM)(4)</td>
<td>PM Santa Cruz (1)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>IFCA</td>
<td></td>
<td>PM Chapada (1)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>PM Vale das Pedrinhas (1)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>PM Nordeste de Amaralina (1)</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>ANALYSIS</td>
<td>Analysis Workshop</td>
<td>Meeting in the Youth Centre, with all community leaders</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Evaluation-feedback session</td>
<td>Meeting in Centre with all research groups</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>DELIVERABLES</td>
<td>Final Presentation in Brazil</td>
<td>Power point presentation + video</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Final Presentation in London</td>
<td>Power point presentation</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Report</td>
<td>Writing final report</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
### Appendix 6.2: Research Plan Overview

<table>
<thead>
<tr>
<th>Methods</th>
<th>Activity</th>
<th>Objectives</th>
<th>Information collected</th>
<th>Place</th>
<th>N. community participants</th>
<th>Participant names and gender</th>
<th>Organization</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Semi-structured interview</td>
<td>Initial meeting with social movement leaders.</td>
<td>Know Cine Maloca’s claim</td>
<td>1. Cine Maloca’s history.</td>
<td>Centro de Desenvolvimento Comunitario, Pelourinho</td>
<td>2</td>
<td>Freddie, male</td>
<td>Cine Maloca</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Fabiana, female</td>
<td>Cine Maloca</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Transect walk + semi structure interviews (leaders)</td>
<td>Walk through Santa Cruz Area with 3 Community leaders from 3 communities. Semi structure interviews during the walk.</td>
<td>1. Know Associação Republica, Parroquia Santo Andre and Associação Moradores Nordeste de Amaralina’s claim.</td>
<td>1. They want us to contribute with the mapping of services infrastructure (health, education, social services, etc.) and identify the gaps between the real assets and people’s experiences towards them.</td>
<td>Santa Cruz</td>
<td>4</td>
<td>Maria Helena, female</td>
<td>Parroquia Santo Andre</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>2. Visit the Health Centre: 600 attentions a day, over demanded. Lack of emergency health centre inside the neighbourhood. One of the leaders is part of the Council’s Health Committee where she is struggling for get that facility.</td>
<td>Americano</td>
<td>Male</td>
<td>Associação Republica</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>3. Visit the Police Station where social programmes where delivered. Some leaders said that these new presences of police inside the neighbourhood “had increased violence”.</td>
<td>Doña Vera</td>
<td>Female</td>
<td>Associação Moradores Nordeste de Amaralina</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>4. Visit Community “assets”: Associação Republica’s Community centre, music lessons in the soccer field, recycling community centre.</td>
<td>Mr. Roque</td>
<td>Male</td>
<td>Associação Republica</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>5. Visit Nursery: delivered by the Council, nice from outside but not working properly in words of the leaders. Not enough places for all children and not enough maintenance from the Council.</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>6. Visit the neighbourhood boundary, the City Park, which separates Nordeste de Amaralina Neighbourhood with a wealthy neighbour- hood, Cindeal. We observed the physical inequalities between both.</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Transect walk + semi structure interviews (leader)</td>
<td>Walk through Nordeste de Amaralina Area, with leader from 1 social movement, Cine Maloca. Semi structure interview during the walk.</td>
<td>1. Know Cassio, the third leader of Cine Maloca 2. Understand the context of Nordeste de Amaralina</td>
<td>1. Leader’s claim: mobilize people inside the neighbourhood, creating awareness of social injustices and human rights. “It is difficult to organize and associate altogether because movements are linked to different political parties (…) also because people work and have few time”. He wants to activate the Forum again, mobilize and build a Neighbourhood Plan.</td>
<td>Nordeste de Amaralina</td>
<td>1</td>
<td>Cassio, male</td>
<td>Cine Maloca</td>
</tr>
<tr>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
</tr>
<tr>
<td>2. Visit to the Police Station: they replace a Communitarian Centre for this new police Station who is delivering public social programmes for elder people and related with health and recreation (dancing lessons). Programme “Pacto Vida” (Life Pact) is a security programme for vulnerable neighbourhoods. In the leader’s opinion it does not worked in decreasing violence.</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
</tr>
<tr>
<td>3. Visit to a public School</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
</tr>
<tr>
<td>4. Visit to the neighbourhood’s street which divides Nordeste de Amaralina with a wealthy neighbourhood, Pituba. We observed the physical inequalities and the security measures in this next neighbourhood.</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
</tr>
<tr>
<td>Literature review</td>
<td>Review Neighbourhood reports given by UFBA Students</td>
<td>Understand the context</td>
<td>Context and history of the neighbourhood</td>
<td>UFBA</td>
<td>0</td>
<td>Students</td>
<td>UCL + UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Data review</td>
<td>Review data from neighbourhood</td>
<td>Understand the context</td>
<td>Sociodemographic data and infrastructure assets (educational, health)</td>
<td>UFBA</td>
<td>0</td>
<td>Students</td>
<td>UCL + UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Workshop (4 Community Organizations)</td>
<td>2 Meetings with community leaders and social movement.</td>
<td>Present a proposal of Instrument for collective Action (IFCA) and define which is the scope, dimensions and process.</td>
<td>Design of the IFC, Participatory Mapping: Centro de Juventud, Parroquia Santo André, Nordeste de Amaralina</td>
<td>8</td>
<td>Maria Helena, female</td>
<td>Parroquia Santo André</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Why to use this IFCA</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Doña Vera, female</td>
<td>Associação Moradores Nordeste de Amaralina</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>What to map, health and recreation / 6 questions</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Americano, male</td>
<td>Associação Republica</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Where</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Freddie, male</td>
<td>Cine Maloca</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>When</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Fabiana, female</td>
<td>Cine Maloca</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Who participates</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Cassio, male</td>
<td>Cine Maloca</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>How: whole process and steps</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Marcia, female</td>
<td>Vale das Pedrinhas</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Next analysis</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Mariana, female</td>
<td>Vale das Pedrinhas</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>3</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Maria Helena, female</td>
<td>Parroquia Santo André</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>3</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Americano, male</td>
<td>Associação Republica</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Participatory Mapping</td>
<td>4 Participatory mapping in open public spaces in 4 areas within Nordeste de Amaralina Neighbourhood</td>
<td>Map places where people live, places regarding health and recreational facilities, and peoples aspirations regarding the neighbourhood. Identify possible gaps between public supply (health, social programmes and recreational places) and “real life, people’s experiences”</td>
<td>Key findings regarding: Theodoro Square, Santa Cruz</td>
<td>38</td>
<td>17 Female / 21 Male</td>
<td>Santa Cruz</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td>---</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>1. Where do people live</td>
<td>Parroquia Cristo Redentor, Chapada</td>
<td>48</td>
<td>30 Female / 18 Male</td>
<td>Chapada</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>2. Where do people go when they don’t feel good / when feeling seek</td>
<td>Vale das Pedrinhas square</td>
<td>45</td>
<td>23 Female / 22 Male</td>
<td>Vale das Pedrinhas</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>3. Where do people go to feel good</td>
<td>Nordeste de Amaralina square</td>
<td>32</td>
<td>21 Female / 11 Male</td>
<td>Nordeste de Amaralina</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>4. What people want to change or improve</td>
<td>Centro de Juventud, Nordeste de Amaralina</td>
<td>6</td>
<td>Maria Helena, female</td>
<td>Parroquia Santo André</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>5. What people like the most of the neighbourhood</td>
<td>Total</td>
<td>163</td>
<td>91 Female / 72 Male</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

| Participatory Analysis Workshop | Meeting with community leaders and social movement leaders to analyse key findings | Discuss and analyse the key findings with the community leaders and defining next steps. | 1. Collective learning through a collective process. More association between them. 2. Gaps between public services and peoples perceptions. 3. Health services need to be improve 4. Beach, Park and House as places where people feel well | Centro de Desenvolvimento Comunitario, Pelourinho | 4 | Maria Helena, female | Parroquia Santo André |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Doña Vera, female | Associação Moradores Nordeste de Amaralina |
| Americano, male | Associação Republica |
| Freddie, male | Cine Maloca |
| Fabiana, female | Cine Maloca |
| Cassio, male | Cine Maloca |

<table>
<thead>
<tr>
<th>Evaluation-feedback session</th>
<th>Evaluating the collective action research process and IFCA</th>
<th>Receive feedback from the community leaders regarding the whole process.</th>
<th>Centro de Desenvolvimento Comunitario, Pelourinho</th>
<th>4</th>
<th>Maria Helena, female</th>
<th>Parroquia Santo André</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Doña Vera, female</td>
<td>Associação Moradores Nordeste de Amaralina</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Americano, male</td>
<td>Associação Republica</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Fabiana, female</td>
<td>Cine Maloca</td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
Appendix 6.3: First Meeting Cine Maloca leaders.

Date | 30-05-2017
--- | ---
Time | 9:00 to 13:00
Location | Centro de Desenvolvimento Comunitario, Pelourinho.

Objective
Meeting with the community leaders of cine Maloca, in order to know each other, their history as social movement and understand their claims.

Activities done
1. Presentation of the community leader of Cine Maloca
2. Presentation of teacher Mayara, and main objectives
3. Conversation to present every actor of the research team
4. Deliver of report from last year

Main Outcomes
1. Information of Nordeste de Amaralina region: medium size city, (78,000 inhabitants), formed by 5 "haciendas" (farms) form the family Amaral. Most of the inhabitants have "no quality jobs", they work in domestic services. Main struggles: inhabitants have being invisibilize. There are 4 areas: Chapada, Santa Cruz, Vale das Pedrinhas and Nordeste.
2. Cine Maloca: one of the movements within the Neighbourhood Assosiation. Other movements: Assosiaciao Republica, Parraquia Santo Andre (catholic). Cine Maloca is linked to the catholic church also.
3. What have they done? Cine Maloca did a data research to understand the main characteristics of the neighbourhood, and know which are the main services available. They did interviews and data research through official information (Census, others).
4. What is their claim? They want to design an instrument for collective action, such as participatory mapping to identify infrastructure and services and compare the official data with reality. They want to do it in a participatory and inclusive way, the want to critically analyse that information and the relationships between data. Finally, they want to continue to develop a neighbourhood plan, prioritising main issues among the neighbours and mobilising people.

Research team participants

<table>
<thead>
<tr>
<th>Name</th>
<th>Gender</th>
<th>Age</th>
<th>Organization</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Mayara</td>
<td>Female</td>
<td>30s</td>
<td>UFBA teacher</td>
</tr>
<tr>
<td>Luisa</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Alan</td>
<td>Male</td>
<td>30s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Julia</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Andre</td>
<td>Male</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Cesar</td>
<td>Male</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA translator</td>
</tr>
<tr>
<td>Doña Vera</td>
<td>Female</td>
<td>60s</td>
<td>Associação Moradores Nordeste de Amaralina</td>
</tr>
<tr>
<td>Maria Helena</td>
<td>Female</td>
<td>50s</td>
<td>Parroquia Santo André</td>
</tr>
<tr>
<td>Americano</td>
<td>Male</td>
<td>60s</td>
<td>Associação Republica</td>
</tr>
<tr>
<td>Sr. Roque</td>
<td>Male</td>
<td>50s</td>
<td>Associação Republica</td>
</tr>
<tr>
<td>Vicky</td>
<td>Female</td>
<td>30s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Hanpei</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Huang</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Sa-gang</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Malena</td>
<td>Female</td>
<td>30s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Source: Chapter authors.
Appendix 6.4: Transect Walks.

Date: 04-05-17
Time: 9:00 to 13:00
Location: Nordeste de Amaralina Area

Objective
- Know Cassio, the third leader of Cine Maloca
- Understand the context of Nordeste de Amaralina

Activities done
- Walk through Nordeste de Amaralina Area, with 1 Community leaders from Cine Maloca. Semi structured interviews during the walk.

Main Outcomes
1. Leader’s claim: mobilize people inside the neighbourhood, creating awareness of social injustices and human rights. "It is difficult to organize and associate altogether because movements are linked to different political parties (…) also because people work and have few time". He wants to activate the Forum again, mobilize and build a Neighbourhood Plan.

2. Visit to the Police Station: they replace a Community Centre for this new police Station who is delivering public social programmes for elder people and related with health and recreation (dancing lessons). Programme "Pacto Vida" (Life Pact) is a security programme for vulnerable neighbourhoods. In the leader’s opinion it does not worked in decreasing violence.

3. Visit to the neighbourhood street which divides Nordeste de Amaralina with a wealthy neighbourhood, Pituba. We observed the physical inequalities and the security measures in this next neighbourhood.

Research team participants

<table>
<thead>
<tr>
<th>Name</th>
<th>Gender</th>
<th>Age</th>
<th>Organization</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Luisa</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Alan</td>
<td>Male</td>
<td>30s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Julia</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Andre</td>
<td>Male</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Cesar</td>
<td>Male</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA translator</td>
</tr>
<tr>
<td>Cassio</td>
<td>Male</td>
<td>20s</td>
<td>Cine Maloca</td>
</tr>
<tr>
<td>Andrea</td>
<td>Male</td>
<td>30s</td>
<td>UCL teacher</td>
</tr>
<tr>
<td>Vicky</td>
<td>Female</td>
<td>30s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Hanpei</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Huang</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Sa-gang</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Malena</td>
<td>Female</td>
<td>30s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Source: Chapter authors.
Date 04-05-17
Time 9:00 to 13:00
Location Nordeste de Amaralina Area

| Objective                  | Know Cassio, the third leader of Cine Maloca  
|                           | Understand the context of Nordeste de Amaralina |

| Activities done            | Walk through Nordeste de Amaralina Area, with 1 Community leaders from Cine Maloca. Semi structured interviews during the walk. |

| Main Outcomes                          | 1. Leader’s claim: mobilize people inside the neighbourhood, creating awareness of social injustices and human rights. “It is difficult to organize and associate altogether because movements are linked to different political parties (…) also because people work and have few time”. He wants to activate the Forum again, mobilize and build a Neighbourhood Plan.  
|                                          | 2. Visit to the Police Station: they replace a Community Centre for this new police Station who is delivering public social programmes for elder people and related with health and recreation (dancing lessons). Programme “Pacto Vida” (Life Pact) is a security programme for vulnerable neighbourhoods. In the leader’s opinion it does not worked in decreasing violence.  
|                                          | 3. Visit to the neighbourhood street which divides Nordeste de Amaralina with a wealthy neighbourhood, Pituba. We observed the physical inequalities and the security measures in this next neighbourhood. |

Research team participants

<table>
<thead>
<tr>
<th>Name</th>
<th>Gender</th>
<th>Age</th>
<th>Organization</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Luisa</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Alan</td>
<td>Male</td>
<td>30s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Julia</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Andre</td>
<td>Male</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Cesar</td>
<td>Male</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA translator</td>
</tr>
<tr>
<td>Cassio</td>
<td>Male</td>
<td>20s</td>
<td>Cine Maloca</td>
</tr>
<tr>
<td>Andrea</td>
<td>Male</td>
<td>30s</td>
<td>UCL teacher</td>
</tr>
<tr>
<td>Vicky</td>
<td>Female</td>
<td>30s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Hanpei</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Huang</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Sa-gang</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Malena</td>
<td>Female</td>
<td>30s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Source: Chapter authors.
### Appendix 6.5: Semi Structured Interviews.

<table>
<thead>
<tr>
<th>Date</th>
<th>03-05-17</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Time</td>
<td>14:00-17:00</td>
</tr>
<tr>
<td>Location</td>
<td>Santa Cruz Area, Centro de Saúde Dr Osuglado Caldas Campos</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**Interviewee**
Director of the Santa Cruz Medical Centre and lead clinician

**Observations**
Seemingly a strongly committed and capable leader, the Director appeared to have a clear handle on the issues he was facing and was facing severe resource and staffing challenges in delivering a service he wanted to deliver for the community. All the (significant numbers of) patients waiting were female.

**Main Outcomes**
1. The health facility was one of only three in the Nordeste de Amaralina neighbourhood and there is no Emergency Care (A&E) provision in the neighbourhood. With the level of violence this is a significant issue and community leaders are fighting for this provision.
2. Staffing shortages in terms of recruitment and resourcing: he struggled to recruit, and those on staff could only work up to 4 hours per day, despite the centre seeing 500 patients per day causing long waits.
3. The community used to be very active the health centre but changes to regulations mean that there is less opportunity for the neighbourhood association to work with the health services, though Doña Vera is still a member of the Health Council giving her significant influence
4. Gynocological and Obstetrics services, Ontology, Paediatrics, Public Health (sex education and early pregnancy), and Community services were the main elements delivered from the centre. HIV/TB were common, but often treated outside of the community due to stigma.

---

<table>
<thead>
<tr>
<th>Date</th>
<th>03-05-17</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Time</td>
<td>14:00-17:00</td>
</tr>
<tr>
<td>Location</td>
<td>Santa Cruz Area, Central Police Station</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**Interviewee**
Ms Shaila Verbosa, Commander of Policy, Santa Cruz Police Station

**Observations**
Commander presented as very open, available, and positive about our work offering additional help and support. A photography of us with the armed officers was quite publically taken out front of the police station. She made a point of telling us she had just popped in and was ‘not-at-work’ as she was on a week-long mediation/yoga/mindfulness retreat.

**Main Outcomes**
1. Police see their view as being a ‘community guardian’ of safety and security. This is not a view shared by all community leaders through they are clearly making a careful effort to steer a balanced path of impartiality.
2. They deliver several community programmes, and seek to do ‘outreach’ with the community
3. Police believe that the ‘violence/trafficking’ (their conflation not ours) “doesn’t always happen in the same locations” hence they have a difficult job to police.
4. Community leaders indicated to us that since police station

Source: Chapter authors.
Appendix 6.6: Design Workshop  (04/05/17).

Why mapping?
- The community want to do it
- Clear and concise way to show information
- Participatory and inclusive
- Helps build the neighborhood plan
- Connects spatial and social aims
- "subjective"
- Can be a pilot and used again
- Can build capacity of the community
- Can be used to campaign

How to map?
- Accessible
- Inclusive
- Non-technical
- In all areas
- Using good materials
- Workshops
- Physical map and questions

What to map? QUESTIONS
- Where do you live?
- Where do you go when you don’t feel well?
- Which health facility do you use?
- Where do you go to feel good?
- What would you like to improve / change?
- What do you love about your neighborhood?
Appendix 6.7: Characteristic of participants during the implementation of Participatory Mapping.

<table>
<thead>
<tr>
<th>AREA</th>
<th>N. participants</th>
<th>%</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Chapada</td>
<td>48</td>
<td>29%</td>
</tr>
<tr>
<td>Santa Cruz</td>
<td>38</td>
<td>23%</td>
</tr>
<tr>
<td>Vale das Pedrinhas</td>
<td>45</td>
<td>28%</td>
</tr>
<tr>
<td>Nordeste Amaralina</td>
<td>32</td>
<td>20%</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>163</td>
<td>100%</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th>N. participants</th>
<th>%</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Men</td>
<td>72</td>
</tr>
<tr>
<td>Woman</td>
<td>91</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>163</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th>N. participants</th>
<th>%</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Children (0-12)</td>
<td>7</td>
</tr>
<tr>
<td>Teenager (13-19)</td>
<td>31</td>
</tr>
<tr>
<td>Young (20-29)</td>
<td>31</td>
</tr>
<tr>
<td>Middle (30-49)</td>
<td>41</td>
</tr>
<tr>
<td>Mature (50-64)</td>
<td>31</td>
</tr>
<tr>
<td>Senior (65+)</td>
<td>19</td>
</tr>
<tr>
<td>No answer</td>
<td>3</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>163</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Appendix 6.8: Participatory Mapping Results by Questions.

<table>
<thead>
<tr>
<th>Figure 1: Where do you live?</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Purple doted lines</td>
</tr>
<tr>
<td>Black dots</td>
</tr>
<tr>
<td>Small dots</td>
</tr>
<tr>
<td>Outside map dots</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th>Figure 2: Where do you go when you do not feel good?</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Top right corner within the map</td>
</tr>
<tr>
<td>Bottom right corner</td>
</tr>
<tr>
<td>Outside map dots</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th>Figure 3: If on the previous question the Participant did not answer with a Health facility, then: Where do you go when you feel sick?</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Concentrated points in Norteeste, Santa Cruz, Chapada</td>
</tr>
<tr>
<td>Outside map dots</td>
</tr>
</tbody>
</table>

<table>
<thead>
<tr>
<th>Figure 4: Where do you go to feel good?</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Top right corner within the map</td>
</tr>
<tr>
<td>Bottom right corner</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Figure 5: What would you like to improve?

Figure 6: What is your favourite aspect or Location?

Less dots on map  Unmappable answers

Figure 7: Santa Cruz, 6 Questions

Figure 8: Chapada
Collective practices and the right to the city: Lessons from action research in Salvador, Brazil

Figure 9: Vale de Pedrinhas

Figure 10: Nordeste, 6 questions

Figure 11: Relationship between where they live and where they go to feel good

- Where do you live?
- Where do you go when you do not feel good?

Figure 12: Relationship between where they go when they feel sick and what they would like to improve

- Where do you go when you feel sick?
- What would you like to improve?
Participatory Mapping Results:
All answers
### Appendix 6.9: Final Workshops.

<table>
<thead>
<tr>
<th>Date</th>
<th>11-05-17</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Time</td>
<td>19:00 to 21:30</td>
</tr>
<tr>
<td>Location</td>
<td>Parroquia Santo Andre</td>
</tr>
</tbody>
</table>

**Where do you live?**

Who were able to be interviewed? How people accessed the square (transportation: cars/bus)?

Vale is a large community, people may use other squares as centre place (usually this kind of place has better transportation facilities and a square/public place). Interviewees from Vale mainly come from the eastern part. Chapada closes to other areas, so people live in Chapada may use other communities’ facilities. In Santa Cruz, many interviewees are from Chapada.

This is an interesting methodology, we will continue to use it, people there need to participate. We create a useful/powerful instrument.

*Fabiana*

**Where do you go when you do not feel good?**

This question is so broad, people would choose the places randomly (e.g. park, beach), because they may not think what this question asks relates with health problems. Even I had this kind of feeling when I answered this question.”

Even people feel bad, they still don’t go to the health centre, it is a shame.

*Maria Helena*

**Where do you go when you feel sick?**

“Why people choose health facility?”

“In the interviews, people usually said they want A&E, but actually they don’t have A&E services in the neighbourhood.”

“It is important to figure out how people use health facilities and whether they use health facilities in a right way or not, and what kind of health services are offered for people.”

*Fabiana, Cesar*

**Where do you go to feel good?**

People did not mark the market near Chapada, though it’s a big market. Government once closed doors near Chapada to prevent people to access to the market, after people’s fighting, government only left one door opens.

*Fabiana*

**What would you like to improve?**

Nordeste changed its model of health centre, many people cannot be covered by the new system (USF).

*Fabiana*

**What is your favourite aspect/location in the neighbourhood?**

There are many places were cultural centres before, but the program “Pact for life (Pacto Pela Vida)” has been replaced schools by police stations.

All those things are aiming to force people to leave and government could build a new high class neighbourhood. Nordeste de Amaralina has advantageous location that it locates at city centre surrounded by high class neighbourhoods, and it nears beach and city park. Infrastructures are bad, people even don’t use them, e.g. facilities in park.

It is noticeable that how people access to recreational places. People consider the park & beach are part of the neighbourhood. The beach nears Nordeste has no facilities, but except this area, other part of beach where nears high class neighbourhood has facilities. Government doesn’t want to invest there.

Community leaders cooperate with politicians, this should be stopped.

Government has no political will to improve this neighbourhood. Communities have facilities but there is limitation to use them, e.g. schools.

*Fred, Fabiana*

**Extra comment**

The two elements for me was that it was a collective process and participatory. Everything was like that… doing the questions, making consensus, etc. Data organise things. It is about history, and can help people to think about future. The community shall be accessed to everyone.

The most interesting aspect of the process for me was the methodology itself. Not technical in a close place, but something that people can use in the open space. I have
Research team participants

<table>
<thead>
<tr>
<th>Name</th>
<th>Gender</th>
<th>Age</th>
<th>Organization</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Luisa</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Alan</td>
<td>Male</td>
<td>30s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Julia</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Andre</td>
<td>Male</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Cesar</td>
<td>Male</td>
<td>20s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Igor</td>
<td>Male</td>
<td>30s</td>
<td>UFBA</td>
</tr>
<tr>
<td>Maria Helena</td>
<td>Female</td>
<td>50s</td>
<td>Parroquia Santo André</td>
</tr>
<tr>
<td>Americano</td>
<td>Male</td>
<td>60s</td>
<td>Associação Republica</td>
</tr>
<tr>
<td>Fred</td>
<td>Male</td>
<td>30s</td>
<td>Cine Maloca</td>
</tr>
<tr>
<td>Fabiana</td>
<td>Female</td>
<td>30s</td>
<td>Cine Maloca</td>
</tr>
<tr>
<td>Ignacia</td>
<td>Female</td>
<td>30s</td>
<td>UCL teacher</td>
</tr>
<tr>
<td>Hanpei</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
<tr>
<td>Huang</td>
<td>Female</td>
<td>20s</td>
<td>UCL</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Source: Chapter authors.
Appendix 7. Occupação Luisa Mahin

Appendix 7.1. Profile of residents (excerpted from semi-structured interviews).

**Age Education**
- Almost 90% of population are between 15-35 years old. Three kids under 15 live in the building. Some kids were not interviewed because they do not constantly stay here. For example, some of them are grandsons and granddaughters of occupants or just live around. There is no elder people over 60 years old.

**Gender**
- Around 60% are women between 18 and 47 years old. Most of them are mothers, which is 8 in 9 interviews.

**Education**
- As for primary school, two of them are under 3rd level. Two finished the 4th level. Four of them completed 5th level. One was in the 6th level of education. 3 occupants completed the 8th level. There is only one in the first level of secondary school but she had to quit due to family problem.

**Relation with government:**
- 71% of them votes.
- 100% has identity card.
- 64% are in the waiting list of Minha Casa, Minha Vida. Most of them spend more than 5 years in the waiting list.
- Half of the population receive subsidies from Bolsa Familia.

Appendix 7.2: Timeline of Occupation Luisa Mahin (excerpted from Timeline workshop).
Appendix 7.3: Questions for Semi-structured Interview with residents of Luisa Mahin.

<table>
<thead>
<tr>
<th>I. Demographic questions</th>
<th>Name; Age; Gender; Head of household; Level of education; How many hours do you spend inside the occupation (each member); Disability or Chronic diseases; How many days a week you stay in the occupation (permanent or temporary)</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>II. House information</td>
<td>Dimension in m² (Ask and calculate with them); Distribution of space (Make a drawing with the family)</td>
</tr>
<tr>
<td>III. Everyday practices</td>
<td>a) Water Where do you get the water?; Describe the process; How many bottles do you use in a day? Where do you storage them?; For what do you use water (cleaning, washing, drinking, toilet, and bath, etc.)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>b) Electricity How do you connect to electricity?; Equipment they use, for what they use electricity? How was the process of installation? How many things you need to plug? Who made the connection?</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>c) Cleaning Describe individual practices of cleaning your flat, How many times a week? How do you clean? Who cleans? What instruments do you use?</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>d) Cooking Who cooks? What do you cook? How do you cook, if they have a stove? Is electric? Gas? Where do you get them? For who do you cook? Which is your favourite dish; When do you eat, how many times in a day? Where do you get the food (different kinds, fruits, non-perishable groceries, milk, etc.); Where do you storage your food?</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>e) Garbage How do you manage your own garbage? How is the process of collective garbage? When and where do you put the garbage? There is an organization towards managing garbage?</td>
</tr>
<tr>
<td>IV. Collective practice</td>
<td>a) Building maintenance How, who and when do you work towards collective spaces? Garbage management; If a light bulb is not working, who changes it? Cleaning practices of collective spaces; Security managing (window, key, etc.); Which Bathroom do you use?</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>b) Organization collective practice How are you organized? When you have meetings? Who invites you? When you have a problem with a neighbour, how do you solve it? Could you have parties here? Could you drink? Are you able to invite friends and family? If there is an empty flat, how do you decided who could arrive? Do you trust your kids to the other members of the occupation? Who have the key of your flat? If you feeling sick, do you ask for help to other member of the occupation? If you need to fix something, how do you do it? Who does it?</td>
</tr>
<tr>
<td>V. Occupation</td>
<td>Let’s talk about your life before the occupation... Where do you used to live? How much do you pay there? Who live with you? Describe your family. Describe your former house (materials, distribution of space, etc.) How do you know about the occupation? Who invites you?</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>a) Relation with the occupation When do you arrive? What where you looking for? Aspirations? What things that you like of the occupation? What things that could be done better? How?</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>b) Relation with Neighbourhood Do you like living here? Do know people that live in ‘Comercio’? What do you like about ‘Comercio’, what do you dislike about it? Do you know people from others occupations in ‘Comercio’ and outside? How do you think people in the neighbourhood think about the occupation? Do you receive some support from the neighbourhood (donations, free fruit and vegetables, etc.)</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>c) Relation with the city What do you think is the importance of the occupation for the city? Do you think that the occupation has a role in maintaining the city historic buildings? What activities do you do in the city? Where do you have fun? Where do you buy things? Where do you meet your friends and family? Where do you take your kids? If you were the mayor, what will change about the city? How do you move around the city? Mode of transport</td>
</tr>
<tr>
<td>VI. Relation with the State</td>
<td>a) Government Do you have any support from the government? Subsidies? Bolsa Familia? Are you on the waiting list of Mia Casa Mia Vida? How do you feel when you go to government facilities such as municipality? (Welcome, discriminate, etc.) In the last year, have you participate in any government activity? Which one? Do you vote? Do you have an identity card? EPS?</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>b) Health Where do you go when you are sick? Have you changed your medical centre when you change here? Since you are living here, how many times have you visit the health centre, and why?</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>c) Work What do you work? (’Oficio’) Where do you work before and after the occupation? How many times did you work last month?</td>
</tr>
</tbody>
</table>
Appendix 7.4: Quotes excerpted from Semi-structured interviews.

‘You do not have to like Commerce, you have to accept because it is where you found housing’

‘This building is not empty, we occupy’,
‘They have to look more pro poor. Many people who live on the street, these buildings that are closed, have to make housing’.

Education
‘That the school improves, that the day care comes back, that the school begins and works, they really want to continue living in the occupation’

‘The best place in the occupation is the school, because it has books and pictures in the wall’

"Change the idea that people have about occupation”

Maintenance
‘You have to clean the house every day, sometimes more than once a day because there is a lot of dust coming from the street.’

‘The building has an importance for being in the historical centre of the city, we are taking care of it, the people who are living in the occupation are helping to take care of the building and fix it.’

‘Care was taken to install the circuit breakers in the correct way to avoid short circuits that could cause fires’

‘this is one of the best occupations, both on the aesthetic part and on how its structure and manage’

‘if we were ‘bandoleiros’ the building could be destroyed, if the police came in, they would be surprised. Here the resident has a conduct different from the other occupations’

“It’s good to split the tasks”

‘Cleanliness is collective. Everyone helps’

Affection
‘Telma is the one who solves, talking ... But if someone changes, she slaps her face (joking), everything is always in peace.’

‘It’s a space with a lot of happiness’
Appendix 7.5: Guidelines of the Participatory Photography Workshop.

Main objectives
- Explain the difference between portraits, landscape and objects
- Show examples of each type of photograph
- Give advice for taking each type of photo
- Rule of thirds: show on example pictures and draw on paper
- Black and White photos: what do they think? how does it change the photo?
- Lighting: How light helps increase the quality of pictures; time of day and position of light
- Symmetry: Explain in simple terms how one side of photo should correspond to other side

Demonstration of How to Use Cameras
- Cell Phones: access camera mode, which button to press, how to view photos
- Compact Cameras: How to turn on and off, what button to press (sticker), zoom function, flash, how to display photos (left and right buttons)
- Everyone can use Compact Cameras but two/three people are responsible

Explaining the Task
- What? Show us how you live using photos
- Why? To document and show that they live in an organised, positive, and dignified manner
- Cleaning: They keep the building clean and organised
- Maintenance: The occupation contributes to regenerating the building (before + after)
- Education: They educate themselves and contribute to society

Use of visual information as an argument
- When? They have Sunday and Monday to take photos. Tuesday morning we will collect them, print them, and Tuesday afternoon we will have a workshop where they will explain the photos they took.

Appendix 7.8 Guidelines of the Transect Walk

Main objectives
1. To understand the city/ neigbourhood from LM’s residents’ perspectives
2. To understand informal living in this city/ neigbourhood (with limited physical and social capital, how do residents survive?)
3. To understand the ‘hidden’ ‘local knowledge’ of the residents of the city/ neigbourhood (knowledge is power; knowing the city may allow the residents to have the legitimacy to claim the right to the city)
4. To see what is provided and unprovided by the state, private sector and civil To see the contribution of residents (social, economic, cultural) to this neigbourhood
Appendix 7.9: Notes of the Transect Walk.

Walking Tour #1: Telma and Marcia

- **Plaza**
  - On Saturday morning, there weren't that many people in the plaza selling and buying things.
  - Icaro asked if we could sit at the tables in the plaza. Telma said we shouldn't sit there because it is risky (risk from the police?).
  - Telma donates here for others “no, I am not asking for monetary returns, I just want to help the poor.”

- **Occupation where Telma’s nephew lives**;
  - He is in charge of the building and he sells drugs there. Telma doesn’t want us to go there in the first place because it is ‘risky’; she doesn’t want us to bring our belongings there; we bring 10 rais each in case.
  - Inside the occupation, we open the door, and walk through a very dark and humid staircase (some water pipes leaking). The second floor is Telma’s nephew’s wife. It is a “modern family,” which includes furniture such as sofa, photo frame, and room for children. But the structure of house is a bit low and there is only one window. It is almost collapsed. This occupation is different from Luisa Mahin in two ways. On the one hand, the building is more vulnerable. On the other hand, the room in the building contains more “family factors”, “family atmosphere” rather than the temporary residence like Luisa Mahin.

- **Perilinco**: buy cheap meat in a far store. Telma only went to the meat store on the street. She has never been to other stores on the same street.
  - We met a Telma’s friend. She led us to see the public school, which is municipal and free.

- **Empty building**
  - We passed three empty building in different corners. Telma was really excited when she saw these beautiful buildings. She thought it was a pity and waste that nobody can live there. MLB is considering about new occupations in these areas. Telma told us that MLB wanted to have new occupation in Uruguay. But she thought that was not a good idea.

Walking Tour #2: Josemar (Tourist area)

- Go straight to the seaside
- Introduce us the storage area, the port, and the visitor area
- Point the fishing area: after the marine and rich area
- Point to us the tourist plaza and ask whether I want to buy something
- Walk back to Rua Portugal: show us the dry market; three construction shops that he compares prices

Walking Tour #3: Josemar sending daughter to school

- Josemar, his daughter and his son go together to send the daughter to school.
- His son asks to sit on his shoulders all time, while his daughter holds his hand on the side.
- Josemar points to the sky, “see, that bird is your father”, son: “no, my father doesn’t have wings.”
- Hand plaza: also called “Falaguay” (means fake products); look for some mobile and chargers; one man wanted to gave me a set of DVD
- Free Vernacular: it is free because not many people take the vernacular (few local people know this vernacular! - local knowledge)
- We take out the camera after we arrive at the upper side because it’s a ‘safer’ area
- His daughter quickly rushes into the school
- We pass through the furniture street and a spot (platform) to see the occupation clearly
- Sewing street
- Cheap restaurant and a grocery shop that they only sometimes go (NB: many other occupants cannot recognize these two shops in the mapping workshop)
- Motorbike washing shop: they know each other but we don’t know whether they are friends; Josimar is planning to wash his motorbike (paid service)
- Water: when there is no water at the occupation pump, they would get water from this 24/7 water pipe, not for drinking but for taking shower, washing dishes etc.

Walking Tour #4: Bia and Flavio

- Walking out of the occupation, Flavio bought the first cigarette from street vendor
- Shops that he usually goes (close to the occupation)
- Other occupations that sell drugs (Flavio: two areas of occupations are both selling drugs and in competition with each other)
- Flavio has been familiar with this area before he lives inside the occupation (due to the Jiu Jitsu training near the tourist market - Mercado Modelo)
- Jujitsu building - blue and white - was an occupation before - his trainer asked him to stop the training because he smokes - but he really likes it!
- Bia: before the occupation, she always visited this area because her father and brother brought her in this tourist area
- Flavio: Catholic church; Icaro: there will be a mass in September;
- Icaro: expensive Japanese restaurant; Flavio: his friend asked him to work in this restaurant, but he refused because he doesn’t want to work for long hours despite higher wage
- Flavio and Bia showed us the lazy beach. It is close to the occupation and they said there are many people live around will come to the beach (however, Bia never goes to the beach after September 2016; Flavio goes more often)
- They both go to the beach in Uruguay more often (so that they can play with friends at the beach in Uruguay)
## Appendix 7.10: Guidelines of the Participatory Mapping Workshop

<table>
<thead>
<tr>
<th>Content</th>
<th>Time</th>
<th>Materials</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td><strong>Intro: teach mapping</strong></td>
<td>20 m</td>
<td>Photos (5 photos/person)</td>
</tr>
<tr>
<td>1. Why are we doing this walking and mapping workshop?</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>2. Perspective exercise: draw the base of the object; how do you see things from the top?</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>3. Explain mapping</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Link tour with map</strong></td>
<td>1 hr (10 m per person)</td>
<td>Stickers (6)</td>
</tr>
<tr>
<td>4. These are the photos we took on walking tour.</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>5. Start from the photo of the building</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>6. Individually (together with us), place the photos on the map</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>7. Stick the stickers on the way: <strong>each colour represents one activity</strong></td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>- Yellow: Daily expenses (food, materials etc.)</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>- Red: Social welfare</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>- Green: donations</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>- Blue: conflicted areas</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>- Orange: education (school, cooking school)</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>- Gold: leisure, meet friend</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>- Other important places: Water, recycling cans, vernacular, bus stop, motorbike cleaning shop etc.</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Discussions</strong></td>
<td>30 m</td>
<td>Big Map of Neighbourhood</td>
</tr>
<tr>
<td>1. Collectively look at the big map together</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>2. Discuss the common areas that many people go; why do you go there? Why do you not go there?</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>3. What do you think about your neighbourhood?</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>4. What do you think is missing in your neighbourhood?</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Zooming out to see the city</strong></td>
<td>30 m</td>
<td>Stickers (4)</td>
</tr>
<tr>
<td>1. Spot other important places in the city</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>- Uruguay and Boca do Rio: discuss a bit what you do there? Job? Health?</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>- Where the pre-uni students come from?</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>* 4 stickers for 1) Uruguay 2) Boca do Rio 3) where uni students come from 4) Occupation</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td><strong>Conclusion</strong></td>
<td>10 m</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>1. What do you think about this whole process?</td>
<td></td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>
Introduction

• Jacqueline said the line-map is weird, for the ones who understands it, it is easy but for them it is more difficult.
• What do you recognise in the map?
• Jean recognized the green area as the vegetation
• Mikaely recognized the plaza in the map
• Carine found the occupation in the map.
• They call the Commercial Association (pink building) as a Church, because of its architecture and because it has a bell that rings sometimes.
• They were all seeing the pictures and recognising the places it belongs
• They all recognized a water pipe in the street that they usually use it to bring water for cleaning the floors
• Jean recognized the Mercado Modelo and put a stick on it in the map
• Mikaela said they use the Taboao Ladder a lot (I don’t know if ladder is the translation for ladeira)
• Carine recognized the picture of taboao ladder
• Jacqueline said they don’t usually use the lacerda elevator, when they go to pleourinho they use more the taboao ladder
• Jean recognized the FTb drugstore
• Carine recognized Sara’s school

What is missing in the map?

• they told us that they miss here a evangelical church, a square for the children and also more public health facilities

Where else do you go in this city (expand to city map)

• Jean told that he goes to the Mercado do Peixe and Feira de Sao Joaquin because its cheaper than around here

When it is too expensive around here they usually go to Uruguay or boca do Rio to buy things

• For fun, jean said he goes to beaches like Plata, Corsairo, Itapua and Jardim de Allah. And also he goes to walking in pELOURINHO and the Zoo and also the city park.
• Jean told us the sometimes he goes to another city called Sao JOSE DE Itapora
• His daughter was born in a taxi on the way to the hospital. the taxi guy was happy with it even though the car was dirty with blood. today his daughter is 2 years old
• Everybody told that when they came to live here they started to know the commerce area much more than did before
• Jean told us that he take only one bus to go to Boca do Rio and the beaches
• Jean works selling coconut water in Boca do rio sometimes. He takes the coconuts in an big green area that nobody cleans it and sell the coconuts in Boca do rio.
Appendix 7.12: Photos of the final products of this collaborative research.
Appendix 8. Saramandaia

Appendix 8.1: Saramandaia Existe e Resiste

Saramandaia existe e resiste
Construindo argumentos contra a Linha Viva
Autores
Estudantes UFBA
Ananda de Oliveira Rocha Ferraz
Analice Nogueira Santos Cunha
Bárbara Brena Rocha dos Santos
Lucas de Oliveira Sampaio
Sergio Kopinski Ekerman
Rafael Santos Câmara
Vivian Andreia Arango N.

Estudantes UCL
Aileen Siyoon Lee
Mahdy Alraie
Isidora Happy Apsari
Mengting Jin
Viviana González

Cordenadores do grupo
Adriana Nogueira Vieira Lima
UEFS | Lugar Comum - UFBA
Marcos Bau Carvalho
Lugar Comum | FACOM - UFBA

Colaboradores
Comunidade Saramandaia
Abraão Joviniano (O homem do Crachá) | Associação de Moradores de Saramandaia
Alex Sandro (Leco) | Grupo Cultural Arte Consciente
Derisvaldo Cardoso (Neguinho) | Balança das Latas Brasil - BLB
Thito Lama | Grupo Cultural Arte Consciente

Entrevistados
Comunidade Saramandaia
André Santos (MC Look)
João Pereira | Associação Pais e Mestres
Lucio Lima | Artemandaia
Marli Carrara | União Nacional de Moradia Popular
Rosângela Costa Soares | Escola Municipal Marisa Baqueiro Costa
Eduardo Prazeres Mendes (Zóio) | Liga de futebol de Saramandaia

Diagramação
Bárbara Brena Rocha dos Santos
Lucas de Oliveira Sampaio
Rafael Santos Câmara

Aquarelas
Sergio Kopinski Ekerman

Grafite e foto da capa
Thito Lama
Um trabalho desenvolvido em cooperação entre o Grupo de Pesquisa Lugar Comum, do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, o Master in Social Development Practice realizado por The Bartlett Development Planning Unit na University College of London (UCL) e a comunidade de Saramandaia. Maio de 2017

Este trabalho é dedicado à Lucinha da Saúde.
Aproximação de olhares entre a academia e a comunidade

Entre os assuntos recorrentes nas entrevistas e debates acerca de Saramandaia, surge com bastante força a temática da construção da Linha Viva, um projeto de via pedagiada proposto pela Prefeitura Municipal que dividiria este bairro e que prevê a realocação de cerca de 3.000 habitantes do mesmo. O principal objetivo deste documento é contrapor o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) do Projeto Linha Viva através da elaboração de documento de apoio à uma “Perícia Popular”, um dos Instrumentos de Ação Coletiva atualmente investigados pelo Grupo de Pesquisa Lugar Comum (PPGAU - UFBA), buscando trazer à tona os aspectos sociais, políticos e técnicos que não foram contemplados no EIA da Linha Viva e que são fundamentais para demonstrar a inviabilidade do projeto.

Apresentamos o presente trabalho como fruto de uma atividade de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvida entre 24 de abril a 21 de maio de 2017, por estudantes do Módulo II da disciplina Política, Democraçacia e Direito à Cidade II, oferecida pelo Grupo de Pesquisa Lugar Comum no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura, da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA).

Cerca de 80 profissionais e estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes nacionalidades e formações participaram de uma atividade que surgiu por meio da colaboração entre o Lugar Comum/PPGAU/UFBA e do Social Development Practice, da Bartlett Development Planning Unit (DPU), da University College London. Em duas semanas de trabalho brasileiros e estrangeiros acompanharam as demandas de comunidades e movimentos populares em Salvador. Uma dessas comunidades é Saramandaia, junto a qual trabalhou uma equipe com 14 pessoas.

A concepção desse trabalho se deu de forma interdisciplinar, potencializando as habilidades dos estudantes envolvidos, e de forma participativa, uma vez que o processo foi acompanhado e construído juntamente com os moradores de Saramandaia. As principais fontes utilizadas foram os documentos produzidos pelo Grupo de Pesquisa Lugar Comum, a exemplo de teses, mapas, vídeos e questionários, assim como documentos oficiais disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Salvador, a exemplo do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) e um vídeo publicitário.

Além de reuniões presenciais entre os participantes para a troca de experiências e ideias, e da consulta de documentos oficiais sobre Saramandaia, o trabalho em campo para aproximação com a comunidade se deu em vários dias através de diferentes atividades, como oficinas e entrevistas, que visaram entender os possíveis impactos do Projeto Linha Viva no bairro a partir do olhar da comunidade. Foi possível mapear os lugares importantes para a comunidade e compreender a relevância das atividades culturais, especialmente para crianças e jovens. A experiência de campo, então, foi concretizada através da realização de: caminhadas pelo bairro guiadas por Leco e Thito Lama; registros fotográficos e audiovisuais de lugares significativos para a comunidade; 32 entrevistas curtas com moradores do bairro objetivando-se saber quais os lugares mais importantes no bairro e porquê; oficina presencial com uma das turmas da Escola Marisa Baqueiro e com a participação de Neguinho; e, ainda, realização de entrevistas semiestruturadas com várias lideranças, conhecendo-se o trabalho desenvolvido por estes no bairro, bem como a relação de resistência dos mesmos com a Linha Viva, mapeando-se, ainda, os lugares significativos na construção de vínculos sociais e valores em Saramandaia.

Aproximação de olhares entre a academia e a comunidade

entre a academia e a comunidade
Saramandaia

Segundo dados do IBGE (2010), Saramandaia tem população de 12.028 pessoas distribuídas em 3.701 domicílios. Os números, no entanto, contrastam com a informação dos moradores, que estimam a população do bairro em cerca de 40.000 indivíduos e em 8.000 o número de domicílios, argumentando que os órgãos oficiais não dão conta de realizar um levantamento preciso:

“Esse IBGE não teve na minha casa [...] Só na casa de minha mãe é quase 10! Em quantas casas passou?”, “Em 2010 aquela horta não tinha casas [...] lá é tudo casa agora [...]”

Leco, morador de Saramandaia.

Saramandaia localiza-se próximo ao Departamento Estadual de Trânsito - DETRAN e do Terminal Rodoviário Armando Viana de Castro, e tem por vizinhos os bairros de Pernambués e Jardim Brasilia. Seu nome foi inspirado em novela homônima exibida na TV em período em que o Brasil vivia sob a censura do regime militar, localizando-se em região conhecida como Miolo de Salvador e situada em grande parte em área pública municipal (LIMA, 2016).

Até a década de 1970, Saramandaia ainda era predominantemente uma área de fazendas, sendo intensificada a construção de moradias a partir dessa época. Conforme o líder comunitário Abraão o bairro antes era a Chácara Perseverança cujo dono foi Popilho Bitencourt. Trata-se de comunidade classificada como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) no PDDU.

De acordo com dados extraídos do Censo 2010, 50,8% dos residentes declararam-se como pardos e 38,5% como negros. Assim, negros e pardos correspondem a quase 90% da população de Saramandaia. Contrapondo esta informação Leco afirma que a maioria se compreende negra.

O rendimento dos residentes é baixo, com 80% deles recebendo menos de dois salários mínimos e 57% recebendo menos de um salário. (IBGE, 2010).

Saramandaia está situada em uma área central e valorizada da cidade e uma série de projetos urbanos e intervenções foram implementadas nas áreas adjacentes ao bairro. Com a construção da Avenida Paralela, Shopping Iguatemi e Rodoviária, e mais tarde, com a estação do metrô, o bairro passou a ser uma boa localização para moradia, pois está próximo a importantes pontos de circulação e transporte. Além disso, o bairro está vizinho de grandes empreendimentos como o Shopping Bahia, o Shopping Bela Vista e o Centro Comercial de Salvador que o tornam terreno fértil para a especulação imobiliária e aumentam as pressões contra a permanência da comunidade, o que inclui muitas famílias que vivem lá há décadas.

Fotos de Vivian Arango, Maio de 2017.

A via expressa privilegia o transporte individual sobre rodas e requer a remoção de milhares de moradores e alguns equipamentos públicos em toda sua extensão. O projeto elaborado sem a participação efetiva da comunidade, além de afetar diretamente a permanência da população de Saramandaia na área, afeta também a permanência de outras comunidades, gera fortes impactos ambientais e desarticula movimentos populares da região.
O Projeto Linha Viva

“A prefeitura fez o projeto da Linha Viva às escuras, graças a deus tivemos conhecimentos antes que fosse tarde. Tentaram empurrar o projeto para nós, mas estamos resistindo. Afetaria diretamente nossas moradias, cerca de 3500 pessoas...”.

Neguinho, morador de Saramandaia

“Basicamente queremos respeito político, não possuímos representantes. Não conseguimos nossos direitos, as portas sempre estão fechadas. No início de 2016 tivemos notícia do projeto “Linha Viva”. Disseram que 20% do bairro seria removido e eles não queriam pagar aquilo que é devido. Queriam entregar um “Minha casa minha vida” num lugar remoto, muito longe...”.

Zoli, morador de Saramandaia

Projetos de mobilidade antiquado

A Linha Viva incentiva o transporte privado sobre rodas em detrimento do transporte público de diferentes modais: quanto mais espaço aos carros, mais incentivo ao seu uso – engarrafamentos não acabam, são apenas adiados;

Rodovia pedagiada, de caráter excludente, em perímetro urbano;

Via de alta velocidade (100km/h) – dificil integração com áreas vizinhas, dependendo de grandes obras viárias (alças, tesouras, viadutos);

Impacto sobre empreendimentos do Minha Casa, Minha Vida Entidades (obras financiadas pelo Governo Federal);

Apesar de muito polêmico, o projeto da Linha Viva continua em pauta mesmo antes das discussões sobre Plano Municipal de Mobilidade Urbana, recentemente contratado (Março de 2017);

Configura claramente conflito de interesses que a mesma empresa, TTC – Engenharia de Tráfego e de Transportes Ltda, seja a autora do Estudo de Impacto Ambiental, do anteprojeto da via e do Plano de Mobilidade de Salvador;

Superposição entre trajetos da Linha Viva e do Metrô, sem estudos amplos de Comparação e Origem-Destino atualizados.

Impactos ambientais e ecológicos

Impacto em 36 localidades e bairros;

Remoção de milhares de pessoas;

Eliminação de área remanescente de mata atlântica no entorno do 19° Batalhão de Caçadores (BC);

Supressão de hortas, áreas verdes, lagos e represas;

Alteração da paisagem dos bairros.

Ausência de plano de reassentamento da população impactada e de um plano para o desenvolvimento urbano no entorno da nova estrada.
A Linha Viva incentiva o transporte privado sobre rodas em detrimento do transporte público de diferentes modais: quanto mais espaço aos carros, mais incentivo ao seu uso – engarrafamentos não acabam, são apenas adiados; Rodovia pedagiada, de caráter excludente, em perímetro urbano; Via de alta velocidade (100km/h) – difícil integração com áreas vizinhas, dependendo de grandes obras viárias (alças, tesouras, viadutos); Impacto sobre empreendimentos do Minha Casa, Minha Vida Entidades (obras financiadas pelo Governo Federal); Apesar de muito polêmico, o projeto da Linha Viva continua em pauta mesmo antes das discussões sobre Plano Municipal de Mobilidade Urbana, recentemente contratado (Março de 2017); Configura claro conflito de interesses que a mesma empresa, TTC – Engenharia de Tráfego e de Transportes Ltda, seja a autora do Estudo de Impacto Ambiental, do anteprojeto da via e do Plano de Mobilidade de Salvador; Superposição entre trajetos da Linha Viva e do Metrô, sem estudos amplos de Comparação e Origem-Destino atualizados. Impacto em 36 localidades e bairros; Remoção de milhares de pessoas; Eliminação de área remanescente de mata atlântica no entorno do 19º Batalhão de Caçadores (BC); Supressão de hortas, áreas verdes, lagos e represas; Alteração da paisagem dos bairros.

O Projeto Linha Viva Projeto de mobilidade antiquado Impactos ambientais e ecológicos Ausência de plano de reassentamento da população impactada e de um plano para o desenvolvimento urbano no entorno da nova estrada.

“A prefeitura fez o projeto da Linha Viva às escuras, graças a deus tivemos conhecimentos antes que fosse tarde. Tentaram empurrar o projeto para nós, mas estamos resistindo. Afetaria diretamente nossas moradias, cerca de 3500 pessoas....”

“Basicamente queremos respeito político, não possuímos representantes. Não conseguimos nossos direitos, as portas sempre estão fechadas. No início de 2016 tivemos notícia do projeto “Linha Viva”. Disseram que 20% do bairro seria removido e eles não queriam pagar aquilo que é devido. Queriam entregar um “Minha casa minha vida” num lugar remoto, muito longe....”

Zóio, morador de Saramandaia
Neguinho, morador de Saramandaia

Obra só para senhores, porque mobilidade não existe

Leco, morador

Localidades afetadas
Baixa do Bonocô; Loteamento Santa Tereza; Alto do Abacaxi; Jardim Brasília; Saramandaia; Pernambués; Resgate; entorno 19º BC; Baixa do Saboeiro; Conjunto Viver Melhor; Narandiba; Arenoso; Conjunto Habitacional Saboeiro; Conjunto Amazônia; Doron; Tancredo Neves; Bosque Imperial; Vale Imperial; Vila Nova de Pituaçu; Recanto dos Pássaros; Moradas do Campo; Vale dos Lagos; Paralela Park; Baixa do Quiabo; Vila Dois de Julho; Condomínio Sol Mirante; Condomínio São Paulo; Residencial Dois de Julho; Alphaville Salvador 2; Residencial Hildete Teixeira; Vilamar; Loteamento Canto do Rio; Cassange e Biribeira.

*Dados obtidos em atividade conjunta a partir das coordenadas cartográficas constantes do Decreto de desapropriação nº 2735/2010, o Grupo de Pesquisa Lugar Comum especializou a poligonal sobre foto aérea, apresentada em reunião com diversos moradores que residem ao longo do percurso do projeto. (LIMA, 2016)
Uma via muitas contradições

O projeto Linha Viva, seus documentos técnicos e campanhas publicitárias apresentam muitas contradições. O projeto desrespeita princípios e diretrizes de desenvolvimento e mobilidade urbana, além disso, omite aspectos relevantes da realidade de Saramandaia, evidenciando um processo de invisibilidade do bairro.

1. Falta de Participação popular

O Estatuto da Cidade e a Política Nacional de Mobilidade Urbana (PNMU) e o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) garantem o direito à participação popular no planejamento, acompanhamento e avaliação das políticas de desenvolvimento e mobilidade urbana locais. O Estudo de Impacto Ambiental (EIA) produzido há cinco anos também prevê a participação e o dever de disseminar informação e esclarecer dúvidas da comunidade. Apesar dos esforços dos moradores e lideranças de Saramandaia para participar e buscar esclarecimentos, ainda hoje a comunidade do bairro e a população de Salvador quase não têm acesso às informações do projeto.

“...A primeira audiência 2010 foi escondida.”, “em 2008 a gente sabia, porque a gente tava com uma briga com o Horto Bela Vista que a gente tava falando sobre a questão da desmatação [...] que a gente foi no Ministério Público e falaram da Linha Viva”.

Leco, morador de Saramandaia.

2. Desvalorização da cultura de Saramandaia

O EIA da Linha Viva reconhece a importância do valor cultural dos bens arqueológicos, da história regional e do contexto ambiental. No entanto, apesar de prever medidas para a proteção desses bens da cultura antiga, o EIA ignora totalmente a necessidade de proteção das manifestações contemporâneas da cultura material e imaterial existentes em Saramandaia, como o grafite, o hip hop, as bandas de percussão, a capoeira, o circo, dentre tantas que tem relevante valor simbólico para a comunidade.

3. Grande interferência no cotidiano do bairro

Em 2012 o Município de Salvador veiculou campanha publicitária na qual o projeto da Linha Viva é “vendido” como uma obra benéfica para todos e de baixa interferência no cotidiano. Porém, centenas de famílias serão removidas de Saramandaia, além de diversos equipamentos públicos, como escolas e postos de saúde. As campanhas ainda omitem a instalação das estações de pedágio ao longo da via. Estes fatos evidenciam a injusta distribuição das eventuais perdas e dos benefícios decorrentes desse projeto.
O projeto Linha Viva, seus documentos técnicos e campanhas publicitárias apresentam muitas contradições. O projeto desrespeita princípios e diretrizes de desenvolvimento e mobilidade urbana, além de omitir aspectos relevantes da realidade de Saramandaia, evidenciando um processo de invisibilidade do bairro.

**Privatização do território**

O projeto da Linha Viva pretende remover centenas de famílias de Saramandaia para dar lugar a uma rodovia pedagiada e controlada por uma empresa privada. Essa medida diminui a ocupação no entorno da estação do metrô e da rodoviária de Salvador, contrariando diretrizes urbanísticas e de mobilidade previstas no PDDU e o PNMU.

**Um projeto para carros**

O PDDU e o PNMU determinam a prioridade do transporte coletivo nos projetos do sistema viário. Contudo, o projeto da Linha Viva é uma via expressa que prioriza o transporte de automóveis e não prevê faixa de tráfego preferencial para a circulação de ônibus. Assim, Saramandaia e outras comunidades que utilizam o ônibus como principal meio de transporte não serão beneficiados diretamente com esse projeto.

**Alto impacto ambiental**

Ao contrário do alegado pelo Município, o projeto Linha Viva acarretará um alto impacto ambiental. O bem-estar da população de Saramandaia será diretamente afetado e a dinâmica do bairro será modificada. Os espaços de lazer e esporte existentes serão excluídos, e as atividades econômicas e culturais desenvolvidas pelos moradores serão impactadas. A implantação da via irá transformar profundamente a paisagem e reduzir o bairro de Saramandaia, expulsando parte dos moradores e enclausurando o restante em um território muito restrito.
Leco, morador de Saramandaia

Arte e cultura como instrumentos para visibilizar e unir Saramandaia

1. Compartilha-se conhecimento

As atividades culturais ajudam a compartilhar conhecimento na comunidade permitindo os indivíduos ensinar uns aos outros, numa dinâmica de intercâmbio, construção e passagem de valores.

2. Relações sociais são fortalecidas

Os lugares de lazer tem um papel essencial na integração da comunidade fomentando os vínculos sociais entre os diferentes grupos em Saramandaia.

3. Gera-se novas oportunidades

Criam espaços para a juventude fazer uso do tempo livre e potencializam suas capacidades, afastando-os da criminalidade.

4. Dá-se voz e constrói-se identidade

Promovem a expressão da identidade, pensamentos e valores cotidianos dos moradores de Saramandaia, dando-lhes uma voz que contribui para confrontar a imagem negativa do bairro que tem sido apresentada na mídia.

Promovem a expressão da identidade, pensamentos e valores cotidianos dos moradores de Saramandaia, dando-lhes uma voz que contribui para confrontar a imagem negativa do bairro que tem sido apresentada na mídia.

Promovem a expressão da identidade, pensamentos e valores cotidianos dos moradores de Saramandaia, dando-lhes uma voz que contribui para confrontar a imagem negativa do bairro que tem sido apresentada na mídia.

A título de exemplo, diferentes artistas e grupos culturais se reúnem anualmente para organizar a Caminhada de Primavera, para assim consolidar e integrar cada vez mais a comunidade de Saramandaia. Esta atividade surgiu após a Caminhada da Paz realizada no 2004.

Vídeo "Saramandaia Existe" de 2013

Pensar na importância dos espaços culturais é pensar #SaramandaiaExiste. Nesse sentido, como resultado das vozes expressadas pela comunidade foi perceptível que a Arte e a Cultura em Saramandaia permitem mobilizar sua comunidade nos processos de resistência e são uma potência para visibilização do bairro.
#Saramandaia Existe

Pensar na importância dos espaços culturais é pensar #SaramandaiaExiste. Nesse sentido, como resultado das vozes expressadas pela comunidade foi perceptível que a Arte e a Cultura em Saramandaia permitem mobilizar sua comunidade nos processos de resistência e são uma potência para visibilização do bairro.

Arte e cultura como instrumentos para visibilizar e unir saramandaia

2. Relações sociais são fortalecidas
Os lugares de lazer tem um papel essencial na integração da comunidade fomentando os vínculos sociais entre os diferentes grupos em Saramandaia.

3. Gera-se novas oportunidades
Criam espaços para a juventude fazer uso do tempo livre e potencializam as suas capacidades, afastando-os da criminalidade.

4. Dá-se voz e constrói-se identidade
Promovem a expressão da identidade, pensamentos e valores cotidianos dos moradores de Saramandaia, dando-lhes uma voz que contribui para confrontar a imagem negativa do bairro que tem sido apresentada na mídia.

[...]

Leco, morador de Saramandaia

Vídeo “Saramandaia Existe” de 2013

1. Compartilha-se conhecimento
As atividades culturais ajudam a compartilhar conhecimento na comunidade permitindo os indivíduos ensinar uns aos outros, numa dinâmica de intercâmbio, construção e passagem de valores.
“A gente canta canções de amor, de protesto ... nós cantamos músicas que fala, que retratam a nossa realidade. Então tem várias canções, inclusive tem canções de Hip hop também que nós cantamos [...] que geralmente a gente canta para incentivar mais o povo através das canções dando força a essas pessoas dando força através dessas canções que a gente cantamos.”

“A gente na verdade como a gente trabalha em cima desse contexto a gente usa, procura buscar as canções que incentivam não só a raça negra mas outras pessoas que sintam-se bem com as canções ... que traz coisas benefícios bons através das canções incentivando a outras pessoas a ter uma autoestima melhor.”

Leco, morador de Saramandaia
“Sim, nós fazemos de tudo um pouco [...] . Leco, Fábio, Marcos do Circo Picolino, trazem os principais diferenciais à comunidade. Se eles pararem, Saramandaia não vai mais andar, porque mesmo falando mal deles, ninguém faz o que eles fazem”

Zóio, morador de Saramandaia
O povo não é burro que o governo não está nem aí para gente, eles só estão aumentando a poupança deles eles na verdade eles só querem que o povo se ferre. Os guetos são periferia: Saramandaia, Pernambués e outras periferias negras que acabam se ferindo e provoca confrontos entre eles mesmo... guerra, por exemplo Saramandaia - Pernambués, ele entra em confronto de guerra de briga por espaço né?

Leco, morador de Saramandaia

Objetivando-se entender como a Linha Viva irá impactar a vida das pessoas o trabalho conjunto entre comunidade e universidades permitiu identificar os impactos do projeto em Saramandaia. A partir de oficinas e entrevistas com líderes comunitários e moradores foi possível mapear lugares importantes para a comunidade e compreender a importância das atividades culturais, especialmente para as crianças e os jovens. Ficou evidente o vínculo estreito entre os moradores do bairro, Saramandaia é uma comunidade unida.

Contudo, os lugares mais importantes para a comunidade são também os mais impactados pela realização do projeto Linha Viva. Diversos equipamentos públicos e espaços culturais serão removidos, dificultando seu acesso, ou mesmo serão eliminados.

À esses impactos físicos correspondem impactos sociais. A falta destes lugares além de afetar a execução das atividades culturais, diminui o acesso a oportunidades, dificulta a divulgação de conhecimento e a promoção da educação, particularmente para a população mais jovem. Assim, com o projeto Linha Viva serão criadas barreiras físicas que quebram os laços sociais de Saramandaia.

Leco, morador de Saramandaia
Área impactada pelo projeto

Edifícios e equipamentos impactados diretamente

Área impactada pelo projeto

Horta
Onde iremos plantar?
Onde será nossa praça?

Largo das Escolas
O que acontecerá com as atividades do grupo de percussão BLB (Balanço das Latas Brasil)?
Onde iremos nos reunir para nossas festas de rua?

Escolas Municipais
Onde ficará a nova escola?
Quanto demorarei para chegar na nova escola?
Que horas vou ter que sair de casa para chegar no horário da aula?
Se for para lá, não verei mais meus amigos?
E meu professor irá comigo na nova escola?

Posto de saúde
Onde iremos ao médico?
Onde seremos vacinados?

“Se o Projeto de Linha Viva se realiza é o fim da vida em Saramandaia”
Anônimo, morador de Saramandaia
“O que era antes e que não pode ser mais”  
Thito Lama

Por meio da arte, Régis e Alex retratam a disputa antiga pelo território de Saramandaia e a imposição da violência estatal sobre seus moradores. E a ameaça mais atual é a Linha Viva.

O projeto Linha Viva foi proposto formalmente pela Prefeitura por meio do projeto de lei nº 78/15, antes mesmo da apresentação e discussão do novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) de Salvador. Isso significa que muito antes de pensar a cidade como um todo, já se pensava na Linha Viva.

A Mensagem do Executivo nº 02/2015, que acompanhava aquele projeto de lei, prevê a concessão de serviço público precedido de obra pública da rodovia Linha Viva, cujo traçado deve utilizar predominantemente a faixa de servidão da CHESF, pois esta seria uma “oportunidade singular para a implantação de uma rodovia urbana expressa, o que seria praticamente impossível sem a sua existência”, ignorando completamente a comunidade de Saramandaia fixada no local há décadas.

O Executivo ainda argumenta uma suposta “integração viária das comunidades lindeiras, com melhoria da mobilidade”, desconsiderando a desintegração geográfica e social do bairro de Saramandaia e a realidade socioeconômica desta e das demais comunidades lindeiras, cujos moradores não possuem automóvel próprio para se beneficiar diretamente de uma rodovia pedagiada.


Apesar de o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) terem sido elaborados em 2012 e o PL nº 78/15 ainda não ter sido aprovado pela Câmara de Vereadores de Salvador, a Linha Viva já está prevista nas planilhas e mapas do novo PDDU vigente e já consta da Lei Orçamentária Anual de 2017.

Recentemente, os meios de comunicação têm noticiado uma possível intenção da Prefeitura Municipal de modificar* do trajeto da rodovia e preservar bairro de Saramandaia. Todavia, a audiência pública do Projeto Linha Viva que estava marcada para ocorrer na Câmara de Vereadores no dia 19 de maio do corrente ano foi desmarcada** sem qualquer justificativa. Aquela poderia ser uma oportunidade para esclarecer a atual proposta da via e seus estudos técnicos, porém toda população de Salvador continua alheia à informações relevantes do projeto, prolongando a preocupação e o sofrimento dos moradores de Saramandaia diante da falta de transparência e de tantas incertezas.

Nesse contexto, este documento corresponde aos primeiros passos para elaboração de uma Perícia Popular, que constitui Instrumento de Ação Coletiva baseado no conhecimento local e acadêmico, com objetivo de confrontar o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) da Linha Viva, que falha em identificar as reais consequências da construção da estrada sobre Saramandaia. Esta pode ser uma importante contribuição para os moradores do bairro, sobretudo os mais jovens, para que estes possam aprender mais sobre a identidade da sua comunidade e

---

Policia na favela

A polícia chegou lá na favela, derrubou todos barraco, deixou pobre sem morada, mas que desgraça, que povo miserável, sem a arte do poder o pobre não poder viver eles querem nos ver é nas calçadas debaixo dos viadutos, sem ter o que comer.

Oh meu Deus! Como pobre sofre tanto. Nessa terra nesse mundo.

Oh Meu Deus não sei porque.

O pobre não pode viver.

O pobre não pode viver.

Regis, músico e morador de Saramandaia.

Adaptação: Alex Sandro Pereira

---

Thito Lama
conscientizarse sobre a Linha Viva, servindo de ferramenta para futuros processos de mobilização social.

Antecendendo o processo relatado neste documento, um outro Instrumento de Ação Coletiva já tinha sido construído com Saramandaia: o Plano de Bairro, que desenvolveu propostas nascidas do encontro entre o Grupo de Pesquisa Lugar Comum com a comunidade. O processo de construção do Plano de Bairro vem ocorrendo desde 2011, chegando agora aos últimos estágios.

É relevante apontar que o Plano de Bairro, como Instrumento de Ação Coletiva, se somou aos esforços para viabilizar o projeto de construção de uma praça na horta comunitária de Saramandaia, a ser realizada pela construtora JHSF como medida compensatória pelos impactos da obra do Horto Bela Vista.

Esta Perícia Popular junta-se ao Plano de Bairro e ao projeto da praça e dá continuidade à campanha de reconhecimento “Saramandaia Existe” como esforço de resistência, promovendo mais um processo de caráter participativo para construção de ferramenta de luta coletiva e garantia do direito à cidade. É preciso mudar a realidade de Saramandaia,” o que era antes não pode ser mais”.


Imagens do folder “Propostas Plano de Bairro Saramandaia Equipamentos Públicos” do Lugar Comum.
Referências


LUGAR COMUM. Documento Entenda a Linha Viva, Salvador, FAUFBA, 2013.


Oi! Você encontrou vários quadradinhos em preto e branco nas páginas da revista, não foi? Ele são QRcodes, e te dão acesso a outros materiais, como documentos e vídeos. Se liga aqui para saber como utilizar um!
Passo 1. Baixe um aplicativo QRCode Scanner em seu smartphone ou tablet;

Passo 2. Clique em “Install” e aguarde o download e a instalação. No final, abra o app;

Passo 3. Ao iniciar o aplicativo, ele automaticamente ativará a câmera. Tudo o que você precisa fazer é centralizar o código no meio da tela;

Passo 4. O aplicativo redicionará você para conteúdos exclusivos, como documentos, vídeos e músicas.
**The Bartlett Development Planning Unit**, University College London (UCL), is an international centre specialising in academic teaching, research, training and consultancy in the field of urban and regional development, with a focus on policy, planning, management and design. It is concerned with understanding the multi-faceted and uneven process of contemporary urbanisation, and strengthening more socially just and innovative approaches to policy, planning, management and design, especially in the contexts of Africa, Asia, Latin America and the Middle East as well as countries in transition.

To find out more about us and the courses we run, please visit our website: [www.bartlett.ucl.ac.uk/dpu](http://www.bartlett.ucl.ac.uk/dpu)

**MSc Programme in Social Development Practice.** The central focus of the course is the relationship between active citizenship and development, with the recognition that diverse identities and aspirations are critical components of social change. This course responds to the increasing focus on wellbeing and people-centred approaches, evidenced both by the revised policy priorities of many development agencies, and the discourses of grass-roots organizations, which question market led processes of development. At the same time, there is a need to problematise such approaches, given the power relations operating at various scales, from the global to the local, and the social dynamics of rapidly urbanizing societies.

These concerns highlight the challenge of recognizing and valuing difference in a way that strengthens, rather than fragments, collective action, and ensures universal principles of equity. This course offers the opportunity to engage with the theoretical and practical implications of promoting well-being and citizenship in the context of social diversity, exploring the traditional realm of the social sector as entry point to influence wider contestations of rights and citizenship as manifested in development initiatives.

To find more about the course, please visit our website: [http://www.bartlett.ucl.ac.uk/dpu/programmes/postgraduate/msc-social-development-practice](http://www.bartlett.ucl.ac.uk/dpu/programmes/postgraduate/msc-social-development-practice)

**The Universidade Federal da Bahia (UFBA)** had its initial centre formed in 1808, establishing a federal university in 1946. Is the main public university of the State and one of the most important of the country, it is characterized for implementing academic models guided by the production of critical excellence, in close relation with knowledge and social demands, as well as with affirmative actions. It conveys in its spirit the commitment to the expansion of public higher education and to the production of knowledge through research, creation, innovation and extension. It currently congregates about 38,000 students in its 112 undergraduate programmes and 55 master and doctorate courses.

To find more about the course, please visit our website: [www.arquitetura.ufba.br](http://www.arquitetura.ufba.br)

**The Grupo de Pesquisa Lugar Comum (Common Place Research Group),** constituted in 2010, is linked to the Postgraduate Program of the Faculty of Architecture of UFBA (PPGUAU / FAUFBA) and is formed by researchers in the fields of architecture, urbanism, law and geography. Its performance takes, as basic conceptual references, the understanding of the urban as conflict and creation; urbanism as a power of the common and the production of rights and urbanity as a multifaceted, multiscale and transitive perspective of the democratic city.

With this ballast, it constructs critically its problematisations and political actions, which, to feed the reflections and theoretical-conceptual constructions through the research in development, instigate and solidify the transforming perspective of the production of knowledge, the city and the spheres of conquest of rights. It is common to the group’s reflections, thus, the analysis and understanding of the dispute over the production of the city, in its complex rationalities and networks of agents, and of the right and urbanism in their materialities, scales and expressions. The group discusses this problem in a historical perspective (history of urbanism) and stresses its formulations and contemporary practices (contemporary urbanism). The group also develops outreach activities, with special emphasis on the elaboration of neighbourhood plans in Salvador, the organisation of Urban Development Seminars in Bahia (urb-BAs) and contributions to social movements and institutions in their struggles for a plural, just and democratic city.

To find more about the course, please visit our website: [www.lugarcomum.ufba.br](http://www.lugarcomum.ufba.br)